Aldous Huxley

Admirável Mundo Novo

Grandes Sucessos

Admirável Mundo Novo

Aldous Huxley

Texto Integral

(não revisado)

Editores Associados – LISBOA

Será admirável o nosso novo mundo? A quem serve esta civilização que se diz moderna e funcional e, ao aparato das técnicas, sacrifica o espírito?... O espírito, considerado realidade menor, o espírito tolerado, quando não reprimido... Qual, o lugar do homem, numa sociedade dominada pela máquina?

Qual, o caminho para o Indivíduo que reivindique a liberdade interior e o direito à sua...

individualidade, à sua singularidade? Para o Indivíduo que queira caminhar pêlos próprios pés? Aldous Huxley, um dos maiores escritores contemporâneos, descreve, em « Admirável Mundo Novo» , com fantasia e ironia implacável, a sociedade futura totalitarista. Simplesmente, o universo que o grande romancista inglês anima pertence, de certo modo, aos nossos dias. Quase já não pode considerar-se uma ameaça: tomou corpo. O que empresta à leitura desta obra uma força trágica invulgar. Mundo novo? Mundo intolerável? Mundo inabitável? Mundo de onde se deve fugir, de qualquer maneira? Ou, mundo a reconstruir- pedra por pedra? Com uma pureza reconquistada? Aldous Huxley deixa-lhe este montinho de problemas que o leitor poderá- se quiser e souber... - resolver...

I

PREFÁCIO DO AUTOR

(1946)

1

O remorso crónico, e com isto todos os moralistas estão de acordo, é um sentimento bastante indesejável. Se considerais ter agido mal, arrependei-vos, corrigi os vossos erros na medida do possível e tentai conduzir-vos melhor na próxima vez. E não vos entregueis, sob nenhum pretexto, à meditação melancólica das vossas faltas. Rebolar no lodo não é, com certeza, a melhor maneira de alguém se lavar.

Também a arte tem a sua moral e grande parte das regras dessa moral são idênticas, ou pelo menos análogas, às regras da ética vulgar. O remorso, por exemplo, é tão indesejável no que diz respeito à nossa má conduta como no que se relaciona com a nossa má arte. O que aí existe de mau deve ser encontrado, reconhecido e, se possível, evitado no futuro. Meditar longamente

sobre as fraquezas literárias de há vinte anos, tentar remendar uma obra defeituosa para lhe dar uma perfeição que ela não tinha quando da sua primitiva execução, passar a idade madura a tentar remediar os pecados artísticos cometidos e legados por essa pessoa diferente que cada um é na sua juventude, tudo isto, certamente, é vão e fútil. E eis porque este actual Admirável Mundo Novo é o mesmo que o antigo. Os seus defeitos, como obra de arte, são consideráveis; mas para os corrigir ser-me-ia necessário escrever novamente o livro, e durante essse novo trabalho de redacção, ao qual me entregaria na qualidade de pessoa mais velha e diferente, destruiria provavelmente não apenas alguns defeitos do romance, mas também os méritos que ele poderia ter possuído na origem. Por esta razão, resistindo à tentação de me rebolar no remorso artístico, prefiro considerar que o óptimo é inimigo do bom e depois pensar noutra coisa.

2

No entanto, parece-me ser útil citar pelo menos o mais sério defeito do romance, que é o seguinte: apenas é oferecida ao Selvagem uma única alternativa: uma vida demente na Utopia, OU a vida de um primitivo na aldeia dos índios, vida mais humana, sob certos pontos de vista, mas, noutros, apenas menos bizarra e anormal.

Na época em que o livro foi escrito, a ideia segundo a qual o livre-arbítrio foi concedido aos seres humanos para que pudessem escolher entre a demência, por um lado, e a loucura, por outro, era uma noção que eu achava divertida e considerava como podendo perfeitamente ser verdadeira. Todavia, por amor ao efeito dramático, é permitido frequentemente ao Selvagem falar de uma maneira mais racional que a que seria justificada pela sua educação entre os praticantes de uma religião que é metade culto da fecundidade e metade a ferocidade do Penitente. No fim, bem entendido, ele recuará perante a razão: o seu Penitente-ismo natal reafirma a sua autoridade, e ele acaba na tortura demente que a si próprio inflige e no suicídio sem esperança. « E foi assim que eles continuaram morrendo miseravelmente» , o que muito tranquilizou o esteta divertido e pirrónico que era o autor da fábula.

Não tenho hoje nenhum desejo de demonstrar que é impossível ser-se são de espírito. Pelo contrário.

Se bem que verifique, não menos tristemente que outrora, que a saúde do espírito é um fenómeno muito raro, estou convencido de que pode ser conseguida e gostaria de a ver mais espalhada. Por tê-lo dito em vários livros recentes e, principalmente, por ter elaborado uma antologia daquilo que os sãos de espírito dizem sobre a saúde do mesmo e sobre todos os meios pelos quais ela pode ser atingida, fui acusado por um eminente crítico académico de ser um deplorável sintoma da falência dos intelectuais em tempo de crise. Este julgamento subentende, suponho, que o professor e os seus colegas são alegres sintomas de sucesso. Os benfeitores da humanidade merecem congruentemente a honra e a comemoração. Edifiquemos um panteão para os professores. Seria bom que ele ficasse situado entre as ruínas de uma das estripadas cidades da Europa ou do Japão. E no pórtico de entrada do ossário inscreveria eu, em letras com dois metros de altura, estas simples palavras: À MEMÓRIA DOS EDUCADORES DO MUNDO

SI MONUMENTUM REQUIRIS CIRCUMSPICE

Mas voltando ao futuro... Se eu tornasse agora a escrever este livro, daria ao selvagem uma terceira possibilidade. Entre as soluções utópica e primitiva do seu dilema haveria a possibilidade de uma existência sã de espírito - possibilidade actualizada, em certa medida, entre uma comunidade de exilados e refugiados que teriam abandonado o Admirável Mundo Novo e viveriam dentro dos limites de uma Reserva. Nessa comunidade, a economia seria descentralizada, à Henry George, a política seria kropotkinesca, cooperativa. A ciência e a técnica seriam utilizadas como se tivessem sido feitas para o homem, e não (como são presentemente e como serão ainda mais no mais admirável dos mundos novos) como se o homem tivesse de ser adaptado e absorvido por elas. A religião seria a procura consciente e inteligente do Fim Ültimo do Homem, o conhecimento unitivo do Tao ou Logos imanente, da Divindade ou Brama transcendente. E a filosofia dominante da vida seria uma espécie de Utilitarismo Superior, no qual o princípio da Felicidade Máxima seria subordinado ao princípio do Fim último, sendo a primeira questão que se punha e à qual seria necessário responder, em cada uma das contingências da vida, a seguinte: « Como contribuirão ou porão obstáculos à realização, por mim ou pelo maior número possível de indivíduos, do Fim último do Homem, este pensamento ou este acto?»

Educado entre primitivos, o Selvagem (nesta nova e hipotética versão do livro) só seria transportado para a Utopia após ter tido ocasião de se informar conscientemente sobre a existência de uma sociedade composta de indivíduos cooperando livremente e consagrando-se à procura da saúde do espírito. Assim modificado, o Admirável Mundo Novo possuiria qualquer coisa de completo, artisticamente e (se é permitido empregar uma tão importante palavra acerca de uma obra de imaginação) filosoficamente, que lhe falta, com toda a evidência, sob a sua actual forma.

3

Mas o Admirável Mundo Novo é um livro sobre o futuro e, quaisquer que sejam as suas qualidades artísticas, um livro sobre o futuro não pode interessar-nos, a não ser que as suas profecias tenham a aparência de coisas cuja realização se pode conceber. Do nosso ponto de vista actual, quinze anos mais abaixo no plano inclinado da história moderna, qual é o grau de plausibilidade que ainda possuem os seus vaticínios? Que se passa durante este doloroso intervalo para confirmar ou invalidar as previsões de 1931?

Há um enorme e manifesto defeito de previsão que imediatamente se verifica. O Admirável Mundo Novo não faz a menor alusão à cisão nuclear. De facto, é extremamente curioso que assim seja, pois as possibilidades da energia atómica constituíam já um preponderante assunto de conversa alguns anos antes de o livro ter sido escrito. O meu velho amigo Robert Nichols tinha mesmo escrito a esse respeito uma peça de sucesso, e lembro-me de eu próprio ter dito umas palavras, de passagem, num romance publicado nos últimos anos da década de vinte. Parece-me portanto, como digo, muito curioso que os foguetões e os helicópteros do sétimo século de Nosso Ford (I.) não tenham possuído como força motriz núcleos de desintegração. Este esquecimento

pode não ser desculpável, mas, pelo menos, pode ser explicado facilmente. O tema do Admirável Mundo Novo não é o progresso da ciência propriamente dita - é o progreSso da ciência no que diz respeito aos indivíduos humanos. Os triunfos da química, da física e da arte do engenheiro são considerados tacitamente como progredindo com normalidade. Os únicos progressos científicos que são explicitamente descritos são aqueles que interessam à aplicação aos seres humanos das futuras pesquisas em biologia, fisiologia e psicologia. É

unicamente devido às ciências da vida que a vida poderá ser modificada radicalmente. As ciências da matéria podem ser aplicadas de tal maneira que destruam a vida ou que tornem a existência inadmissivelmente complexa e inconfortável; mas, -a não ser que sejam utilizadas como instrumentos pelos biólogos e psicólogos, são impotentes para modificar as formas e as expressões naturais da própria vida. A libertação da energia atómica assinala uma grande revolução na história humana, mas não (a não ser que nos façamos saltar em pedaços e punhamos, assim, fim à história) a revolução final e a mais profunda.

A revolução verdadeiramente revolucionária realizar-se-á não no mundo exterior, mas na alma e na carne dos seres humanos. Vivendo, como viveu, numa época revolucionária, o marquês de Sade serviu-

se muito naturalmente dessa teoria das revoluções a fim de racionalizar o seu género particular de demência. Robespierre tinha realizado o género mais superficial de revolução: a política. Penetrando um pouco mais profundamente, Babeuf tentara a revolução económica. Sade considerava-se como o apóstolo da revolução verdadeiramente revolucionária, para além da simples revolução política e económica - da revolução dos homens, das mulheres e das crianças individuais, para quem o corpo se iria tornar daí em diante a propriedade sexual comum a todos e para quem o espírito deveria ser purgado de todos os pudores naturais, de todas as inibições laboriosamente adquiridas pela civilização tradicional. Não existe, é claro, nenhum laço necessário ou inevitável entre o sadismo e a revolução verdadeiramente revolucionária. Sade era um louco, e o fim mais ou menos consciente da sua revolução era o caos e a destruição universal. Os indivíduos que governam o Admirável Mundo Novo podem não ser sãos de espírito (no sentido absoluto desta palavra), mas não são loucos, e o seu fim não é a anarquia, mas a estabilidade social. É com o fim de assegurar a estabilidade que eles efectuam, por meios científicos, a revolução última pessoal, verdadeiramente revolucionária.

Mas por enquanto encontramo-nos na primeira fase daquilo que é, talvez, a penúltima revolução. Pode acontecer que a fase seguinte seja a guerra atómica e, nesse caso, não teremos que nos preocupar com profecias acerca do futuro. Mas é possível que consigamos ter suficiente bom senso, se não para acabar completamente com as guerras, pelo menos para nos conduzirmos tão razoavelmente como os nossos antepassados do século XVIII. Os inacreditáveis horrores da Guerra dos Trinta Anos ensinaram alguma coisa aos homens e durante mais de cem anos os políticos e generais da Europa resistiram conscientemente

(I.) Trocadilho com Our Lord (Nosso Senhor). (N. do T.)

à tentação de usar os seus recursos militares até ao limite da sua capacidade de destruição ou (na maior parte dos conflitos) de continuar a lutar até que o inimigo fosse completamente destruído. Eram agressivos, bem entendido, ávidos de lucro e de glória, mas eram igualmente conservadores, resolvidos a conservar intacto, a todo o preço, o seu mundo, na medida em que o consideravam uma florescente empresa. Durante os últimos trinta anos não têm existido conservadores; apenas tem havido radicais-nacionalistas das esquerdas e radicais-nacionalistas das direitas. O último homem de Estado conservador foi o quinto marquês de Lansdowne. E quando ele escreveu uma carta ao Times sugerindo pôr fim à guerra por um compromisso, como tinha sido feito na maioria das guerras do século XVIII, o redactor-chefe desse jornal, antes conservador, recusou a sua publicação. Os radicais-nacionalistas fizeram o que lhes apeteceu, com as consequências que todos nós conhecemos - o bolchevismo, o fascismo, a inflação, a crise económica, Hitler, a Segunda Guerra Mundial, a ruína da Europa e a quase completa fome universal.

Admitindo, pois, que sejamos capazes de tirar de Hiroxima uma lição equivalente à que os nossos antepassados tiraram de Magdeburgo, podemos encarar um período não certamente de paz, mas de guerra limitada, que seja apenas parcialmente ruinosa. Durante esse período pode-se admitir que a energia nuclear seja aplicada a usos industriais. O resultado - e o facto é bastante evidente- será uma série de mudanças económicas e sociais mais rápidas e mais completas que tudo que até agora foi visto.

Todas as formas gerais existentes da vida humana serão quebradas e será necessário improvisar formas novas que se adaptem a esse facto não humano que é a energia atómica. Procusto moderno, o sábio de pesquisas nucleares prepara a cama em que a humanidade se deverá deitar; se a humanidade não se adaptar a ela, tanto pior para a humanidade. Será necessário proceder a algumas ampliações e a algumas amputações - o mesmo género de ampliações e amputações que se verificaram desde que a ciência aplicada se pôs realmente a caminhar com a sua própria cadência. Mas desta vez serão consideravelmente mais rigorosas que no passado. Estas operações, que estão longe de ser feitas sem dor, serão dirigidas por governos totalitários eminentemente centralizados. É uma coisa inevitável, pois o futuro imediato tem grandes probabilidades de se parecer com o passado imediato, e no passado imediato as mudanças tecnológicas rápidas, efectuando-se numa economia de produção em massa e entre uma populaÇão onde a grande maioria dos indivíduos nada possui, têm tido sempre a tendência para criar uma confusão económica e social. A fim de reduzir essa confusão, o poder tem sido centralizado e o controle governamental aumentado. É provável que todos os governos do Mundo venham a ser mais ou menos totalitários, mesmo antes da utilização prática da energia atómica; que eles serão totalitários durante e após essa utilização prática, eis o que parece quase certo. Só um movimento popular em grande escala, tendo em vista a descentralização e o auxílio individual, poderá travar a actual tendência para o estatismo. E não existe presentemente nenhum sinal que permita pensar que tal movimento venha a ter lugar.

Não há nenhuma razão, bem entendido, para que os novos totalitarismos se pareçam com os antigos. O

governo por meio de cacetes e de pelotões de execução, de fomes artificiais, de detenções e deportações em massa não é somente desumano (parece que isso não inquieta muitas pessoas, actualmente); é

- pode demonstrar-se - ineficaz. E numa era de técnica avançada a ineficácia é pecado contra o Espírito Santo. Um estado totalitário verdadeiramente « eficiente» será aquele em que o todo-poderoso comíté executivo dos chefes políticos e o seu exérci'to de directores terá o controle de uma população de escravos que será inútil constranger, pois todos eles terão amor à sua servidão. Fazer que eles a amem, tal será a tarefa, atribuída nos estados totalitários de hoje aos ministérios de propaganda, aos redactores-chefes dos jornais e aos mestres-escolas. Mas os seus métodos são ainda grosseiros e não científicos. Os jesuítas gabavam-se, outrora, de poderem, se lhes fosse confiada a instrução da criança, responder pelas opiniões religiosas do homem. Mas aí tratava-se de um caso de desejos tomados por realidades. E o pedagogo moderno é provavelmente menos eficaz, no condicionamento dos reflexos dos seus alunos, do que o foram os reverendos padres que educaram Voltaire. Os maiores triunfos, em matéria de propaganda, foram conseguidos não com fazer qualquer coisa, mas com a abstenção de a fazer. Grande é a

verdade, mas maior ainda, do ponto de vista prático, é o silêncio a respeito da verdade. Abstendo-se simplesmente de mencionar alguns assuntos, baixando aquilo a que o Sr. Churchil chama uma « cortina de ferro» entre as massas e certos factos que os chefes políticos locais consideram como indesejáveis, os propagandistas totalitários têm influenciado a opinião de uma maneira bastante mais eficaz do que teriam podido fazê-lo Por meio de denúncias eloquentes ou das mais convincentes e lógicas refutações.

Mas o silêncio não basta. Para que sejam evitados a perseguição, a liquidação e outros sintomas de atritos sociais, é necessário que o lado positivo da propaganda seja tão eficaz como o negativo. Os mais importantes Manhattan Projects do futuro serão vastos inquéritos instituídos pelo governo sobre aquilo a que os homens políticos e os homens de ciência que nele participarão chamarão o problema da felicidade - noutros termos: o problema que consiste em fazer os indivíduos amar a sua servidão. Sem segurança económica, não tem o amor pela servidão nenhuma possibilidade de se desenvolver; admito, para resumir, que a todo-poderosa comissão executiva e os seus directores conseguirão resolver o problema da segurança permanente. Mas a segurança tem tendência para ser muito rapidamente considerada como caminhando por si própria. A sua realização é simplesmente uma revolução superficial, -exterior. O amor à servidão não pode ser estabelecido senão como resultado de uma revolução profunda, pessoal, nos espíritos e nos corpos humanos. Para efectuar esta revolução necessitaremos, entre outras, das descobertas e invenções seguintes: Primo

- uma técnica muito melhorada da sugestão, por meio do condicionamento na infância e, mais

tarde, com a ajuda de drogas, tais como a escopolamina. Secundo - um conhecimento cientifico e perfeito das diferenças humanas que permita aos dirigentes governamentais destinar a todo o indivíduo determinado o seu lugar conveniente na hierarquia social e económica - as cunhas redondas nos buracos quadrados (I.) possuem tendência para ter ideias perigosas acerca do sistema social e para contaminar os outros com o seu descontentamento. Tertio (pois a realidade, por mais utópica que seja, é uma coisa de que todos temos necessidade de nos evadir frequentemente) - um sucedâneo do álcool e de outros narcóticos, qualquer coisa que seja simultaneamente menos nociva e mais dispensadora de prazeres que a genebra ou a heroína. Quarto (isto será um projecto a longo prazo, que exigirá, para chegar a uma conclusão satisfatória, várias gerações de controle totalitário) - um sistema eugénico perfeito, concebido de maneira a estandardizar o produto humano e a facilitar, assim, a tarefa dos dirigentes. No Admirável Mundo Novo esta estandardização dos produtos humanos foi levada a extremos fantásticos, se bem que talvez não impossíveis. Técnica e ideologicamente, estamos ainda muito longe dos bebés em proveta e dos grupos Bokanovsky de semi-imbecis. Mas quando for ultrapassado o ano 600 de N.

F., quem sabe o que poderá acontecer? Daqui até lá, as outras características desse mundo mais feliz e mais estável - os equivalentes do soma, da hipnopedia e do sistema científico das castas - não estão provavelmente afastadas mais de três ou quatro gerações. E a promiscuidade sexual do Admirável Mundo Novo também não parece estar muito afastada. Existem já certas cidades americanas onde o número de divórcios é igual ao número de casamentos. Dentro de alguns anos, sem dúvida, passar-se-

ão licenças de casamento como se passam licenças de cães, válidas para um período de doze meses, sem nenhum regulamento que proíba a troca do cão ou a posse de mais de um animal de cada vez. À

medida que a liberdade económica e política diminui, a liberdade sexual tem tendência para aumentar, como compensação. E o ditador (a não ser que tenha necessidade de carne para canhão e de famílias para colonizar os territórios desabitados ou conquistados) fará bem em encorajar esta liberdade.

juntamente com a liberdade de sonhar em pleno dia sob a influência de drogas, do cinema e da rádio, ela contribuirá para reconciliar os seus súbditos com a servidão que lhes estará destinada.

Vendo bem, parece que a Utopia está mais próxima de nós do que se poderia imaginar há apenas quinze anos. Nessa época coloquei-a à distância futura de seiscentos anos. Hoje parece Praticamente possível que esse horror se abata sobre nós dentro de um século. Isto se nos abstivermos, até lá, de nos fazermos

(I.) Expressão metafórica inglesa que designa um indivíduo que está num lugar que lhe não é próprio.

(N. do T.)

explodir em bocadinhos. Na verdade, a menos que nos decidamos a descentralizar e a utilizar a ciência aplicada não com o fim de reduzir os seres humanos a simples instrumentos, mas como meio de produzir uma raça de indivíduos livres, apenas podemos escolher entre duas soluções: ou um certo número de totalitarismos nacionais, militarizados, tendo como base o terror da bomba atómica e como consequência a destruição da civilização (ou, se a guerra for limitada, a perpetuação do militarismo), ou um único totalitarismo internacional, suscitado pelo caos social resultante do rápido progresso técnico em geral e da revolução atómica em particular, desenvolvendo-se, sob a pressão da eficiência e da estabilidade, no sentido da tirania-providência da Utopia. É pagar e escolher.

ALDOUS HUXLEY

CAPÍTULO PRIMEIRO

Um edifício cinzento e atarracado, de apenas trinta e quatro andares, tendo por cima da entrada principal as palavras:

CENTRO DE INCUBAÇÃO E DE CONDICIONAMENTO DE LONDRES-CENTRAL

e, num escudo, a divisa do Estado Mundial:

COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE

A enorme sala do andar térreo estava virada ao norte. Apesar do Verão que reinava no exterior, apesar do calor tropical da própria sala, apenas fracos raios de uma luz crua e fria entravam pelas janelas. As batas dos trabalhadores eram brancas, e as suas mãos, enluvadas em borracha pálida, de aspecto cadavérico. A luz era gelada, morta, espectral, Apenas dos cilindros amarelos dos microscópios ela recebia um pouco de substância rica e viva, que se espalhava ao longo dos tubos como manteiga.

- Isto - disse o Director, abrindo a porta - é a Sala da Fecundação.

No momento em que o Director da Incubação e do Condicionamento entrou na sala, trezentos fecundadores, curvados sobre os seus instrumentos, estavam mergulhados naquele silêncio em que apenas se ousa respirar, naquela cantilena ou assobio inconsciente com que se traduz a mais profunda concentração. Um grupo de estudantes recém-chegados, muito novos, rosados e imberbes, comprimiam-se, possuídos de uma certa apreensão e talvez de alguma humildade, atrás do Director.

Cada um deles levava um caderno de notas, no qual, cada vez que o grande homem falava, rabiscavam desesperadamente. Bebiam a sua sabedoria na própria fonte, o que era um raro privilégio. O D. I. C. de Londres-Central empenhava-se sempre em conduzir pessoalmente a visita dos novos alunos aos diversos serviços.

« Unicamente para lhes dar uma ideia de conjunto» , explicava-lhes ele, pois era necessário, evidentemente, que possuissem um simulacro de ideia de conjunto, já que se desejava que fizessem inteligentemente o seu trabalho. Era conveniente, porém, que essa ideia fosse o mais resumida possível se se quisesse que, mais tarde, eles fossem membros disciplinados e felizes da sociedade, dado que os pormenores, como se sabe, conduzem à virtude e à felicidade, e as generalidades são, sob o ponto de vista intelectual, males inevitáveis. Não são os filósofos, mas sim aqueles que se entregam às construções de madeira e às colecções de selos, que constituem a estrutura da sociedade.

- Amanhã - acrescentou, dirigindo-lhes um sorriso cheio de bonomia, mas ligeiramente ameaçador -

começarão a trabalhar seriamente e não terão tempo para perder com generalidades. Daqui até lá ...

Daqui até lá era um privilégio. Da própria fonte para o caderno de apontamentos. Os rapazes rabiscavam febrilmente.

Alto, tendendo para a magreza, mas direito, o Director caminhou pela sala. Tinha o queixo alongado e dentes fortes, um pouco proeminentes, que mal conseguia cobrir, quando não falava, com os lábios grossos, de curva acentuada. Velho ou novo? Trinta anos? Cinquenta? Cinquenta e cinco? Era difícil dizer. Isso também não tinha importância alguma; nesse ano de estabilidade, nesse ano de 632 de N. F., não ocorria a ninguém fazer tal pergunta.

- Vou começar pelo princípio - disse o D. I. C. E os estudantes mais zelosos anotaram o facto nos cadernos: « Começar pelo princípio. »

- Isto aqui - apontou - são as incubadoras. - E, abrindo uma porta de protecção térmica, mostrou-lhes os suportes de tubos empilhados uns sobre os outros e cheios de tubos de ensaio numerados. - O

fornecimento semanal de óvulos. Mantidos - explicou - à temperatura normal do sangue, enquanto os gâmetas masculinos - abriu outra porta - devem ser conservados a trinta e cinco graus, em vez de trinta e sete. A temperatura total do sangue esteriliza. Carneiros envoltos em termogénio não procriam.

Sempre apoiado ás incubadoras, forneceu-lhes uma curta descrição do moderno processo da fecundação, enquanto os lápis rabiscavam ilegivelmente as páginas, de um lado para o outro. Falou-lhes primeiro, evidentemente, da introdução cirúrgica, - Esta operação é suportada voluntariamente para bem da sociedade, sem esquecer que proporciona uma gratificação equivalente a seis meses de ordenado. - Continuou com uma breve exposição da técnica de conservação do ovário, separado em estado vivo e pleno desenvolvimento; fez considerações

sobre a temperatura, a salinidade e a viscosidade óptimas; aludiu ao líquido em que se conservam os óvulos destacados e chegados à maioridade, e, conduzindo os seus alunos às mesas de trabalho, mostrou-lhes como se retirava esse líquido dos tubos de ensaio; como o faziam cair gota a gota sobre as lâminas de vidro para)reparações microscópicas especialmente aquecidas; como os ovulos que ele continha eram examinados sob o ponto de vista dos caracteres anormais, contados e transferidos para um recipiente poroso; como - e conduziu-os então a observar a operação - esse recipiente era imerso num caldo tépido contendo espermatozóides que aí nadavam livremente à « concentração mínima de cem mil por centímetro cúbico» , notou ele, e como, ao fim de dez minutos, o recipiente era retirado do líquido e o seu conteúdo novamente examinado; como, se ainda aí restassem óvulos não fecundados, o mergulhavam uma segunda vez e, em caso de necessidade, uma terceira; como os óvulos fecundados voltavam para as incubadoras; aí os Alfas e os Betas eram conservados até à sua definitiva colocação em provetas, enquanto os Gamas, os Deltas e os Epsilões eram retirados apenas ao fim de trinta e seis horas, para serem submetidos ao processo Boka- novsky.

- Ao processo Bokanovsky - repetiu o Director. E os estudantes sublinharam essas palavras nos cadernos.

Um ovo, um embrião, um adulto: o processo normal. Mas um ovo bokanovskyzado tem a propriedade de germinar, de proliferar, de se dividir: de oito a noventa e seis rebentos, e cada rebento tornar-se-á num embrião perfeitamente formado, e cada embrião num adulto normal. Desenvolvem-se assim noventa e seis seres humanos onde antes apenas se desenvolvia um só. O progresso.

- A bokanovskyzação - concluiu o D. I. C. - consiste essencialmente 8

numa série de travagens do desenvolvimento. Detemos o crescimento normal e, embora pareça paradoxal, o ovo reage proliferando.

"Reage proliferando." Os lápis atarefaram-se.

O Director estendeu o braço. Num transportador de movimento muito lento, um suporte cheio de tubos de ensaio entrava numa grande caixa metálica e um outro saía. Havia um ligeiro ruído de máquinas. Os tubos levavam oito minutos a atravessar a caixa de uma ponta à outra - explicava-lhes -, ou sejam oito minutos de exposição aos raios X duros, que é, aproximadaMente, o máximo que um ovo pode suportar. Um pequeno número morria; dos outros, os menos influenciados dividiam-se em dois; a maioria proliferava em quatro rebentos, alguns em oito. Eram então todos novamente enviados para as incubadoras, onde os rebentos começavam a desenvolver-se; depois, ao fim de dois dias, eram subitamente submetidos ao frio e à interrupção de crescimento. Os rebentos dividiam-se, por sua vez, em dois, quatro, oito; depois, tendo proliferado, eram submetidos a uma dose de álcool quase mortal e, como consequência, de novo proliferavam, sendo em seguida deixados em paz, rebentos de rebentos de rebentos, pois toda e qualquer suspensão de crescimento era então, geralmente, fatal. Nessa altura o pri mitivo ovo tinha muitas probabilidades de se transformar num número de embriões entre oito e noventa e

seis, « o que é, devem concordar, um prodigioso aperfeiçoamento em relação à Natureza. Gémeos idênticos, mas não em pequenos grupos de dois.@I ou três, como nos antigos tempos da reprodução vivípara, quando um ovo se dividia, por vezes acidentalmente, mas sim por dúzias, por vintenas, de uma só vez» .

- Por vintenas - repetiu o Director, abrindo largamente os braços, como se fizesse ricas ofertas a uma multidão. - Por vintenas. Mas um estudante foi bastante tolo para perguntar em que consistia a vantagem.

- Meu caro amigo! - O Director voltou-se vivamente para ele. - Então não vê? Não vê@ - Levantou a mão e tomou umaO atitude solene. - O processo Bokanovsky é um dos máximos instrumentos da estabilidade social.

- Homens e mulheres conformes ao tipo normal, em grupos Uniformes. Todo o pessoal de uma pequena fábrica constituído pelos produtos de um único ovo bokanovskizado. Noventa e seis gémeos idênticos fazendo trabalhar noventa e seis máquinas idênticas! - A sua voz era quase vibrante de entusiasmo. - Pela primeira vez na história, sabe-se perfeitamente para onde se caminha. - E citou a divisa planetária: « Comunidade, identidade, Estabilidade.» - Grandiosas palavras. Se pudéssemos bokanovskizar indefinidamente, todo o problema estaria resolvido. Resolvido por Gamas do tipo normal, por Deltas invariáveis, por Epsilões uniformes. Milhões de gémeos idêntiCOS. O princípio da produção em série aplicado, enfim, à biologia. Mas, infelizmente - o Director agitou a cabeça -, não podemos bokanovskizar indefinidamente.

Noventa e seis, tal parecia ser o limite; setenta e dois, uma boa média. Fabricar com o mesmo ovário e os gâmetas do mesmo macho o maior número possível de grupos de gémeos idênticos era o que melhor se podia fazer - um melhor que, infelizmente, nada mais era que um menos mal. E mesmo isso Já era difícil.

- Porque, na Natureza, são necessários trinta anos para que duzentos óvulos atinjam a maturidade. Mas a nossa tarefa é estabilizar a população neste momento, aqui e agora. Produzir gémeos a conta-gotas durante um quarto de século, para que servirá isso?

Evidentemente, isso não serviria para nada. Mas a técnica de Podsnap tinha acelerado imenso o processo da maturação. Podia-se obter pelo menos cento e cinquenta óvulos maduros no espaço de dois anos.

- Fecunde-se e bokanovskize-se, ou Onoutros termos, multiplique-se por setenta e dois, e obter-se-á uma média de quase onze mil irmãos e irmãs em cento e cinquenta grupos de gémeos idênticos, todos da mesma idade, em perto de dois anos. E, em casos excepcionais, podemos obter de um único ovário mais de quinze mil indivíduos adultos.

Fez sinal a um rapaz louro, de rosto rosado, que, por acaso, passava nesse momento: - Senhor Foster. -

O rapaz de rosto rosado aproximou-se. - Pode indicar-nos a máxima produção obtida de um só ovário, 9

senhor Foster?

- Dezasseis mil e doze, aqui, neste centro - respondeu o Sr. Foster sem nenhuma hesitação, falando muito depressa. Tinha olhos azuis e vivos e um evidente prazer em citar algarismos. - Dezasseis mil e doze em cento e oitenta e nove grupos idênticos. Mas, é claro, tem-se feito muito melhor - continuou com vigor - em alguns centros tropicais. Singapura tem frequentementte produzido mais de dezasseis mil e quinhentos e Mombaça atingiu já os dezassete mil. Mas eles são injustamente privilegiados. É ver como um ovário de negra reage ao líquido pituitário! É espantoso, quando se está habituado a trabalhar com materiais europeus. Ainda assim - acrescentou, rindo (mas o brilho da luta notava-se no seu olhar e o levantamento do queixo era um desafio) , ainda assim, temos intenção de os ultrapassar, se for possível. Trabalho neste momento num maravilhoso ovário de Delta-Menos. Tem apenas dezoito meses certos. Mais de doze mil e setecentas crianças já, quer decantadas, quer em embrião. E ele ainda produz mais. Havemos de conseguir vencê-los!

- Ora aí está o estado de espírito que me agrada! - exclamou o Director, dando uma palmada nas costas do Sr. Foster. - Venha connosco e faça aproveitar a estes garotos dos seus conhecimentos de especialista.

O Sr. Foster sorriu modestamente.

- Com muito prazer. Seguiram-no. Na Sala de Enfrascamento tudo era agitação harmoniosa e actividade ordenada. Placas de peritónio de porca, todas cortadas nas dimensões convenientes, chegavam continuamente, em pequenos monta-cargas, do Armazém de órgãos, no subsolo. Bzzz, em seguida flap! As portas do monta-cargas abriam-se completamente. O preparador de provetas apenas tinha de estender a mão, segurar a placa, introduzi-la, achatar as bordas e, antes que a proveta assim preparada tivesse tempo de se afastar ao longo do transportador sem fim - bzzz, flap! -, uma outra placa de peritónio tinha subido rapidamente das profundezas subterrâneas, pronta a ser introduzida numa outra proveta, que seguía a anterior nessa lenta e interminável procissão sobre o transportador.

Após os preparadores, vinham os matriculadores. Um a um, os ovos eram transferidos dos seus tubos de ensaio para recipientes maiores; com destreza, a guarnição de peritónio era cortada, a mórula era colocada no devido lugar, a solução salina introduzida ... e já a proveta tinha chegado mais longe, à vez dos classificadores. A hereditariedade, a data de fecundação, as indicações relativas ao grupo Bokanovsky, todos os pormenores eram transferidos do tubo de ensaio para a proveta. Não já anónima, mas com nome, identificada, a procissão retomava lentamente a marcha, a marcha através de uma abertura na parede, a marcha para entrar na Sala de Predestinação Social.

- Oitenta e oito metros cúbicos de fichas de cartão - disse o Sr. Foster, com manifesto prazer, ao

entrarem.

- Contendo todas as informações úteis - acrescentou o Director.

- Postas em ordem diariamente, todas as manhãs.

- E coordenadas todas as tardes.

À base das quais são feitas os cálculos. Tantos indivíduos desta ou daquela qualidade - disse o Sr.

Foster.

- Divididos nestas ou naquelas quantidades.

- A percentagem de decantação óptima em qualquer momento desejado.

- Sendo as perdas imprevistas rapidamente compensadas.

- Rapidamente - repetiu o Sr. Foster. - Se soubessem quantas horas extraordinárias tive de fazer após o último terramoto no Japão! - Riu com bom humor e sacudiu a cabeça.

- Os predestinadores enviam os seus números aos fecundadores.

- Que lhes mandam os embriões que eles desejam.

- E as provetas chegam aqui para serem predestinadas pormenorizadamente.

- Para depois descerem ao Depósito de Embriões.

- Onde vamos agora. E, abrindo uma porta, o Sr. Foster tomou a dianteira para descer uma escada e conduzi-los ao subsolo.

A temperatura era ainda tropical. Desceram numa penumbra que cada vez era maior. Duas portas e um corredor com duas esquinas protegiam a cave contra qualquer possível infiltração da luz diurna.

10

- Os embriões parecem-se com uma película fotográfica - disse o Sr. Foster humoristicamente, abrindo a segunda porta. - Apenas suportam a luz vermelha.

Com efeito, a obscuridade, onde reinava um pesado calor, em que os estudantes então seguiram, era visível e encarnada, como, numa tarde de Verão, é a obscuridade apercebida através das pálpebras cerradas. Os lados arredondados das provetas que se alinhavam até ao infinito, fila sobre fila, prateleira sobre prateleira, brilhavam como inúmeros rubis, e entre os rubis moviam-se fantasmas vermelhos e vagos de homens e de mulheres de olhos purpúreos, de faces

rutilantes. Um zunido, um rumor de máquinas, imprimiam ao ar uma ligeira vibração.

- Dê-lhes alguns números, senhor Foster - disse o Director, que estava fatigado de falar.

O Sr. Foster nada mais desejava senão isso.

- Duzentos e vinte metros de comprimento, duzentos de largura, dez de altura. - Apontou com a mão para cima. Como 9 galinhas a beber água, os estudantes ergueram os olhos para o tecto distante. - Três andares de porta-provetas: ao nível do solo, primeira galeria, segunda galeria.

A estrutura metálica das galerias sobrepostas, leve como uma teia de aranha, perdia-se em todas as direcções, na obscuridade. Perto deles, três fantasmas vermelhos estavam activamente ocupados em descarregar provetas que retiravam de uma escada móvel, o escalator que partia da Sala de Predestinação Social.

Cada proveta podia ser colocada num de entre quinze porta-garrafas, cada um dos quais, embora não fosse po'ssível notar-se, era um transportador que avançava à velocidade de trinta e três centímetros e um terço por hora. Duzentos e sessenta e sete dias, à razão de oito metros por dia. Um total de dois mil cento e trinta e seis metros. Uma volta à cave ao nível do solo, uma outra à altura da primeira galeria, metade de outra à altura da segunda e, na ducentésima sexagésima sétima manhã, a luz do dia na Sala de Decantação. Daí em diante, a existência independente - assim era denominada.

- Mas nesse intervalo de tempo - disse o Sr. Foster como conclusão - conseguimos fazer-lhes bastantes coisas. Oh! Muitas coisas. - O seu riso era satisfeito e triunfante.

- Aí está o estado de espírito que me agrada - disse de novo o Director. - Vamos dar a volta. Dê-lhes todas as explicações, senhor Foster.

Com eficácia, o Sr. Foster deu-as. Falou-lhes do embrião, que se desenvolve no seu leito de peritónio.

Fez-lhes provar o rico pseudo-sangue de que ele se alimenta. Explicou por que razão tinha necessidade de ser estimulado pela placentina e pela tiroxina. Falou-lhes do extracto de corpus luteum. Mostrou-lhes os tubos reguladores por onde, em todos os doze metros entre zero e dois mil e quarenta ele é injectado automaticamente. Falou dessas doses gradualmente crescentes de líquido pituitário administradas durante os últimos noventa e seis metros do seu percurso. Descreveu a circulação materna artificial instalada em cada proveta no metro cento e doze. Mostrou-lhes o reservatório de pseudo-sangue, a bomba centrífuga que mantém o líquido em movimento sobre a placenta e o impele para o pulmão sintético e para o filtro dos resíduos. Disse algumas palavras acerca da perigosa tendência do embrião para a anemia, das doses maciças de extracto de estômago de porco e de fígado de poldro fetal que, em consequência, é necessário fornecer-lhe. Mostrou-lhes os mecanismos simples por meio dos quais, durante os dois últimos metros de cada percurso de oito, todos os embriões são simultaneamente agitados para se

familiarizarem com o movimento. Aludiu ao perigo daquilo que se chama « traumatismo de decantação» e enumerou as precauções tomadas a fim de reduzir ao mínimo, por um ajustamento apropriado do embrião na proveta, esse perigoso choque. Falou-lhes das provas de sexo efectuadas próximo do metro duzentos e explicou-lhes o sistema de classificação: um T para os machos, um círculo para as fêmeas, e para os que estavam destinados a ser neutros um ponto de interrogação negro sobre fundo branco.

- Porque, é claro - disse o Sr. Foster - , na imensa maioria dos casos a fecundidade é simplesmente um incómodo. Um ovário fértil em cada mil e duzentos chegaria à vontade para as nossas necessidades.

Mas precisamos de ter por onde escolher. E, além disso, é necessário conservar uma enorme margem de segurança. Assim, deixamos que se desenvolvam normalmente cerca de trinta por cento dos embriões femininos. Os outros

recebem uma dose de hormonas sexuais masculinas em tod os vinte e quatro metros durante o resto do percurso. Resultado - quando são decantados, estão neutros, absolutamente normais sob o ponto de vista da estrutura, salvo - teve de reconhecer - possuírem, é verdade, uma leve tendência para o crescimemto da barba, mas estéreis. Estéreis garantidos. O que nos leva, enfim

- continuou o Sr. Foster -, a abandonar o domínio da simples imitação estéril da Natureza para entrarmos no mundo muito mais interessante da descoberta humana. - Esfregou as mãos.

Porque, é evidente, não nos contentamos unicamente em incubar os embriões: isso qualquer vaca é capaz de fazer. Também os predestinamos e condicionamos. Decantamos os nossos bebés sob a forma de seres vivos socializados, sob a forma de Alfa ou de Epsilões, de futuros varredores ou de futuros ...

Esteve a ponto de dizer « futuros Administradores Mundiais» , mas, corrigindo-se a tempo, disse

« futuros Directores de Incubação» .

O D. I. C. mostrou-se sensível ao cumprimento, que recebeu com um sorriso.

Encontravam-se no metro trezentos e vinte, no porta-garrafas n.º 11. Um jovem mecânico Beta-Menos trabalhava com uma chave de parafusos e uma chave inglesa, na bomba de pseudo-sangue de uma proveta que passava. O zunido do motor eléctrico tornava-se mais grave, em mudanças Ograduais, e enquanto ele apertava os parafusos ... Mais grave, mais grave., uma torção final, uma olhadela ao contador de voltas, e terminou. Avançou dois passos ao longo da fila e começou a mesma operação na bomba seguinte.

- Ele diminui o número de voltas por minuto - explicou o Sr. Foster. - O pseudo-sangue circula mais lentamente e, em consequência, passa para os pulmões com intervalos mais demorados; dá,

assim, menos oxigénio ao embrião. Nada melhor que a falta de oxigénio para manter um embrião abaixo normal. - De novo esfregou as mãos.

- Mas para que é preciso manter o embrião abaixo normal? - perguntou um estudante ingénuo.

- Que burro! - disse o director, quebrando um longo silêncio. - Nunca lhe veio à ideia que é necessário ao embrião Epsilão um ambiente de Epsilão, assim como uma hereditariedade de Epsilão?

Era evidente que isso nunca lhe tinha passado pela ideia.

Ficou confuso e contrito.

- Quanto mais baixa é a casta - disse o Sr. Foster -, menos oxigénio se lhe dá. O primeiro órgão atingido é o cérebro. Em seguida o esqueleto. Com setenta por cento do oxigénio normal, obtêm-se anões. Com menos de setenta por cento, monstros sem olhos. Os quais para nada servem - concluiu o Sr. Foster. - No entanto - a sua voz tornou-se confidencial, desejoso de expor o que tinha a dizer -, se se pudesse descobrir uma técnica para reduzir a duração da maturação, que benefício isso seria para a sociedade! Consideremos o cavalo.

Eles consideraram-no.

- Adulto aos seis anos; o elefante aos dez, enquanto aos treze um homem não é ainda adulto sexualmente e não o é fisicamente senão aos vinte. Daqui, naturalmente, esse fruto do desenvolvimento retardado: a inteligência humana. Mas entre os Epsilões - continuou muito justamente o Sr. Foster - não temos necessidade de inteligência humana. Não há necessidade e, portanto, não se obtém. Mas, se bem que entre os Epsilões o espírito esteja maduro aos dez anos, é necessário esperar dezoito para que o corpo esteja apto para o trabalho. Tantos anos de maturidade, supérfluos e sem utilidade! Se fosse possível acelerar o desenvolvimento físico até o tornar tão rápido como, digamos, o de uma vaca, que enorme economia poderia daí resultar para a comunidade!

- Enorme! - murmuraram os rapazes.

O entusiasmo do Sr. Foster era contagioso. As suas explicações tornaram-se mais técnicas: falou da coordenação anormal das endócrinas, que faz que os homens cresçam tão lentamente, e admitiu, para explicar tal facto, uma mutação germinal. Poder-se-ão destruir os efeitos dessa mutação? Poder-se-á fazer retroceder o embrião do Epsilão, por meio de uma técnica apropriada, até ao carácter normal que existe entre os cães e as vacas? Tal era o problema. E estava quase a ser resolvido.

Pilkington, em Mombaça, tinha conseguido produzir indivíduos sexualmente aptos aos quatro anos e de tamanho adulto aos seis e meio. Um triunfo científico, mas, socialmente, sem utilidade. Os homens e mulheres de seis anos e meio eram demasiado

estúpidos, até mesmo para realizar o trabalho de um Epsilão. E o processo era do género tudo ou nada: ou não se Conseguia modificar nada, ou se modificava tudo completamente. Tentava-se ainda encontrar o meio termo ideal entre adultos de vinte anos e adultos de dez. Infelizmente, até ao presente, sem sucesso algum. O Sr. Foster suspirou, meneando a cabeça.

As suas peregrinações na penumbra avermelhada tinham-nos levado, próximo do metro cento e setenta, ao porta-garrafas n.º 9. A partir desse ponto, o porta-garrafas desaparecia numa abertura e as provetas terminavam o restante trajecto numa espécie de túnel, interrompido aqui e ali por aberturas de dois ou três metros de largura.

- O condicionamento ao calor - explicou o Sr. Foster. Túneis quentes alternavam com túneis frios. O

frio estava combinado com outras sensações desagradáveis, sob a forma de raios X duros. Logo que eram decantados, os embriões tinham horror ao frio. Estavam predestinados a emigrar para os Trópicos, a serem mineiros, tecelões de seda de acetato, operários de fundição. Mais tarde, o seu espírito seria formado de maneira a confirmar o julgamento do corpo.

- Nós condicionamo-los de tal maneira que eles suportam bem o calor - disse o Sr. Foster, concluindo. -

Os nossos colegas lá de cima ensiná-los-ão a gostar dele.

- E é aí - disse sentenciosamente o Director, à guisa de contribuição ao que estava a ser dito - que está o segredo da felicidade e da virtude: gostar daquilo que se é obrigado a fazer. Tal é o fim de todo o condicionamento: fazer as pessoas apreciar o destino social a que não podem escapar.

Num intervalo entre dois túneis, uma enfermeira sondava delicadamente, por meio de uma seringa longa e fina, o conteúdo gelatinoso de uma proveta que passava. Os estudantes e o seu guia pararam, para a observar silenciosamente alguns momentos.

- Olá, Lenina - disse o Sr. Foster quando finalmente ela retirou a seringa e se ergueu.

A rapariga voltou-se com um sobressalto. Notava-se que era excepcionalmente bonita, se bem que a iluminação lhe desse uma máscara de lúpus e olhos purpúreos.

- Henry!

O seu sorriso, como um clarão vermelho, exibiu uma fila de dentes de coral. - Encantadora, encantadora - murmurou o Director, dando-lhe duas ou três palmadas amigáveis. Em troca recebeu um sorriso deferente.

- Que está a dar-lhes? - perguntou o Sr. Foster, com um tom altamente profissional na voz.

- Oh! A febre tifóide e a doença do sono habituais.

- Os trabalhadores dos Trópicos começam a receber inoculações no metro cento e cinquenta - explicou o Sr. Foster aos estudantes. - Os embriões têm ainda guelras, como os peixes. imunizamos o peixe contra as doenças do futuro homem. - E depois, virando-se para Lenina, disse: - Cinco menos um quarto, no terraço, como habitualmente.

- Encantadora - disse o Director mais uma vez, com uma pequena palmada final. E afastou-se atrás dos outros.

No porta-garrafas n.º 10, várias filas de trabalhadores das indústrias químicas da futura geração eram preparados para suportar o chumbo, a soda cáustica, o alcatrão e o cloro. O primeiro de um grupo de duzentos e cinquenta mecânicos embrionários de aviões-foguetes passava precisamente em frente do registo do metro mil e cem, no porta-garrafas n.º 3. Um mecanismo especial mantinha os recipientes em constante rotação.

- Para aperfeiçoar neles o sentido do balanço - explicou o Sr. Foster. - Efectuar reparações no exterior de um avião-foguete em voo é um trabalho delicado. Diminuímos a circulação quando estão em posição normal, de maneira que fiquem meio esfomeados, e duplicamos o afluxo de pseudo-sangue quando estão de cabeça para baixo. Aprendem assim a associar a posição invertida com o bem-estar.

Efectivamente, eles só se sentem verdadeiramente felizes quando estão de cabeça para baixo. E agora -

continuou o Sr. Foster - gostaria de lhes mostrar um condicionamento muito interessante para intelectuais Alfa-Mais. Temos um importante grupo deles no porta-garrafas n.º 5. À altura da primeira galeria - gritou para dois rapazes que tinham começado a descer para o andar térreo. - Eles estão perto do metro novecentos - explicou. - Não se pode, de facto, efectuar nenhum condicionamento eficaz antes de os fetos terem

perdido a cauda. Sigam-me.

O Director consultou o relógio.

- Três horas menos dez - disse. - Receio que não tenhamos tempo para observar os embriões intelectuais. Temos de chegar ao infantário antes de as crianças terem acabado a sesta da tarde.

O Sr. Foster ficou fortemente desiludido.

- Pelo menos uma olhadela à Sala de Decantação - suplicOU.

- Seja. - O Director sorriu indulgentemente. - Apenas olhadela.

CAPÍTULO SEGUNDO

Separaram-se do Sr. Foster na Sala de Decantação.

O D. I. C. e os seus alunos tomaram lugar no ascensor mais próximo e subiram ao quinto andar.

INFANTÁRIOS SALAS DE CONDICIONAMENTO NEOPAVLOVIANO

dizia a placa indicadora.

O Director abriu uma porta. Encontraram-se numa sala vazia, vasta, clara e cheia de sol, pois toda a parede do lado sul apenas se compunha de uma enorme janela. Uma meia dúzia de enfermeiras, vestidas com as calças e os casacos regulamentares de pano de viscose branco, os cabelos assepticamente ocultos em gorros brancos, estavam ocupadas em dispor no chão, numa longa fila que ia de um extremo ao outro da sala, vários vasos de rosas. Grandes vasos com muitas flores. Milhares de pétalas, completamente desabrochadas e de uma suavidade de seda, semelhantes às faces de inúmeros e pequenos querubins, mas de querubins que, nessa luz brilhante, não eram exclusivamente róseos e arianos, mas também luminosamente chineses e mexicanos apopléticos por terem soprado em demasia nas trombetas celestes, e ainda outros pálidos como a morte, pálidos como a brancura póstuma do mármore.

As enfermeiras perfilaram-se à entrada do D. I. C.

- Coloquem os livros - disse ele secamente. Silenciosamente, as enfermeiras obedeceram à ordem.

Entre os vasos de rosas, os livros foram cuidadosamente dispostos, uma fila de "in quarto" infantis, abertos de maneira tentadora, com imagens alegremente coloridas de animais, peixes ou aves.

- Agora façam entrar as crianças. Elas saíram rapidamente da sala e voltaram a entrar ao fim de um minuto ou dois, empurrando cada uma um carrinho onde, em cada uma das suas quatro prateleiras de tela metálica,

vinha um bebé de oito meses, todos exactamente iguais - um grupo Bokanovsky, era evidente -, e todos, pois pertenciam à casta Delta, vestidos de cor de caqui.

- Ponham-nos no chão. As crianças foram tiradas dos carros.

- Agora voltem-nos de maneira que possam ver as flores e os livros.

Voltados, os bebés calaram-se imediatamente. Depois começaram a gatinhar em direcção a essas cores brilhantes, a essas formas tão alegres e tão vivas nas páginas brancas. Enquanto eles

se aproximavam, o Sol libertou-se de um eclipse provisório em que tinha sido mantido por uma nuvem. As rosas fulguraram como sob o efeito de uma súbita paixão interna e uma nova e profunda energia pareceu espalhar-se sobre as brilhantes páginas dos livros. Das filas dos bebés elevou-se um murmúrio de excitação, gorjeios e assobios de prazer.

O Director esfregou as mãos.

- Excelente! - disse. - Mesmo feito de propósito, não poderia ser melhor.

Os gatinhadores mais rápidos tinham já atingido o seu alvo.O Pequenas mãos se estenderam, incertas, tocando, segurando, desfolhando as rosas transfiguradas, rasgando as páginas iluminadas dos livros. O

director esperou que todos estivessem alegremente ocupados. Depois disse:

- Observem bem. E, levantando a mão, fez um sinal. A enfermeira-chefe, que se encontrava junto de um quadro de comandos eléctricos, no outro extremo da sala, baixou um pequeno manípulo.

Houve uma violenta explosão. Aguda, cada vez mais aguda, uma sereia apitou. Campainhas de alarme vibraram, obsidiantes.

As crianças assustaram-se e começaram a berrar. Os seus pequenos rostos estavam contorcidos de terror.

- E agora - gritou o Director (o ruído era de ensurdecer) agora passemos à operação que tem por fim fazer penetrar a lição a fundo por meio de uma ligeira descarga eléctrica.

Agitou de novo a mão e a enfermeira-chefe baixou um Segundo manípulo. Os gritos das crianças mudaram subitamente de tom. Havia qualquer coisa de desesperado, quase de demente, nos uivos penetrantes e espasmódicos que então lançavam. Os pequenos corpos contraíam-se e retesavam-se, os membros agitavam-se em movimentos sacudidos, como se fossem puxados por fios invisíveis.

- Podemos fazer passar a corrente em toda esta metade do soalho - gritou o Director, como explicação.

- Mas isto chega - disse, fazendo um sinal à enfermeira.

As explosões cessaram, as campainhas calaram-se, o uivo da sereia amorteceu lentamente até ao silêncio. Os corpos retesados e contraídos distenderam-se, e o que fora soluços e urros de loucos furiosos em potência transformou-se de novo em berros normais de terror vulgar.

- Dêem-lhes outra vez os livros e as flores.

As enfermeiras obedeceram. Mas à aproximação das rosas, à simples vista dessas imagens alegremente coloridas do miau, do cocorocó e do cordeirinho preto que faz mé-mé, as crianças recuaram com horror. Os berros aumentaram subitamente de intensidade.

- Observem - disse triunfantemente o Director -, observem.

Os livros e os ruídos aterradores, as flores e as Odescargas eléctricas, formavam já no espírito das crianças pares ligados de maneira comprometedora; no fim de duzentas repetições da mesma lição ou de outra semelhante, estariam ligados indissoluvelmente. Aquilo que o homem uniu, a Natureza é impotente para separar.

- Eles crescerão com aquilo a que os psicólogos chamam um ódio « instintivo» aos livros e às flores.

Reflexos inalteravelmente condicionados. Nada quererão com a literatura e com a botânica durante toda a vida. - O Director voltou-se para as enfermeiras: - Podem levá-los.

Sempre berrando, os bebés vestidos de caqui foram postos nos seus carrinhos e levados para fora da sala, deixando atrás de si um cheiro a leite azedo e um repousante silêncio.

Um dos estudantes levantou a mão. Se bem que compreendesse perfeitamente porque não se podia tolerar aos indivíduos de casta inferior que gastassem o tempo da comunidade com livros e que houvesse sempre o perigo de eles lerem qualquer

coisa que fizesse descondicionar indesejavelmente um dos seus reflexos, no entanto... enfim, não percebia o que dizia respeito às flores. Porque perder tempo a tornar psicologicamente impossível aos Deltas o gosto pelas flores?

Pacientemente, o D. I. C. deu explicações. Se se procedia de forma que as crianças começassem a gritar à simples vista de uma rosa, era por razões de alta política económica. Ainda não há muito tempo (um século aproximadamente), os Gamas, os Deltas, e até os Epsilões, tinham sido condicionados para gostar de flores - de flores em particular e da Natureza selvagem em geral. O fim a atingir era fazer nascer neles o desejo de ir para o campo todas as vezes que tivessem ocasião para isso e obrigá-los, assim, a utilizar os meios de transporte.

- E eles não utilizaram os transportes? - perguntou o estudante.

- Sim, e em grande quantidade - respondeu o Director mas nada mais. As flores campestres e as paisagens - observou - têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à Natureza não fornece trabalho a nenhuma fábrica. Foi, pois, decidido abolir o amor à Natureza, pelo menos entre as classes baixas; abolir o amor à Natureza, mas não a tendência para utilizar transportes. Porque era essencial, é claro, que se continuasse a ir para o campo, mesmo que se não gostasse dele. O problema consistia em encontrar para a utilização de transportes uma justificação

economicament-e mais bem baseada que uma simples afeição pelas flores campestres e pelas paisagens. Foi descoberta. Condicionamos as massas de maneira a detestarem o campo

- disse o Director, como conclusão -, mas simultaneamente condicionamo-las de maneira a desejarem todos os desportos ao ar livre. Ao mesmo tempo, fazemos o necessário para que todos os desportos ao ar livre exijam o emprego de aparelhagem complicada. De maneira que, assim, consomem-se artigos manufacturados e, ao mesmo tempo, utilizam-se os transportes. Essa a razão das descargas eléctricas.

- Percebo - disse o estudante. E ficou silencioso, aparvalhado de admiração.

Fez-se um silêncio. Depois, pigarreando para aclarar a voz, o Director começou: -

- Era uma vez, quando Nosso Ford era ainda deste mundo, um rapazinho que se chamava Reuben Rabinovitch. Reuben era filho de pais de língua polaca. - O Director interrompeu-se. Sabem o que é o polaco, calculo.

- Uma língua morta.

- Como o francês e o alemão - acrescentou outro estudante, exibindo zelosamente a sua sabedoria.

- E "pais"? - perguntou o D. I. C. Houve um silêncio comprometido. Vários rapazes coraram. Não tinham ainda aprendido a reconhecer a linha de separação, importante mas, por vezes, muito ténue, que se interpõe entre a obscenidade e a ciência pura. Um deles, enfim, teve a coragem de erguer a mão.

- Os seres humanos, antigamente, eram... - disse, hesitante. O sangue subiu-lhe ao rosto. - Enfim, eram vivíparos.

- Muito bem. - O Director aprovou com um sinal de cabeça. - E quando os bebés eram decantados ...

- Nasciam - corrigiu ele.

- E... bem, então eram os pais, quer dizer: não os bebés, é claro, os outros.

O pobre rapaz estava absolutamente atrapalhado e confuso.

- Numa palavra - resumiu o Director -: os pais eram o pai e a mãe. - Esta obscenidade, que era, na realidade, ciência, caiu como uma bomba no silêncio comprometido desses rapazes, que nem sequer ousavam entreolhar-se. - A mãe... - repetiu ele bem alto, para fazer a ciência penetrar profundamente, e inclinando-se para trás na cadeira. - Estes factos - disse gravemente - são bastante desagradáveis, sei-o bem. Mas, geralmente, a maioría dos factos históricos é desagradável.

E voltou ao pequeno Reuben, ao pequeno Reuben no quarto em que, uma tarde, por negligência, o seu pai e a sua mãe (hum!, hum!) tinham, por acaso, deixado a funcionar o aparelho de T. S. F. « É

conveniente recordar que nesses tempos de grosseira reprodução vivípara as crianças eram sempre criadas pelos pais, e não nos centros de condicionamento do Estado.» Enquanto o garoto dormia, o aparelho começou subitamente a transmitir um programa radiofónico de Londres. E na manhã seguinte, para espanto de seu ... (hum!) e de sua... (hum!) (os mais descarados arriscaram uma risadinha), o pequeno Reuben

acordou repetindo, palavra por palavra, uma longa conferência desse curioso escritor antigo (um dos raros cujas obras têm sido autorizadas até agora), George Bernard Shaw, que falava, segundo uma tradição bem estabelecida, do seu próprio génio. Para o ... (piscadela de olho) e para a ...

(risadinha) do pequeno Reuben, essa conferência foi, é claro, perfeitamente incompreensível, e, imaginando que o filho tinha endoidecido subitamente, chamaram um médico. Este, felizmente, sabendo inglês, reconheceu o discurso como sendo aquele que Shaw tinha feito pela T. S. F. Dando-se conta da importância do acontecimento, escreveu a esse respeito uma carta à imprensa médica.

- O princípio do ensino durante o sono, ou hipnopedia, tinha sido descoberto. - O D. I. C. fez uma impressionante pausa. - O princípio tinha sido descoberto, mas deviam passar ainda muitos anos antes que esse princípio tivesse aplicações úteis.

O caso do pequeno Reuben produziu-se apenas vinte e três anos depois do lançamento do primeiro modelo T de Nosso Ford.

Nessa altura o Director fez um sinal de T à altura do estômago, no que foi imitado reverentemente por todos os estudantes. - E no entanto...

Furiosamente, os estudantes rabiscaram: « A hipnopedia, primeiro emprego oficial no ano 214 de N. F.

Porque não mais cedo? Duas razões: a) ... »

- Esses primeiros experimentadores - dizia o D. I. C. - estavam no mau caminho. julgavam eles que se podia fazer da hipnopedia um instrumento de educação intelectual.

Um rapazinho adormecido sobre o lado direito, o braço fora da cama, a mão pendendo molemente.

Saindo de uma abertura redonda e gradeada na face de uma caixa, uma voz fala docemente:

"O Nilo é o rio mais comprido da África e, em comprimento, o segundo de todos os rios do mundo. Se bem que não atinja o comprimento do Mississípi-Missuri, o Nilo vem à cabeça de todos os rios pela importância da sua bacia, que se estende por trinta e cinco graus de latitude ... »

Ao pequeno almoço da manhã seguinte alguém perguntou:

- Tommy, sabes qual é o maior rio da África? Sinais negativos de cabeça.

- Mas não te lembras de alguma coisa que começa assim: "O Nilo é o...?»

- O-Nilo-é-o- rio- mais- comprido - da - África - e - em

- comprimento - o - segundo - de - todos - os - rios - do - mundo... - As palavras saem precipitadamente. - Se - bem - que não - atinja...

- Ora aí está! Diz-me agora qual é o mais comprido rio da África.

Os olhos estão vagos.

- Não sei.

- Mas é o Nilo, Tommy!

- O - Nilo - é - o rio - mais - comprido - da - África - e - em comprimento...

- Então qual é o rio mais comprido, Tommy? Tommy desfaz-se em lágrimas.

- Não sei - choraminga. Foi essa choraminguice, explicou-lhes claramente o Director, que desencorajou os primeiros pesquisadores. As experiências foram abandonadas. Não se fizeram mais tentativas para ensinar às crianças o comprimento do Nilo durante o sono. E muito judiciosamente. Não se pode ensinar uma ciência a não ser que se saiba pertinentemente do que se trata.

- Ao passo que, se tivessem somente começado pela educação moral... - disse o Director, conduzindo o grupo em direcção à porta. Os estudantes rabiscavam desesperadamente enquanto caminhavam e durante todo o trajecto no ascensor. -. A educação moral não deve, em circunstância alguma, ser racional.

« Silêncio, silêncio» , murmurou um alto-falante quando saíram do ascensor no décimo quarto andar.

« Silêncio, silênciO» , repetiam infatigavelmente as campânulas dos aparelhos, a intervalos regulares, ao longo de cada corredor. Os estudantes, e até o próprio Director, começaram automaticamente a caminhar nas pontas dos pés. Eram Alfas, evidentemente, mas até mesmo os Alfas eram bem condicionados. « Silêncio, silêncio.» Toda a atmosfera do décimo quarto andar vibrava de imperativos categóricos.

Cinquenta metros de percurso na ponta dos pés conduziram-nos a uma porta que o Director abriu com precaução.

17

Transpuseram a entrada e penetraram na penumbra de um dormitório com as persianas corridas.

Oitenta pequeninas camas se alinhavam ao longo da parede. Havia um ligeiro e regular ruído de respiração e um murmúrio contínuo, como vozes muito baixas e longínquas.

Uma enfermeira levantou-se quando entraram e perfilou-se em frente do Doutor.

- Qual é a lição desta tarde? - perguntou.

- Demos Sexo Elementar durante os primeiros quarenta minutos - respondeu ela. - Mas agora o aparelho foi regulado para o curso elementar de Noção das Classes Sociais.

O Director percorreu lentamente a longa fila de caminhas. Rosados e distendidos pelo sono, oitenta garotinhos e garotinhas estavam deitados, respirando docemente. Saía um murmúrio de cada travesseiro. O D. I. C. parou e, inclinando-se sobre uma das caminhas, escutou atentamente.

- Curso elementar de Noção das Classes Sociais, não foi o que disse? Repita-o um pouco mais alto pelo alto-falante.

Na extremidade da sala sobressaía na parede um alto-falante. O Director dirigiu-se para ele e carregou num interruptor.

« ... estão todos vestidos de verde - disse uma voz doce, mas clara, começando no meio de uma frase - e as crianças Deltas estão vestidas de caqui. Oh, não, não quero brincar com as crianças Deltas. E os Epsilões são ainda piores. São tão estúpidos que nem sabem ler ou escrever. E, além disso, estão vestidos de negro, que é uma cor ignóbil. Como estou contente por ser um Beta.»

Houve uma pausa. Depois a voz recomeçou: « As crianças Alfas estão vestidas de cinzento. Elas trabalham muito mais que nós, porque são formidavelmente inteligentes. De facto, estou muito contente por ser um Beta, pois não trabalho tanto. E, depois, somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são patetas. Estão todos vestidos de verde e as crianças Deltas estão vestidas de caqui. Oh, não, não quero brincar com as crianças Deltas. E os Epsilões são ainda piores. São tão estúpidos que nem sabem...»

O Director pôs o interruptor na posição primitiva. A voz calou-se. Apenas o seu longínquo fantasma continuou a murmurar debaixo dos oitenta travesseiros.

- Ouvirão isto repetido ainda quarenta ou cinquenta vezes antes de acordar; depois novamente na quinta-feira; e igualmente no sábado. Cento e vinte vezes, três vezes por semana, durante trinta

meses.

Em seguida passarão a uma lição mais avançada. - Rosas e descargas eléctricas, o caqui dos Deltas e um cheiro a assa-fétida, ligados indissoluvelmente antes que a criança saiba falar. Mas o condicionamento que não é acompanhado por palavras é grosseiro e inteiriço. @ incapaz de fazer conhecer as distinções mais delicadas, de inculcar as mais complexas formas de conduta. Para isso são necessárias palavras, mas palavras sem nexo. Enfim, a hipnopedia, a maior força moralizadora e socializadora de todos os tempos.

Os estudantes garatujaram isto nos seus cadernos. O conhecimento colhido directamente na sua origem.

O Director carregou novamente no interruptor. « ... São formidavelmente inteligentes» , dizia a voz doce, insinuante, infatigável. « De facto, estou muito contente por ser um Beta, pois ... »

Não exactamente como gotas de água, se bem que a água seja capaz de, lentamente, perfurar o mais duro granito, antes como gotas de lacre líquido, gotas que aderem, se incrustam, se incorporam a tudo em que caem, até que, finalmente, a rocha nada mais seja que uma única massa escarlate.

- Até que o espírito da criança seja essas coisas sugeridas e que a soma dessas coisas sugeridas seja o espírito da criança. E não apenas o espírito da criança, mas igualmente o espírito do adulto, e para toda a vida. O espírito que julga, deseja e decide, constituídO por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, nós! - Com o entusiasmo, o Director quase gritou. -

Que o Estado sugere. - Deu um murro sobre a mesa mais próxima. - Disto resulta, por consequencia...

Um ruído fê-lo voltar-se.

- Oh, Ford! - disse, noutro tom. - Então não acordei as crianças!?

CAPÍTULO TERCEIRO

Lá fora, no jardim, era a hora do recreio. Nus , sob o doce calor do sol de junho, seiscentos ou setecentos garotos e garotas corriam nos relvados soltando gritos agudos, ou jogavam à bola, ou estavam agachados em silêncio em grupos de dois ou três entre os arbustos floridos. As rosas desabrochavam, dois rouxinóis davam um concerto nas ramagens, um cuco emitia sonoramente os seus gritos dissonantes por entre as tílias. O ar era embalado sonolentamente pelo murmúrio das abelhas e dos helicópteros.

O Director e os estudantes demoraram-se algum tempo a observar uma partida de bola

centrífuga.

Vinte crianças estavam agrupadas em círculo à volta de uma torre de aço cromado. Uma bola lançada ao ar de maneira a cair sobre a plataforma do alto da torre rebolava para o interior, saía num disco em rápida rotação, era projectada através de uma ou outra das numerosas aberturas existentes no revestimento cilíndrico e tinha de ser apanhada.

- Bizarro - comentou o Director enquanto se afastavam é bizarro pensar que, mesmo no tempo de Nosso Ford, a maioria dos jogos não possuíam mais acessórios que uma ou duas bolas, com algumas varas e talvez um pedaço de rede. Vejam a estupidez que existe em permitir às pessoas a prática de complicados jogos que de nada servem para aumentar o consumo. É loucura. Actualmente, os Administradores só dão a sua aprovação a um novo jogo quando possa ser demonstrado que ele exige pelo menos tantos acessórios como o mais complicado dos existentes. - Interrompeu-se. - Eis um encantador grupinho - dísse, apontando.

Numa escavação relvada, entre dois maciços de urzes mediterrânicas, duas crianças, um garoto de sete anos aproximadamente e uma menina que poderia ter um ano mais, divertiam-se com toda a gravidade e com a concentrada atenção de sábios mergulhados num trabalho de descoberta com um jogo sexual rudimentar.

- Encantador, encantador! - repetiu sentimentalmente o D.

I. C. - Encantador - disseram polidamente os rapazes, demonstrando o seu acordo.

Mas os seus sorrisos eram um pouco protectores. Havia ainda muito pouco tempo que tinham posto de parte os divertimentos infantis desse género para poderem contemplá-los agora sem uma ponta de desprezo. « Encantador?» Mas se era apenas um par de miúdos a brincar! Miúdos, simplesmente.

- Tenho sempre a impressão... - continuou o Director no mesmo tom sentimental, quando foi interrompido por vigorosos hu-hu-hu.

De uma moita vizinha saiu uma enfermeira levando pela mão um garotito que berrava enquanto caminhava. Uma menina vinha a trás, com ar inquieto. - Que se passa? - perguntou o Director.

A enfermeira encolheu os ombros.

- Nada de importância - respondeu. - É simplesmente este garoto que não parece estar disposto a tomar parte nos jogos eróticos habituais. já o tinha notado antes, uma ou duas vezes. E hoje recomeçou. Deu início a este berreiro ...

- Garanto - interrompeu a menina, com ar inquieto - que não tinha nenhuma intenção de lhe fazer mal.

Garanto ...

- Com certeza, minha querida - disse a enfermeira num tom tranquilizador. - De maneira que -

continuou, dirigindo-se de novo ao Director - vou levá-lo ao assistente adjunto de psicologia.

Unicamente para saber se ele não tem nada de anormal.

- Está muito bem - disse o Director. - Leve-o ao assistente. Tu vais ficar aqui, minha menina -

acrescentou, enquanto a enfermeira se afastava com o petiz, sempre berrando, confiado aos seus cuidados. - Como te chamas?

Polly Trotsky. É um nome bem bonito, não há dúvida - afirmou o Director. - Podes ir. Vê se encontras outro menino para brincar contigo.

A criança fugiu, saltando entre as moitas, e desapareceu.

- Que garotinha engraçada! - disse o Director, seguindo-a com os olhos. Depois, virando-se para os estudantes: - O que

19

lhes vou agora expor poderá parecer-lhes inacreditável. Mas também, quando se não tem o hábito da história, os factos relativos ao passado parecem quase sempre inacreditáveis.

E revelou a espantosa verdade. Durante um enorme período antes da época de Nosso Ford, e mesmo durante várias gerações posteriores, os jogos eróticos entre crianças tinham sido considerados como anormais. (Ouviu-se uma gargalhada geral.) E não só anormais, como ainda positivamente imorais, e, em consequência, tinham sido rigorosamente reprimidos.

Os rostos dos seus auditores adquiriram uma expressão de incredulidade espantada. Pois as pobres crianças não tinham o direito de se divertir? Não podiam acreditar.

- Os próprios adolescentes - dizia o D. I. C. os adolescentes como vocês ...

- Não é possível!

- A não ser um pouco de auto-erotismo e de homossexualidade, e isso às escondidas. Absolutamente mais nada.

- Nada?

- Na maioria dos casos, até que atingissem mais de vinte anos.

- Vinte anos? - disseram os estudantes, num barulhento coro de cepticismo.

- Vinte anos - repetiu o Director. - já lhes tinha dito queO iam achar isto inacreditável.

- Mas que sucedia? - perguntaram. - Quais eram os resultados?

- Eram terríveis. Uma voz profunda e sonora interpôs-se no diálogo e fê-los sobressaltar.

Voltaram-se. Próximo do pequeno grupo encontrava-se um desconhecido, um homem de altura média, com cabelos negros,1 nariz curvo, lábios vermelhos e carnudos e olhos muito sombrios e penetrantes.

Terríveis - repetiu.

O D. I. C. estava nesse momento sentado num dos bancos de aço forrados de borracha que havia convenientemente espalhados pelo jardim; mas, vendo o desconhecido, levantou-se de um salto e precipitou-se para a frente, mãos estendidas, um sorriso efusivo.

Senhor Administrador! Que inesperado prazer! Meus amigos, prestem atenção! Eis o Administrador: Sua Forderia mustafá Mond.

Nas quatro mil salas do centro os quatro mil relógios eléctricos deram simultaneamente quatro horas.

Vozes desencarnadas vibraram, saindo das campânulas dos alto-falantes.

« Descanso para a equipa principal do dia! Chamada para o trabalho da segunda equipa do dia!

Descanso para a equipa príncipal do...»

No elevador que subia para o vestiário, Henry Foster e o director adjunto da predestinação viraram ostensivamente as costas a Bernard Marx, do Gabinete de Psicologia, afastando-se daquela desagradável reputação.

O zumbido e o leve barulho das máquinas agitavam continuamente o ar encarnado do Depósito de Embriões. As equipas podiam ir e vir, que uma face cor de lúpus substituía outra; majestosamente, até à eternidade, os transportadores continuavam a sua marcha lenta com o seu carregamento de homens e mulheres do futuro.

Lenina Crowne dirigiu-se apressadamente para a porta. Sua Forderia Mustafá Mond! Os olhos dos estudantes que o cumprimentaram estavam quase fora das órbitas. Mustafá Mond! O Administrador Residente da Europa Ocidental! Um dos dez Administradores Mundiais! Um dos dez ... E ele sentara-se no banco com o D. I. C., ia ficar ali, sim, ficar e falar-lhes directamente... A sabedoria ia chegar-lhes directamente da origem. Directamente da boca do próprio Ford!

Duas crianças de pele tostada como camarões saíram de uma moita próxima, olharam para eles um momento com os olhos espantados e depois voltaram para as suas brincadeiras entre a folhagem. -

Lembram-se todos - disse o Administrador com a sua voz forte e profunda -, lembram-se todos, calculo, destas belas e inspiradas palavras de Nosso Ford: « A história é uma treta.» A história - repetiu lentamente - é uma treta.

Agitou a mão. Dir-se-ia que, numa espanadela invisível, tinha sacudido um pouco de poeira. E a poeira era Harappa, era Ur, na Caldeia; algumas teias de aranha, que eram Tebas e Babilónia, 20

Cnossos e Micenas. Uma espanadela, outra ainda... E onde estava Ulisses, onde estava job, onde estavam júpiter, Gautama e Jesus? Uma espanadela ... e essas manchas de antiga lama que se chamavam Atenas e Roma, Jerusalém e o Império do Meio, tinham todas desaparecido. Uma espanadela... O local onde existira a Itália estava vazio. Uma espanadela... Desaparecidas as Catedrais.

Uma espanadela, mais outra ... Aniquilados o Rei Lear e os Pensamentos de Pascal. Uma espanadela ...

Desaparecida a Paixão. Uma espanadela ... Morto o Requiem. Uma espanadela ... Acabada a Sinfonia.

Uma espanadela...

- Vai esta noite ao cinema perceptível, Henry? - perguntou o predestinador adjunto. - Ouvi dizer que o novo filme do Alhambra é de primeira ordem. Há uma cena de amor num tapete de pele de urso. Dizem que é espantosa. Sente-se cada um dos pêlos do urso. Os mais inacreditáveis efeitos tácteis ...

- Eis porque não lhes ensinam história - dizia o Administrador. - Mas agora chegou o momento ...

O D. I. C. olhou-o com nervosismo. Corriam estranhos rumores acerca de velhos livros interditos, escondidos num cofre-forte do gabinete do Administrador. Bíblias, poesia - só Ford sabia!

Mustafá Mond notou o seu olhar inquieto e os cantos dos seus lábios tiveram uma contracção irónica.

- Descanse, meu caro Director - disse num tom de ligeira troça -, não os corromperei.

O D. I. C. ficou confuso e meio aparvalhado.

Aqueles que se sentem desprezados tomam geralmente um ar de desprezo. O sorriso que apareceu no rosto de Bernard Marx era profundamente desprezador.

- Cada um dos pêlos do urso, é boa!

- Certamente que irei - disse Henry Foster.

Mustafá Mond inclinou-se para a frente e brandiu um dedo estendido.

- Tentem imaginar - disse. A sua voz causou-lhes uma esquisita vibração na região do diafragma. -

Tentem imaginar o que é ter uma mãe vivípara.

De novo essa palavra obscena. Mas nenhum deles, dessa vez, sonhou sequer em sorrir. Experimentem imaginar o que significava: "viver em família."

Eles experimentaram, mas, manifestamente, sem o menor sucesso.

- E sabem o que era um « lar» ? Sacudiram a cabeça negativamente.

Abandonando a penumbra avermelhada do subsolo, Lenina Crowne fez rapidamente a ascensão dos dezassete andares, voltou à direita ao sair do elevador, caminhou por um longo corredor e, abrindo uma porta com o letreiro Vestiário de Senhoras, mergulhou num caos ensurdecedor de braços, de peitos e de roupas interiores. Torrentes de água quente enchiam e saltavam em cem banheiras e escoavam-se com uns ruídos de gluglu. Zunindo e aspirando, oitenta aparelhos de vibromassagem por vácuo estavam simultaneamente a agitar e a sugar a carne firme e tostada de oitenta soberbos exemplares da humanidade feminina. Cada uma delas falava em altos brados. Uma máquina de música sintética roncava um solo de supertrombone.

- Viva, Fanny! - disse Lenina à rapariga que tinha o cabide e o armário contíguos aos seus.

Fanny trabalhava na Sala de Enfrascamento e o seu apelido era igualmente Crowne. Mas como os dois biliões de habitantes do Planeta apenas podiam dispor de dois mil nomes, a coincidência nada tinha de èxtraordinário.

Lenina puxou os seus fechos éclair: para baixo, na blusa; para baixo com as duas mãos, nos que apertavam as calças; para baixo, mais uma vez, para soltar a roupa interior. Conservando sempre os sapatos e as meias, dirigíu-se para as salas de banho.

- O lar, a casa, algumas divisões exíguas, nas quais habitavam, empilhados até à sufocação, um homem, uma mulher periodicamente grávida, um rancho de crianças, rapazes e raparigas de todas as idades. Sem ar nem espaço. Uma prisão insuficientemente esterilizada: a obscuridade, a doença e o mau -cheiro.

(A evocação do Administrador era tão viva que um dos rapazes, mais sensível que os outros, empalideceu e, só com a descrição, esteve a ponto de vomitar.) Lenina saiu do banho, enxugou-se com a toalha, pegou num longo tubo flexível que saía da parede, colocou a abertura contra o peito como se tentasse suicidar-se e carregou num gatilho. Uma onda de ar aquecido polvilhou-a de finíssimo talco. Havia um distribuidor de oito perfumes diferentes e de água-de-colónia com pequenas torneiras por cima do lavatório. Abriu a terceira a contar da esquerda, impregnou-se de Chypre e, levando na mão as meias e os sapatos, saiu para verificar se algumO dos aparelhos de

vibromassagem por vácuo estava livre.

- E o lar era tão sujo psíquica como fisicamente. Psiquicamente era uma coelheira, uma fossa de estrume, aquecido pelos detritos da vida que nele se empilhava, fumegante das emoções que dele se exalavam. Que intimidades obscenas entre os membros do grupo familiar! Semelhante a uma louca furiosa, a mãe, criava os seus filhos (os seus filhos ...), criava-os como uma gata... mas como uma gata que falasse, uma gata que dissesse e repetisse vezes sem conta: "O meu bebé!... O meu bebé! ... O meu bebé!", e depois: "Oh, oh, no meu peito as mãozinhas - essa fome e esse prazer indizivelmente doloroso! Até que enfim, o meu bebé adormece, o meu bebé adormece, uma gota de leite, branco ao canto da boca! O meu bebezinho dorme ..."

Sim - disse Mustafá Mond, sacudindo a cabeça -, é com razão que os senhores estremecem.

- Com quem sais esta tarde? - perguntou Lenina ao voltar da sua vibromassagem, brilhante como uma pérola iluminada interiormente, rosada e lustrosa.

- Com ninguém. Lenina admirou-se.

- Há já algum tempo que não me sinto bem - explicou Fanny. - O Dr. Wells aconselhou-me a tomar um sucedâneo de gravidez.

- Mas, minha querida, tens apenas dezanove anos. O primeiro sucedâneo de gravidez só é obrigatório aos vinte e um.

- já sei, querida. Mas há pessoas que se dão melhor começando mais cedo. O Dr. Wells disse-me que as morenas de bacia larga, como eu, deveriam tomar o seu primeiro sucedâneo de gravidez aos dezassete anos. De maneira que, na realidade, estou atrasada, e não adiantada, dois anos.

Abriu a porta do seu armário e mostrou a fila de caixas e frascos rotulados que se alinhavam na prateleira superior.

- XAROPE DE CORPUS LUTEUM - Lenina lia os nomes em voz alta. - OVARINA FRESCA GARANTIDA: NÃO DEVE SER UTILIZADA DEPOIS DE 1 DE AGOSTO DE 632 N. F.

EXTRACTO DE GLÂNDULA MAMÁRIA: TOMAR TRÊS VEZES POR DIA, ANTES DAS

REFEIÇÕES, COM UM POUCO DE ÁGUA. PLACENTINA: PARA INJECÇÕES ENDOVENOSAS

EM DOSES DE 5 CC, DE TRÊS EM TRÊS DIAS... Puff! - fez Lenina com um arrepio. - Como detesto esta história das injecções endovenosas! E tu?

- Eu também. Mas quando são precisas... Fanny era uma rapariga notavelmente razoável.

- Nosso Ford - ou Nosso Freud, como, por qualquer impenetrável razão, ele gostava de se chamar

quando falava de questões psicológicas -, Nosso Freud foi o primeiro a revelar os tenebrosos perigos da vida familiar. O mundo estava cheio de pais e, por consequência, cheio de miséria; cheio de mães e, por consequência, de toda a espécie de perversões, desde o sadismo até à castidade; cheio de irmãos, de irmãs, de tios, de tias - cheio de loucura e suicídio.

- E, no entanto, entre os selvagens de Samoa, em certas ilhas da costa da Nova Guiné...

O sol tropical envolvia como mel tépido os corpos nus das crianças que brincavam entre flores de hibisco. O lar era qualquer daquelas vinte casas com telhado de folhas de palmeira. Nas ilhas Trobriand a concepção era obra dos espíritos ancestrais; nunca ninguém ouvira falar num pai.

- Os extremos - disse o Administrador - tocam-se, pela excelente razão de serem obrigados a tocarem-se.

- O doutor Wells afirma que um tratamento de três meses com sucedâneo de gravidez feito agora trará grande díferença à

minha saúde nos próximos três ou quatro anos.

- Espero que ele tenha razão - disse Lenina. - Mas, Fanny, julgas realmente que durante os proximos três meses não poderás ... ?

- Oh! Não, minha querida. Apenas uma semana ou duas. ino máximo. Passarei as noites no clube jogando o bridge muscal. Vais sair, não?

Lenina acenou afirmativamente com a cabeça.

- Com quem?

- Henry Foster.

- Ainda? - O rosto de Fanny, arredondado e bondoso, tomou uma expressão de admiração penosa e desaprovadora. Queres de facto dizer que vais sair ainda com Henry Foster?

- Mães e pais, irmãos e irmãs. Mas havia também maridos, mulheres e amantes. E também havia monogamia e sentimentos romanescos. Se bem que, provavelmente, os senhores não saibam o que é tudo isso - disse Mustafá Mond. Acenaram com a"" cabeça negatívamente. - A família, a monogamia, o romanesco. Por toda a parte o sentimento do exclusivo, por toda a parte a concentração de interesses sobre um único assunto, uma estreita canalização dos impulsos e da energia. "Mas cada um pertence a todos os outros", concluiu, citando o provérbio hipnopédico.

Os estudantes concordaram com um sinal de cabeça, marcando vigorosamente o seu acordo a uma afirmação que mais de sessenta e duas mil repetições lhes@ tinham feito aceitar, não,

simplesmente como verdadeira, mas como axiomática, evidenteO em si, totalmente indiscutível.

- Mas, afinal - protestou Lenina não há ainda quatro meses que ando com Henry.

- Não há ainda quatro meses! Está boa! E, além disso - continuou Fanny, apontando para ela um dedo acusador -, não houve mais ninguém, além de Henry, durante esse tempo todo, não é verdade?

Lenina fez-se vermelha, mas os seus olhos, o tom da sua voz, continuaram desafiadores.

- Não, não houve mais ninguém - respondeu, quase com cólera. - E não vejo por que razão devia ter havido.

- Ah! Ela não vê então porque não devia ter havido - repetiu Fanny, como se se dirigisse a um invisível auditório atrás do ombro esquerdo de Lenina. Depois, mudando subitamente de tom: - Mas, a sério - disse -, acho, francamente, que devias tomar atenção. É uma horrível conduta essa, com um só homem. Aos quarenta anos, ou mesmo aos trinta e cinco, isso não seria tão mau. Mas com a tua idade, Lenina, Não, com franqueza, isso não se faz. E tu sabes bem como o D. I. C. se opõe a tudo que seja intenso ou que dure muito. Quatro meses com Henry Foster, sem ter um outro homem... ele ficaria furioso, se soubesse ...

- Imaginem água sob pressão num tubo. - Eles imaginaram. - Faço-lhe um furo - disse o Administrador.

- Um enorme jacto!

Furou-o vinte vezes. Obteve vinte pequenos e mesquinhos jactos de água.

- Meu bebé! Meu bebé!

- Mãezinha! A loucura é contagiosa.

- Meu amor, meu pequenino, meu pequenino querido, meu tesouro, meu tesouro...

Mãe, monogamia, romanesco. A fonte jorra alto. O jacto é impetuoso e branco de espuma. O

entusiasmo tem uma única saída. Meu amor, meu bebé. Nada de espantoso que esses pobres pré-modernos fossem loucos, cruéis e miseráveis. O seu mundo não lhes permitia tomar as coisas ligeiramente, não lhes permitia serem sãos de espírito, virtuosos, felizes. Com as suas mães e os seus amantes, com as suas proibições, para as quais não estavam condicionados, com as suas tentações e os seus remorsos solitários, com todas as suas doenças e a sua dor, que os isolava infinitamente, com as suas incertezas e a sua pobreza, eram obrigados a sentir violentamente as coisas. E, sentindo-as violentamente (violentamente e, o que é pior, na solidão, no isolamento desesperadamente individual), como podiam ser estáveis?

- Bem entendido, não é necessário que o abandones. Arranja outro de vez em quando, e está tudo resolvido. Ele tem

outras mulheres, não é verdade? Lenina concordou.

- Ora aí está! Podes contar com que Henry Foster se comportará sempre como um homem educado, sempre correcto. E, além disso, é preciso contar com o Director. Sabes a importância que ele dá a essas coisas...

- Ele deu-me uma palmada no traseiro esta tarde - disse Lenina, concordando com a cabeça.

- Pois, pois. já vês! - Fanny assumiu um tom triunfal. Isso mostra-te bem quais são as suas ideias: o mais absoluto respeito pelas convenções.

- A estabilidade - disse o Administrador a estabilidade. Não há civilização sem estabilidade social.

Não há estabilidade social sem estabilidade individual. A sua voz era uma trombeta. Ouvindo-a, eles sentiam-se maiores, mais reconfortados.

- A máquina gira, gira e deve continuar a girar eternamente. Se ela pára, é a morte. Eram um bilião a esgravatar a terra. As engrenagens começaram a girar. Ao fim de cento e cinquenta anos eram dois biliões. Pararam todas as engrenagens. Ao fim de cento e cinquenta semanas apenas eram, novamente, um bilião: mil milhares de milhares de homens e mulheres tinham morrido de fome. É preciso que as engrenagens girem regularmente, mas elas não podem girar sem serem convenientemente cuidadas. É

necessário que haja homens para tratar delas, tão eficazes como as próprias engrenagens nos seus eixos, homens sãos de espírito, estáveis na sua satisfação. Gritando: "Meu filho, meu filho, minha mãe, meu verdadeiro, meu único amor", gemendo -" « Meu pecado, meu Deus terrível", uivando de dor, delirando de febre, temendo a velhice e a pobreza, como podem eles cuidar das engrenagens? E, se não podem cuidar das engrenagens..., seria difícil enterrar ou queimar os cadáveres de mil milhares de homens e mulheres.

- E, além disso - o tom de voz de Fanny tornou-se amistoso -, não há nada de desagradável ou de doloroso no facto de teres um ou dois homens além de Henry. Nessas condições, deves ser um pouco mais acessível a todos ...

- A estabilidade - insistia o Administrador -, a estabilidade. A necessidade fundamental e última. A estabilidade. Dela resulta tudo isto ...

Com um gesto da mão apontou os jardins, o enorme edifício do Centro de Condicionamento, as crianças nuas escondidas entre as moitas ou correndo na relva.

Lenina sacudiu a cabeça.

- Não sei como isto aconteceu - disse ela, um pouco envergonhada -, mas o facto é que já há algum tempo que não sinto muita disposição para ser ... acessível a todos. Há momentos em que não estamos dispostos a isso ... Nunca sentiste isso, Fanny?

Fanny, com um gesto de cabeça, expremiu a sua simpatia e compreensão.

- Mas é preciso fazer o esforço necessário - disse sentenciosamente -, é preciso conduzirmo-nos convenientemente. Além disso, cada um pertence a todos os outros.

- Sim, cada um pertence a todos os outros... - Lenina repetiu lentamente a fórmula e, suspirando, calou-se um momento. Depois, agarrando a mão de Fanny, apertou-lha docemente.

- Tens razão, Fanny. Como de costume. Vou fazer o esforço necessário.

Reprimido, o impulso transborda e, espalhada a torrente, é o sentimento; espalhada a torrente é a paixão; espalhada a torrente, é a própria loucura: tudo isso depende da força da corrente, da altura e da resistência da barragem. O ribeiro sem obstáculos corre única e simplesmente ao longo dos canais que lhe foram destinados, em direcção a uma calma euforia. O embrião tem fome: do principio ao fim do dia, a bomba de pseudo-sangue dá, sem parar, as suas oitocentas voltas por minuto. O bebé decantado berra. Imediatamente uma enfermeira aparece COM um biberão de secreção externa. O sentimento está à espreita durante o intervalo de tempo que separa o desejo da satisfação. Reduza-se esse intervalo, derrubem-se todas essas velhas e inúteis barragens.

- Feliz gente nova! - disse o Administrador. - Nenhum trabalho foi poupado para tornar a vossa vida emotivamente

fácil, para a preservar, tanto quanto possível, até das próprias emoções.

- Ford está na sua carripana - murmurou o D. I. C. -, tudo vai bem pelo mundo(*).

- Lenina Crowne - disse Henry Foster, repetindo como um eco a pergunta feita pelo predestinador adjunto, enquanto fechava o fecho éclair das suas calças. - Oh! É uma magnífica rapariga.

Maravilhosamente pneumática. Admiro-me como você ainda não se deitou com ela.

- De facto, não sei como isso foi - disse o predestinador adjunto. - Fá-lo-ei certamente... na primeira ocasião.

Do seu lugar, no lado oposto do vestiário, Bernard Marx ouviu a conversa e empalideceu.

- Pois, a dizer a verdade - afirmou Lenina -, começo a sentir um certo aborrecimento por não ter mais ninguém, todos os@ dias, a não ser Henry. - Calçou a meia esquerda. - ConheceS Bernard Marx? -

perguntou num tom em que a excessiva indiferença era evidentemente forçada.

Fanny teve um sobressalto de surpresa.

- Não pretendes dizer que?...

- Porque não? Bernard é um Alfa-Mais. Além disso, convidou-me a ir com ele a uma Reserva de Selvagens. Sempre desejei@ ver uma Reserva de Selvagens.

- Mas então e a reputação que ele tem?

- Que me interessa a sua reputação?

- Diz-se que ele não gosta do golf de obstáculos.

- Diz-se, diz-se... - troçou Lenina.

- E depois, ele passa a maior parte do seu tempo só... só... - Havia uma entonação horrorizada na voz de Fanny.- Pois bem! Ele não estará só quando estiver comigo. E@ além disso, porque são todos tão desagradáveis para ele? Por

mim, acho-o bastante simpático.

Sorriu para si própria. Como ele fora ridiculamente tímido! Tão atrapalhado como se ela fosse um Administrador Mundial e ele um mecânico Gama-Menos.

- Considerem a vossa própria existência - disse Mustafá Mond. - Algum de vocês encontrou, porventura, um obstáculo insuperável?

Feita a pergunta, a resposta foi um silêncio negativo. - Algum dos senhores foi já obrigado a esperar um longo intervalo de tempo entre a consciência de um desejo e a sua satisfação?

- Bem, eu... - começou um dos rapazes. Depois hesitou.

- Diga - ordenou o D. I. C. - Não faça Sua Forderia esperar.

- Uma vez tive de aguardar perto de quatro semanas antes que uma rapariga que eu desejava se resolvesse a deixar-me possuí-la.

- E o senhor sofreu, em consequência, uma forte comoção?

- Era horrível!

- Horrível... precisamente - disse o Administrador. - Os nossos antepassados eram tão estúpidos e tinham a visão tão curta que quando os primeiros reformadores lhes ofereceram a libertação dessas horríveis comoções recusaram entrar em qualquer espécie de relações com eles.

« Eles falam dela como se falassem de um pedaço de carne.» Bernard rangeu os dentes. « Tive-a aqui, tive-a ali! Como carneiros! Degradam-na para a categoria de uma quantidade equivalente de carneiros!

Ela disse-me que ia reflectir, disse que ia dar-me uma resposta esta semana. Oh, Ford, Ford, Ford!»

Teria gostado de os pisar, de os esbofetear, esbofetear com força, com rijas bofetadas. - Pois claro, francamente, aconselho-o a experimentar - dizia Henry Foster.

- Tomem como exemplo o caso da ectogénese. Pfitzner e Kawaguchi elaboraram uma teoria completa.

Mas dignaram-se os Governos deitar-lhe um olhar? Não. Havia uma coisa que se (*) O original inglês é uma paródia a um conhecido verso de Browning. Tentámos dar aqui o mesmo efeito de surpresa, no entanto quase impossível em português. (N. do T.) 25

chamava cristianismo. Era preciso que as mulheres continuassem a ser vivíparas.

- Ele é tão feio! - disse Fanny.

- Mas tem um ar que muito me agrada.

- E depois, tão pequeno! - Fanny fez uma careta. A pequena estatura era uma coisa tão horrivelmente, tão tipicament própria das castas inferiores!

- Quanto a mim, acho-o, pelo contrário, gracioso - diss Lenina. - Sente-se vontade de lhe fazer festas.

Sabes, como a um gato.

Fanny ficou escandalizada.

- Diz-se que alguém se enganou quando ele estava ainda na proveta, que julgaram que era um Gama e que puseram álcool no pseudo-sangue. É essa a razão por que ele é tão enfezado.

- Que estupidez! Lenina estava indignada.

- O ensino durante o sono foi definitivamente proibido na Inglaterra. Havia qualquer coisa chamada liberalismo. O Parlamento, se é que os senhores sabem o que isso era, votou uma lei proibindo-o.

Conservaram-se os relatórios do caso. Discursos sobre a liberdade do indivíduo. A liberdade de não servir para nada e de ser miserável. A liberdade de ser uma cunha redonda num buraco quadrado.

- Mas, meu velho, é com sinceridade, garanto-lhe. É com sinceridade... - Henry Foster deu uma palmada nas costas do predestinador adjunto. - Cada um, afinal, pertence a todos os outros.

"Cem repetições, três noites por semana, durante quatro anos", pensou Bernard Marx, que era especialista em hipnopedia. "Sessenta e duas mil e quatrocentas repetições fazem uma verdade. Que idiotas!"

- Ou então o sistema de castas. Constantemente proposto e constantemente recusado. Havia uma coisa chamada democracia. Como se os homens fossem iguais, a não ser físico-quimicamente!

- Bem, o que te digo é que vou aceitar o convite dele.

Bernard detestava-os, detestava-os. Mas eram dois, eram grandes e eram fortes.

- A Guerra dos Nove Anos começou no ano 141 de N. F.

- Mesmo que essa história de álcool no seu pseudo-sangue fosse verdadeira...

- O fosgénio, a cloropicrina, o iodo-acetato de etilo, a difenilcianarsina, o cloroformiato de triclorometilo, o sulfito de dicloroetilo. Sem falar do ácido cianídrico.

- Coisa que, simplesmente, me recuso a acreditar - disse Lenina, como conclusão.

- O ruído de catorze mil aviões avançando em linha de combate. Mas, no Kurfurstendamm e no Oitavo Bairro a explosão das bombas de antracite é apenas um pouco mais ruidosa que o estouro de um saco de papel.

Porque gostava muito de ver uma Reserva de Selvagens.

CH3 C6 H2 (NO2)3+Hg (CNO)2=quê, em suma? Um enorme buraco no solo, um monte de alvenaria, alguns fragmentos de carne e de muco, um pé ainda calçado com o sapato voando e tornando a cair ...

flac - no meio de gerânios, gerânios vermelhos. Que esplêndido espectáculo, nesse Verão!

- És incorrigível, Lenina. Renuncio a dar-te conselhos.

- A técnica russa para contaminar os alimentos era particularmente engenhosa.

Virando as costas uma à outra, Fanny e Lenina continuaram silenciosamente a mudar de fato.

- A Guerra dos Nove Anos, o Grande Desmoronamento Económico Mundial e a destruição. Entre a estabilidade e ...

- Fanny Crowne é também uma simpática rapariga - dis o predestinador adjunto.

Nos infantários, a lição do Curso Elementar de Noção Classes Sociais terminara. Agora as vozes adaptavam a procura futura à futura oferta industrial. « Como gosto de andar de avião» , murmuravam elas, « como gosto de ter fatos novos, como gosto de ... »

- O liberalismo, é claro, tinha perecido sob a antracimas, apesar de tudo, as coisas não podiam ser feitas com violência.

- Ela está muito longe de ser tão pneumática como Lenin, Oh, muito longe!

« Os fatos velhos são detestáveis» , continuava o infatigável murmúrio. « Nós deitamos sempre fora os fatos velhos. Mais vale destruir que conservar, mais vale destruir ... »

Para governar, é necessário deliberar, e não perseguir.

Governa-se com o cérebro, nunca com os punhos. Houve, por exemplo, o regime de consumo obrigatório...

- Estou pronta - disse Lenina. Mas Fanny continuava caída e de costas voltadas. - Façamos as pazes, minha pequena Fanny.

- Cada homem, cada mulher e cada criança tinha obrigação de consumir uma determinada quantidade por ano. No interesse da indústria. O resultado ...

« Mais vale destruir que conservar. Quanto mais se remenda, pior se fica. Quanto mais se remenda ... »

- Um destes dias - disse Fanny com voz triste - ainda te acontece qualquer aborrecimento.

A objecção de consciência em grande escala. Qualquer coisa servia para não consumir. O regresso à Natureza.

- Como gosto de andar de avião, como gosto de andar de avíão. »

- O regresso à cultura. Sim, autenticamente à cultura. Não se pode consumir muito se se fica tranquilamente sentado a ler livros.

- Achas que fico bem assim? - perguntou Lenina. Tinha uma blusa de acetato verde-garrafa, guarnecida de pele de viscose verde nos punhos e na gola.

- Oitocentos praticantes da vida simples foram abatidos à metralhadora em Goldens Green.

"Mais vale destruir que conservar, mais vale destruir que conservar."

Um calção curto de veludo verde e meias de lã de viscose brancas, dobradas no joelho.

- Depois houve o célebre massacre do Museu Britânico. Dois mil fanáticos da cultura mortos com gases de sulfito de dicloroetilo.

Um boné de jóquei verde e branco protegia os cabelos de Lenina; os seus sapatos eram verde-vivos e extraordinariamente brilhantes.

- Finalmente - disse Mustafá Mond -, os Administradores verificaram a ineficácia da violência. Os métodos mais lentos, mas infinitamente mais seguros, da ectogénese, do condicionamento neopavloviano e da hipnopedia...

À volta da cintura levava um cinto de pseudomarroquim

verde com guarniÇões de prata, cheia (pois Lenina não era nenhuma neutra) de preservativos.

- Utilizaram-se enfim as descobertas de Pfitzner e de Kawaguchi. Uma intensa propaganda contra a reprodução vivípara ...

- Maravilhoso! - disse Fanny, entusiasticamente. Nunca podia resistir muito tempo ao encanto de Lenina. - E que amor de cinto maltusiano!

- Acompanhada por uma campanha contra o passado, pelo encerramento dos museus, pela destruição dos monumentos históricos (felizmente, a maioria deles tinha sido já destruídaO durante a Guerra dos Nove Anos), pela supressão de todos os livros publicados antes do ano 150 de N. F.

- Gostava de arranjar um igual - disse Fanny.

- Havia umas coisas chamadas pirâmides, por exemplo.

- O meu velho cinto de couro preto ...

- E um homem chamado Shakespeare. Nunca ouviram falar dele, naturalmente...

- O meu velho cinto é detestável.

- Tais são as vantagens de uma educação verdadeirament científica.

"Quanto mais se remenda, pior se fica. Quanto mais se remenda, pior se ..."

- A introdução do primeiro modelo T de Nosso Ford ...

- Tenho-o quase há três meses.

- Escolhida como data de origem da nova era.

"Mais vale destruir que conservar. Mais vale destruir... "

- Havia, como já disse, uma coisa chamada cristianismo ...

- Absolutamente essenciais na época da subprodução, mas, na era das máquinas e da fixação do azoto, verdadeiro crime contra a sociedade...

- Foi Henry Foster que mo ofereceu.

"Mais vale destruir que conservar ... "

- A ética e a filosofia do subconsumo...

"Como gosto de ter fatos novos. Como gosto de ter fatos novos. Como gosto de ... "

- Cortou-se a parte superior de todas as cruzes para serem transformadas em T. Havia também uma coisa chamada Deus.

- É pseudomarroquim autêntico.

- Actualmente temos o Estado Mundial. E as Cerimónias do Dia de Ford, e os Cantos em Comum, e as Práticas da Solidariedade.

"Ford! Como os detesto!", pensava Bernard Marx.

- Havia uma coisa chamada Céu. Mas, apesar de tudo, bebiam enormes quantidades de álcool.

"Como carne, tal como carne."

- Havia uma coisa chamada alma e uma coisa chamada imortalidade.

- Pergunta a Henry onde o comprou.

- Mas tomavam cocaína e morfina ...

"Mas o que torna a coisa ainda mais dolorosa, é que ela mesma se considera como carne. "

- Dois mil especialistas em farmacologia e em biologia foram contratados pelo Estado no ano 17 de N.

F.

- Tem um aspecto sinistro - disse o predestinador adjunto designando Bernard Marx.

- Seis anos mais tarde, foi produzido comercialmente o medicamento perfeito.

Vamos arreliá-lo.

Eufórico, narcótico, agradavelmente alucinante.

Carrancudo, Marx, carrancudo! - A palmada nas costas fê-lo sobressaltar-se e erguer os olhos. Era esse bruto de Henry Foster. - Do que você precisa é de um grama de soma.

- Todas as vantagens do cristianismo e do álcool; nenhum dos seus defeitos.

"Ford! Como gostava de o matar!" Mas contentou-se em responder: - Não, obrigado. - E recusou o tubo de comprimidos que lhe era oferecido.

- Podem obter uma fuga da realidade cada vez que disso sentirem necessidade e voltar a ela sem a menor dor de cabeça nem vestígios de mitologia.

- Tome - insistiu Henry Foster -, tome...

- A estabilidade estava, assim, assegurada.

- Com um centicubo, curados dez sentimentos - disse o predestinador adjunto, citando uma fórmula de sabedoria hipnopédica elementar.

- Apenas faltava vencer a velhice.

- Bolas! Não me chateiem! - gritou Bernard Marx.

- Pérépépé.

- As hormonas gonadais, a transfusão de sangue jovem, os sais de magnésio ...

- E lembre-se de que um grama vale mais do que o "bolas" que se chama ...

Saíram ambos, rindo.

- Todos os estigmas fisiológicos da velhice foram abolidos. E com eles, é claro ...

- Não te esqueças de lhe perguntar onde comprou esse cinto maltusiano - disse Fanny.

- Com eles todas as características mentais do velho. O carácter continua constante durante toda a vida.

« ... Que faça, antes de anoitecer, duas voltas de golf de obstáculos. Preciso de ir.»

- Tanto no trabalho como nos jogos, as nossas forças e os nossos gostos, aos sessenta anos, são o que eram aos dezassete. Os velhos, nos maus dias antigos, renunciavam, escondiam-se, entregavam-se à religião, passavam o seu tempo a ler e a pensar, a pensar!

"Porcos idiotas!", pensava Bernard Marx, caminhando pelo corredor em direcção ao elevador.

- Presentemente, e eis o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento para fugir ao prazer, para se sentarem e pensar, ou se alguma vez, por um desastroso acaso, uma tal falha no tempo se escancarasse na substância sólida das suas distracções, há sempre o

soma, o delicioso soma, meio grama para uma folga de meio dia, um grama para um fim-de-semana, dois gramas para uma viagem ao sumptuoso Oriente, três para uma sombría eternidade na Lua. E, ao voltarem, encontram-se no outro lado da falha, em segurança sobre o solo firme das distracções e do trabalho quotidiano, indo de cinema perceptível em cinema perceptível,O de mulher pneumática em mulher pneumática, de campo de golf electromagnético em...

- Vai-te embora, miúda! - gritou irritadamente o D. I. C. -

Põe-te a andar, miúdo! Não vêem que Sua Forderia está ocupado? Vão para outro sítio fazer os vossos jogos eróticos.

Pobres crianças! - disse o Administrador.

Lentamente, majestosamente, com um leve zunido de máquinas, os transportadores avançavam, à razão de trinta e três centímetros e um terço por hora. Na obscuridade vermelha inúmeros rubis cintilavam.

CAPÍTULO QUARTO

O elevador estava cheio de homens que vinham dos vestiários dos Alfas e a entrada de Lenina foi acolhida com numerosos acenos de cabeça e sorrisos amigáveis. Era uma rapariga com quem toda a gente simpatizava e que, numa altura ou noutra, passara uma noite com quase todos eles.

« Simpáticos rapazes - pensava ela, enquanto correspondia aos cumprimentos. - Rapazes encantadores!» No entanto, teria preferido que as orelhas de George Edzel não fossem tão grandes.

(Não lhe teriam dado uma gota de paratiróide a mais no metro trezentos e vinte e oito?) E, olhando para Benito Hoover, não pôde evitar de se lembrar de que ele era, de facto, muito peludo quando estava nu.

Voltando-se, o olhar um pouco entristecido pela recordação dos pêlos negros e encaracolados de

Benito, notou num canto o pequeno e magro corpo e o rosto melancólico de Bernard Marx.

- Bernard! - Dirigiu-se a ele. - Andava à sua procura. - A voz clara de Lenina dominava o ruído do elevador em movimento. Os outros voltaram-se, curiosos. - Queria falar-lhe do nosso projecto de visita ao Novo México... - Pelo canto do olho observava Benito Hoover, a quem o espanto deixara de boca aberta. Isso irritou-a. « Ele está admirado por eu não lhe ter ido mendigar o direito de o acompanhar de novo!» , pensou. Depois, em voz alta e mais calorosamente que nunca, acrescentou: - Ficarei encantada por lá ir consigo, durante oito dias, em Julho. - Dessa maneira, manifestava publicamente a sua infidelidade a Henry. Fanny devia ficar satisfeita, embora se tratasse de Bernard. - Isto - e Lenina dirigiu-lhe o seu sorriso mais deliciosamente significativo - se ainda estiver interessado em mim...

O pálido rosto de Bernard enrubesceu. « Por que razão@» , pensou ela, admirada, mas ao mesmo tempo lisonjeada por essa

estranha homenagem ao seu poder.

- Não será melhor falarmos disso noutro sítio? - balbuciou ele, com ar incrivelmente embaraçado.

« Como se eu tivesse dito qualquer coisa de inconveniente pensou Lenina. - Ele não poderia ter um ar mais embaraçado se eu tivesse dito uma obscenidade, se lhe tivesse perguntado quem era a mãe dele, ou qualquer outra coisa no género.»

- Quero dizer ... com toda esta gente à nossa volta... - A confusão apertava-lhe a garganta.

O riso de Lenina foi franco e totalmente isento de maldade.

- Como você é engraçado! - disse. E, muito sinceramente, achava-o engraçado. - Previna-me, pelo menos, com oito dias de antecedência, sim? - continuou, noutro tom. - Suponho que tomaremos o Foguete Azul do Pacífico. Parte da torre de Charing-T?(*) Ou de Hampstead?

Antes que Bernard pudesse responder, o elevador parou.

- Terraço! - gritou uma voz áspera.

O encarregado do elevador era um pequeno ser simiesco, vestido com a blusa negra de um semiaborto Epsilão-Menos.

- Terraço! Abriu as portas de par em par. O calor triunfal do sol da tarde fê-lo sobressaltar e piscar os olhos. « Ah, terraço» , repetiu com voz satisfeita. Dir-se-ia que acabava súbita e alegremente de acordar de um negro torpor aniquilante. « Terraço!»

Levantou os olhos, sorrindo, para os rostos dos seus passageiros, com uma espécie de adoração de cão esperando uma carícia. Conversando e rindo entre si, saíram para o terraço. O encarregado do ascensor seguiu-os com o olhar. - Terraço? - disse ainda uma vez em tom interrogativo.

Uma campainha soou e do tecto do ascensor um alto-falante começou num tom suave mas, no entanto, imperioso, a dar ordens.

« Descer - dizia ele. - Descer. Décimo oitavo andar. Descer.

Décimo oitavo andar. Descer, descer ... »

O encarregado do ascensor fechou as portas, carregou num botão e mergulhou imediatamente na penumbra zunidora da gaiola, na penumbra do seu próprio torpor habitual.

No terraço havia calor e claridade. A tarde de Verão estava como que adormecida sob o zumbido dos helicópteros que passavam; o rugido mais grave dos aviões-foguetes que passavam, invisíveis, através do céu luminoso, nove ou dez quilómetros mais acima, parecia uma carícia no ar tépido. Bernard Marx respirou profundamente. Ergueu os olhos para o céu, circunvagando o horizonte azul, e finalmente mergulhou o olhar no rosto de Lenina.

- Que bela tarde, hem! - A voz tremia-lhe um pouco. Ela dirigiu-lhe um sorriso que traduzia a mais simpática compreensão.

- Esplêndida para o golf de obstáculos - respondeu com satisfação. - E agora tenho de ir, Bernard.

Henry não gosta de que o façam esperar... Previna-me com tempo sobre a data... - E, acenando com a mão, afastou-se correndo, atravessando o vasto terraço em direcção aos hangares.

Bernard ficou parado, a contemplar as cintilações, cada vez mais distantes, das meias brancas, o movimento das pernas tostadas caminhando com vivacidade e os meneios mais doces dos calções de veludo curtos, bem justos, sob a blusa verde-garrafa. Tinha uma expressão dolorosa no rosto.

- Ela é bem bonita, não acha? - disse uma voz forte e alegre, precisamente atrás dele.

Bernard estremeceu e virou a cabeça. A face avermelhada e gorducha de Benito Ho over.sorria para ele, radiante, radiante de manifesta cordialidade. Benito era notoriamente conhecido pelo seu bom carácter. Dizia-se dele que poderia passar toda a vida sem tomar um grama de soma. A maldade, os acessos de mau humor, aos quais os outros não podiam escapar senão por meio de fugas de esquecimento, nunca o atingiam. A realidade, para Benito, era sempre cheia de sol.

- Muito pneumática também! - Depois continuou, noutro tom: - Mas como você está com um aspecto abatido! Precisa de um grama de soma. - Metendo a mão na algibeira direita das calças, Benito tirou um frasco: - Com um centicubo, curados

(*)Trocadilho com a estação londrina de Charing-Cross, referindo a substituição das cruzes por TT. (N.

do T.)

dez senti... Ora esta! Que é que ele tem? Bernard voltara-se subitamente e fugira. Benito, admirado, seguiu-o com o olhar. « Que se passará com esta criatura?» , perguntou a si mesmo. E, meneando a cabeça, decidiu que essa história do álcool que lhe tinham posto no pseudo-sangue devia ser verdadeira. « Deve ter-lhe atingido o@ cérebro. »

Guardou o frasco de soma e, tirando da algibeira um pacote de pastilha's elásticas de hormona sexual, meteu uma na boca e dirigiu-se lentamente para os hangares, mastigando. Henry Foster tinha tirado o seu aparelho do hangar. Quando Lenina chegou, estava já sentado no lugar do piloto, à espera.

- Quatro minutos de atraso - disse, à guisa de comentário, enquanto ela subia para o seu lado.

Pôs os motores em movimento e embraiou as hélices do helicóptero.

O

aparelho saltou verticalmente no ar. Henry acelerou; o zumbido da hélice tornou-se mais agudo, passando do@ ruído de um zângão para o de uma vespa, do ruído de uma vespa para o de um mosquito. O velocímetro indicava uma subidda de cerca de dois quilómetros por minuto. Londres diminuía debaixo deles. As enormes construções de telhados planos com mesas nada mais eram, ao fim de alguns segundos, que um grupo de cogumelos geométricos surgindo da verdura dos parques e jardins. Entre eles, na extremidade de uma haste delgada, uma criptogâmica mais elevada, mais esguia, a torre de Charing-T erguia para o céu um disco de betão brilhante.

Semelhantes a vagos torsos de atletas fabulosos, enormes, nuvens maciças flutuavam preguiçosamente no ar azul por cima das suascabeças. De uma delas saiu subitamente um pequeno insecto vermelho, zumbindo durante a queda.

- Eis o Foguete Vermelho - disse Henry - que vem de Nova Iorque. - Olhou o relógio. - Sete minutos de atraso acrescentou, meneando a cabeça. - Estes serviços do Atlântico ... São de uma falta de pontualidade verdadeiramente escandalosa!

Tirou o pé do acelerador. O zumbido das hélices sobre as suas cabeças baixou uma oitava e meia, passando, em sentido inverso, pelo ruído da vespa, do zângão, do besouro, do lucano.

A velocidade ascensional do aparelho diminuiu; pouco depois estavam suspensos e imóveis no ar.

Henry empurrou uma alavanca e ouviu-se um pequeno estalo. Primeiro lentamente, depois cada

vez mais depressa, até não ser mais que uma bruma circular em frente dos seus olhos, a hélice de propulsão que estava à frente começou a girar. O vento da velocidade horizontal silvou ainda mais agudamente nas varas metálicas. Henry tinha o olhar fixo no marcador de voltas; quando o ponteiro indicou duzentas, desembraiou as hélices do helicóptero. O aparelho tinha então suficiente força horizontal para poder voar.

Lenina olhou pela janela aberta no chão, entre os seus pés. Sobrevoavam a zona de seis quilómetros de terreno reservado aos parques que separavam Londres-Central da sua primeira cintura de arredores satélites. Florestas de torres de bola centrífuga brilhavam entre as árvores. Perto de Shepherd's Bush, dois mil pares de Betas-Menos jogavam ténis, em pares-mistos, nos terrenos de Riemann. Uma dupla fila de campos de bola escalator marginava a auto-estrada, desde Notting Hill até Willesden. No estádio de Ealing realizava-se uma festa de ginástica e de cantos em comum para Deltas.

- Que horrível cor, o caqui - observou Lenina, exprimindo os preconceitos hipnopédicos da sua casta.

Os edifícios do Estúdio de Cinema Perceptível de Hounslow ocupavam sete hectares e meio. Próximo deles, um exército de trabalhadores, vestidos de negro e de caqui, ocupava-se a revitrificar a superfície da Auto-Estrada Ocidental. Abria-se o orifício de escoamento de um dos enormes cadinhos móveis no momento em que eles o sobrevoavam. A pedra fundida espalhava-se na estrada numa vaga de ofuscante incandescência; os rolos compressores de amianto Iam e vinham; na retaguarda de uma pulverizadora termicamente isolada, o vapor elevava-se em

nuvens brancas.

Em Brentford, as instalações da Companhia Geral de Televisão pareciam uma pequena cidade.

- Devem estar na altura de mudar de turnos- disse Lenina. Tais como afídios e formigas, as raparigas Gama, de verde-folha, os semiabortos, de negro, apresentavam-se em volta das entradas ou faziam bicha para tomar lugar nos comboios monocarril. Betas-Menos cor de amora iam e vinham entre a multidão.

O terraço do edifício principal estava efervescente com a chegada e a partida dos helicópteros.

- Safa! - disse Lenina. - Estou muito contente por não ser uma Gama.

Dez minutos mais tarde estavam em Stoke Poges e tinham começado a primeira volta de golf de obstáculos.

Conservando os olhos baixos a maior parte do tempo e desviando-os imediatamente se, por acaso, caíam sobre os seus semelhantes, Bernard apressou-se a atravessar o terraço. Parecia-se com um homem que fosse perseguido, mas perseguido por inimigos que não queria ver, temendo

que eles lhe parecessem ainda mais temíveis do que havia imaginado, e que, portanto, lhe fizessem experimentar uma sensação de maior culpa e de ainda mais profunda solidão.

« Esse antipático Benito Hoover!» E, no entanto, o rapaz agira, em suma, com boa intenção. O que era ainda pior, considerando as coisas sob um certo ponto de vista. Os que tinham boas intenções conduziam-se da mesma maneira que os que tinham más. A própria Lenina fazia-o sofrer. Lembrou-se dessasO semanas de tímida indecisão, durante as quais tinha contemplado, desejado, desesperando de vir alguma vez a ter coragem para a convidar. Ousaria ele correr o risco de ser humilhado por uma recusa depreciativa? Mas se ela dissesse sim, que delirante felicidade! E eis que ela lho havia dito. E

ele continuava miserável, miserável porque ela tinha achado que estava uma magnífica tarde para o golf de obstáculos, porque ela fora, sem nenhuma explicação, ter com Henry Foster, porque ela achara engraçado que não se falasse em público dos seus assuntos pessoais. Miserável, numa palavra, porque ela se conduzira como o devia fazer toda a jovem inglesa sã e virtuosa, e não de qualquer outra maneira anormal e extraordinária.

Abriu a porta do seu hangar privativo e ordenou a dois empregados Deltas-Menos que estavam preguiçando que trouxessem o seu aparelho para o terraço. Os hangares eram servidos por um único grupo Bokanovsky, e esses homens eram gémeos, identicamente pequenos, negros e detestáveis.

Bernard deu as suas ordens no tom ríspido, um pouco arrogante, e mesmo ofensivo, daquele que não se sente muito seguro da sua superioridade. Ter relações com representantes das classes inferiores era sempre, para Bernard, uma sensação desagradável. Pois, qualquer que tivesse sido a causa (e podia ser muito bem que os rumores que corriam a respeito do álcool do seu pseudo-sangue fossem exactos -

apesar de tudo, acontecem sempre acidentes), o físico de Bernard não era muito melhor que o de um Gama-Médio. Tinha oito centímetros a menos que a altura regulamentar dos Alfas e era proporcionalmente delgado. O contacto com representantes das classes inferiores lembrava-lhe sempre dolorosamente essa insuficiência física. « Eu sou eu, e bem gostaria de o não ser. » O sentimento do eu era nele intenso e desolador. Cada vez que tinha de olhar para um Delta à altura dos seus olhos, em vez de baixar o olhar, sentia-se humilhado. Tratá-lo-ia essa criatura com o respeito devido à sua casta? Esta pergunta obcecava-o. E não sem razão, pois os Gamas, os Deltas e os epsilões tinham sido condicionados até um certo ponto de maneira a associar a massa corporal com a superioridade social.

De facto, um ligeiro preconceito hipnopédico em favor da estatura era universal. Daí o riso das mulheres a quem ele fazia propostas, as partidas que lhe pregavam os seus iguais. @Sob o efeito da troça, sentia-se um pária e, sentindo-se um pária, conduzia-se como tal, o que fortalecia a prevenção contra ele e intensificava o desprezo e a hostilidade que os seus defeitos físicos despertavam. Coisa que, por sua vez, aumentava o sentimento que experimentava de ser estranho e solitário. Um temor crónico de ser desprezado fazia-o evitar os seus iguais e tomar em relação

aos inferiores uma atitude cheia de dureza e de exacerbado sentimento do seu eu. Como invejava amargamente homens como Henry Foster e Benito Hoover! Homens que nunca eram obrigados a dirigirem-se a um Epsilão gritando para serem obedecidos; homens para quem a sua posição era uma coisa evidente; homens que se moviam no sistema de castas como um peixe na água, tão perfeitamente à vontade que não tinham consciência nem de si mesmos, nem do elemento benfazejo e confortável em que viviam.

Indolentemente e de má vontade, pareceu-lhe, os empregados

33

gémeos empurraram o seu helicóptero do hangar para o terraço.

- Despachem-se! - disse Bernard, irritado. Um deles lançou-lhe um olhar. Seria troça o que ele distinguia nesses olhos, cinzentos e vazios? - Despachem-se! - gritou mais alto. A sua voz tinha um timbre desagradavelmente rouco.

Subiu para o helicóptero e um minuto depois voava para sul, em direcção ao rio.

As diversas Secções de Propaganda e o Colégio dos Engenheiros em Emoção estavam instalados no mesmo edifício de@ sessenta andares de Fleet Street. No subsolo e andares inferiores encontravam-se as tipografias e os escritórios dos três grandes jornais de Londres: O Rádio Horário, jornal para as castas superiores; A Gazeta dos Gamas, verde-pálido, e, em papel cor de caqui e exclusivamente em palavras de uma sílaba, O Espelho@ dos Deltas. Depois seguiam-se os Escritórios de PropagandaO.

pela Televisão, pelo Cinema Perceptível, pela Voz e pela Música Sintéticas, que ocupavam vinte e dois andares. Por cima estavam os laboratórios de estudos e câmaras acolchoadas onde os registadores de sons e os compositores sintéticos efectuavam seu delicado trabalho. Os dezoito últimos andares eram ocupados pelo Colégio de Engenheiros em Emoção.

Bernard poisou no terraço da Casa de Propaganda e desceu do aparelho.

- Telefone ao senhor Helmholtz Watson - ordenou ao porteiro - e diga-lhe que o senhor Bernard Marx o espera no terraço.

Sentou-se e acendeu um cigarro. Helmholtz estava a escrever quando recebeu o telefonema.

- Diga-lhe que vou imediatamente - respondeu. E desligouO o aparelho. Em seguida, virando-se para a sua secretária, conti@ nuou no mesmo tom oficial e impessoal: - Deixo ao seu cuidado a arrumação dos meus trabalhos. - E, fingindo não reparar no seu sorriso luminoso, levantou-se e dirigiu-se em passo rápido para a porta.

Era um homem solidamente constituído, de peito amplo, largas costas, maciço e, no entanto, vivo de movimentos, elástico e ágil. O pilar redondo e sólido do pescoço sustentava uma cabeça de

forma admirável. Os cabelos eram escuros e encaracolados, as feições fortemente marcadas. O seu género vigoroso e imperativo, era belo e tinha nitidamente o aspecto (como a sua secretária nunca se cansava de lhe dizer) de um Alfa-Mais até ao mais ínfimo pormenor. Exercia a profissão de regente de conferências no Colégio dos Engenheiros em Emoção (Secção de Escrita) e no intervalo das suas actividades educativas era, efectivamente, engenheiro em emoção. Escrevia regularmente no Rádio Horário, compunha cenários para filmes perceptíveis e possuía um dom incomparável para descobrir fórmulas e slogans hipnopédicos.

"Competente", tal era a opinião dos chefes a seu respeito. "Talvez (e agitavam a cabeça, baixando a voz significativamente) um pouco competente em demasia. "

Sim, um pouco competente em demasia. Eles tinham razão. Um excesso mental tinha produzido em Helmholtz Watson efeitos muito análogos aos que, em Bernard Marx, eram resultado de um defeito físico. Uma insuficiência óssea e muscular tinha isolado Bernard dos seus semelhantes e o sentimento que ele possuía de ser um indivíduo à parte era considerado, segundo as normas correntes, um excesso mental, o que, por sua vez, se tornava uma causa de afastamento mais acentuado. O que tão desagradavelmente dera a Helmholtz consciência de si próprio e de estar totalmente só era um excesso de capacidade. Estes dois homens tinham em comum a consciência de serem indivíduos. Mas enquanto Bernard, o fisicamente deficiente, sofrera toda a sua vida pela consciência de ser um indivíduo à parte, Helmholtz Watson, pelo contrário, só muito recentemente, tendo conhecimento do seu excesso mental, compreendera igualmente o que o diferenciava daqueles que o rodeavam. Esse campeão de bola escalator, esse amante infatigável (dizia-se que se tinha deitado com seiscentas raparigas diferentes em menos de quatro anos), esse admirável homem de comissões, esse camarada por todos apreciado, compreendeu subitamente que o desporto, as mulheres, as actividades de comando, nada mais eram, no que lhe dizia respeito, senão coisas sem importância. Na realidade e no fundo, interessava-se por qualquer outra coisa. Mas qual? Qual? Era esse o problema que Bernard vinha discutir com ele, ou, melhor, visto que era Helmholtz quem dizia sempre tudo o que havia a dizer, ouvir discutir o seu amigo uma vez mais.

Três encantadoras raparigas da Secção de Propaganda pela Voz Sintética caíram sobre ele quando ia a sair do elevador.

- Oh! Helmholtz, meu querido, vem connosco fazer um piquenique nos prados de Exmoor!

Agarraram-se a ele, implorantes. Ele acenou negativamente com a cabeça e desenvencilhou-se delas, abrindo passagem.

- Não, não.

- Não convidaremos outro homem. Mas Helmholtz não se deixou abalar pela deliciosa promessa.

- Não - repetiu -, tenho que fazer. - E continuou o seu caminho.

As raparigas arrastaram-se atrás dele. Apenas quando subiu para o helicóptero de Bernard e fechou a porta elas abandonaram a perseguição. E não sem recriminações.

- Estas mulheres! - disse, enquanto o aparelho se elevava no ar. - Estas mulheres! - Sacudiu a cabeça, franzindo o sobrolho. - São uma estopada!

Bernard exprimiu hipocritamente o seu acordo, mas teria desejado no momento em que pronunciava as palavras ter tantas jovens como Helmholtz, e com a mesma facilidade. Foi tomado de um súbito e urgente desejo de se gabar.

- Vou levar Lenina Crowne ao Novo México - disse no tom mais banal que lhe foi possível.

- Sério? - perguntou Helmholtz, com uma total ausência de interesse. Depois, após uma pequena pausa:

- Há uma semana ou duas que abandonei todas as minhas comissões e todas as minhas mulheres. Não calcula que complicações eles arranjaram no Colégio. O que não impede que tenha valido a pena, parece-me. Os efeitos... - Hesitou. - Bem! São bizarros, muito estranhos.

Uma insuficiência física podia produzir uma espécie de excesso mental. O processo era aparentemente reversível. O excesso mental podia produzir, para fins pessoais, a cegueira e a surdez voluntárias da solidão deliberadamente desejada, a impotência artificial do ascetismo.

O resto do caminho foi feito em silêncio. Uma vez chegados e confortavelmente instalados nos divãs pneumáticos do quarto de Bernard, Helmholtz voltou à carga.

Falando muito lentamente, perguntou:

- já sentiu alguma vez a sensação de ter em si qualquer coisa que só espera que lhe seja dada uma oportunidade para sair? Qualquer excesso de força para que não tenha utilização? Sabe bem comO é; como, por exemplo, o excedente de água que se precipita em cataratas em vez de passar pelas turbinas.

Dirigiu a Bernard Marx um olhar interrogador.

- Quer dizer: todas as emoções que se poderia experimentar se as coisas fossem outras?

Helmholtz negou com a cabeça.

- Não é bem isso. Penso numa sensação estranha que algumas vezes sinto, a sensação de ter alguma coisa de importante a dizer e o poder de a exprimir, mas sem saber o quê e sem conseguir fazer uso desse poder. Se houvesse alguma outra maneira de escrever. Ou outros assuntos a tratar... - Calou-se.

Depois continuou: - Você sabe bem que sou bastante hábil na invenção de frases, compreende, palavras de tal natureza que o façam subitamente sobressaltar, como se se tivesse sentado num alfinete, de tal maneira parecem novas e produzem um efeito de superexcitação, se bem que se refiram a uma coisa hipnopedicamente evidente. Mas isso não me parece suficiente. Não basta que as fórmulas sejam boas; o que se faz deve ser também bom.

- Mas as coisas que você faz são boas, Helmholtz.

- Oh! No seu raio de acção. - Helmholtz encolheu os ombros. - Mas é um raio de acção muito pequeno.

O que faço não é, segundo me parece, bastante importante. Tenho a sensação de poder fazer qualquer coisa muito mais importante. Sim, mais intensa, mais violenta. Mas o quê? Que há de mais importante para dizer? E como se pode demonstrar violência sobre assuntos do género que se é obrigado a tratar?

As palavras podem ser semelhantes aos raios X se delas nos servirmos convenientemente. Atravessam tudo. Lê-se e é-se atravessado. Esta é uma das coisas que tento ensinar aos meus alunos: escrever de uma maneira perfurante. Mas que diabo de interesse pode haver em alguém ser atravessado por um artigo sobre os cantos em comum ou sobre o último aperfeiçoamento dos órgãos de perfumes@ Além disso, pode-se fazer que as palavras sejam verdadeiramente perfurantes - sabe como é, uma espécie de raios X mais

duros -, quando se trata de assuntos deste género? Pode-se dizer alguma coisa a respeito de nada? Eis ao que isto se reduz, no fim de contas. Esforço-me e torno-me a esforçar ...

- Chiu! - disse subitamente Bernard, erguendo um dedo em sinal de advertência. Depois escutou. -

Creio que está alguém atrás da porta - murmurou.

Helmholtz levantou-se, atravessou o quarto na ponta dos pés e, num movimento vivo e rápido, abriu a porta para trás. Não havia ninguém, evidentemente.

- Estou desolado - disse Bernard, sentindo a desagradável sensação de ter sido ridículo. - Devo ter os nervos um pouco excitados. Quando as pessoas se mostram cheias de suspeitas a nosso respeito, começamos também a suspeitar delas. - Passou a mão pelos olhos e suspirou. A sua voz tornou-se queixosa, justificou-se: - Se soubesse o que tenho suportado desde algum tempo para cá! - disse num tom quase choroso. A pressão da sua piedade sobre si mesmo parecia uma fonte que repentinamente começasse a jorrar. - Se soubesse!

Helmholtz Watson ouviu-o com uma certa sensação de vergonha.

« Pobre Bernard!» , pensou. Mas ao mesmo tempo sentiu um pouco de constrangimento pelo seu amigo.

Teria desejado que Bernard desse provas de um pouco mais de amor-próprio.

CAPÍTULO Q UINTO

Depois das oito horas da tarde, começou a escurecer. Os alto-falantes da torre do edifício principal do clube de Stoke Poges começaram, numa voz de tenor, que tinha qualquer coisa de não humano, a anunciar o encerramento dos campos de golf. Dos prados do Trust das Secreções Internas e Externas chegavam os mugidos desses milhares de animais que forneciam, com as suas hormonas e o seu leite, as matérias-primas destinadas à grande fábrica de Farnham Royal. Um constante zumbido de helicópteros enchia o crepúsculo. Com intervalos regulares de dois minutos e meio, uma campainha e silvos agudos anunciavam a partida de mais um dos combóios ligeiros em monocarril que reconduziam do seu campo próprio à capital os jogadores de golf das castas inferiores.

Lenina e Henry subiram para o seu aparelho e partiram. A duzentos e cinquenta metros, Henry diminuiu um pouco a velocidade das hélices do helicóptero. Conservaram-se, assim, suspensos um minuto ou dois sobre a paisagem que desaparecia nas sombras. A floresta de Burnham Beeches estendia-se, como um vasto e obscuro lago, em direcção ao extremo brilhante do céu ocidental. Rubra no horizonte, a luz que ainda restava do pôr-do-sol diminuía de intensidade para cima, passando do alaranjado ao amarelo e a um pálido e líquido verde. Ao norte, além e por cima das árvores, a Fábrica de Secreções Internas e Externas projectava uma luz eléctrica e crua por cada uma das janelas dos seus vinte andares. Por baixo deles estendiam-se as construções do clube de golf, as enormes casernas das castas inferiores e, do outro lado do muro de separação, as casas mais pequenas reservadas aos sócios Alfas e Betas. As vias de acesso à estação do monocarril estavam enegrecidas pela actividade das castas inferiores, semelhante à das formigas. De sob a cúpula de vidro um comboio iluminado saiu para o espaço livre. Seguindo-lhe

o percurso, em direcção ao sudoeste, pela planície sombria, os seus olhos foram atraídos pelos majestosos edifícios do crematório de Slough. A fim de garantir a segurança dos aviões, em voo nocturno, as suas quatro altas chaminés estavam iluminadas por projectores e coroadas por sinais vermelhos de perigo. Era um ponto de referência.

- Por que razão essas chaminés têm em volta aquelas coisas que parecem varandas? - perguntou Lenina.

- Recuperação do fósforo - explicou Henry em estilo telegráfico. - Durante o seu trajecto até ao fim da chaminé, os gases sofrem quatro tratamentos distintos. Antigamente o P2 Os saía completamente da circulação cada vez que se efectuava uma cremação. Actualmente,

recupera-se mais de noventa por cento. Mais de um quilo e meio por corpo adulto. O que representa, só para a Inglaterra, qualquer coisa como quatrocentas toneladas de fósforo por ano. - Henry falava cheio de um orgulho feliz, regozijando-se de todo o coração por tal resultado, como se este fosse devido a ele. - É uma bela coisa pensar que podemos continuar a ser socialmente úteis mesmo depois de mortos. Para fazer crescer as plantas.

Lenina, entretanto, desviara os olhos e observava verticalmente, lá em baixo, a estação do monocarril.

- É uma bela coisa - concordou. - Mas é estranho que os Alfas e os Betas não façam crescer mais plantas que esses ignóbeis pequenos Gamas, esses Deltas e esses Epsilões que estão láO em baixo.

- Todos os homens são físico-quimicamente iguais - disse, Henry sentenciosamente. - Além disso, os próprios EpsilõesO desempenham funções indispensáveis.

- Mesmo um Epsilão... - Lenina recordou-se subitamente do momento em que, garotinha de escola, tinha acordado no meio da noite e compreendido pela primeira vez o que era o murmúrio que enchia todas as suas horas de sono. Reviu o luar, a fila de pequenas camas brancas; ouviu de novo a voz doce, muito doce, que dizia (as palavras lá estavam inesquecidas, inesquecíveis, ao fim de tantas repetições durante a noite): « Cada um trabalha para todos os outros. Não podemos prescindir de ninguém. Mesmo os Epsilões são úteis. Não poderíamos prescindir dos Epsilões. Cada um trabalha para todos os outros.

Não podemos prescindir de ninguém ... » Lenina lembrou-se do seu primeiro sobressalto de medo e de surpresa; as especulações do seu espírito durante a meia hora que esteve acordada, e depois, sob a influência das repetições sem fim, acalmando-se pouco a pouco, a aproximação sedativa, acariciadora, deslizando a passos aveludados, do sono... - Suponho que, no fundo, os Epsilões não se importam de ser Epsilões - disse em voz alta.

- É claro que não se importam. Como poderiam importar-se? Eles nem sequer imaginam o que é ser outra coisa. Nós sofreríamos, naturalmente. Mas também fomos condicionados de outra maneira. Além disso, começámos com uma hereditariedade diferente.

- Estou contente por não ser uma Epsilão - disse Lenina com convicção.

- Se fosse uma Epsilão - disse Henry -, o seu condicionamento tê-la-ia tornado não menos contente por não ser uma Alfa ou uma Beta.

Embraiou a hélice propulsora e dirigiu o aparelho para Londres. Atrás deles, a oeste, o carmim e o alaranjado tinham quase desaparecido; um sombrio aglomerado de nuvens aparecera no zénite. Voando por cima do crematório, o helicóptero subiu verticalmente na coluna de ar quente que saía das chaminés, para tornar a descer, também subitamente, logo que chegou à corrente de ar frio e descendente que se lhe seguia.

- Que maravilhosa montanha russa! - Lenina riu, encantada.

Mas o tom da resposta de Henry foi, por momentos, melancólico.

- Sabe o que é esta montanha russa? - perguntou. - É a desaparição final e definitiva de algum ser humano. A subida num jacto de gases quentes. Seria curioso saber quem era: um homem ou uma mulher, um Alfa ou um Epsilão... - Suspirou. Depois, num tom resolutamente alegre, concluiu: - Em todo o caso, há uma coisa de que podemos estar certos: quem quer que fosse, foi feliz enquanto viveu.

Actualmente, toda a gente é feliz.

- Sim, actualmente toda a gente é feliz - disse Lenina como Um eco.

Eles tinham ouvido essas palavras repetidas cento e cinquenta vezes todas as noites durante doze anos.

37

Descendo no terraço da casa de apartamentos, de quarenta andares, que Henry habitava, em Westminster, desceram directamente para a sala de jantar. Aí, em companhia de pessoas barulhentas e alegres, comeram uma excelente refeição. Com o café serviram soma. Lenina tomou dois comprimidos de meioO grama e Henry três. Às nove e vinte, atravessaram a rua para irem ao cabaré recentemente aberto na Abadia de Westminster. Estava uma noite quase sem nuvens, sem lua e estrelada. Mas Lenina e Henry não tiveram, felizmente, consciência desse facto, bastante deprimente. Os anúncios luminosos em pleno céu, apagavam vitoriosamente a obscuridade exterior. CALVINO STOPES E OS SEUS

DEZASSEIS SAXOFONISTAS. Na fachada da nova abadia, letras gigantescas dardejavam o seu brilho convidativo...

O MELHOR ÓRGÃO DE PERFUMES E CORES DE LONDRES. A MAIS RECENTE MúSICA SINTÉTICA.

Entraram. O ar parecia quente e sufocante, de tal maneira estava carregado pelo perfume de âmbar cinzento e de sândalo.@ No tecto da sala, em cúpula, o órgão de cores tinha momentaneamente pintado um pôr-do-sol tropical. Os dezasseis saxofonistas tocavam um motivo popular: Não há no Mundo que nos,, Rodeia Outra como Tu, Proveta Amada. Quatrocentos pares dançavam um five-step sobre o chão encerado. Lenina e Henry depressa se tornaram o par quatrocentos e um. Os saxofones gemeram como gatos melodiosos ao luar, lamuriaram nos registos alto e tenor como se estivessem desmaiando.

Aumentado por uma riqueza prodigiosa de harmónicas, o seu coro balbuciante subia para uma altura mais sonora, sempre mais sonora. até que, por fim, com um gesto da mão, o chefe da orquestra desencadeou a nota final no fragor retumbante de música de ondas, expulsando de toda

a existência os dezasseis assopradores simplesmente humanos. Tempestade em lá bemol maior. E então, quase num silêncio, numa meia obscuridade, seguiu-se um abaixamento gradual, em diminuendo descendente, desliO zando gradualmente, em quartos de tom, até um acorde dominante fracamente murmurado, que se arrastava ainda (enquanto os ritmos de cinco-quatro continuavam os seus compassos no contrabaixo), carregando os obscurecidos segundos com uma intensa espera. E, enfim, a espera foi satisfeita. Houve um súbito e expolsivo nascer de Sol e, simultaneamente, os dezasseis entoaram a canção: Proveta adorada, foi a ti que amei!

Proveta adorada, porque me decantei?

Dentro de ti o céu é puro, E o tempo é sempre suave.

Ah! Não há no mundo que nos rodeia Outra como tu, proveta adorada!

Evolucíonando ao som do five-step em torno da Abadia de Westminster com os outros quatrocentos pares, Lenina e Henry dançavam, entretanto, num outro mundo, - mundo cheio de calor, de cores vivas, o mundo infinitamenfe benevolente do soma. Como toda a gente era bela, boa, deliciosamente divertida! Proveta adorada, foi a ti que amei! ... Mas Lenina e Henry possuíam aquilo que amavam ...

Estavam no interior nesse momento e nesse lugar, em segurança no interior, com o tempo doce, o céu puro e a luz velada. E quando, esgotados, os dezasseis descansaram os seus saxofones e o aparelho de música sintética começou a tocar o que havia de mais recente em blues maltusianos lentos, eles tinham-se tornado embriões gémeos, embalados docemente nas vagas de um oceano de pseudo-sangue em proveta.

"Boa noite, queridos amigos. Boa noite, queridos amigos. "

Os alto-falantes velavam as suas ordens sob uma delicadeza bonacheirona e musical. "Boa noite, queridos amigos ... "

Obedientes, como todos os outros, Lenina e Henry abandonaram o estabelecimento. As deprimentes estrelas tinham percorrido um bom caminho nos céus. Mas, ainda que o fulgor dos anúncios luminosos que as separava dos seus olhares se tivesse consideravelmente atenuado, os dois jovens continuavam mergulhados na sua felicidade, insensíveis à noite.

Uma segunda dose de soma que tinham tomado meia hora antes do encerramento erguia uma impenetrável parede entre o universo real e os seus espíritos. Foi numa proveta que eles atravessaram a rua, numa proveta que tomaram o ascensor para subirem ao quarto de Henry, no vigésimo oitavo andar.

E no entanto, mesmo encerrada numa proveta e apesar dessa segunda 38

dose de soma, Lenina não se esqueceu de tomar todas as precauções anticoncepcionais prescritas pelos regulamentos. Anos de hipnopedia intensiva e, dos doze aos dezassete anos, os exercícios

maltusianos três vezes por semana, tinham tornado a prática dessas precauções quase tão automática como o pestanejar.

- Oh, isto faz-me lembrar uma coisa... - disse ela, saindo da casa de banho. - Fanny Crowne gostava de saber onde foi que comprou este delicioso cinto de pseudomarroquim verde que me ofereceu.

Às quintas-feiras, de quinze em quinze dias, era o dia das Cerimónias de Solidariedade de Bernard.

Após um rápido jantar no Aphroditaeum (de que Helmholtz tinha sido recentemente eleito sócio, ao abrigo do artigo II do regulamento), despediu-se do seu amigo e, chamando um táxi no terraço, ordenou ao condutor que se dirigisse para o Palácio de Cantos em Comum de Fordson. O aparelho elevou-se a perto de duzentos metros e dirigiu-se para leste. Enquanto efectuava a viragem, apareceu perante os olhos de Bernard, gigantescamente belo, o palácio. Iluminados pelos projectores, os seus trezentos e vinte metros de pseudomármore branco de Carrara brilhavam numa alva incandescência por cima de Ludgate Hill; em cada um dos quatro ângulos do seu terraço para helicópteros um T imenso luzia, vermelho, contra o céu nocturno. Pelos alto-falantes de vinte e quatro enormes trombetas de ouro vibrava uma solene música sintética.

- Mau, estou atrasado - murmurou Bernard quando avistou o Big Henry(*), o relógio do palácio. E, com efeito, quando pagava o táxi, Big Henry deu a hora exacta. « Ford» , berrou uma formidável voz de baixo, saindo de todas as trombetas de ouro: « Ford, Ford, Ford, ... » Nove vezes. Bernard correu para o ascensor.

A grande sala de audições para as cerimónias do Dia de Ford e outras celebrações de cantos em comum situava-se no andar térreo do edifício. Por cima, à razão de cem por andar, eram as sete mil salas que serviam para os Grupos de Solidariedade aí terem as suas reuniões quinzenais. Bernard desceu ao trigésimo terceiro andar, enfiou precipitadamente pelo corredor, ficou hesitante um momento em frente da sala 3210 e depois, tomando uma resolução, abriu a porta e entrou.

Ford seja louvado! Não era o último. Das doze cadeiras dispostas em volta da mesa circular, três estavam ainda por ocupar. Sentou-se na mais próxima, tentando tornar-se o menos possível notado, e dispôs-se a acolher de sobrolho franzido os retardatários que chegassem.

- A que jogou esta tarde? - perguntou-lhe, voltando-se para ele, a rapariga que estava à sua esquerda. -

Ao Golf de obstáculos ou ao electromagnético?

Bernard olhou-a (Ford! Era Morgana Rothschild), e teve de confessar, corando, que não tinha praticado nenhum desses jogos. Morgana olhou-o com espanto. Houve um silêncio, embaraçoso.

Depois, intencionalmente, virou-lhe as costas e dirigiu-se ao homem mais desportivo que tinha à

sua esquerda.

« Bonito princípio para uma cerimónia de solidariedade! » , pensou, contrafeito, Bernard, tendo o pressentimento de que falharia mais uma vez no seu esforço para realizar a comunhão de pensamento.

Se ao menos tivesse tido o cuidado de olhar à sua volta antes de se precipitar sobre a cadeira mais próxima! Teria podido sentar-se entre Fifi Bradlaugh e joana Diesel. Em vez disso, tinha ido enfiar-se às cegas ao lado de Morgana. Morgana! Ford! Essas sobrancelhas negras, ou, antes, essa sobrancelha, pois uniam-se por cima do nariz! Ford! E à sua direita estava Clara Deterding. Sem dúvida, as sobrancelhas de Clara não se uniam. Mas ela era pneumática em demasia, enquanto Fifi e joana eram exactamente como convinha. Gorduchas, louras, não muito grandes ... E era esse pesadão do Tom Kawaguchi que estava agora sentado entre elas.

(*) Charge do autor ao Big Ben, o grande relógio da torre do Parlamento de Westminster. Sendo Ben um diminutivo inglês, o autor substituiu-o por enry, de Henry Ford. (N. do T.) 39

A última a chegar foi Sarojini Engels.

- Está atrasada - disse severamente o Presidente do Grupo. - Que isto não se repita.

Sarojini desculpou-se e tomou o seu lugar entre jim Bokanovski e Herbert Bakunin. O grupo está completo, o círculo de solidariedade estava perfeito e sem falhas. Um homem, uma mulher, um homem, num círculo alternado e sem fim, em volta da mesa. Eram doze prontos a reunirem-se em um, esperando aproximarem-se, fundirem-se, perderem-se num ser maior que as suas doze identidades distintas.

O Presidente levantou-se, fez o sinal de T e, pondo a tocar a música sintética, desencadeou um rufar de tambores doce e infatigável e um coro de instrumentos - percussão e supercordas -, que repetiram vigorosamente, muitas e muitas vezes, a melodia breve e obcecante do Primeiro Cântico de Solidariedade. Mais, mais. E não era já o ouvido que entendia o ritmo martelado, era o diafragma; o gemido e a vibração dessas harmonias repetidas obcecavam não o espírito, mas as entranhas, criando um ardente desejo de compaixão.

O Presidente fez um novo sinal de T e sentou-se. A cerimónia começara. Uma porção de comprimidos de soma estava colocada no centro da mesa. A taça da amizade, cheia de soma em gelado de morangos, foi passáda de mão em mão e, com a fórmula « Bebo pelo meu aniquilamento» , foi doze vezes levada aos lábios. Depois, com acompanhamento de orquestra sintética, foi cantado o Primeiro Cântico de Solidariedade:

Nós somos doze, Ó Ford! Oh! Faz de nós apenas um,

Como gotas caindo no Rio Social;

Ah! Faz-nos correr sempre unidos,

Mais velozes que a tua fulgurante Carripana!

Doze estrofes de ardor delirante. Em seguida a taça da amizade foi novamente passada de mão em mão.

« Bebo ao Ser Maior» , tal era agora a fórmula. Todos beberam. Infatigavelmente, a música continuava.

Os tambores rufavam. Os sons plangentes e atroadores das harmonias conservavam-se em estado de obsessão nas entranhas comovidas. Cantou-se o Segundo Cântico de Solidariedade: Vem, ó Ser Maior, ó Amigo Social,

Amalgamando Doze em Um,

Todos queremos estar perto da morte, para quando chegar o fim Começar então a nossa vida maior!

De novo doze estrofes. Quando chegaram a esse ponto, o soma tinha começado a agir. Os olhos estavam brilhantes, os rostos corados, a luz interior do bem-querer universal transbordava de cada cara em sorrisos felizes e amigáveis. O próprio Bernard se sentia um pouco enternecido. Quando Morgana Rothschild se voltou para ele com um sorriso radioso, fez o melhor que pôde para lho retribuir. Mas a sobrancelha, essa negra duas-em-uma, diabo, lá estava ela; Bernard não podia deixar de vê-la, não podia, por mais esforços que fizesse. A ternura não tinha penetrado muito nele. Talvez se estivesse sentado entre Fifi e joana... Pela terceira vez, a taça da amizade circulou. Ela bebeu e passou-a a Bernard. « Bebo pela iminência da Sua Vinda» , repetiu ele, com um sincero esforço para sentir que a Vinda estava iminente. Mas a sobrancelha continuava a obcecá-lo e a Vinda, quanto a ele, estava terrivelmente distante. Bebeu e estendeu a taça a Clara Deterding. « É outro falhanço - pensou -, não há dúvida.» Mas continuou a fazer o possível para conseguir um sorriso radiante.

A taça da amizade tinha terminado o circuito. Erguendo a mão, o Presidente fez um sinal. O coro entoou o Terceiro Cântico de Solidariedade:

Senti a Vinda do Grande Ser!

Regozijai-vos, morrei com esse regozijo!

Uni-vos ao som dos tambores!

Pois eu sou vós e vós sois eu.

À medida que uma estrofe se sucedia às outras, as vozes vibravam numa superexcitação cada vez mais intensa. O sentimento da iminência da Vinda era como uma tensão eléctrica no ar.

O Presidente parou a música com uma torção no interruptor. A seguir à última nota da última estrofe houve um silêncio absoluto, o silêncio da espera tensa, vibrando e ofegando numa vida galvânica. O

Presidente estendeu a mão. E subitamente uma voz, uma voz forte e profunda, mais musical que qualquer voz simplesmente humana, mais cheia, mais quente, mais vibrante de amor, de ansioso desejo e de compaixão, uma voz maravilhosa, misteriosa, sobrenatural, falou-lhes, por cima das cabeças, muito lentamente: « Oh, Ford, Ford, Ford!» , disse ela, atenuando-se e descendo de tom. Uma sensação de doce calor espalhava-se por todo o corpo daqueles que escutavam, do plexo solar a cada uma das extremidades. Lágrimas chegavam-lhes aos olhos. Parecia-lhes que o coração, as entranhas, se moviam nas cavidades do corpo, como se estivessem animados de uma vida independente. « Ford!» Eles fundiam-se. « Ford!» Estavam fundidos. Depois, noutro tom, subitamente, fazendo-os sobressaltar:

"Escutai! - trovejou a voz. - Escutai!" Eles escutaram. Após uma interrupção, decrescendo até não ser mais que um murmúrio, mas um murmúrio inexplicavelmente mais penetrante que o mais sonoro grito:

" Os pés do Grande Ser - disse. E repetiu as mesmas palavras: - Os pés do Grande Ser. - O murmúrio tornou-se quase imperceptível. - Os pés do Grande Ser estão na escada. " E de novo houve um silêncio.

E a expectativa, que, por momentos, se atenuara, de novo ficou tensa, semelhante a uma corda que se estica, mais, cada vez mais, quase ao ponto de rebentar. Os pés do Grande Ser. Ah, eles ouviam-nos, ouviam-nos descendo docemente os degraus, aproximando-se cada vez mais a medida que desciam a escada invisível. Os pés do Grande Ser. E, subitamente, o limite de ruptura foi atingido. Com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, Morgana Rothschild levantou-se de um salto.

- Estou a ouvi-lo, estou a ouv Oi-lo! - exclamou.

- Ele chega! - gritou Sarojini Engels.

- Sim, ele chega, estou a ouvi-lo! - Fifi Bradlaugh e Tom Kawaguchi ergueram-se simultaneamente.

- Oh! Oh! Oh! - disse joana, numa inarticulada exclamação.

- Ele chega! - uivou jim Bokanovsky.

O Presidente inclinou-se para a frente e, com um leve movimento da mão, desencadeou um delírio de címbalos e de metais, um acesso febril de marteladas em tantãs.

- Oh, ele chega! - vociferou Clara Deterding. - Ai! - gritou, como se lhe tivessem cortado a garganta.

Sentindo que era a altura de fazer qualquer coisa, Bernard pôs-se de pé num salto e, COMo os outros, berrou:

- Estou a ouvi-lo! Ele chega! Mas não era verdade. Não ouvia nada, e para ele ninguém tinha chegado.

Ninguém, apesar da música, apesar da crescente superexcitação. Mas agitou os braços, gritou como os outros. E quando os outros se puseram a bambolear, a bater com os pés e a caminhar arrastando-os, ele, como os outros, também se bamboleou e arrastou os pés.

Deram a volta à sala, procissão circular de dançarinos, cada um com as mãos nas ancas do que lhe estava à frente - deram-na e tornaram a dá-la, gritando em conjunto, batendo com os pés ao ritmo da música, marcando, batendo vigorosamente esse ritmo com as mãos nas nádegas que estavam à frente; doze pares de mãos batendo como uma só, doze nádegas ressoando viscosamente. Doze-em-um, doze-em-um. "Estou a ouvi-lo, oiço-o chegar!" A música acelerou-se; @os pés bateram com mais rapidez; mais rápido, mais rapidamente ainda bateram as mãos rítmicas. E de repente uma poderosa voz sintética de baixo roncou as palavras que anunciavam a consumação da fusão e a realização final da solidariedade, a vinda do doze-em-um, a encarnação do Grande Ser.

"Orgia-folia ", cantou ela, enquanto os tantãs continuavam a martelar o seu rufo febril: Orgia-folia, Ford e alegria, Beija aqueles que amas e faz deles um só. Rapazes e raparigas em paz se unirão! Orgia-folia dá-nos a libertação.

"Orgia-folia." Os dançarinos retomaram o estribilho litúrgico: Orgia-folia, Ford e alegria, beija aqueles que amas ... Enquanto cantavam, as luzes começaram a baixar lentamente e, simultaneamente, a tornarem-se mais quentes, mais ardentes, mais vermelhas, de tal forma que depressa eles se encontraram a

dançar na penumbra carmesim do Depósito de Embriões. « Orgia-folia ... » Depois o círculo estremeceu, rompeu-se, desagregando-se parcialmente sobre os canapés dispostos em volta da mesa e das suas cadeiras satélites - um círculo envolvendo outro círculo. « Orgia-folia...» Ternamente, a voz profunda murmurava e cantarolava; na penumbra vermelha, dir-se-ia que uma enorme pomba negra planava, benfazeja, sobre os dançarinos, agora deitados de costas ou de barriga para baixo.

Estavam de pé no terraço. Big Henry acabava de cantar onze horas. A noite estava calma e suave.

- Estava óptimo, não estava? - disse Fifi Bradlaugh. - Estava simplesmente óptimo, hem? - Olhou para Bernard com uma expressão de enlevo, mas de enlevo no qual não havia um único traço de agitação ou de excitação, pois estar excitado é estar insatisfeito. O seu êxtase era aquele calmo

êxtase da perfeição atingida, a paz, não da simples saciedade e do nada, mas da vida,O equilibrada, das energias em repouso e bem contrabalançadas. Uma paz rica e viva, pois a Cerimónia da Solidariedade tinha dado tanto quanto tinha tomado, e apenas parcialmente tinha vazado para tornar a encher. Ela estava cheia, tinha-se tornado perfeita, sentia-se ainda mais que simplesmente ela mesma.

- Não achou que estava óptimo? - insistiu, dirigindo ao rosto de Bernard um olhar brilhante, de um fulgor sobrenatural.

- Sim, estava óptimo - respondeu ele, mentindo e desviando os olhos. A vista dessa fisionomia transfigurada era uma espécie de acusação e uma irónica lembrança daquilo que o separava dos outros.

Sentia-se agora tão miseravelmente isolado como estivera no início da cerimónia, mais isolado ainda devido ao vazio que nele não tinha sido cheio, devido à sua saciedade não satisfeita. Isolado, insatisfeito, enquanto os outros se integravam no Grande Ser; só, até mesmo nos braços de Morgana, muito mais só, na verdade, mais desesperadamente ele mesmo do que jamais tinha sido. Saíra dessa penumbra vermelha para voltar ao brilho vulgar da electricidade com um sentimento do eu intensificado ao ponto de o fazer sofrer um martírio. Sentia-se miserável, totalmente infeliz e talvez (os olhos de Fifi eram o seu acusador), talvez fosse por sua própria culpa. - Magnífico repetiu. Mas a única coisa em que pôde pensar foi na sobrancelha de Morgana.

CAPÍTULO SEXTO

« Estranho, estranho, muito estranho» , tal era a opinião de Lenina acerca de Bernard Marx. De tal maneira estranho que durante as semanas que se sucederam ela perguntou a si mesma, mais de uma vez, se não faria melhor em mudar de ideia a respeito das férias no Novo México e ir antes ao Pólo Norte com Benito Hoover. O que a contrariava era já conhecer o Polo Norte, pois fora lá no último Verão com George Edzel, e, pior ainda, achara a estada muito desagradável. Nada para fazer, e o hotel, inconcebível, verdadeiramente fora de moda; sem televisão nos quartos, sem órgão de perfumes, nada mais que a mais infecta música sintética e apenas vinte e cinco campos de bola escalator para mais de duzentos hóspedes. Não, era impossível suportar de novo o Polo Norte. E, por outro lado, apenas fora uma vez à América. E, mesmo isso, muito à pressa! Um fim-de-semana económico em Nova Iorque -

com jean-jacques Habibullah ou com Bokanovsky Jones? já não se lembrava e, além disso, também não tinha nenhuma importância. A ideia de voar de novo para o oeste, durante uma semana inteira, era deveras sedutora. E, depois, passariam pelo menos três dias, dos sete da viagem, na Reserva de Selvagens. Em todo o centro não havia mais de meia dúzia de pessoas que já tivessem penetrado no interior de uma Reserva de Selvagens. Na sua qualidade de psicólogo Alfa-Mais, Bernard era um dos raros homens, ante os seus conhecimentos, que tinham direito a uma autorização. Para Lenina a ocasião era única. E, no entanto, as bizarrias de Bernard eram também de tal maneira únicas que hesitava em aproveitá-la e por mais de uma vez tinha pensado

em arriscar uma outra ida ao Polo com esse bravo e divertido Benito. Pelo menos Benito era normal, ao passo que Bernard ...

« Foi o álcool no seu pseudo-sangue» , tal era a explicação que Fanny dava de cada uma dessas excentricidades. Mas

Henry, com quem, numa noite em que estavam deitados juntos, Lenina tinha falado, não sem uma certa inquietação, do seu novo amante, Henry tinha comparado o pobre Bernard a um rinoceronte.

- Não se pode ensinar um rinoceronte a fazer habilidades - tinha ele explicado, no seu estilo breve e vigoroso. - Há indivíduos que são quase rinocerontes; não reagem convenientemente ao condicionamento. Pobres diabos! Bernard é um deles, Felizmente para ele, é bastante competente na sua especialidade. Sem isso, o Director já o teria posto na rua. No entanto - acrescentou num tom consolador -, creio que é completamente ino fensivo.

Completamente inofensivo, talvez. Mas igualmente muito inquietante. Em primeiro lugar, essa mania de fazer as coisas na intimidade. O que equivalia, na prática, a nada fazer. Que se pode fazer na intimidade? (à parte, bem entendido, ir para a cama; mas não se pode fazer isso continuamente.) Sim, que se pode fazer? Muito poucas coisas. Na primeira tarde que saíram juntos estava um tempo excepcional. Lenina tinha proposto irem nadar ao Torquay Country Club e depois irem jantar a Oxford Union. Mas Bernard pensava que haveria, com certeza, gente a mais. Bem, então se fizessem um jogo de golf electromagnético em Saint Andrews? Mas ele tinha recusado de novo.

Bernard considerava o golf electromagnético uma perda de tempo.

- Mas então, para que serve o tempo? - perguntou Lenina a'dmirada.

Aparentemente, para dar passeios na Região dos Lagos, pois era isso que ele propunha. Aterrar no cume do Skiddaw e fazer uma caminhada de duas horas entre as urzes.

- Sozinho consigo, Lenina.

- Mas, Bernard, nós ficaremos sós toda a noite. Bernard corou e desviou o olhar.

- Eu queria dizer ... sós para conversar - murmurou.

- Para conversar? Mas a respeito de quê? - Andar e conversar parecia-lhe uma estranha maneira de passar uma tarde.

Por fim ela persuadiu-o, embora contra vontade, a voarem até Amesterdão para verem os quartos de final do Campeonato Feminino de Luta (pesos-pesados). - Entre uma multidão-

resmungou-, como de costume. Conservou-se obstinadamente amuado toda a tarde; recusou-se a falar aos amigos de Lenina (que encontraram às dúzias no bar onde se bebiam gelados de soma nos intervalos das lutas), e, apesar do seu miserável estado de espírito, recusou-se terminantemente a tomar a dose de meio grama de sundae de framboesas que ela insistia que tomasse.

- Prefiro ser eu mesmo - disse -, eu mesmo e desagradável. E não qualquer outro, por mais alegre que seja.

- Um grama é suficiente para o tornar alegre - disse Lenina, servindo-lhe uma brilhante pérola da sabedoria ensinada durante o sono.

Bernard repeliu impacientemente o copo que ela lhe oferecia.

- Não se zangue, vamos - disse -, e lembre-se: « Com um centicubo, curados dez sentimentos.»

- Oh, por amor de Ford, cale-se! - gritou ele. Lenina encolheu os ombros.

- Um grama vale mais que o "bolas" que se chama - disse Com dignidade, concluindo. E bebeu o sundae.

À volta, na travessia da Mancha, Bernard teimou em parar a hélice propulsora e ficar suspenso no helicóptero a menos de trinta metros das vagas. O tempo piorara, soprava um vento áspero, o céu estava nublado.

- Olhe - disse ele.

- Mas é detestável - disse Lenina, afastando-se com horror da janela. Estava apavorada com o vácuo envolvente da noite, com as vagas negras e espumantes que se erguiam sob eles, com o disco pálido da Lua, assustado e atormentado entre as nuvens que voavam. - Liguemos a T. S. F. Depressa! - Estendeu a mão para o botão do quadrante no painel de instrumentos de bordo, ligando-a ao acaso.

O céu é puro, a luz velada - cantavam em trémulo dezasseis vozes de falsete - e o tempo é doçura e beleza ...

Depois um estalido e o silêncio. Bernard tinha desligado a corrente.

- Quero contemplar o mar em paz - disse. - Não se pode ver nada quando se tem continuamente esse insuportável ruído nos ouvidos.

Mas é delicioso. E, além disso, eu não quero olhar.

Mas quero eu - insistiu Bernard. - Isto dá-me a sensação... - Hesitou, procurando as palavras para

se exprimir. -

sensação de ser mais eu, se é que percebe o que quero dizer. De agir por mim mesmo e não apenas como uma parte de outra coisa. De não ser simplesmente uma célula do corpo social. Isto não lhe dá essa sensação, Lenina?

Mas Lenina chorava.

- É horrível, é horrível - repetia constantemente. - E como pode falar dessa maneira do seu desejo de não fazer parte do corpo social? Não podemos prescindir de ninguém. Os próprios Epsilões ...

Sim, já sei - disse Bernard, trocista. - Os próprios Epsilões são úteis! Eu também. E bem gostaria de não servir para nada!

Lenina ficou escandalizada com tal blasfémia.

- Bernard! - protestou, com voz espantada e aflita.

Como pode dizer essas coisas?

- Como posso? - respondeu ele, meditativamente, noutro tom. - Não, o verdadeiro problema é outro: porque não posso eu ou melhor - pois, afinal, sei perfeitamente porque não posso -, que sentiria se pudesse, se fosse livre, se não estivesse escravizado pelo meu condicionamento.

- Então, Bernard, não diga coisas tão assustadoras!

- Não sente o desejo de ser livre, Lenina?

- Não percebo o que quer dizer. Eu sou livre. Livre para gozar à vontade, para gozar o mais possível.

« Agora todos são felizes!»

Ele riu-se.

- Sim. "Agora todos são felizes?" Começamos a impingir isso às crianças de cinco anos. Mas não sente o desejo de ser livre de outra forma, Lenina? De uma maneira pessoal, POr exemplo, e não à maneira de todos.

- Não percebo o que quer dizer - repetiu ela. E depois, voltando-se para ele: - Oh! Vamos embora -

suplicou. - Como detesto estar aqui!

Não gosta de estar ao pé de mim? Certamente, Bernard! É este maldito lugar. Parece-me que

estaremos mais... mais juntos aqui, sem

mais nada além do mar e da Lua. Mais juntos que entre a multidão ou mesmo em minha casa. Não compreende isto?

- Não compreendo nada - respondeu ela com decisão, determinada a conservar intacta a sua incompreensão. - Nada. E ainda percebo menos - continuou, noutro tom - por que razão não toma você soma quando lhe aparecem essas tenebrosas ideias. Em vez de se sentir miserável, sentir-se-ia cheio de alegria. Sim, tão cheio de alegria! ... - repetiu ela. E sorriu, apesar de toda a intrigada inquietação que lhe brilhava nos olhos, com um ar que procurava ser provocante e voluptuoso.

Ele contemplou-a em silêncio, a fisionomia muito grave, recusando adaptar-se às suas intenções, e fixou nela um olhar intenso. Ao fim de alguns momentos, os olhos de Lenina não puderam sustentar mais aquele olhar. Soltou uma risadinha nervosa, esforçou-se por encontrar qualquer coisa para dizer, mas não o conseguiu. O silêncio prolongou-se.

Quando Bernard, enfim, falou, foi com um fio de voz cheio de lassidão.

- Está bem, seja - disse. - Vamos embora. Carregando vigorosamente no acelerador, fez o aparelho dar um pulo para cima. A trezentos metros, pôs a hélice em movimento. Voaram em silêncio durante um minuto ou dois. Depois, de repente, Bernard começou a rír. De uma maneira um pouco esquisita, pensou Lenina, mas, enfim, sempre era rir.

- Está melhor? - arriscou-se ela a perguntar. Como única resposta, ele tirou uma das mãos da alavanca de comando e, passando-lhe um braço à volta do corpo, começou a acariciar-lhe os seios.

« Ford seja louvado- pensou ela- já está como deve ser.» Meia hora mais tarde estavam de volta a casa de Bernard. Ele engoliu de uma vez quatro comprimidos de soma, pôs a funcionar a T. S. F. e a televisão e começou a despir-se.

Então? - perguntou-lhe Lenina, num tom de significativa brejeirice, quando, na tarde seguinte, se encontraram no terraço. - Não acha que ontem nos divertimos bastante?

Bernard concordou com um aceno de cabeça. Subiram para o helicóptero. Um pequeno solavanco, e ei-los no ar.

- Todos me dizem que sou extremamente pneumática -

disse Lenina com ar pensativo, dando palmadas nas coxas.

- Extremamente. Mas havia uma expressão dolorosa nos olhos de Bernard. « Como carne» ,

pensou.

Ela ergueu os olhos com uma certa inquietação.

- Mas, diga lá, não me acha gorda em demasia? Ele abanou a cabeça negativamente. « Tal como uma quantidade igual de carne.»

- Acha-me bem? - Novo sinal afirmativo de cabeça. - Sob todos os pontos de vista?

- Perfeita - disse ele em voz alta. E interiormente: « É assim que ela se considera a si própria. Pouco lhe importa ser apenasO carne. »

Lenina sorriu triunfalmente. Mas a sua satisfação era prematura.

- Apesar de tudo - continuou, após uma pequena pausa, teria gostado de que aquilo tivesse terminado de outra maneira.

- De outra maneira? Então havia outras maneiras de terminar?

- Teria desejado que aquilo não acabasse na cama - esclareceu Bernard.

Lenina ficou espantada.

- Pelo menos, logo no primeiro dia.

- Mas então, como? ... Ele começou a dizer-lhe uma porção de coisas incompreensivelmente absurdas e perigosas. Lenina fez o melhor que pôde para as não ouvir, espiritualmente falando. Mas a cada instante um fragmento de frase conseguia, à força de insistência, tornar-se perceptível: « ... para experimentar o efeito produzido pela repressão das minhas impulsões» , ouviu-o dizer. Essas palavras pareceram soltar uma mola no seu espírito.

- Não deixes para amanhã o prazer que puderes gozar hoje - disse ela gravemente.

- Duzentas repetições, duas vezes por semana, dos catorze aos dezasseis anos e meio - disse Bernard como único comentário. E continuou a divagar, a falar das suas ideias insensatas e perniciosas. - Quero saber o que é a paixão - ouviu-o ela dizer. - Quero sentir qualquer coisa com violência.

- Quando o indivíduo sente, a comunidade ressente-se, declarou Lenina.

- E então! Porque não há-de ela ressentir-se?

- Bernard! Mas Bernard não se desconcertou absolutamente nada.

- Adultos intelectualmente durante as horas de trabalho, continuou. - Bebés no que diz respeito ao sentimento e ao desejo.

- Nosso Ford gostava de bebés. Sem reparar na interrupção, Bernard prosseguiu:

- A ideia veio-me subitamente, há dias: talvez fosse possível ser-se sempre adulto.

- Não percebo. Lenina falara num tom firme.

- já sei. E eis a razão porque nos fomos deitar juntos ontem, como garotos, em vez de sermos adultos e esperarmos.

- Mas foi divertido - insistiu Lenina. - Não foi?

- Oh! O mais divertido possível - respondeu, mas com voz desolada, com uma expressão tão profundamente miserável que Lenina sentiu evaporar-se subitamente todo o seu triunfo. Talvez ele a tivesse achado demasiado gorda, afinal.

- Eu já te tinha dito - contentou-se em responder Fanny quando Lenina lhe foi fazer confidências. - É o álcool que lhe puseram no pseudo-sangue.

- Não importa - insistiu Lenina -, ele interessa-me verdadeiramente. Tem umas mãos tão bonitas! E

aquela maneira de encolher os ombros, como me atrai! - Suspirou. - Mas gostaria que fosse menos esquisito.

II

Parando um instante diante da porta do gabinete do Director, Bernard respirou profundamente e endireitou-se, preparando-se para enfrentar a animosidade e a reprovação que estava certo de encontrar lá dentro. Bateu e entrou.

- Uma autorização que lhe peço para visar, Senhor Director - disse, no tom mais indiferente que lhe foi possível, colocando o papel sobre a secretária.

O director lançou-lhe um olhar amargo. Mas o papel traz'ia o timbre do gabinete do Administrador, e a assinatura de Mustafá Mond, nítida e negra, desenhava-se no fim da página. Tudo estava perfeitamente em regra. O Director não tinha nada objectar. Escreveu a lápis a sua rubrica, duas pequeninas letras humildemente deitadas ao lado da assinatura de Mustafá Mond, e ia devolver o papel sem uma palavra de comentário ou uma despedida benevolente, quando o seu olhar foi atraído por qualquer coisa escrita no texto da autorização.

- Para a Reserva do Novo México? - perguntou.

O tom da sua voz e o rosto que ergueu para Bernard exprimiam uma espécie de agitada

expectatíva.

Surpreendido, Bernard respondeu afirmativamente com a cabeça. Houve um silêncio.

O Director encostou-se para trás na cadeira, de sobrolho franzido.

- Há quanto tempo foi isto? - disse, falando mais para si que para Bernard. - Vinte anos, calculo. Talvez vinte e cinco. Devia ter a sua idade... - suspirou, meneando a cabeça.

Bernard sentiu-se extremamente embaraçado. Um homem tão respeitável, tão respeitador das convenções, tão escrupulosamente correcto como era o Director, cometendo uma tão grosseira falta de etiqueta! Sentia-se com vontade de tapar a cara e sair da sala a correr. Não que, pessoalmente, encontrasse qualquer coisa de intrinsecamente reprovável no facto de se falar de um passado distante; isso era um dos tais preconceitos hipnopédicos de que - imaginava - se tinha completamente desembaraçado. O que o intimidava era saber que o Director desaprovava isso e que apesar de o desaprovar, fora levado a fazer essa coisa proibida. Por que força interior? Bernard ouvIu-o com uma ávida curiosidade, que se notava através do seu embaraço.

- Tive a mesma ideia que o senhor - dizia o Director. Queria ver os selvagens. Obtive uma autorização para o Novo-México e nas minhas férias de Verão fui lá com a rapariga que tinha na altura. Era uma Beta-Menos e parece-me (fechou os olhos), parece-me que tinha cabelos loiros. Em todo o caso, era pneumática, notavelmente pneumática. Disso lembro-Me bem. Fomos, portanto, lá, observámos os selvagens, passeámos a cavalo e tudo o mais. E depois -era, parece-me, o último dia de férias -, depois

... bem, ela perdeu-se. Tínhamos escalado a cavalo uma daquelas idiotas montanhas, estava um calor pesado e, depois do almoço, adormecemos. OU, pelo menos, eu adormeci. Ela deve ter ido dar uma volta. Fosse como fosse, quando acordei não a vi. E então desencadeou-se a mais espantosa tempestade que tenho visto. Chovia a potes, trovejava, coriscavam relâmpagos; os cavalos rebentaram as rédeas e fugiram; caí quando tentava apanhá-los e feri-me num joelho a ponto de não poder andar senão com grande dificuldade. Apesar disso, procurei-a por todos os lados, gritei, rebusquei nos arredores. Mas não havia o menor vestígio dela. Então pensei que talvez tivesse voltado sozinha para a pousada.

Assim, arrastei-me até ao vale, pelo caminho por onde tínhamos vindo. O joelho doía-me atrozmente e tinha perdido o meu soma. Levei várias horas. Só cheguei à pousada depois da meia-noite. Ela não estava lá ... ela não estava lá - repetiu o Director. Houve um silêncio. - Bem - continuou por fim -, no dia seguinte fizeram-se buscas. Mas não conseguimos encontrá-la. Devia ter caído em qualquer ravina ou sido devorada por um leão da montanha. Só Ford o sabe. Fosse como fosse, foi horrível! Na altura fiquei desnorteado. Mais do que deveria ter ficado. Porque, afinal, foi um acidente como poderia ter acontecido a qualquer outra pessoa, e, bem entendido, o corpo social persiste, ainda que as células componentes possam mudar. Mas esse consolo proporcionado durante o sono não foi muito eficaz. -

Meneou a cabeça. - Às vezes ainda sonho com isso - continuou o Director com uma voz mais fraca , sonho que sou acordado pelo barulho do trovão e que me apercebo de que ela não está já ali, sonho que me ponho à sua procura por entre as árvores, que procuro por toda a parte ...

Mergulhou no silêncio da recordação.

- Deve ter sido um choque terrível para si - disse Bernard, quase com inveja.

Ao som da sua voz, o Director tomou bruscamente consciência do lugar onde se encontrava; lançou um olhar a Bernard e, desviando os olhos, corou, mal-humorado. Olhou-o de novo, subitamente suspeitoso, e, irritado, disse do alto da sua dignidade-

- Não pense que eu mantinha com essa rapariga relações inconfessáveis. Era tudo perfeitamente são e normal. - Estende a Bernard a autorização. - Não sei por que razão o macei com esta história banal. -

Cheio de ressentimento contra si próprio i por ter desvendado um segredo desonroso, descarregou a cólera sobre Bernard. O seu olhar era agora francamente rancoroso. E desejo aproveitar esta ocasião, senhor Marx - continuou - para lhe dizer que não estou de forma alguma satisfeito com as informações que recebo acerca da sua conduta fora do trabalho, Vai dizer-me, sem dúvida, que não tenho nada com isso. Mas facto é que tenho, e muito. Devo preocupar-me com a boa reputação do centro. É necessário que os meus colaboradores estejam acima de toda a suspeita, particularmente aqueles das castas superiores. Os Alfas estão condicionados de tal forma que não são obrigatoriamente infantis na sua conduta emotiva. Mas essa é mais uma razão para que eles façam todos os esforços necessários para se adaptarem à normalidade. É seu dever serem infantis, mesmo contra as suas tendências. Portanto, senhor Marx, lealmente o aviso... - A voz do Director vibrava de uma indignação que se tinha tornado inteiramente virtuosa e impessoal, que era a expressão da desaprovação da própria sociedade. - Se sei novamente que faltou às regras normais de conduta no que diz respeito ao decoro infantil, pedirei a sua transferên cia para um subcentro, de preferência na Islândia. Boa tarde.

Virando-se na cadeira giratória, pegou uma caneta e começou a escrever.

« Isto o ensinará» , pensou. Mas enganava-se, pois Bernard saiu do gabinete de cabeça erguida, cheio de triunfante orgulho, batendo com a porta atrás de si e pensando que fazia frente, sozinho, à ordem das coisas, exaltado pela embriagadora consciência do seu valor e da sua importância pessoais. A própria ideia da perseguição deixava-o impávido, agia mais como um tónico, que como um motivo de depressão. Sentia-se suficientement forte para fazer frente às calamidades e delas triunfar, suficientemente forte para enfrentar a própria Islândia. E essa confiança era tanto mais vigorosa quanto, na verdade, ele não acreditava nem por um momento em ter de enfrentar fosse o que fosse. Em suma: não se transferem assim as pessoas por motivos de tal ordem. A Islândia era uma simples ameaça. Uma ameaça muito estímulante e vivificante. Caminhando ao

longo do corredor, entusiasmou-se ao ponto de assobiar.

Foi uma heróica descrição a que ele fez, nessa noite, da sua entrevista com o D. I. C. - E então -

terminou ele - mandei-o muito simplesmente para ... o Passado sem Fundo. E saí de cabeça erguida. E

pronto.

Dirigiu a Helmholtz Watson um olhar de quem espera qualquer resposta, simpatia, encorajamento, admiração, como lhe era devido. Mas não teve nenhuma resposta. Helmholtz ficou sentado e silencioso, os olhos no chão.

Gostava muito de Bernard e estava-lhe reconhecido por ser o único homem do seu conhecimento com quem podia conversar sobre assuntos que lhe pareciam importantes. No entanto, havia em Bernard coisas detestáveis. Essa gabarolice, por exemplo, alternada com as explosões de uma piedade por si próprio que eram uma verdadeira falta de dignidade, assim como esse deplorável costume que tinha de ser ousado, depois do sarilho passado, e cheio, a distância, da mais extraordinária presença de espírito.

Detestava todas essas coisas, precisamente porque gostava de Bernard. Os segundos passavam.

Helmholtz continuou de olhos fixos no chão. E subitamente Bernard corou e afastou o olhar.

III

A viagem efectuou-se sem qualquer incidente. O Foguete Azul do Pacífico chegou a Nova Orleães com dois minutos e meio de atraso, perdeu quatro minutos num tornado sobre o Texas, mas, encontrando uma corrente aérea favorável a noventa e cinco graus de longitude oeste, aterrou em Santa Fé com menos de quarenta segundos de atraso sobre o horário.

- Quarenta segundos, num voo de seis horas e meia. Não é mau - concedeu Lenina.

Dormiram essa noite em Santa Fé. O hotel era excelente, infinitamente superior, por exemplo, a esse ignóbil Aurora Boreal Palace, onde Lenina tanto tinha sofrido no Verão anterior.

O ar líquido, a televisão, a vibromassagem por vácuo, a T. S. F., a cafeína líquida quente, os preservativos mornos e os perfumes

de oito espécies diferentes e'stavam instalados em todos os quartos. O aparelho de música sintética que funcionava no balcão quando entraram, nada deixava a desejar. Um aviso colocado no elevador anunciava a existência no hotel de sessenta campos de bola escalator e de um parque onde se podia jogar golf de obstáculos e golf electromagnético.

- Isto parece-me absolutamente delicioso! - disse Lenina. Quase desejo que fiquemos aqui. Sessenta campos de bola escalator...

- Que não haverá na Reserva - retorquiu Bernard, à maneira de aviso. - Nem tão-pouco perfumes, nem televisão, nem mesmo água quente. Se pensa que não pode suportar tais faltas, fique aqui até eu regressar.

Lenina ficou magoada.

- Claro que posso suportar. Se disse que isto aqui é delicioso, foi apenas ... meu Ford, porque o progresso é, com efeito, uma coisa deliciosa, não é verdade?

- Quinhentas repetições, uma vez por semana, dos treze aos dezassete anos - disse Bernard com desânimo, como se falasse consigo próprio.

- Que disse?

- Disse que o progresso é uma coisa deliciosa. E por isso, não deve ir à Reserva, a não ser que tenha realmente Vontade.

- Mas eu tenho realmente vontade.

- Então está bem - disse Bernard em tom quase ameaçador.

A autorização devia ser verificada pelo conservador da Reserva, no gabinete do qual se apresentaram, como era devido, na manhã seguinte. Um porteiro negro Epsilão-Mais recebeu o cartão de Bernard e fê-los entrar quase de seguida.

O conservador era um Alfa-Menos braquicéfalo e louro, pequeno, avermelhado, de rosto redondo, largo de ombros, com uma voz forte e atroadora, muitíssimo bem adaptada à emissão da sabedoria hipnopédica. Era uma mina das mais variadas informações e de bons conselhos gratuitos. Uma vez lançado, continuava, continuava sempre, trovejando sem interruPção:

- Quinhentos e sessenta mil quilómetros quadrados, divididos em quatro sub-reservas distintas, cada uma das quais está

cercada de rede metálica de alta tensão ...

Nesse momento, sem razão aparente, Bernard lembrou-se subitamente de que tinha deixado aberta e correndo a jorros a torneira de água-de-colónia do seu quarto de banho.

- ... percorrida por uma corrente proveniente da central hidroeléctrica do Grand Canyon...

« Vai custar-me uma fortuna até que volte a casa.» Bernard via em espírito a agulha do contador de perfume avançar, volta após volta, no quadrante, como uma formiga, infatigavelmente. « Telefonar urgentemente para Helmholtz Watson.»

- ... mais de cinco mil quilómetros de rede metálica a sessenta mil vóltios.

Sério? - disse polidamente Lenina, que não percebera nada do que o conservador estava a dizer, mas modulando o tom da sua réplica pela pausa dramática do seu interlocutor.

Quando o conservador começara a dissertar na sua voz atroadora Lenina engolira discretamente meio grama de soma, o que lhe permitia estar ali sentada com toda a serenidade, não ouvindo nem pensando absolutamente em nada, mas fixando, cOm uma expressão de profunda atenção, os seus grandes olhos azuis no conservador.

- Tocar a rede é a morte instantânea - declarou solenemente o conservador. - Não há forma alguma de evasão de uma Reserva de Selvagens.

A palavra « evasão» era evocadora. -Talvez - disse Bernard, soerguendo-se da cadeira - seja a altura de partirmos.

A pequena agulha negra caminhava como um insecto, engolindo o tempo, abrindo à dentada uma estrada através do seu dinheiro.

- Forma alguma de evasão - repetiu o conservador, fazendo-o sentar novamente com um gesto. Como a autorização ainda não estava visada, Bernard nada mais pôde fazer senão obedecer. - Aqueles que nascem na Reserva, e não esqueça, minha senhora - acrescentou, dirigindo a Lenina uma olhadela obscena e falando num murmúrio assaz inconveniente -, não esqueça que na Reserva as crianças ainda nascem, sim, nascem efectivamente, por muito revoltante que isso pareça ... (Esperava que esta alusão a um assunto escabroso fizesse corar Lenina. Mas

ela limitou-se a esboçar um sorriso onde a inteligência era simulada e a exclamar: « Quem diria!?») Desiludido, o conservador continuou:

- Aqueles que nascem na Reserva, repito, estão destinados a lá morrer.

« Destinados a morrer ... Um decilitro de água-de-colónia por minuto. Seis litros por hora.»

- Talvez fosse melhor... - arriscou de novo Bernard. Inclinando-se para a frente, o conservador bateu na mesa com o dedo indicador.

- Perguntam-me quantas pessoas vivem na Reserva. Respondo - continuou triunfalmente -, respondo que não sei. Apenas podemos fazer um cálculo.

- Sério?

- Sim, a sério, minha querida senhora. Seis vezes vinte e quatro. Não. Seis vezes trinta e seis, seria mais verdadeiro. Bernard estava pálido e trémulo de impaciência. Mas a atroadora exposição

continuava. - Perto de sessenta mil índios e mestiços... absolutamente selvagens ... Os nossos inspectores visitam-nos de vez em quando ... Fora disso, nenhuma comunicação, seja de que espécie for, com o mundo civilizado ... Conservam os seus hábitos e os seus costumes repugnantes: o casamento, se é que sabe o que isso quer dizer, minha querida senhora; a família... nenhum condicionalismo ... superstições monstruosas ... o cristianismo e o totemismo, o culto dos antepassados

... línguas extintas, o zuiñi, o espanhol, o athapascan... pumas, porcos-espinhos e outros animais ferozes... doenças contagiosas... padres ... lagartos venenosos...

- Sério? Finalmente acabaram por se safar. Bernard precipitou-se para o telefone. Depressa, depressa.

Mas foram precisos mais de três minutos para obter comunicação com Helmholtz Watson.

- Parece que já estamos entre os selvagens - lamentou-se ele. - Que tremenda desordem!

- Tome um grama de soma - aconselhou Lenina. Recusou, preferindo a sua cólera. E, enfim, Ford seja louvado, obteve a ligação. Era mesmo Helmholtz, a quem explicou o que tinha acontecido, e que lhe prometeu ir imediatamente fechar a torneira, sim, imediatamente, mas que aproveitou a ocasião para o informar do que o D. I. C. tinha dito em público na véspera à noite ...

- O quê? Anda à procura de alguém para me substituir? A voz de Bernard traduzia um sofrimento atroz.

- Então sempre é verdade? E ele precisou que era a Islândia? Você diz que sim? Ford! A Islândia! ...

Desligou o aparelho e virou-se de novo para Lenina. O seu rosto empalidecera, tinha uma expressão totalmente abatida.

- Que se passa? - perguntou ela.

- Que se passa? - Deixou-se cair pesadamente numa cadeira. - Passa-se que vão despachar-me para a Islândia.

Frequentemente, no passado, ele tinha perguntado a si próprio o que sentiria se fosse submetido (sem soma e sem poder contar com outra coisa a não ser a sua própria força interior) a alguma grande prova, a alguma dor, a alguma perseguição; tinha mesmo desejado ardentemente ser atingido. Apenas há oito dias vira-se resistindo corajosamente, aceitando estoicamente, sem uma palavra, o sofrimento. As ameaças do Director tinham-no exaltado verdadeiramente, tinham-lhe dado a sensação de ser maior que o normal. Mas isso era, via agora, porque não tomara essas ameaças a sério; não acreditara que, quando chegasse a altura, o D. I. C. fizesse alguma coisa. Agora, ao ver que as ameaças iam realmente ser postas em execução, Bernard ficou aterrado. Desse imaginado estoicismo, dessa coragem teórica, nada restava.

Barafustou contra si próprio - que imbecil tinha sido! contra o Director - como era injusto em não lhe dar uma última oportunidade de se emendar, essa última oportunidade que, não alimentava presentemente a menor dúvida a tal respeito, ele sempre tivera a intenção de aproveitar. E a Islândia, a Islândia ...

Lenina meneou a cabeça.

- « Fui» e « serei» não são da lei - citou ela. - Um grama de soma tomado, e só « sou» é lembrado.

Finalmente, convenceu-o a engolir quatro comprimidos de soma. Ao fim de cinco minutos as raízes e os frutos tinham desaparecido, a flor do presente desabrochava, toda rosada. Uma mensagem trazida pelo porteiro informava que, conforme as ordens do conservador, um guarda da Reserva estava à disposição

deles com um helicóptero e esperava-os no terraço. Um mestiço de uniforme verde-gama cumprimentou-os e sentiu-se na obrigação de recitar o programa da manhã.

Uma rápida visita a dez ou doze dos principais pueblos, depois uma aterragem, para o almoço, no vale de Malpaís. A pousada era confortável e lá em cima, no pueblo, os selvagens estariam provavelmente celebrando a sua festa de Verão. Seria aí o melhor sítio para passar a noite.

Subiram para o helicóptero e partiram. Dez minutos mais tarde atravessaram a fronteira que separava a civilização da selvageria. Por montes e vales, através de desertos de sal ou de areiâ, cortando as florestas, descendo às profundidades violáceas dos canyons, atravessando precipícios, picos e planaltos da mesa, a rede metálica corria irresistivelmente, em linha recta, símbolo geométrico do triunfante desígnio humano. junto dela, aqui e ali, um mosaico de ossos embranquecidos, uma carcaça ainda não apodrecida, sombria no solo selvagem, marcava o sítio onde veado ou touro, puma, porco-espinho ou coiote, ou ainda enormes abutres vorazes, atraídos pelo cheiro da carne putrefacta, tombaram fulminados, dir-se-ia que por uma justiça poética, por se terem aproximado demasiadamente dos destruidores fios metálicos.

- Eles não conseguem aprender - disse o piloto de uniforme verde, apontando para os esqueletos no solo por baixo deles. - Nunca conseguirão. - E riu, como se isso fosse um triunfo pessoal sobre os animais electrocutados.

Bernard começou igualmente a rir; após dois gramas de soma, a piada parecia-lhe boa, sem que soubesse porquê. Começou a rir e depois, quase imediatamente, adormeceu, e foi a dormir que sobrevoou Taos e Tesuque, Nambe, Picuris e Pojoaque, Sia e Cochiti, que sobrevoou Laguna, Acoma e La Mesa Encantada, Zuñi e Cibola e Ojo Caliente, para só acordar quando o aparelho pousou em terra.

Lenina, carregada de malas, dirigia-se para uma pequena casa quadrada e um mestiço, verde-

gama conversava incompreensivelmente com um jovem índio.

- Malpaís - elucidou o piloto, enquanto Bernard descia do helicóptero. - Ali é a pousada. E há danças esta tarde, no pueblo. Ele leva-o. - Apontou para o jovem selvagem de aspecto sombrio. - Deve ser engraçado - disse a rir e fazendo uma careta. - Tudo o que eles fazem é engraçado. - Depois subiu para o helicóptero e pôs os motores a trabalhar. - Volto amanhã. E lembrem-se - acrescentou, tranquilizador, para Lenina - de que eles são completamente inofensivos; os selvagens não vos farão mal. Têm suficiente experiência das bombas de gás para saberem que não devem fazer asneiras. - Sempre a rir, embraiou as hélices do helicóptero e partiu.

CAPÍTULO SÉTIMO

A mesa parecia um barco retido pela calmaria num estreito de poeira amarelada, cor de leão. O

canal serpenteava entre margens a pique. Descendo suavemente de uma a outra das muralhas através do vale, corria uma fita verde: o rio e os campos que ele regava. À proa desse navio de pedra, no centro do estreito e parecendo fazer parte dele, semelhante a um afloramento com a forma definida e geométrica da rocha nua, elevava-se o pueblo de Malpaís. Bloco sobre bloco cada um dos andares mais pequeno que o inferior, as altas casas subiam, quais pirâmides de degraus truncadas, para o céu azul.

Em baixo, um aglomerado de casas acachapadas, uma rede de muralhas. Por três lados, precipícios caindo a pique na planície. Algumas colunas de fumo subiam verticalmente no ar calmo e nele se diluíam.

- Estranho - disse Lenina -, muito estranho. - Era a sua habitual expressão condenatória. - Não me agrada. E esse homem ainda me agrada menos. - Apontou o guia índio que fora designado para os conduzir até ao pueblo. Esse sentimento era manifestamente retribuído; as próprias costas do homem, enquanto caminhava à frente deles, eram hostis, sombriamente desprezadoras. - E, depois - baixou a voz , cheira mal.

Bernard não tentou negá-la. Continuaram a caminhar. Subitamente dir-se-ia que todo o ar se tinha tornado vivo e@ começara a vibrar, a vibrar com a infatigável pulsação do sangue. Lá em cima, em Malpaís, os tambores soavam. Os seus pés adquiriram o ritmo desse coração misterioso. Apressaram o passo. O carreiro que seguiam conduziu-os junto do precipício. Os flancos do enorme navio-mesa dominavam-nos com toda a sua altura, cem metros acima.

- Se tivéssemos podido trazer o helicóptero até aqui! - disse Lenina, erguendo colericamente os olhos para a superfície nua do rochedo que os dominava. - Detesto andar. E, além disso, sentimo-nos tão pequenos quando estamos no sopé de uma montanha!

Continuaram a andar, percorrendo uma parte do caminho à sombra da mesa, contornaram uma

ponta, e eis que aparece, num barranco cavado pelas águas, o carreiro que subia até ao planalto. Galgaram-no.

Era um carreiro muito íngreme, que ziguezagueava de um extremo ao outro da ravina. Em certos momentos o rufo dos tambores amortecia a ponto de ser apenas perceptível. Noutros, parecia bater tão perto que se esperava encontrá-los na próxima curva.

Quando estavam a meio caminho do cume, uma águia passou voando tão próximo deles que sentiram no rosto o ar deslocado pelas suas asas. Num buraco da rocha jazia um monte de ossos. Tudo era estranho e provocava uma sensação de opressão. E o índio cheirava cada vez pior. Saíram finalmente da ravina, em pleno sol. O cume da mesa era uma superfície plana de terra.

- Isto parece a torre de Charing-T - comentou Lenina. Mas não teve oportunidade de gozar muito tempo de tão tranquilizadora descoberta. Um ruído de passos amortecidos fê-los virarem-se. Nus do pescoço ao umbigo, o corpo bronzeado listrado de riscas brancas (« como campos de ténis de cimento» , explicaria mais tarde Lenina), o rosto tornado inumano pela pintura escarlate, negra e ocre, dois índios vinham correndo ao longo do carreiro. Os seus cabelos negros estavam entrançados com tiras de pele de raposa e de flanela vermelha. Um manto de penas de peru flutuava-lhes nos ombros, enormes diademas de plumas lançavam em volta da cabeça reflexos de tons brilhantes. A cadapasso que davam, elevava-se o guisalhar das suas pulseiras de prata e dos pesados colares de ossos e de turquesas.

Aproximavam-se calados, correndo silenciosamente com os seus sapatos de pele de gamo. Um deles trazia uma espécie de espanador; o outro, em cada mão, o que parecia ser, à distância, três ou quatro pedaços de corda grossa. Uma das cordas torcia-se inquietadoramente, e Lenina viu de súbito que eram serpentes.

Os homens aproximaram-se, cada vez mais perto. Os seus olhos sombrios encaram-na, mas sem darem qualquer sinal de a terem visto ou de terem consciência da sua existência. A serpente, que antes se retorcia, pendia agora, molemente, junto às outras. Os homens continuaram o seu caminho.

- Isto não me agrada - disse Lenina. - Não me agrada mesmo nada.

O que a esperava à entrada do pueblo ainda lhe agradou menos, quando o guia os abandonou por momentos para ir receber instruções. Primeiro a sujidade, montes de imundícies, poeira, cães, moscas.

O rosto de Lenina franziu-se numa careta de nojo. Levou o lenço ao nariz.

- Mas como podem eles viver assim? - explodiu, numa voz de incredulidade indignada. Não, não era possível.

Bernard encolheu filosoficamente os ombros. O

- Seja como for - disse -, há cinco ou seis mil anos que eles o fazem. De maneira que creio que actualmente devem estar habituados.

- Mas a limpeza é a aproximação da Fordinidade - insistiu ela.

- Sim, e a civilização é a esterilização - continuou Bernard, terminando ironicamente com a segunda lição hipnopédica de Higiene Elementar. - Mas esta gente nunca ouviu falar de Nosso Ford e não é civilizada. De maneira que não tem interesse ...

- Oh! - Ela agarrou-lhe o braço. - Olhe! Um índio quase nu descia muito lentamente a escada do terraço do primeiro andar de uma casa próxima, degrau após degrau, com a trémula atenção da extrema velhice. A sua cara estava cheia de rugas e era negra como uma máscara de obsidiana. A boca, sem dentes, estava chupada. Aos cantos dos lábios e de cada lado do queixo brilhavam alguns pêlos eriçados, quase brancos sobre a pele escura. Os longos cabelos, não entrançados, caíam-lhe em farripas grisalhas em volta do rosto. O corpo estava curvado e tão magro que parecia não ter carne sobre os ossos. Descia muito lentamente, parando em cada degrau antes de arriscar outro passo.

- Que tem ele? - murmurou Lenina, com os olhos esbugalhados de pasmo e horror.

- É apenas velho - respondeu Bernard com todo o desprendimento que lhe foi possível. Também ele estava perturbado, mas fez um esforço para não o demonstrar. - Velho? - repetiu ela. - Mas o Director também é velho, e há muita gente que é velha e, apesar disso, não é assim.

- Porque nós não lhes permítimos que o sejam. Preservamo-los das doenças; mantemos artificialmente as suas secreções internas ao nível do equilíbrio da juventude; não deixamos cair o seu índice de magnésio e de cálcio abaixo do que era aos trinta anos; fazemos-lhes transfusões de sangue novo; mantemos o seu metabolismo permanentemente estimulado. Assim, evidentemente,O eles não têm este aspecto. Em parte - acrescentou - porque a maioria de entre eles morre muito antes de ter atingido a idade deste velho. A juventude quase intacta até aos sessenta anos. Depois, trás! O fim.

Mas Lenina não o ouvia. Observava o velho. Lentamente, muito lentamente, ele descia. Os seus pés tocaram o so'lo. Virou-se. Nas órbitas profundas, os olhos eram ainda extraordinariamente vivos.

Olharam-na um longo momento, vazios de expressão, sem surpresa, como se ela simplesmente não estivesse ali. Depois, lentamente, de costas curvadas, o velho, pé aqui, pé ali, passou em frente deles e desapareceu.

- Mas é terrível! - murmurou Lenina. - É espantoso! Não devíamos ter cá vindo. - Apalpou a algibeira à procura do soma, mas verificou que, devido a um esquecimento sem precedentes, tinha deixado o frasco na pousada. As algibeiras de Bernard estavam igualmente vazias. E Lenina

teve de enfrentar, sem socorros exteriores, os horrores de Malpaís. Estes abateram-se sobre ela, abundantes e rápidos. O

espectáculo de duas mulheres ainda novas dando de mamar aos seus bebés fê-la corar e obrigou-a a virar o rosto. jamais na sua vida tinha visto coisa tão indecente. E o que ainda mais agravava o facto é que, em vez de fechar os olhos e de ter o tacto de passar adiante, Bernard começou a fazer sobre esse revoltante espectáculo vivíparo comentários que exigiam uma resposta. Envergonhado, agora que os efeitos do soma tinham passado, da fraqueza de que dera mostras essa manhã no hotel, esforçava-se por se mostrar forte e livre de opiniões ortodoxas.

- Que relações maravilhosamente íntimas! - disse, ultrapassando deliberadamente todos os limites. - E

que intensidade de sentimentos elas devem criar! Parece-me frequentemente que é possível que nos tenha faltado qualquer coisa por não termos tido mãe. E talvez, também, lhe tenha faltado qualquer coisa a si, Lenina, por não ser mãe. Imagine-se sentada ali, com um pequeno bebé seu ...

- Bernard! Como pode ... ? - A passagem de uma velha com oftalmia e uma doença de pele distraiu a sua indignação. - Vamo-nos embora - suplicou. - Nada disto está a agradar-me. Mas nesse momento o guia reapareceu e, fazendo-lhes sinal para o seguirem, conduziu-os ao longo da estreita rua entre as casas. Chegaram a uma esquina. Um cão morto jazia num monte de imundícies, uma mulher com bócio catava piolhos na cabeça de uma garota. O guia parou ao pé de uma escada, ergueu a mão no ar e em seguida projectou-a horizontalmente para a frente. Executando essas ordens silenciosas, subiram a escada e, atravessando a porta a que ela dava acesso, entraram numa divisão estreita e longa, muito escura e cheirando a fumo, gordura queimada e roupa usada durante muito tempo sem ser lavada. No outro extremo da divisão havia outra porta por onde penetrava um raio de sol, assim como o barulho, muito sonoro e próximo, dos tambores.

Franquearam o umbral e encontraram-se num espaçoso terraço. Abaixo deles, encerrada entre as altas casas, estava a praça da aldeia, cheia de índios. Brilhantes mantos, penas e plumas espetadas nas cabeleiras negras, o brilho das turquesas e as peles bronzeadas, luzentes de suor. Lenina levou novamente o lenço ao nariz. No centro da praça erguiam-se duas plataformas de alvenaria e barro, coberturas, sem dúvida, de câmaras subterrâneas, pois no centro de cada uma abria-se um buraco negro com uma escada que saía da obscuridade inferior. Daí subia um som subterrâneo de flautas, que quase completamente se perdia no rufar persistente, regular, implacável, dos tambores.

O som destes agradava a Lenina. Fechando os olhos, abandonou-se ao seu trovejar velado e repetido, deixou invadir, completamente o seu eu consciente de tal maneira que por fim nada mais subsistiu senão aquela única e profunda pulsação sonora. Lembrava-lhe, e isso

tranquilizava-a, os sons sintéticos das Cerimónias de Solidariedade e das cerimónias do Dia de Ford. « Orgia-folia» , murmurou para si mesma. Aqueles tambores batiam exactamente com o mesmo ritmo.

Subitamente houve uma explosão de cantos que a fez sobressaltar: centenas de vozes de homens gritando impetuosamente, num uníssono rouco e metálico. Algumas notas prolongadas e o silêncio, o silêncio vibrante dos tambores; depois, perfurante como um relincho agudo, a resposta das mulheres.

Em seguida, novamente os tambores, e, ainda mais uma vez, gritada pelos homens, a afirmação profunda e feroz da sua virilidade.

Estranho, sem dúvida. O local era estranho e a música era-o também; os fatos, os bócios, as doenças de pele, os velhos, eram-no igualmente. Mas o espectáculo em si, esse não lhe parecia ter qualquer coisa de particularmente estranho.

- Isto faz-me lembrar os cantos em comum das castas inferiores - disse ela a Bernard.

Mas pouco depois o espectáculo já lhe pareceu muito menos semelhante a tão inocente cerimónia.

Porque, repentinamente, tinha surgido em enxame, do fundo daquelas câmaras redondas subterrâneas, um grupo horroroso de monstros. Apavorantemente mascarados ou sarapintados ao ponto de perderem todo o aspecto humano, tinham começado a executar em volta da praça, batendo com os pés no chão, uma dança estranha e ondulante; sempre à volta da praça, uma vez mais, cantando e dançando, mais uma vez, outra ainda, um pouco mais depressa em cada volta. Os tambores tinham modificado e acelerado o ritmo de tal maneira que este se assemelhava às pulsações da febre nos ouvidos; a multidão tinha começado a cantar com os bailarinos, cada vez mais alto. Uma mulher gritou, depois outra, outra ainda, como se estivessem a matá-las. E depois, subitamente, o que conduzia a dança destacou-se do círculo, correu para uma grande caixa de madeira que se encontrava num dos extremos da praça, ergueu a tampa e tirou um par de serpentes negras. Um uivo vigoroso ergueu-se da multidão e todos os outros dançarinos correram para ele de mãos estendidas. Ele atirou as serpentes aos que primeiro chegaram, depois mergulhou novamente as mãos na caixa para tirar mais. E mais, e mais serpentes negras, pardas, malhadas. Agarrava-as e atirava-as para os que chegavam. Então a dança recomeçou com um ritmo diferente. Deram e tornaram a dar a volta à praça com as serpentes, ondulando com um ligeiro movimento dos joelhos e das ancas. Volta após volta. Em seguida o que conduzia a dança fez um sinal e, umas a seguir às outras, todas as serpentes foram atiradas ao chão no meio da praça; um velho saiu do subsolo e polvilhou-as com farinha de trigo. Em seguida, do outro buraco saiu uma mulher que as aspergiu com a água de um jarro preto.

Então o velho ergueu a mão e, com uma terrificante rapidez, fez-se um silêncio absoluto. Os

tambores cessaram de bater, a vida pareceu ter parado. O velho apontou com um dedo os dois buracos que davam acesso ao mundo inferior. E lentamente, erguidos de baixo por mãos invisiveis, emergiram de um a imagem pintada de uma águia e do outro a de um homem nu, pregado numa cruz. Ali ficaram, aparentemente vivas por si mesmas, como se observassem. O velho bateu palmas. Nu, apenas com uma tanga de algodão branco, um rapaz de cerca de dezoito anos saiu da multidão e colocou-se em frente dele, as mãos cruzadas no peito, a cabeça baixa. O velho fez sobre ele o sinal-da-cruz e afastou-se.

Lentamente, o rapaz começou a dar voltas em torno das serpentes que se estorciam. Tinha terminado a primeira volta e estava no meio da segunda quando, saindo de entre os dançarinos, um homem alto, com uma máscara de lobo e levando na mão um chicote de couro entrançado, avançou para ele. O

rapaz continuou o seu caminho como se não tivesse@@ consciencia da existência do outro. O homem-lobo ergueu o chicote; houve um longo momento de espera, depois um movimento rápido, o silvo do chicote e o seu choque sonoro e seco na carne. O corpo do rapaz teve um estremecimento. Mas ele não emitiu o mínimo som, continuando a caminhar com o mesmo passo lento e regular. O homem-lobo golpeou mais uma vez, e mais outra, e a cada golpe elevava-se da multidão primeiro um suspiro convulsivo, depois um profundo gemido. O rapaz continuava a caminhar. Duas, três, quatro vezes deu ele a volta.

O sangue corria com abundância. Subitamente, Lenina, cobrindo o rosto com as mãos, começou a soluçar. - Oh! Faça-os parar, faça-os parar! - implorou. -Mas o chicote silvava, silvava inexoravelmente. Sete vezes tinha já sido a volta dada. Então, de repente, o rapaz estremeceu e, sempre sem exalar o mínimo som, caiu de borco. Inclinando-se sobre ele, o velho tocou-lhe as costas com uma longa pena branca, agitou-a um instante no ar, vermelha, para que todos a vissem, depois sacudiu-a três vezes sobre as serpentes. Caíram algumas gotas de sangue e, subitamente, os tambores fizeram de novo soar um ruído de notas deO preçipitado pânico. Ouviu-se um enorme grito. Os dançarinos correram para a frente, agarraram nas serpentes e fugiram da praça. Homens, mulheres, crianças, toda a multidão se lançou em sua perseguição. Passado um minuto, a praça estava vazia; apenas ficou o rapaz, estendido de rosto contra a terra no lugar onde caíra, absolutamente imóvel. Três velhas saíram de uma casa, ergueram-no com dificuldade e levaram-no com elas. A águia e o homem na cruz ficaram ainda algum tempo vigiando o pueblo deserto; depois, como se já tivessem visto suficientemente, mergulharam com lentidão pelos seus buracos, para além do olhar, no mundo subterrâneo.

Lenina soluçava ainda.

- Mas é horroroso! - repetia sem cessar. Todas as consolações de Bernard eram inúteis. - É horroroso.

Aquele sangue!

- estremeceu. - Oh! Se tivesse o meu soma!

Ouviu-se um ruído de passos no interior da casa. Lenina não se mexeu, ficou sentada, o rosto escondido nas mãos, alheada de tudo, sem nada ver. Apenas Bernard se voltou.

As vestes do rapaz que aparecia nesse momento no terraço eram as de um índio; mas os seus cabelos entrançados eram cor de palha, os seus olhos de um azul pálido e a sua pele era branca, bronzeada.

- Ei-los! Eu vos saúdo - disse o recém-chegado num inglês impecável, mas muito especial. - Sois civilizados, não é verdade? Vindes de longe, de além da Reserva?

- Quem é este, grande Ford?... - começou Bernard.

O rapaz suspirou e acenou com a cabeça.

- Um homem bem infeliz. - E, apontando as manchas de sangue no centro da praça: - Vêem aquela mancha maldita?O - perguntou com a voz fremente de emoçãoO.

Um grama vale mais que o mal que se clama - disse mecanicamente Lenina, falando por trás das mãos.

- Se eu tivesse aqui o meu soma!

- Era eu quem deveria estar ali - continuou o rapaz. - Porque não quiseram eles o meu sacrifício? Eu, sim, eu teria dado dez voltas, doze voltas, quinze voltas. Palowhtiwa apenas chegou às sete...

Comigo, poderiam ter tido duas vezes mais sangue! « Tingír de sangue os mares tumultuosos ... - Abriu os braços, num gesto largo. Depois, desesperadamente, deixou-os cair. - Mas não me permitiram.

« Desagradava-lhes devido à minha cor. Foi sempre assim. Sempre.

O rapaz tinha lágrimas nos olhos. Sentindo vergonha, voltou-se.

O espanto fez esquecer a Lenina a falta do soma. Tirando as mãos do rosto, olhou para o recém chegado pela primeira vez.

- O quê! Quer dizer com isso que desejava ser chicoteado? Afastando sempre dela o seu olhar, o rapaz fez um sinal afirmativo.

- Para bem do pueblo, para fazer vir a chuva e fazer crescer o trigo. E para agradar a Pukong e a Jesus.

E, além disso, para mostrar que sou capaz de suportar a dor sem gritar. Sim - a sua voz tomou de súbito uma nova ressonância; voltou-se, erguendo orgulhosamente os ombros, levantando o

queixo com altivez, em ar de desafio -, para mostrar que sou um homem... Oh! Soltou um soluço convulsivo e calou-se, os olhos muito abertos. Tinha visto, pela primeira vez na vida, o rosto de uma rapariga cujas faces não eram da cor de chocolate ou de pêlo de cão, cujos cabelos eram castanho-claros, com uma ondulação natural, e cuja expressão - novidade assombrosa! - era de benevolente interesse. Lenina sorriu-lhe. « Como é gentil este rapaz

- pensou - e como é bonito! » O sangue subiu ao rosto do rapaz. Baixou os olhos, ergueu-os novamente por um instante, apenas para verificar que ela continuava a sorrir-lhe, e ficou de tal maneira atrapalhado que foi obrigado a voltar-se e a fingir que olhava muito atentamente para qualquer coisa que estava do outro lado da praça.

As perguntas que Bernard fez criaram uma diversão. « Quem? Como? Quando? Donde?»

Conservando os olhos fixos no rosto de Bernard - pois sentia tal desejo de ver Lenina sorrindo que não ousava olhá-la , o rapaz tentou explicar a sua presença. Linda e ele - Linda era sua mãe (esta palavra fez que Lenina ficasse constrangida) - eram estrangeiros na Reserva. Linda tinha vindo de longe, há muito tempo, antes de ele ter nascido, com um homem de quem ele era filho. (Bernard apurou o ouvido.) Ela tinha ido passear a pé naquelas montanhas além, ao norte, caíra num lugar escarpado e ferira-se na cabeça.

- Continue, continue! - pediu Bernard, excitadíssimo. Caçadores de Malpaís tinham-na encontrado e levado para o pueblo. Quanto ao homem de quem ele era filho, Linda nunca mais o tornara a ver.

Chamava-se Tomakin. (Sim, o nome do D. I. C. era exactamente Thomas.) Devia ter partido no helicóptero, voltado para longe, sem ela - um homem mau, malvado, antinatural.

- De maneira que nasci em Malpaís - disse, concluindo. - Em Malpaís. - E meneou a cabeça.

Ah! Aquela pequena casa no extremo do pueblo, como era suja! Um terreno coberto de poeira e imundícies separava-a da aldeia. Dois cães esfomeados esgravatavam, de uma maneira repugnante, nos detritos espalhados em frente da porta. Na penumbra do interior da casa, quando entraram, predominava o mau cheiro e o sonoro zumbido das moscas.

- Linda! - chamou o rapaz. Do fundo de outra divisão, uma voz feminina, bastante rouca, respondeu: -

Vou já. - Esperaram. No chão, numa espécie de gamelas, havia restos de uma refeição, talvez de várias refeições.

A porta abriu-se. Uma mulher loura e muito gorda transpôs o umbral e ficou a olhar para os estrangeiros, um olhar espantado, incrédulo, de boca aberta. Lenina notou com desgosto que lhe faltavam dois dentes da frente. E a cor dos que restavam!... Teve um arrepio. Era pior que o velho.

Como aquela mulher era gorda! E todas aquelas rugas na cara, aquelas carnes moles e flácidas, aquelas pregas! E as bochechas caídas, com pústulas

avermelhadas! E as veias do nariz, os olhos injectados de sangue! E aquele pescoço, aquele pescoço! E

o pano com que ela cobria a cabeça, em farrapos e sujíssimo. E, debaixo da camisaO , castanha em forma de saco, aqueles seios enormes, o ventre saído, as ancas! Oh! Muito pior que o velho, muito pior! E subitamente aquela criatura explodiu numa torrente de palavras, precipitou-se para ela de braços abertos - Ford! Ford! Era revoltante, era demasiado. Um momento mais e ela teria náuseas -

apertou-a contra aquela saliência, contra aquele peito, e começou a beijá-la. Ford! A beijá-la babando-se. Cheirava abominavelmente mal. Era evidente que nunca tomava banho, deitava um tremendo fedor a esse sujo produto que se punha nos frascos dos Deltas e dos Epsilões. (Não, não era verdade o que se dizia a respeito de Bernard!) Ela cheirava literalmente a álcool. Lenina separou-se dela o mais depressa que lhe foi possível.

Encontrou-se frente a frente com um rosto desfigurado coberto de lágrimas. A criatura chorava.

- Oh! Minha querida, minha querida! - A torrente de palavras misturava-se com soluços. - Se soubesse como estou contente, ao fim de tantos anos! Uma cara civilizada! Sim, e fatos civilizados! Porque cheguei a acreditar que nunca mais veria um pedaço de seda de acetato autêntica! - Afagou com o dedo a manga da camisa de Lenina. Tinha as unhas negras. - E esse adorável calção aveludado de algodão de viscose! Fique sabendo, minha querida, que ainda conservo os meus antigos fatos, aqueles com que cheguei aqui, arrumados numa mala. Depois lhos mostrarei. Ainda que, é claro, o acetato esteja cheio de buracos. Mas o cinto branco é tão encantador! Ainda que deva reconhecer que o seu, de marroquim verde, o é ainda mais. Embora não me tivesse servido para grande coisa, aquele cinto.

- As lágrimas voltaram a correr-lhe pela cara. - John deve ter-lhes contado tudo isso. O que tenho sofrido, e sem ter maneira de arranjar um grama de soma! Nada mais que um gole de mescal de tempos a tempos, quando Popé mo arranjava. Popé é um rapaz que conheci há muito tempo. Mas o mescal deixa-nos tão doentes depois, e o peyotl faz mal ao coração. E, além disso tornava ainda mais penosa, no dia seguinte, essa horrível sensação de vergonha. E eu vivia de tal maneira envergonhada! Calcule: eu, uma Beta, ter um bebé. Ponha-se no meu lugar! (Apenas perante a ideia, Lenina estremeceu.) Ainda que não tivesse sido culpa minha, juro-o, pois ainda hoje não compreendo como aquilo aconteceu, porque executei todos os exercícios maltusianos - sabe como é, contando: um, dois, três, quatro -, sempre, juro-o. O que não impediu que, apesar de tudo, aquilo tivesse acontecido, e, evidentemente, aqui não havia nada semelhante a um centro de abortos. A propósito, ele ainda lá está, em Chelsea? - perguntou. Lenina confirmou com a cabeça. - E ainda iluminado por projectores às terças e às sextas? - Lenina acenou OUtra vez

afirmativamente com a cabeça. - Aquela encantadora torre de vidro rosado! - A pobre Linda ergueu o rosto e, de olhos fechados, contemplou em êxtase a brilhante imagem da recordação. - E o Tamisa, à noite... - murmurou. Grossas lágrimas caíram lentamente por entre as pálpebras cerradas. - E a volta em helicóptero, de Stoke Poges, à tardinha. E

depois um banho quente e uma vibromassagem pelo vácuo ... Que maravilha... - Soltou um profundo suspiro, sacudiu a cabeça, reabriu os olhos, fungou uma ou duas vezes e depois assoou-se aos dedos, que limpou na borda da túnica. - Oh! Desculpe - disse, como resposta à involuntária careta de nojo que Lenina fez. - Não devia ter feito isto. Desculpe. Mas que fazer quando não há lenços? Como isto me atormentou outrora, lembro-me bem. Toda esta porcaria e o facto de nada ser asséptico! Tinha um terrível golpe na cabeça quando me trouxeram para aqui, logo no princípio. Não pode imaginar o que me puseram na ferida. Imundicies, simplesmente imundícies. « Civilização é esterilização - dizia-lhes eu. - No meu estreptococo alado, voai para Banbury-T. Ide ver um sumptuoso quarto de banho com um W. C.,(*) como se fossem criancinhas. Mas eles não compreendiam, é claro. Como poderiam compreender? E, no fim de contas, habituei-me, suponho. E, além disso, como'nos podemos conservar limpos quando não há instalação de água quente? E olhe para estes fatos. Esta detestável lã, nada parecida com o acetato. Isto dura, dura! ... E somos obrigados a remendá-la (*) O texto inglês, que se tentou reproduzir o mais fielmente possível na sua significação e no seu ritmo, é Uma paródia a uma nursery rhyme, pequena poesia infantil conhecida de todas as crianças inglesas. (N. do T.)

quando se rasga. Mas eu sou uma Beta. Trabalhava na Sala de Fecundação e nunca ninguém me ensinou a fazer nada disto. Não era o meu trabalho. E, como se sabe, não está certo remendar os fatos.

Deitam-se fora quando têm buracos e compram-se outros novos. « Quanto mais se remenda, pior se fica.» É assim! não é verdade? Remendar é anti-social. Mas aqui tudo é diferente. É como se vivesse entre doidos. Tudo o que eles fazem é louco. - Olhou em volta e viu que john e Bernard as tinham deixado e passeavam de um lado para o outro, entre poeira e imundícies. Mas, apesar disso, baixou a voz num tom confidencial e inclinou-se enquanto Lenina tentava afastar-se. Aproximou-se de tal maneira que o seu hálito empestado de veneno para embriões agitava os cabelos que caíam sobre o rosto da jovem. - Por exemplo - disse, num sussurro rouco veja a maneira como os pares aqui se ligam. É uma loucura, digo-lhe eu, uma completa loucura... Cada um pertence a todos, não é verdade? -

insistiu, puxando pela manga de Lenina. Esta, de cabeça sempre voltada, fez um sinal afirmativo, expirou o ar que tinha retido e conseguiu fazer uma nova inspiração de ar relativamente puro. - Pois bem - continuou Linda -, aqui ninguém pode pertencer a mais de uma pessoa. E se fazemos como é costume, os outros chamam-nos viciosas e anti-sociais... Odeiam-nos, desprezam-nos. Uma vez, vieram aqui umas quantas mulheres, que começaram a fazer uma cena porque os maridos delas me vinham visitar. E então, porque não? Depois atiraram-se a mim ... Não, que horror! Não posso contar-lhe isto. Linda escondeu o rosto nas mãos e estremeceu. - Como as

mulheres aqui são odiosas! Doidas.

Doidas e cruéis! E, é claro, nada sabem de exercícios maltusianos, nem de provetas, nem de decantação, nem de nada parecido. Por isso passam o tempo a ter filhos, como cadelas ... Oh! Ford, Ford, Ford!... E, no entanto, john tem sido para mim um grande consolo, isso é verdade. Não sei que teria feito sem ele. Mas como ele se irritava de cada vez que um homem ... Mesmo quando era pequeno. Uma vez (era já maior, nessa altura) tentou matar o pobre Waihusiwa - ou seria Popé? -

unicamente porque eu o recebia de vez em quando. Porque nunca fui capaz de o fazer compreender que é assim que devem fazer as pessoas civilizadas. A loucura deve ser contagiosa. E parece que john a apanhou dos índios, pois, já se vê, ele tem convivido muito com eles, apesar de eles nunca lhe terem permitido que fizesse tudo o que faziam os outros garotos. O que, por um lado, foi muito bom, pois me facilitou o trabalho de o condicionar um pouco. Mas não calcula como isso é difícil. Há tantas coisas que eu não sei, nem tenho de saber. Por exemplo: se um garoto perguntar como funciona um helicóptero ou quem fez o mundo, que se lhe vai responder se se é uma Beta que trabalhou sempre na Sala de Fecundação? SIM, que quer que se lhe responda?

CAPÍTULO OITAVO

Fora, no meio da poeira e por cima das imundícies - havia agora quatro cães -, Bernard e john passeavam lentamente de um lado para o outro.

- É para mim tão difícil de compreender - dizia Bernard de tudo imaginar... Como se vivêssemos em planetas diferentes em séculos diferentes. Uma mãe e toda esta porcaria, e além disso os deuses, a velhice e a doença... - Abanou a cabeça. - quase inconcebível. Nunca chegarei a compreender, a não ser que você mo explique.

- Explicar o quê?

- Isto. - Designou o pueblo. - Aquilo. - E desta vez era a casinha fora da aldeia. - Tudo. Toda a sua vida.

- Mas que devo dizer-lhe?

- Desde o princípio. Desde a época mais longínqua que seja capaz de recordar.

Houve um longo silêncio.

Estava muito calor. Eles tinham comido muitas tortillas e trigo com açúcar. Linda disse-lhe: - Vem deitar-te, bebé. Ambos se deitaram juntos na cama grande. - Canta. - E Linda cantou: "No meu estreptococo alado, voai para Banbury-T" e, "Boa viagem, bebezinho, em breve serás

decantado". A sua voz foi-se tornando mais e mais fraca ...

Ouviu-se um grande estrépito, e ele acordou sobressaltado. Um homem estava de pé ao lado da cama, enorme, pavoroso. Dizia'qualquer coisa a Linda, e Linda ria. Ela tinha puxado as cobertas até ao queixo, mas o homem destapou-a. Os cabelos do homem pareciam duas cordas pretas e em torno do braço trazia uma belíssima pulseira de prata onde se destacavam pedras azuis. john gostava muito da pulseira, mas, apesar de tudo, tínha medo e escondeu o rosto contra o corpo de Linda. Linda pousou-lhe a mão no corpo e ele sentiu-se melhor e em segurança. Empregando a outra maneira de falar que ele não compreendia tão perfeitamente, ela disse ao homem: - Sim, mas não na presença de john. - O

homem olhou-o, depois voltou a contemplar de novo Linda e disse algumas palavras em voz doce.

Linda disse: - Não. - Mas o homem inclinou-se para ela, sobre a cama. A sua cara era enorme, terrível; as cordas pretas do seu cabelo roçavam as cobertas. - Não - repetiu Linda. Ele sentiu que a mão dela o apertava com mais força. - Não! Não! - Mas o homem agarrou-o por um braço, e isso doía. Gritou. O

homem estendeu a outra mão e levantou-o. Linda continuava a segurá-lo e continuava a dizer: - Não, não. - O homem disse qualquer coisa breve, furioso, e de súbito as mãos de Linda abandonaram-no. -

Linda, Linda! - Ele esperneou, torceu-se, mas o homem levou-o através do quarto até à porta que abriu, deitou-o no chão no meio do outro aposento e fechou a porta atrás dele. Levantou-se e correu para a porta. Erguendo-se na ponta dos pés, conseguiu alcançar, a custo, o grande trinco de madeira.

Levantou-o e empurrou, mas a porta não se abriu. Linda! - gritou. Ela não respondeu. Ele lembrava-se de um imenso compartimento, bastante sombrio. Havia grandes máquinas de madeira, a que estavam atados cordões, e ranchos de mulheres de pé, em roda, teciam cobertas, segundo dizia Linda. Linda mandou-o sentar-se no canto com as outras crianças, enquanto ela ia ajudar as mulheres. Durante um bom pedaço de tempo brincou com os rapazinhos. De súbito todos começaram a falar muito alto. As mulheres empurravam Linda, e Linda chorava. Ela dirigiu-se para a porta e ele correu atrás dela. Aí perguntou-lhe a razão da zanga das mulheres. - Porque parti uma peça qualquer - foi a resposta. E então ela também se zangou. - Como saberei eu arranjar-me com esta porcaria da tecelagem? - gritava ela. -

Selvagens nojentos! - Quando chegaram a casa, Popé esperava-os à porta 58

e entrou com eles. Havia uma grande cabaça cheia de uma substância que parecia água; mas'não era água, era qualquer coisa que cheirava mal, que queimava a boca e fazia tossir. Linda bebeu e Popé também bebeu. Então Linda riu-se muito e falou muito alto. Depois ela e Popé foram para o outro compartimento. Quando Popé se foi embora, ele entrou. Linda estava

na cama, tão profundamente adormecida que não a conseguiu acordar.

Popé vinha muitas vezes. Dizia ele que a substância que estava na cabaça se chamava mescal, mas Linda dizia que deveria chamar-se soma; era uma coisa que deixava as pessoas doentes depois de a beberem. Ele detestava Popé. Detestava-os a todos, a todos os homens que vinham visitar Linda. Uma tarde em que tinha brincado com as outras crianças - lembrava-se de que estava frio e havia neve nas montanhas - regressou a casa e ouviu vozes exaltadas no quarto de dormir. Eram vozes de mulheres e diziam palavras que ele não compreendia. Mas sabia que eram palavras feias. Depois, de súbito - flac -, e houve qualquer coisa que caiu; ouviu pessoas ir e vir rapidamente, ouviu-se um novo « flac» e depois um rumor semelhante ao que se produz quando se bate num animal, mas não tão seco. Então Linda gritou: Oh! Não, não, não! - Ele precipitou-se para o quarto, a correr. Havia lá três mulheres cobertas com xales escuros. Linda estava estendida na cama. Uma das mulheres segurava-lhe os pulsos. Uma outra estava deitada, atravessada sobre as suas pernas, de modo que ela não pudesse dar pontapés. A terceira fustigava-a com um chicote. Uma, duas, três vezes. E de cada vez Linda gritava. Chorando, ele puxou as franjas do xale da mulher. - Suplico-lhe, suplico-lhe! - Com a mão livre, a mulher manteve-o à distância. O chicote caiu e Linda-gritou outra vez. Ele agarrou com ambas as mãos a mão bronzeada da mulher e mordeu-a com todas as suas forças. Ela deu um grito, libertou a mão com um safanão e empurrou-o com tanta violência que o fez cair. Enquanto estava caído no chão, deu-lhe três chicotadas.

Isso doeu-lhe mais que tudo o que jamais sentira, tanto como fogo.

O chicote silvou outra vez e abateu-se. Mas desta vez foi Linda que gritou.

- Mas porque te bateram elas, Linda? - perguntou ele nessa noite.

Ele chorava porque as marcas vermelhas do chicote nas costas lhe doíam horrivelmente. E chorava também por as pessoas serem tão más e tão Injustas e por ser apenas um rapazinho e não poder fazer nada contra elas. Linda também chorava. Ela era adulta, mas não era suficientemente forte para poder lutar contra as três. Para ela também não era justo.

Porque te bateram elas, Linda? Não sei. Como poderei saber? - Era difícil perceber o que ela dizia, porque estava deitada de bruços e tinha a cabeça enterrada no travesseiro. - Elas diziam que estes homens eram os seus homens - continuou.

E não era a ele que se dirigia. Parecia falar a alguém que estivesse dentro dela mesma. Um longo discurso de que ele não compreendeu nada, e, a terminar, recomeçou a chorar mais fortemente que nunca.

- Oh! Não chores mais, Linda. Não chores mais! Apertou-se contra ela. Passou-lhe o braço em volta do pescoço. Linda deu um grito: - Ah! Tem cuidado. O meu ombro! Oh! - E afastou-o brutalmente. Bateu com a cabeça na parede.

- Imbecilzinho! - gritou ela. - E depois, de repente, começou a esbofeteá-lo.

- Linda! - gritou ele. - Oh! Mamã, não faças isso!

- Eu não sou tua mãe! Não quero ser tua mãe!

- Mas Linda ... Oh! - Ela deu-lhe outra bofetada.

- Transformada em selvagem - vociferou. - Ter filhos, como um animal! ... Se tu não existisses, poderia ter ido procurar o inspector e teria podido partir. Mas não com um bebé. Teria sido excessivamente vergonhoso.

Viu que ela lhe ia bater outra vez e levantou o braço para defender a cara.

- Oh! Não, Linda, não, peço-te!

- Animalzinho! Baixou-lhe o braço, descobrindo o rosto.

- Não, Linda! Fechou os olhos, esperando o golpe. Mas ela não lhe bateu. Depois de um instante, reabriu os olhos e viu que ela o contemplava. Tentou sorrir-lhe. Repentinamente ela envolveu-o nos braços e cobriu-o de beijos.

59

Linda ficava às vezes muitos dias quase sem sair da cama. Ficava deitada, agarrada à sua tristeza. Ou então bebia o líquido que Popé trazia, ria desmedidamente e adormecia. Algumas vezes sentia- se doente do coração. Muitas vezes esquecia-se de se levantar e só havia tortillas frias para comer ...

Ele ainda se lembrava da primeira vez que ela lhe tinha encontrado no cabelo aqueles bichinhos e de como ela gritara.

Os momentos mais felizes eram aqueles em que ela lhe falava de Além.

- E pode realmente passear-se voando, quando nos apetece?

- Quando se deseja. - Ela falava-lhe da bonita música que saía de uma caixa, de todos os jogos encantadores que se podiam jogar, das deliciosas coisas de comer e beber, da luz que aparecia quando se premia um pequeno engenho na parede, das imagens que era possível ouvir, sentir e tocar enquanto eram vistas, de uma outra caixa para fazer bons aromas, das casas rosadas, verdes, azuis, prateadas, altas como montanhas. Ela contava-lhe como toda a gente era feliz, sem nunca haver pessoas tristes ou zangadas, como cada um pertencia a todos. Falava-lhe de caixas onde se podia ver e ouvir o que se passava do outro lado do mundo, os bebés em bonitas provetas bem limpas, - tudo tão limpo, sem maus cheiros, sem a menor porcaria! Ela contava-lhe que as pessoas nunca se sentiam sós, mas viviam juntas, alegres e felizes, como durante as danças de

Verão aqui em Malpaís, mas muito mais felizes, com uma felicidade permanente, todos os dias, todos os dias... Ele ouvia-a horas a fio. E, por vezes, quando ele e as outras crianças estavam cansadas por terem brincado muito, um dos velhos do pueblo falava-lhes, com outras e diferentes palavras, do Grande Transformador do Mundo e da longa luta entre a Mão Direita e a Mão Esquerda, entre a Humanidade e a Secura, de Awonawilona, que só com o pensamento criou uma noite um nevoeiro e desse nevoeiro criou em seguida o mundo, de Nossa- Mãe a Terra e de Nosso Pai o Céu, de Ahaiuyta e Marsailema, os gémeos da Guerra e do Acaso, de Jesus e de Pukong, de Maria e de Etanatlehi, a mulher que voltou a ser jovem, da Pedra Negra da Laguna, da Grande Águia e de Nossa Senhora de Acoma. Histórias estranhas, muito mais maravilhosas para ele por serem contadas por meio de outras palavras e, portanto, menos completamente compreendidas.

Estendido na cama, ele pensava no céu e em Londres, em Nossa Senhora de Acoma e nas fileiras sobre fileiras de bebés em bonitas provetas muito limpas, em Jesus iniciando o voo, no Director dos Centros Mundiais de Incubação e em Awonawllona.

Muitos homens vinham visitar Linda. Os garotos começavam a apontá-la a dedo. Empregando as outras palavras estranhas, diziam que Linda era má. Chamavam-lhe nomes que ele não compreendia, mas sabia que eram nomes insultuosos. Um dia cantaram uma cantiga acerca dela, muitas vezes seguidas. Ele atirou-lhes pedras. Eles ripostaram: uma pedra bicuda cortou-lhe o rosto. O sangue não parava de correr e ficou todo ensanguentado.

Linda ensinou-o a ler. Com um pedaço de carvão vegetal ela desenhava as figuras na parede: um animal sentado, um bebé numa proveta. Depois escrevia as letras. O GATO ESTÁ ALI. O BEBÉ

ESTÁ NO POTE. Ele aprendia depressa e facilmente. Quando ele soube ler todas as palavras que ela escrevia na parede, Linda abriu a sua grande arca de madeira e tirou de sob aquele esquisito calção vermelho que nunca vestia um livro pequeno e delgado. Ele já o tinha visto muitas vezes. « Quando fores maior - tinha ela dito - poderás lê-lo.» Ora agora ele já estava bastante crescido. Sentíu-se orgulhoso.

- Receio que não aches isto muito interessante, mas é tudo o que tenho. - Ela suspirou. - Se ao menos pudesses ver as belas máquinas de leitura que tínhamos em Londres! - Ele começou a ler: O

Condicionamento Químico e Bacteriológico do Embrião. Instruções Práticas para os Trabalhadores Betas dos Depósitos de Embriões. Precisou quase de um quarto de hora só para ler o título. Atirou o livro ao chão.

- Porcaria de livro! - disse. E começou a chorar.

Os garotos continuavam a cantar a horrível canção que falava de Linda. Algumas vezes também troçavam dele por causa das suas roupas esfarrapadas. Quando ele rasgava as roupas, Linda não as sabia remendar. Lá, dizia-lhe ela, deitavam-se fora as roupas usadas e compravam-se outras

novas.

« Maltrapilho» , gritavam-lhe os garotos. « Mas eu - dizia consigo - sei ler, e eles 60

não sabem. Eles nem sequer sabem o que é ler. » Era-lhe muito fácil, se concentrava bastante o pensamento nesta questão da leitura, fingir-se indiferente à troça com que os outros o alvejavam. E

pediu a Linda que voltasse a dar-lhe o livro.

Quanto mais os garotos o apontavam com o dedo e cantavam mais ele se entregava à leitura. E em breve foi capaz de ler perfeitamente todas as palavras. Até as mais compridas. que significavam elas?

Perguntou a Linda. Mas mesmo quando ela era capaz de responder, isso não parecia tornar as coisas mais claras. E poucas vezes ela era capaz de responder.

- Que vem a ser os produtos químicos? -perguntava ele.

- Oh! São coisas como os sais de magnésio e o álcool para manter pequenos e atrasados os Deltas e os Epsilões, e o carbonato de cálcio para os ossos, e todas as coisas deste género.

- Mas como é que se fabricam os produtos químicos, Linda? Donde vêm eles?

- Disso já não sei nada. Eles estão nos frascos. E quando os frascos estão vazios mandam-se buscar outros frascos, lá acima, ao Depósito Farmacêutico. É o pessoal do Depósito Farmacêutico que os fabrica, julgo eu. Ou então mandam-nos buscar à fábrica. Não sei nada disso. Nunca trabalhei em química. O meu trabalho consistiu sempre em tratar dos embriões.

E acontecia o mesmo com todas as outras perguntas que lhe fazia. Linda parecia nunca saber nada. O

ancião do pueblo tinha respostas bem mais precisas.

- O germ è do homem e de todas as criaturas, o germe do Sol, e o germe da Terra, e o germe do Céu, foram todos criados, por Awonawilona, a partir do Nevoeiro do Crescimento. Ora o mundo tem quatro matrizes e, ele colocou os germes na mais baixa das quatro. E gradualmente os germes começaram a crescer...

Um dia, - john calculava que devia ter sido pouco depois do seu décimo segundo aniversário - entrou em casa e encontrou no chão, no quarto de dormir, um livro que ainda não tinha visto. Era um livro grande, que parecia muito antigo. A encadernação tinha sido roída pelos ratos e algumas das páginas estavam soltas e amarrotadas. Apanhou-o e olhou a página inicial. O livro intitulava-se: Obras Completas de William Shakespeare.

Linda estava estendida na cama, bebericando, por uma chávena, aquele horrível e malcheiroso mescal.

- Foi Popé que o trouxe - disse ela. Tinha a voz grossa e rouca, como se fosse de outra pessoa. - Estava num dos cofres da Kiva dos Antílopes. (*) Supõe-se que estava lá há centenas de anos. E deve ser verdade, porque lhe deitei uma olhadela e parece-me cheio de asneiras! Anterior à civilização. Enfim, sempre te servirá para te ires aperfeiçoando na leitura. - Bebeu um último trago, pousou a chávena no chão, ao lado da cama, deitou-se de lado, soluçou uma ou duas vezes e adormeceu.

Ele abriu o livro ao acaso:

Não, mas viver

No suor fétido de um leito imundo,

Imerso em corrupção, a fazer carícias e a amar

Sobre a pocilga asquerosa...

As estranhas palavras rolaram-lhe através do espírito, ressoando como um trovão falante, como os tambores das danças de Verão, se os tambores tivessem podido falar; como os homens cantando a Canção do Trigo, bela, de uma beleza de fazer choràr; como o velho Mitsima pronunciando fórmulas mágicas sobre as suas penas, os seus bastões entalhados e os seus pedaços de pedra e de ossos - Kiathla tsilu silokwe silokwe silokwe.

(*)-Os índios Zufii dividem-se em várias seitas ou kivas, cada uma das quais toma o nome de um animal protector e possui um lugar de reunião, que é geralmente uma câmara subterrânea, também chamada kiva. (N. do T.)

Kiai silu silu, tsithl -, mas ainda melhor que as fórmulas mágicas de Mitsima, porque estavam mais carregadas de sentido, porque era a ele que as palavras se dirigiam, porque falavam, de uma maneira maravilhosa e apenas- semicompreensível, em fórmulas terríveis e esplêndidas, de Linda, de Linda ali deitada e ressonando, a chávena vazia no chão, ao lado da cama, de Linda e de Popé, de Linda e de Popé ...

Ele detestava cada vez mais Popé. Um homem pode prodigalizar sorrisos e não passar de um celerado.

Traidor, devasso, celerado sem remorsos e sem bondade. Que significavam exactamente estas palavras? Não o sabia ao certo. Mas a sua magia era poderosa e continuava a bramir na sua cabeça, e sentiu-se, sem saber porquê, como se nunca tivesse realmente detestado Popé, como se antes nunca o tivesse verdadeiramente detestado, porque nunca pudera dizer até que ponto o

detestava. Mas entretanto possuía aquelas palavras, aquelas palavras que se assemelhavam aos tambores, aos cantos e às fórmulas mágicas. Estas palavras e a história estranha, estranha, donde eram tiradas (ela não tinha, para ele, nem pés nem cabeça, mas era maravilhosa, apesar de tudo, maravilhosa), davam-lhe um motivo para detestar Popé. E tornavam-lhe o seu ódio mais real, tornavam-lhe mais real o próprio Popé.

Um dia em que entrou em casa depois de ter brincado, a porta do quarto estava aberta e viu-os deitados na cama, adormecidos, Linda muito branca e Popé quase negro, ao lado dela, um braço sob os seus ombros, a outra mão bronzeada repousando sobre o seu peito e uma trança dos compridos cabelos do homem atravessada na garganta de Linda, como uma serpente negra que a tentasse estrangular. A cabeça de Popé pendia para o chão, onde estava uma chávena ao lado da cama. Linda ressonava.

Pareceu-lhe que o coração tinha desaparecido, deixando um buraco no seu lugar. Estava vazio. Sentia uma sensação de vácuo, de frio, um pouco de náusea, vertigens. Encostou-se à parede para se aguentar nas pernas. Traidor, devasso, sem remorsos ... Semelhantes aos tambores, semelhantes aos homens cantando o encantamento do perigo, semelhantes às fórmulas mágicas, as palavras repetiam-se e voltavam a repetir-se no seu espírito.

Depois da sensação de frio, sentiu subitamente um grande calor. Sentia o rosto em fogo com o afluxo do sangue, o quarto girava e escurecia diante dos seus olhos. Rangeu os dentes: « Hei-de matá-lo, hei-de matá-lo, hei-de matá-lo» , repetia sem cessar. E bruscamente surgiram-lhe outras palavras ainda: Quando estiver ébrio e adormecido, ou encolerizado Ou nos prazeres incestuosos do leito ...

As fórmulas mágicas estavam a seu favor, a magia explicava e dava ordens. Saiu e voltou para o primeiro compartimento. « Quando estiver ébrio ou adormecido ... adormecido ... » A faca de cortar a carne estava no chão, perto da lareira. Apanhou-a e voltou para a porta na ponta dos pés. Atravessou o quarto a correr e golpeou - Ah! O sangue! -, golpeou de novo, enquanto Popé se libertava com um estremeção do amplexo do sono.

Golpeou ainda outra vez, mas sentiu o pulso aprisionado, dominado e - oh! oh! - torcido. Não podia mexer-se, tinha caído numa ratoeira. E eis que os olhinhos pretos de Popé, muito próximos, mergulhavam nos seus. Virou-se. Viu dois golpes no ombro esquerdo de Popé. - Oh! Vejam o sangue!

- gritou Linda. - Vejam o sangue! - Ela nunca pudera suportar a vista do sangue. Popé levantou a outra mão, para lhe bater, pensou ele. Encolheu-se para receber o golpe. Mas a mão contentou-se em segurar-lhe o queixo e voltar-lhe a cara, de modo a obrigá-lo a cruzar novamente o olhar com o seu. Isso durou muito tempo, horas e horas. E de súbito não conseguiu dominar-se e começou a chorar. Popé rebentou a rir. - Vai - disse ele, empregando as outras palavras, as índias - vai, meu bravo Ahaiyuta. - Saiu a correr para o outro aposento a fim de esconder as lágrimas.

- Ten's quinze anos - disse o velho Mitsima em língua índia. - Agora já te posso ensinar a trabalhar o barro.

Acocorados na beira do rio, trabalhavam juntos.

- Primeiro - começou Mitsima, amassando com as mãos uma bola de barro húmida - fazemos uma pequena lua. O ancião amassou a bola para lhe dar a forma de um disco, depois recurvou os bordos, alua transformou-se numa tigela côncava.

Lenta e desajeitadamente, ele imitou os gestos delicados do velho.

Uma lua, uma tigela e agora uma serpente. - Mitsima amassou um outro pedaço de barro para fazer um longo cilindro flexível, curvou-o em círculo e apoiou-o no bordo da tigeela. - Mais outra serpente. Mais outra. Mais outra. - Círculo sobre círculo, Mitsima decorou o bojo da tigela, a principio estreito, depois largo, voltando a estreitar no gargalo. Mitsima amassou, bateu, alisou e raspou. E eis que o objecto se ergueu por fim, jarro de água, vulgar em Malpaís quanto à forma, mas de um branco leitoso em vez de ser negro, e ainda mole quando se lhe tocava. Paródia do de Mitsima, o seu erguia-se a par do outro.

Comparando os dois potes, viu-se obrigado a rir.

- Mas o próximo será melhor - disse ele. E começou a amassar um outro pedaço de barro.

Modelar, dar uma forma, sentir os dedos adquirirem mais destreza e poder, tudo lhe dava um prazer extraordinário. A, B, C, Vitamina D» , cantava para si mesmo enquanto trabalhava. « O óleo está no fígado, o bacalhau nadou. E Mitsima também cantava uma canção que falava da caçada e morte de um urso. Trabalharam assim todo o dia, e durante todo o dia sentiu uma felicidade intensa, absorvente.

- Este Inverno - prometeu o velho Mitsima - hei-de ensinar-te a fazer um arco.

Ele ficou muito tempo de pé diante da casa. Finalmente, as cerimónias que se realizavam no interior acabaram e eles saíram. Kothlu vinha à frente; trazia o braço direito rígido e a mão bem fechada, como para guardar qualquer jóia preciosa. Com a mão estendida da mesma forma, ela, Kiakimé, caminhava atrás dele. Caminhavam em silêncio, e era em silêncio que vinham atrás deles os irmãos, as irmãs, os primos e o grupo completo dos velhos.

Saíram do pueblo e atravessaram a mesa. Detiveram-se junto da falésia, de face para o Sol nascente.

Kothlu abriu a mão.

Tinha na palma da mão um punhado de farinha de trigo candial. Soprou-a, murmurou algumas

palavras, depois atirou-a, punhado de poeira branca, na direcção do Sol. Klakimé fez o mesmo. Então o pai de Klakimé adiantou-se e, brandindo um bastão de orações guarnecido de plumas, fez uma longa prece e atirou depois o bastão atrás da farinha.

- Acabou-se - disse o velho Mitsima com voz forte. - Estão casados.

- Está bem - disse Linda enquanto eles se afastavam. - Só posso dizer que esta gente faz muitos trejeitos para nada. Nos países civilizados, quando um rapaz deseja uma rapariga contenta-se com ...

Mas, onde vais tu, john?

Ele não deu nenhuma atenção aos seus apelos e fugiu a correr, para longe, para longe, não importava para onde, para poder ficar só.

Tinha acabado. As palavras do velho Mitsima repetiram-se no seu espírito. Acabado, acabado ...

Silenciosamente e de muito longe, mas violentamente, desesperadamente, sem a menor esperança, ele tinha amado Klakimé. E agora tinha acabado. Ele tinha dezasseis anos.

Quando fosse lua cheia, na Kiva dos Antílopes, iam ser ditos segredos, e segredos iam ser realizados e sofridos. Eles iam descer para a kiva garotos. Quando saíssem, seriam homens. Todos os garotos tinham medo e estavam ao mesmo tempo impacientes. E por fim chegou o dia. Deitou-se o Sol, levantou-se a Lua. Ele foi com os outros. Os homens estavam de pé, sombrios, à entrada da kiva; a escada mergulhava nas profundezas iluminadas por clarões vermelhos. já os garotos da frente tinham começado a descer. De repente um dos homens avançou, agarrou-o por um braço e tirou-o da fila. Ele escapou-se e voltou ao seu lugar no meio dos outros. Desta vez o homem castigou-o 63

e puxou-lhe os cabelos: "Não para ti, cabelo branco! Não para ti, filho de uma cadela" gritou outro homem. Os garotos riram. « Vai-te!» E, como ele se demorasse perto do grupo, os homens gritaram-lhe outra vez: "Vai-te." Um deles baixou-se para apanhar uma pedra, que lhe atirou. "Vai-te, vai-te, vai-te!" Choveram pedras. Sangrando, ele meteu-se pela noite dentro. Da kiva iluminada por clarões vermelhos vinha um rumor de cantos. O último dos garotos tinha chegado ao fundo da escada. Estava sozinho.

Sozinho, fora do pueblo, na planície nua da mesa. O rochedo assemelhava-se a ossos esbranquiçados pelo luar. Em baixo, no vale, os chacais uivavam à Lua. Ainda lhe doíam as contusões e os golpes ainda sangravam. Mas não era a dor que o fazia soluçar; chorava por estar sozinho, por ter sido escorraçado, sozinho, para o mundo sepulcral dos rochedos e do luar. Sentou-se à beira do precipício.

A Lua estava atrás dele; mergulhou os olhos na sombra negra da mesa, na sombra negra da morte.

Tinha só que dar um passo, um pequeno salto... Estendeu a mão direita ao luar. Do golpe do pulso ainda corria sangue. Com intervalos de alguns segundos, caía uma gota, sombria, quase incolor na luz morta. Uma gota, uma gota, uma gota... « Amanhã, e amanhã, e ainda amanhã ...

Tinha descoberto o Tempo, a Morte e Deus.

- Só, sempre só - dizia o rapaz. Estas palavras acordaram um eco doloroso no espírito de Bernard. Só, só...

Eu também - disse ele num sopro de confidência. - Terrivelmente só.

- Você também? - john espantou-se. - Pensei que Além ... Quer dizer, Linda,dizia sempre que nunca ninguém estava só.Bernard corou, contrafeito.

- É preciso esclarecer - continuou, gaguejando e desviando os Olhos - que devo ser um pouco diferente da maioria das pessoas. Se acontece às pessoas serem diferentes desde a decantação ...

- Sim, é isso, precisamente. - O rapaz aprovou com um sinal de cabeça. - Ser diferente condena a uma fatal solidão. E a um tratamento abominável. Acredita que eles me mantiveram absolutamente afastado de tudo? Quando os outros garotos iam passar a noite nas montanhas - sabe quando é, quando se deve ver em sonho qual é o nosso animal sagrado -, não consentiram que eu fosse com os outros. Não quiseram confiar-me nenhum dos segredos. O que não impediu que eu o fizesse sozinho - acrescentou.

- Estive sem comer cinco dias, e depois fui uma noite sozinho para as montanhas, além. - E designou-as com o dedo.

Bernard teve um sorriso protector.

- E você conseguiu ver qualquer coisa em sonho? - perguntou.

O outro fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Mas não posso dizer-lho. - Calou-se uns momentos, para acrescentar em voz baixa: - Um dia fiz uma coisa que os outros nunca tinham feito: fiquei de pé contra um rochedo, num meio-dia de Verão, com os braços estendidos, como Jesus crucificado.

- Mas porquê?

- Porque queria saber o que representa ser crucificado. Suspenso ali, em pleno sol ...

- Mas porquê?

- Porquê? Meu Deus... - Hesitou. - Porque sentia que o devia fazer. Se Jesus o pôde suportar ... E se, além disso, praticou qualquer mal ... Por outro lado, sentia-me infeliz. E essa era uma outra razão.

- Parece-me uma maneira esquisita de se curar a infelicidade - comentou Bernard. Mas, reflectindo no caso, pareceu-lhe que o acto talvez fosse bastante sensato. Mais sensato que tomar soma ...

- Desmaiei passado algum tempo - disse o rapaz. - Caí de bruços. Está a ver a cicatriz do golpe que fiz?

- E afastou da testa

a espessa madeixa de cabelos louros. A cicatriz era visível, pálida e enrugada, na têmpora direita.

Bernard analisou-a e depois, vivamente e com um pequeno arrepio, desviou os olhos. O seu condicionamento tinha-o tornado mais apto a desmaiar que a encher-se de piedade com qualquer bagatela. A simples referência a doenças ou a ferimentos era para ele não apenas uma coisa apavorante, mas, sobretudo, repulsiva, e até repugnante. Como a imundície, a deformidade ou a velhice. Mudou rapidamente o rumo da conversa.

- Não lhe agradaria voltar connosco a Londres? - perguntou ele, iniciando o primeiro movimento de uma campanha de que tinha secretamente começado a elaborar o plano estratégico desde o momento em que, na casinha, compreendera quem devia ser o « pai» deste jovem selvagem. - Seria coisa que lhe agradasse?

- Está a falar a sério?

- Sem dúvida, desde que consiga obter autorização, bem entendido.

- E Linda também?

- Acontece que... - Hesitou, enredado por uma dúvida. Aquela criatura repugnante! Não, era impossível. A não ser que, a não ser que ... E subitamente ocorreu a Bernard que o facto de ela ser assim tão repugnante constituía em si mesmo um trunfo formidável. - Mas sem dúvida - exclamou, compensando as hesitações iniciais com um excesso de ruidosa cordialidade.

O rapaz suspirou profundamente.

- Pensar que aquilo com que sonhei toda a minha vida se realiza ... Lembra-se do que disse Miranda?

- Quem é Miranda? Mas o rapaz não ouviu, evidentemente, a pergunta.

- Oh, maravilha! - exclamava ele. Tinha os olhos brilhantes e o rosto purpureado de luz. - Quantos seres encantadores há aqui! Como a humanidade é bela!O - O seu rubor acentuou-se subitamente; pensava em Lenina, num anjo vestido de viscose verde-garrafa, resplandecente de

mocidade e de cremes de beleza, rechonchudo, sorrindo com meiguice. A sua voz estremeceu. - Oh, admirável mundo novo... - recomeçou ele. Depois interrompeu-se subitamente; o sangue fugira-lhe do rosto e estava branco como papel. - E você está casado com ela? - perguntou.

- Estou... quê?

- Casado. Você sabe como é, para sempre. Diz-se « para sempre» na linguagem índia. E não se pode desfazer.

- Ford, não! - Bernard não pôde deixar de rir. john também se riu, mas por outro motivo. Riu com franca alegria.

- Oh, admirável mundo novo! - voltou a repetir. - Oh, admirável mundo novo, onde existem tais criaturas!...O Partamos imediatamente.

- Você tem às vezes uma maneira muito esquisita de falar - disse Bernard, contemplando, espantado e perplexo, o rapaz.

- E, de qualquer maneira, não faria melhor esperar até o ter visto, a esse mundo novo?

CAPÍTULO NONO

Lenina sentia-se com direito, depois desse dia de coisas estranhas e de horrores, a um descanso completo e absoluto. Logo que chegaram à pousada, tomou seis comprimidos de meio grama de soma e estendeu-se na cama. Dez minutos depois tinha embarcado para uma eternidade lunar. E decorreriam pelo menos dezoito horas antes que ela voltasse ao Tempo.

Bernard, entretanto, ficou deitado, pensativo e com os olhos abertos na escuridão. Foi só depois da meia-noite que conseguiu adormecer. Muito depois da meia-noite. Mas a insónia não fora estéril; estabelecera um plano.

Na manhã seguinte, às dez horas, pontualmente, o mestiço de uniforme verde desceu do seu helicóptero. Bernard esperou-o entre as agaves.

- Miss Crowne tomou soma para ter algum descanso - explicou ele. - Não poderá, portanto, voltar antes das cinc horas, o que nos deixa livres sete horas.

Ele teria tempo de voar até Santa Fé, fazer na cidade tudo que tinha a fazer e voltar para Malpaís muito antes de ela acordar.

- Ela estará em segurança aqui, sozinha?

- Como se estivesse no helicóptero - garantiu-lhe o mestiço.

Subiram os dois para o aparelho e puseram-se imediatamente a caminho. Às dez horas e trinta e quatro aterraram no terraço da Administração dos Correios de Santa Fé; às dez horas e trinta e sete Bernard estava em comunicação com o Gabinete

do Administrador Mundial, em White Hall; às dez horas e trinta e nove falava com o quarto secretário particular de Sua Forderia, às dez horas e quarenta e quatro repetia a sua história ao primeiro secretário e às dez horas e quarenta e sete e meio foi a voz profunda e sonora do próprio Mustafá Mond que ressoou nos seus ouvidos.

- Tomei a liberdade de pensar - gaguejou Bernard - que vossa Forderia talvez encontrasse neste assunto um interesse científico bastante ...

- Sim, acho-lhe efectivamente um interesse científico suficiente - respondeu a voz profunda. - Traga esses dois indivíduos consigo para Londres.

- Vossa Forderia não ignora que vou precisar de uma autorização especial ...

- As ordens necessárias - interrompeu Mustafá Mond - estão já a ser enviadas ao conservador da Reserva. Deve dirigir-se iinediatamente ao gabinete do conservador. Até à vista, senhor Marx.

Fez-se silêncio. Bernard pousou o auscultador e apressou-se a subir para o terraço.

- Gabinete do conservador - ordenou ao mestiço de verde. Às dez horas e cinquenta e quatro Bernard apertava a mão do conservador.

- Encantado, senhor Marx, encantado. - A sua voz trovejante denotava deferência. - Acabamos de receber ordens especiais ...

- já sei - interrompeu Bernard. - Estive há pouco a falar pelo telefone com Sua Forderia. - A nota de indiferença que pusera na voz dava a entender que tinha o costume de conversar com Sua Forderia todos os dias. Deixou-se cair numa cadeira. - Se me pudesse tratar das coisas necessárias o mais depressa possível ... O mais depressa possível - repetiu para acentuar. Estava a gozar como um rei.

Às onze horas e três tinha no bolso todos os papéis necessários.

- Até à vista - disse em tom protector ao conservador, que o acompanhara até à porta do ascensor. - Até à vista.

Foi a pé até ao hotel, tomou banho, uma vibromassagem por vácuo, barbeou-se com o aparelho electrolítico, ouviu pela T. S. F. as notícias da manhã, ofereceu-se uma meia hora de televisão, saboreou longamente o almoço e, às duas e meia, iniciou, com o mestiço, o voo de regresso a Malpaís.

O rapaz estava diante da pousada.

- Bernard - gritou ele. - Bernard! - Mas ninguém lhe respondeu.

Silenciosamente, calçado com os sapatos de camurça, subiu a correr os degraus e tentou abrir a porta.

Estava fechada à chave.

Tinham partido! Partido! Era a coisa mais terrível que lhe acontecera até então. Ela pedira-lhe para os vir ver, e eis que tinham partido. Sentou-se nos degraus da escada e chorou.

Uma meia hora depois teve a ideia de espreitar pela janela. A primeira coisa que viu foi uma maleta verde, com as iniciais L. C. pintadas na tampa. A alegria explodiu nele como uma chama que se aviva.

Apanhou uma pedra. O vidro estilhaçado retiniu no chão. Instantes depois estava dentro do quarto.

Abriu a maleta verde, e repentinamente respirou o perfume de Lenina, enchendo os pulmões com o seu ser essencial. Sentiu o coração bater desordenadamente, quase desmaiou. Depois, inclinando-se para a preciosa caixa, apalpou-a, ergueu-a contra a luz, examinou-a. Os fechos éclair no calção de veludo de algodão de viscose que Lenina trouxera de reserva com ela foram inicialmente para ele um enigma.

Depois, resolvido o enigma, um deslumbramento. Zip e ainda zip; zip, e outra vez zip. Estava encantado. As chinelas verdes da rapariga eram a coisa mais bela que jamais vira. Desdobrou uma combinação-calça com fecho éclair, corou e repô-la precipitadamente no lugar, mas beijou um lenço de acetato, perfumado, e pôs uma mantilha no pescoço. Abrindo uma caixa, espalhou uma nuvem de pó perfumado. E ficou com as mãos brancas, como se as tivesse mergulhado em farinha. Limpou-as no peito, nos ombros, nos braços nus. Deliciosos perfumes! Fechou os olhos e esfregou a cara contra o braço empoado. Contacto de uma pele macia contra a sua face, poeira de perfume almiscarado nas suas narinas - a sua presença real! « Lenina - murmurou -, Lenina. »

Um ruído sobressaltou-o, obrigando-o a voltar-se com uma sensação de culpa. Enfiou rapidamente o produto do seu roubo na maleta e fechou a tampa. Depois voltou a escutar, olhou. Nenhum sinal de vida, nenhum rumor. E tinha, todavia, a certeza de ter ouvido qualquer coisa, qualquer coisa que se assemelhava a um suspiro, qualquer coisa que se assemelhava a um estalar do soalho. Pôs-se na ponta dos pés para ir até à porta, que abriu com precaução, para se encontrar diante de um largo patamar. No lado oposto havia outra porta, entreaberta. Saiu, empurrou-a e espreitou.

Numa cama baixa, a coberta atirada para os pés, vestida com um pijama inteiriço com fecho éclalr, Lenina estava deitada, dormindo um sono profundo. Tão bela no meio dos anéis do seu

cabelo, tão infantilmente tocante com os seus pezinhos rosados e o seu rosto grave e adormecido, tão confiante no abandono das suas mãos brancas e dos seus membros distendidos que as lágrimas lhe vieram aos olhos.

Com infinitas e absolutamente supérfluas precauções - porque teria sido necessário o estrondo de um tiro de pistola, pelo menos, para que Lenina acordasse, antes do momento fixado, do sono produzido pelo soma -, ele entrou no quarto e ajoelhou-se ao lado da cama. Contemplou-a, juntou as mãos em prece e os seus lábios moveram-se.

- Os seus olhos - murmurou.

Os seus olhos, os seus cabelos, a sua face, o seu porte, a sua voz, Falas deles em teu discurso. Oh! A sua mão, Em comparação com a qual toda a pureza é tinta Descrevendo o seu próprio opróbrio; ante o seu suave contacto A penugem do cisne é áspera ...

Uma mosca zumbiu em volta dela. Espantou-a com a mão. As moscas. E a recordação ergueu-se no seu espírito: Na maravilhosa alvura da mão da querida julieta, podem pousar E roubar uma bênção eterna dos seus lábios,

Que no seu pudor virginal e puro Ainda se ruboriza, como se pensasse no pecado dos próprios beijos.

Muito lentamente, com o gesto hesitante de alguém que se inclina para a frente para acariciar um pássaro tímido e talvez levemente perigoso, estendeu a mão. Mão que ficou ali, trémula, a dois centímetros daqueles dedos molemente caídos, quase a tocá-los. "Ousaria? Ousaria profanar com a minha mão, a mais indigna que existia, esta ... " Não, não ousava. O pássaro era demasiadamente perigoso. A mão recaiu para trás... Como ela era bela! A que ponto era bela!

Começou de repente a pensar que bastaria pegar no fecho éclair que lhe aparecia no pescoço e puxá-lo com um único golpe, longo, vigoroso ... Fechou os olhos, agitou rapidamente a cabeça, como um cão que sai da água e sacode as orelhas. Pensamento detestável! Teve vergonha de si próprio. Pudor virgíneo e puro...

Ouviu um zumbido no ar. Ainda uma mosca tentando furtar graças imortais? Uma abelha? Olhou e não viu nada. O zumbido foi-se tornando mais e mais forte, localizou-se justamente fora da janela guarnecida de persianas. O helicóptero!

Tomado de pânico, levantou-se rapidamente e correu para o outro compartimento. Com um salto, atravessou a janela aberta e, esgueirando-se ao longo do atalho entre as altas filas de agaVeS, chegou a tempo de receber Bernard Marx quando este descia do helicóptero.

CAPÍTULO DÉCIMO

Os ponteiros de cada um dos quatro mil relógios eléctricos que havia nos quatro mil compartimentos do Centro de Bloom bury marcavam duas horas e vinte e sete minutos. « Esta industriosa colmeia» , como gostava de a designar o Director, estava em pleno zumbido de trabalho. Todos estavam ocupados, tudo estava em movimento ordenado. Sob os microscópios, agitando furiosamente a cauda, os espermatozóides insinuavam-se, primeiro a cabeça, nos óvulos, e, fecundados, os ovos dilatavam-se, segmentavam-se, ou, se tinham sido bokanovskizados, germinavam-se e fragmentavam-se em populações inteiras de embriões de características diferentes. Partindo da Sala de Predestinação Social, os escalators desciam ruidosamente para o subsolo, onde, na obscuridade vermelha, aquecendo-se no seu colchão de peritónio e fartos de pseudo-sangue e de hormonas, os fetos cresciam, cresciam, ou então, envenenados, estiolavam-se no estado definhado dos Epsilões. Com um ligeiro zumbido, um pequeno rumor, os porta-garrafas móveis percorriam com um movimento imperceptível as semanas e todas as idades do passado, abreviadamente, até ao lugar onde, na Sala de Decantação, os bebés recém-saídos da sua proveta soltavam um primeiro vagido de horror e de espanto.

Os dínamos roncavam no andar inferior do subsolo, os ascensores subiam e desciam a toda a velocidade. Em cada um dos doze andares dos infantários era a hora da refeição. Em mil e oitocentos biberões, mil e oitocentos bebés, cuidadosamente etiquetados, m'amavam simultaneamente o seu meio litro de secreção externa pasteurizada.

Acima deles, em dez andares sucessivos destinados a dormitórios, os meninos e as meninas ainda na idade de precisarem de uma sesta estavam tão ocupados como os outros, embora o não suspeitassem, ouvindo inconscientemente as lições hipnopédicas tratando de higiene e sociabilidade, do sentimento das classes sociais e da vida amorosa dos pequeninos que ainda mal sabem andar. Ainda acima deles, havia as salas de recreio, onde, quando chovia, novecentas crianças se divertiam com exercícios de construção e modelação, de zipfurão e jogos eróticos.

Bzz, bzz! A colmeia zumbia activamente, alegremente. O cantarolar das raparigas curvadas sobre os seus tubos de ensaio subia alacremente, os predestinadores assobiavam enquanto trabalhavam, e na Sala de Decantação que boas piadas se cruzavam por cima das provetas vazias. Mas a fisionomia do Director, quando entrou na Sala de Fecundação com Henry Foster, era grave, mergulhada na sua severidade como se fosse talhada em madeira.

- Um exemplo público - dizia ele. - Nesta sala, visto haver nela mais trabalhadores das castas superiores que em todas as outras do centro. Disse-lhe para me procurar aqui às duas e meia.

- Ele faz muito bem o seu trabalho - disse Henry, intervindo com uma generosidade hipócrita.

- Bem sei. Mais uma razão para procedermos com mais severidade. A sua elevada condição intelectual cria também responsabilidades morais. Quanto maior é a capacidade de um homem, mais possibilidades tem de desencaminhar os outros.

Mais vale o sacrifício de um só que a corrupção de muitos. Encare o caso desapaixonadamente, senhor Foster, e verificará que não há crime mais odioso que a falta de ortodoxia na conduta.

O assassínio mata apenas o indivíduo. E que significa, afinal de contas, um indivíduo? - Com um gesto largo, designou as fileiras de microscópios, de tubos de ensaio, de incubadores. - Sabemos produzir um indivíduo novo com a maior facilidade, tantos quantos quisermos. A falta de ortodoxia ameaça coisas que ultrapassam a vida de um simples indivíduo: atinge a própria sociedade. Sim, a própria sociedade -

repetiu. - Ah! Mas aí vem ele.

Bernard entrara na sala e dirigiu-se para eles por entre as fileiras de fecundadores. Uma frágil camada de segurança pretenciosa mal conseguia disfarçar o seu nervosismo. O tom de voz em que disse "Bom dia, senhor Director" era absurdamente forte. Por isso, rectifícando o seu erro, disse num tom ridiculamente suave, um pequeno guincho de ratinho: - O senhor pediu-me que viesse aqui falar-lhe.

- Sim, senhor Marx - concordou o Director com voz de mau agouro -, pedi-lhe, efectivamente, que me procurasse aqui.

O senhor regressou da sua licença ontem à noite, não é verdade?

- Sim - respondeu Bernard.

- Si-im - repetiu o Director arrastando este i com ironia. Depois, erguendo subitamente a voz: -

Senhoras e senhores trovejou -, senhoras e senhores.

O cantarolar das raparigas curvadas sobre os seus tubos de ensaio e o assobio despreocupado dos operadores dos microscó pios cessaram repentinamente. Estabeleceu-se um profundo silêncio. Todos se voltaram.

Minhas senhoras e meus senhores - repetiu novamente o Director -, peço que me desculpem o vir interromper os vossos trabalhos. Mas um dever penoso a isso me obriga. A segurança e a estabilidade da sociedade estão em perigo. Sim, minhas senhoras e meus senhores, em perigo. Este homem - e apontou para Bernard um dedo acusador -, este homem que está aqui diante de todos, este Alfa-Mais, a quem tantas coisas foram dadas e de quem, portanto, se devia esperar tanto, este homem, vosso colega ou será melhor antecipar e dizer desde já « vosso ex-colega» ? traiu grosseiramente a confiança de que era depositário. Devido às suas ideias heréticas acerca do desporto e do soma, pela escandalosa irregularidade da sua vida sexual, pela sua recusa em obedecer aos ensinamentos de Nosso Ford e por se conduzir fora das horas de trabalho « como um bebé na proveta» - neste ponto do seu discurso o Director fez um sinal de T -, revelou-se como um inimigo da sociedade, um homem subversivo, senhores e senhoras, em relação a toda

a ordem e a toda a estabilidade, um conspirador contra a própria civilização. Por este motivo, proponho-me exonerá-lo, exonerá-lo do posto que ignominiosamente ocupou neste centro. Proponho-me pedir imediatamente a sua transferência para um subcentro da mais baixa categoria, e, para que o seu castigo possa servir mais completamente os interesses da sociedade, mantê-lo afastado o mais possível de qualquer centro de população importante. Na Islândia terá poucas oportunidades de desencaminhar alguém com o seu exemplo antifordiano. - O Director calou-se um instante; depois, cruzando os braços, voltou-se de uma maneira impressionante para Bernard. - Marx -

perguntou - tem alguma razão a apresentar para não executar já a sentença que acaba de ser pr'onunciada contra si?

- Tenho - respondeu Bernard com voz firme. Um pouco desconcertado, mas sempre majestosamente, o Director ordenou: - Então queira apresentá-la.

- Com certeza. Mas essa razão está no corredor. Um momento. - Bernard correu rapidamente para a porta e abriu-a de par em par. - Entre - ordenou ele.

E a « razão» entrou e apresentou-se. Houve um resfolegar convulsivo, um murmúrio de espanto e de horror; uma das raparigas gritou; alguém que trepara para uma cadeira para ver melhor entornou dois tubos de ensaio cheios de espermatozóides. Inchada, curvada, e, entre tantos corpos juvenis e rijos, tantos rostos lisos que nada crispava, monstro estranho e aterrorizador da idade madura, Linda adiantou-se no compartimento, sorrindo sedutoramente com o seu sorriso quebrado e incolor, meneando ao caminhar, num gesto que pensava ser uma ondulação voluptuosa, as suas ancas enormes.

Bernard caminhava a seu lado.

- Ei-lo - disse ele, designando o Director.

- Você pensou que eu não seria capaz de o reconhecer?

- perguntou Linda, indignada. Depois, virando-se para o Director: - Claro que te reconheci, Tomakin, ter-te-ia reconhecido entre mil, fosse onde fosse. Mas talvez tu me tenhas esquecido. Não te lembras?

Não te lembras, Tomakin? - E ficou ali plantada a olhá-lo, a cabeça inclinada, sorrindo sempre, mas com um sorriso que, diante da expressão de desgosto petrificado que imobilizava o rosto do Director, perdia progressivamente a firmeza, com um sorriso indeciso que acabou por se extinguir.

- Tu não te lembras, Tomakin? - repetiu ela com voz trémula. - Tinha o olhar angustiado, repassado de uma dor atroz. O rosto pustuloso e inchado teve um frémito grotesco ao tomar o aspecto contorcido de um extremo sofrimento. - Tomakin! - E estendeu-lhe os braços.

Alguém começou a rir sarcasticamente.

- Que significa- começou o Dírector- esta monstruosa...

- Tomakin!

Ela projectou-se para a frente, arrastando a sua manta, lançou-lhe 70

os braços ao pescoço, escondendo a cara no peito dele. Os risos explodiram em urros que nada podia reprimir. -... esta monstruosa farsa? - gemeu o Director, com rosto congestionado, tentando libertar-se do@ abraço de Linda. Ela agarrou-se desesperadamente a ele.

- Mas eu sou a Linda, eu sou a Linda. - A sua voz foi abafada pelos risos. - Tu fizeste-me ter um bebé -

berrou, dominando o tumulto. Houve um silêncio súbito e apavorante. Os olhares flutuaram, constrangidos, não sabendo para onde se deviam dirigir. O Director empalideceu bruscamente, deixou de se debater e ali ficou, as mãos agarrando os pulsos de Linda, os olhos esbugalhados fitando-a horrorizado. - Sim, um bebé, e sou eu a mãe. - Atirou esta obscenidade, como um desafio, no silêncio ofendido. Depois, afastando-se repentinamente dele, envergonhada, tapou os olhos com as mãos, soluçando. - Não tive culpa, Tomakin. Porque sempre pratiquei os processos maltusianos, não foi? Não foi? Sempre ... Não sei como eu ... Se tu soubesses como é horroroso, Tomakin ... Mas ele sempre foi para mim uma grande consolação, apesar de tudo. Virando-se para a porta, chamou: - john! john!

john entrou imediatamente, deteve-se um momento na soleira da porta, lançou um olhar à sua volta, depois atravessou rápida e silenciosamente a sala, caiu de joelhos diante do Director e disse com voz clara: - Meu pai! Esta palavra (porque « pai» não era obsceno - dada a distância que este termo implicava em relação aos segredos repugnantes e imorais da gestação -, era simplesmente grosseiro, era uma inconveniencia mais escatológica que pornográfica), esta palavra comicamente indecente, provocou uma distensão no que se tinha tornado uma tensão absolutamente intolerável. Estalaram risos enormes, quase histéricos, em rajadas sucessivas, como se nunca mais fossem acabar. « Meu pai. » E

era o Director! « Meu pai!» Oh! Ford! Oh! Ford! Que coisa verdadeiramente colossal! Renovaram-se os soluços e as tempestades de risos, os rostos pareciam estar prestes a voar em estilhaços, as lágrimas corriam. Outros seis tubos de espermatozóides foram entornados. « Meu pai!»

Lívido, os olhos esbugalhados, o Director deitava olhares espantados para todos os lados, sofrendo martírios pela humilhação atordoante.

« Meu pai!» As gargalhadas, que pareciam querer acalmar-se, rebentaram de novo, mais vigorosas que nunca. Tapou os ouvidos com as mãos e precipitou-se para fora da sala.

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

Depois da cena da Sala de Fecundação, toda a Londres das castas superiores ardia em desejo de ver essa deliciosa criatura que caíra de joelhos diante do Director da Incubação e do Condicionamento, ou, melhor, o ex-Director, porque o pobre homem pedira imediatamente a demissão e nunca mais pusera os pés no centro, essa criatura que se tinha prostrado, chamando-lhe (o gracejo era quase demasiado perfeito para ser verdadeiro!) « meu pai» O. Linda, pelo contrário, não provocou o menor entusiasmo.

Ninguém manifestava o mais leve desejo de a ver. Dizer-se que era mãe não era apenas um gracejo: era uma obscenidade. Por outro lado, ela não era uma autêntica selvagem, pois fora gerada numa proveta, decantada e condicionada como toda a gente, de maneira que não podia ter ideias verdadeiramente bizarras. Além do mais - e essa era a razão mais poderosa que levava toda a gente a não desejar ver a pobre Linda -, havia o seu aspecto. Obesa como estava, com a mocidade perdida, com os dentes cariados, a pele pustulosa e com a sua aparencia - Ford! -, era completamente impossível olhá-la sem sentir náuseas. Assim, as pessoas de mais destaque estavam firmemente decididas a não ver Linda. E

também Linda não tinha qualquer desejo de se encontrar com elas. O regresso à civilização era, para ela, o regresso ao soma, era a possibilidade de ficar na cama e de ter fugas sobre fugas, sem regressar delas com enxaquecas ou vómitos, sem nunca mais sentir o que sentia depois de ter bebido o peyotl, a sensação de ter feito qualquer coisa tão vergonhosamente anti-social que nunca mais podia andar de cabeça levantada. O soma não provocava nenhuma dessas desagradáveis consequências. O

esquecimento que provocava era perfeito, e se na manhã seguinte era desagradável, não o era íntrinsecamente, mas apenas por comparação com as alegrias da fuga. O remédio estava em tornar as fugas contínuas. Avidamente, ela reclamava doses sempre mais fortes, sempre mais frequentes. A princípio, o Dr. Shaw hesitou, para depois consentir em que tomasse tudo quanto quisesse. Chegou a tomar vinte gramas por dia.

-Isso acabará com ela num mês ou dois - confiou o médico a Bernard. - Um belo dia ficará com o aparelho respiratório paralisado. Não respirará mais. Acabado. E será muito melhor. Se fôssemos capazes de a rejuvenescer, seria, naturalmente, diferente. Mas não podemos.

indo contra a opinião de todos (porque durante o seu sono de soma Linda ficava muito comodamente à margem de tudo), john levantou objecções.

- Mas não vão encurtar-lhe a vida dando-lhe tais quantidades de soma?

- De um certo ponto de vista, sim - reconheceu o Dr. Shaw. - Mas, de um outro, na verdade, prolongamo-la. - O rapaz arregalou os olhos, sem compreender. - É verdade que o soma faz

perder alguns anos no Tempo - continuou o doutor. - Mas pense nas durações enormes, imensas, que é capaz de lhe dar fora do Tempo. Todo o sono produzido pelo soma é um fragmento daquilo a que os nossos antepassados chamavam eternidade.

john começou a compreender.

- A eternidade estava nos nossos lábios e nos nossos olhos - murmurou.

- Como?

- Nada.

- Entenda-se - acrescentou o Dr. Shaw - que não podemos permitir às pessoas que mergulhem na eternidade quando têm um trabalho sério a fazer. Mas como ela não tem qualquer trabalho sério ...

- Não obstante - insistiu john -, não me parece bem.

O doutor encolheu os ombros.

- Oh! Esclareço que, se quiser trazê-la todo o tempo às costas, 72

berrando como uma louca ... Por fim, john viu-se obrigado a ceder. Línda teve o soma que quis. Daí por diante conservou-se no seu quartinho, no trigésimo sétimo andar da casa de apartamentos de Bernard, estendida na cama, com a T. S. F. e a televisão funcionando ininterruptamente, a torneira de pachuli ligeiramente aberta de modo a deixar correr o perfume gota a gota e os comprimidos de soma ao alcance da mão. Foi ali que ficou mas, no entanto, não era ali que ela estava. Estava sempre noutra parte, infinitamente longe, em férias; em férias em qualquer outro mundo, onde a música radiofónica era um labirinto deslizante, palpitante, que conduzia (por que voltas maravilhosamente inevitáveis!) a um centro onde brilhava a certeza absoluta; onde as imagens dançantes do aparelho de televisão eram os actores de algum filme sensível e cantante, indescritivelmente delicioso; onde o pachuli, caindo gota a gota, era mais que um perfume, transformando-se no sol, num milhão de saxofones, com Popé fazendo o amor, mas muito mais intensamente, incomparavelmente mais forte e sem cessar.

- Não, não podemos rejuvenescer. Mas estou muito satisfeito - tinha concluído o Dr. Shaw - por ter tido esta oportunidade de observar a senilidade num ser humano. Agradeço-lhe muito o ter-me mandado chamar.

Apertou vigorosamente a mão de Bernard. Portanto, era em john que todos estavam interessados. E

como era só por intermédio de Bernard, seu reconhecido guardião, que john podia ser visto, Bernard viu-se então, pela primeira vèz na sua vida, tratado não apenas como toda a gente, mas como personagem de grande destaque.

já não se falava do álcool no seu pseudo-sangue, não se faziam alusões desprimorosas ao seu aspecto pessoal. Henry Foster deu-se ao trabalho de se incomodar para lhe testemunhar a sua amizade; Beníto Hoover presenteou-o com seis pacotes de goma de mascar à base de hormona sexual; o predestinador adjunto veio visitá-lo e mendigou quase com humildade um convite para uma das suas recepções.

Quanto às mulheres, bastava Bernard deixar entrever a possibilidade de um convite para ter a que lhe agradasse, fosse qual fosse.

- Bernard convidou-me para ver o Selvagem na próxima quarta-feira - anunciou triunfalmente Fanny.

- Como fico satisfeita - disse Lenina. - E agora tens de reconhecer como estavas enganada a respeito de Bernard. Não achas que ele é muito gentil?

Fanny aquiesceu com um sinal de cabeça.

- E devo declarar - acrescentou - que me senti agradávelmente surpreendida.

O chefe dos enfrascadores, o director da predestinação, três subadjuntos do fecundador-geral, o professor de Cinema Sensível do Colégio dos Engenheiros de Emoção, o decano do coro comum de Westminter, o controlador de bokanovskização. A lista de notabilidades de Bernard era interminável.

- E tive seis mulheres na semana passada - confessou ele a Helmholtz Watson. - Na segunda, uma; duas na terça; na sexta, outra vez duas, e uma no sábado. E se tivesse tido tempo ou desejo, haveria pelo menos uma dúzia delas que não queriam outra coisa ...

Helmholtz ouviu-lhe as gabarolices num silêncio tão sombriamente desaprovador que Bernard se sentiu ofendido.

- Você está com inveja - disse ele. Helmholtz abanou a cabeça negativamente.

- Estou um pouco triste, mais nada - respondeu. Bernard deixou-o, cheio de raiva. « Nunca - disse para si próprio-nunca maisvoltarei adirigira palavra a Helmholtz.»

Passaram os dias. O sucesso subiu à cabeça de Bernard como um vinho capitoso e o curso dos acontecimentos reconciliou-o completamente (como deve fazê-lo um bom produto embriagador) com um mundo que, até então, tinha considerado bem pouco aprazível. Enquanto esse mundo continuasse a reconhecer-lhe a importância, a ordem das coisas parecia-lhe boa. Mas, ainda que reconciliado com o seu sucesso, recusou, todavia, renunciar ao direito de criticar essa ordem, pois o facto de criticar exaltava nele o sentimento da sua importância, dava-lhe a impressão de ser maior. Além disso, estava sinceramente convencido da existência de coisas criticáveis. (Ao mesmo tempo, agradava-lhe sinceramente ter sucesso e possuir todas as mulheres que quisesse.) Diante daqueles que, por causa do Selvagem, lhe faziam agora a corte,

Bernard exibia uma falta de ortodoxia provocante.

73

Ouviam-no cortesmente. Mas, pelas costas, as pessoas abanavam a cabeça. « Este rapaz vai acabar mal» , diziam, profetizando com um tanto mais confiança quanto era certo que fariam o possível, quando houvesse oportunidade, de lhe fazer cumprir a profecia. « Não deve encontrar outro Selvagem para o arrancar de dificuldades pela segunda vez» , comentavam. De momento, havia, indubitavelmente, o primeiro Selvagem. E procuravam ser delicados. E porque eram delicados, Bernard tinha a sensação de ser positivamente gigantesco e ao mesmo tempo muito leve, mais leve que o ar.

Mais leve que o ar - comentou Bernard, espetando um dedo no ar.

Como uma pérola no céu, lá no alto, muito alto, por cima deles, o balão cativo do Serviço Meteorológico brilhava, muito rosado, ao sol. « Mostrar-se-á ao referido Selvagem - assim rezavam as instruções que Bernard tinha recebido - a vida civilizada em todos os seus aspectos.»

Mostravam-lhe presentemente, num voo rápido, uma rápi da vista do alto da plataforma da torre de Charing-T. O chefe da estação e o meteorologista local serviam-lhe de guias ... Mas era sobretudo Bernard quem falava. Inebriado, portava-se como se fosse, pelo menos, um Administrador Mundial em viagem de inspecção. « Mais leve que o ar.»

O Foguetão Verde de Bombaim caiu do céu. Os passageiros, desceram. Oito gémeos dravidianos idênticos, vestidos de caqui, meteram a cabeça pelas oito vigias da cabina. Eram os criados de serviço.

- Mil duzentos e cinquenta quilómetros à hora - disse o chefe da estação em tom impressionante.
- Que pensa disto, senhor Selvagem?

john achou que era impressionante.

- Apesar de tudo - acrescentou -, Puck podia dar uma volta em torno da Terra em quarenta minutos.

1 Referência a Sonho de Uma Noite de Verão, 11, 1.

« O Selvagem - escreveu Bernard no seu relatório a Mustafá Mond - manifesta, espantosamente, pouca admiração ou temor pelas invenções civilizadas. Isso deve-se, em parte, sem dúvida, ao que lhe foi contado pela mulher Linda, sua m... (Mustafá Mond franziu o sobrolho. « Esse imbecil imaginará que sou tão pusilânime que não seja capaz de ver a palavra escrita com todas as letras?»), e, em parte, ao facto de o seu interesse estar concentrado naquilo que designa como a sua alma, que persiste em considerar como uma entidade independente do meio físico; enquanto, como tentei demonstrar-lhe ... »

O Administrador saltou as frases seguintes, e estava quase a voltar a página, para procurar qualquer coisa de mais interessante e mais concreto, quando o seu olhar foi atraído por uma série de frases absolutamente extraordinárias: « ... ainda que me seja necessário reconhecer que estou de acordo com o Selvagem para julgar demasiado fácil o que a civilização tem de infantil, ou, como ele diz, todas as coisas exigindo pouco esforço, e permito-me aproveitar esta oportunidade para chamar a atenção de Vossa Forderia para ... »

A cólera de Mustafá Mond deu quase imediatamente lugar à alegria. A ideia de que semelhante tipo lhe impingia - a ele - um curso solene acerca da ordem social era, na verdade, excessivamente grotesca.

Era preciso que aquele homem tivesse enlouquecido. « Seria bom dar-lhe uma lição» , pensou. Depois atirou a cabeça para trás e rebentou em altas gargalhadas. Por enquanto, pelo menos, a lição não seria dada.

Encontravam-se numa pequena fábrica de artefactos de iluminação para helicópteros, uma sucursal da Companhia Geral de Acessórios Eléctricos. Foram recebidos no próprio terraço (pois a carta-circular de recomendação enviada pelo Administrador era de efeitos mágicos) pelo técnico-chefe e pelo director do Elemento Humano. Desceram para a fábrica.

- Cada operação - explicou o director do Elemento Humano - é executada, tanto quanto possível, por um único grupo Bokanovsky.

Efectivamente, oitenta e três Deltas braquicéfalos negros, quase sem nariz, estavam ocupados na laminagem a frio. Os cinquenta e seis tornos de bancada, de quatro brocas, eram atendidos por cinquenta e seis Gamas aquilinos e cor de gengibre.

Cento e sete Epsilões senegaleses condicionados para o calor trabalhavam na fundição. Trinta e três mulheres Deltas, de cabeça alongada, cor de areia, pélvis estreita, todas com a estatura de um metro e sessenta e nove centímetros, com cerca de vinte milímetros de diferença torneavam parafusos. Na sala de montagem, os dínamos eram montados por duas turmas de anões Gamas-Mais. As duas armações baixas estavam frente a frente; entre elas avançava lentamente o transportador de correia, com a sua carga de peças soltas. Quarenta e sete cabeças louras estavam em frente de quarenta e sete cabeças morenas; quarenta e sete narizes achatados tinham à sua frente quarenta e sete narizes aduncos; quarenta e sete queixos fugidios opunham-se a quarenta e sete prognatas. Os mecanismos completamente montados eram examinados por dezoito raparigas de cabelos castanhos e ondulados, vestidas de verde-gama, embalados nos quadros por trinta e quatro homens Deltas-Menos, de pernas curtas e arqueadas, e carregados nas plataformas e nos camiões que estavam à espera por sessenta e três Epsilões, semiabortos de olhos azuis, cabelos como fios de estopa e pele cheia de sardas.

"Oh, admirável mundo novo..." Por qualquer capricho da memória, o Selvagem encontrou-se a

repetir as palavras de Miranda. "Oh, admirável mundo novo, que encerra tais criaturas!"

- E garanto-lhe - concluiu o director do Elemento Humano quando abandonavam a fábrica - que quase nunca temos dificuldades com a nossa mão-de-obra. Encontramos sempre ...

Mas o Selvagem afastara-se repentinamente dos seus companheiros e fazia violentos esforços para vomitar atrás de uma moita de loureiros, como se a terra firme fosse um helicóptero mergulhado num poço de ar.

"O Selvagem - escreveu Bernard - recusa-se a tomar soma, e parece muito contrariado porque a mulher Linda, sua m..., vive em estado de permanente entorpecimento. Facto a assinalar: apesar da senilidade de sua m... e do seu aspecto extremamente repulsivo, o Selvagem visita-a com muita frequência e parece-lhe muito apegado, exemplo interessante do modo pelo qual o condicionamento da infância pôde conseguir modificar, e mesmo contrariar, os impulsos naturais (no caso presente o impulso de recuar, horrorizado, ante um objecto desagradáVel)."

Em Eton,(*) aterraram no terraço do grande colégio. Na fachada oposta à entrada do colégio, os cinquenta e dois andares da torre de Lupton brilhavam ao sol com clarões brancos. À sua esquerda o colégio e à direita o Coro Escolar em Comum erguiam as suas massas veneráveis de cimento armado e de vidrovita. No meio do pátio levantava-se a velha e curiosa estátua de aço cromado de Nosso Ford.

O Dr. Gaffney, o chanceler, e Miss Keate, a directora, receberam-nos ao descer do helicóptero.

- Têm aqui muitos gémeos? - perguntou o Selvagem, com certa apreensão, enquanto se punham a caminho para a visita de inspecção.

- Oh, não! - respondeu o chanceler. - Eton é exclusivamente reservado aos rapazes e às raparigas das castas superiores. Um ovo, um adulto. O que torna a educação mais difícil, bem entendido. Mas como estão destinados a assumir responsabilidades e a desembaraçar-se em casos excepcionais e imprevistos, não podemos evitar a situação. - Suspirou.

Bernard, entretanto, tinha achado Miss Keate muito do seu agrado.

- Se estiver livre uma destas noites, segunda, quarta ou sexta... - dizia ele. E acrescentou, designando o Selvagem com o polegar: - Sabe, ele é interessante, estranho.

Miss Keate sorriu (e o seu sorriso era realmente encantador, pensou ele) e agradeceu dizendo que teria muito prazer em assistir a uma dessas reuniões.

O chanceler abriu uma porta. Cinco minutos passados nessa aula de Alfas-Mais-Mais deixaram john ligeiramente admirado.

(*) Eton (próximo de Windsor) é actualmente a sede de uma escola secundária para rapazes de famílias aristocráticas. (N. do T.)

- Que vem a ser relatividade elementar? - segredou ele a Bernard.

Bernard tentou explicar-lhe, para depois se arrepender e propor que visitassem outra aula.

Atrás de uma porta, no corredor que levava à aula de Geografia dos Betas-Menos, uma voz retumbante de soprano gritava: « Um, dois, três, quatro.» E depois, com uma impaciência cheia de lassidão: « Todos ao mesmo tempo.»

- São os exercícios maltusianos - explicou a directora. - A maioria das nossas raparigas são neutras, já se vê. Até eu sou uma neutra. - E sorriu para Bernard. - Mas temos aí umas oitocentas que não foram esterilizadas e às quais é necessário obrigar constantemente a fazer estes exercícios.

Na aula de Geografia dos Betas-Menos, john aprendeu que « uma reserva de selvagens é um lugar que, dadas as condições climatéricas ou geológicas pouco favoráveis, não valera a pena cívilizar» . Um estalo, e a sala foi mergulhada na escuridão. Imediatamente no écran que se encontrava por cima da cabeça do professor apareceram os penitentes de Acoma, prosternando-se diante da Virgem, gemendo como john os tinha ouvido gemer, confessando os seus pecados diante de Jesus crucificado, diante da imagem de Pukong, representado sob a forma de uma águia. Os jovens Etonianos explodiam de riso.

Sempre gemendo, os penitentes ergueram-se, despiram-se até à cintura e começaram a flagelar-se, golpe sobre golpe, com chicotes de correia dupla. As explosões de riso redobraram até abafarem a reprodução ampliada dos gemidos.

- Mas porque se riem eles? - perguntou o Selvagem, com penalizada admiração.

- Porquê? - O chanceler virou para ele o rosto ainda encarquilhado pelo riso. - Porquê? Mas ... por ser tão extraordinariamente divertido...

Na penumbra' cinematográfica, Bernard arriscou um gesto que outrora nem na mais completa escuridão teria ousado esboçar. Seguro da sua recente importância, enlaçou a cintura da directora. Ela cedeu como um salgueiro que se inclina. Estava quase a colher um beijo ou dois, e talvez a beliscá-la levemente às escondidas, quando, com um estalido, se abriram as cortinas.

- Será talvez melhor continuarmos a nossa visita - disse miss Keate, dirigindo-se para a porta.

- E isto aqui - disse o chanceler momentos depois - é a Central Hipnopédica.

Centenas de caixas de música sintética, uma para cada dorrnitório, estavam colocadas em prateleiras ao longo de três paredes do aposento; na quarta parede, classificados em pequenas caixas, havia rolos de inscrição sonora, nos quais estavam gravadas as diversas lições hipnopédicas.

- Mete-se o cilindro por aqui - explicou Bernard, interrompendo o Dr. Gaffney -, carrega-se neste interruptor ...

- Não, naquele - rectificou o chanceler, agastado.

- Naquele, então. O cilindro gira. As células de selénio transformam os impulsos luminosos em vibrações sonoras e...

E pronto - exclamou o Dr. Gaffney, concluindo. Eles lêm Shakespeare? - perguntou o Selvagem quando, dirigindo-se aos laboratórios bioquímicos, passavam diante da biblioteca do colégio.

- De modo algum - disse a directora, corando.

- A nossa biblioteca - explicou o Dr. Gaffney - contém apenas livros de referência. Se os nossos jovens precisam de distracções, podem procurá-las no cinema perceptível. Nós não os incitamos a entregarem-se a diversões solitárias, sejam elas quais forem.

Cinco ónibus cheios de rapazes e raparigas, cantando ou silenciosamente abraçados, passaram diante deles, deslizando pela rua vitrificada. - Estão agora a regressar do crematório de Slough - explicou o Dr. Gaffney, enquanto Bernard, em voz baixa, marcava o encontro com a directora para essa mesma noite. - O condicionamento para a morte começa aos dezoito meses. Cada petiz passa duas manhãs, todas as semanas, num hospital para moribundos. Lá encontram os brinquedos mais aperfeiçoados e dão-lhes creme de chocolate nos dias em que há mortes. Aprendem dessa forma a considerar a morte como uma coisa banal.

- Como qualquer outro processo fisiológico - acrescentou a directora, em tom profissional.

« Às oito horas, no Savoy.» Estava tudo muito bem combinado.

No trajecto do regresso a Londres, pararam na fábrica da Companhia Geral de Televisão, em Brentford.

- Pode esperar-me aqui um instante, enquanto eu vou telefonar? - perguntou Bernard.

O Selvagem esperou e observou. Era justamente a hora da saída da turma principal do dia. Uma multidão de trabalhadores das castas inferiores, em bicha diante da estação do monocarril, setecentos a oitocentos homens e mulheres Gamas, Deltas e Epsilões, que não tinham, entre todos, mais de uma dúzia de fisionomias e estaturas diferentes. A cada um deles o bilheteiro dava, juntamente com o bilhete, uma pequena caixa de cartão com pílulas. A longa bicha de homens e mulheres avançava lentamente.

- Que é que há nessas ... (lembrando-se do Mercador de Veneza) caixinhas? - perguntou o Selvagem a Bernard quando este regressou.

- A ração diária de soma - respondeu Bernard de modo bastante incompreensível, pois estava a mastigar um pedaço da goma de mascar que Benito Hoover lhe oferecera. - Dá-se-lhes quando acabam o seu trabalho. Quatro comprimidos de meio grama. Aos sábados, seis.

Agarrou suavemente o braço de john e voltaram para o helicóptero.

Lenina entrou a cantar no vestiário.

- Pareces estar muito satisfeita contigo mesma - observou Fanny.

- De facto, estou satisfeita - respondeu ela. - Zip! - Bernard telefonou-me há meia hora. - Zip, zip! -

Tirou o calção. - Houve uma dificuldade inesperada... - Zip! - E pediu-me para levar o Selvagem esta noite ao cinema perceptível. Tenho de me apressar. - E precipitou-se para a sala de banho.

« Ela está cheia de sorte» , pensou Fanny enquanto via Lenína afastar-se.

Não havia rasto de inveja neste comentário; Fanny, com o seu belo coração, enunciava apenas um facto. Lenina estava, efectivamente, cheia de sorte; tinha a fortuna de repartir com Bernard uma generosa porção da imensa celebridade do Selvagem, a fortuna de reflectir, na sua insignificante pessoa, a glória suprema momentaneamente na moda. A secretária da Associação Fordiana das Raparigas não a convidara para fazer uma conferência acerca das suas aventuras? Não tinha sido convidada para o jantar anual do Clube Aphroditaeum? Não aparecera já num dos filmes das últimas Novidades Perceptíveis, exibindo-se de uma forma sensível à vista, ao ouvido e ao tacto, diante de inumeráveis milhões de espectadores disseminados pelo Planeta?

As atenções que várias personalidades de destaque lhe haviam dispensado não tinham sido menos lisonjeiras. O segundo secretário do Administrador Mundial da região tinha-a convidado para jantar e tomar o pequeno almoço. Passara um fim-de-semana com Sua Forderia o Grão-Mestre da justiça e outro com o arquichantre de Canterbury. O presidente da Companhia Geral de Secreções Internas e Externas estava em constante comunicação telefónica com ela e tinha ido a Deauville com o vice-governador do Banco da Europa.

- É maravilhoso, não há dúvida. E, todavia, por momentos

- confessara ela a Fanny -, tenho a sensação de obter qualquer coisa por abuso de confiança. Porque, naturalmente, a primeira coisa que todos desejam saber é o que se sente quando se tem relações amorosas com um Selvagem. E sou obrigada a dizer que não sei nada disso. - Abanou a cabeça. - A maior parte dos homens não me acreditam, está claro. Mas é verdade. Bem desejaria que assim não fosse - acrescentou tristemente e suspirando. - Ele é formidavelmente belo, não achas?

- Mas ele não gosta de ti? - perguntou Fanny.

- Às vezes parece-me que sim, outras parece-me que não. Faz sempre tudo o que pode para me evitar: sai do quarto quando entro; não quer tocar-me, nem sequer quer olhar. Mas algumas vezes, se me viro de repente, surpreendo-o a devorar-me com os olhos. E, depois, bem sabes como são os homens quando gostam de nós.

Sim, Fanny sabia-o.

- Não Compreendo nada - disse Lenina. Ela não compreendia nada. E estava não apenas assombrada, mas também um pouco entristecida.

- Porque, vê tu, Fanny, ele agrada-me. E cada vez lhe agradava mais. E eis que se apresentava uma 77

verdadeira oportunidade, pensava, enquanto se perfumava, depois do banho. - Puf, puf, puf. - Uma verdadeira oportunidade. A sua exuberante esperança transbordou numa canção: Aperta-me, narcotiza-me, querido;

Beija-me até ao coma;

Aperta-me, querido, aninha-me como a um coelhinho;

O amor é tão bom como o soma.

O órgão dos perfumes tocava um Capricho das Ervas, deliciosamente fresco, harpejos saltitantes de tomilho e de alfazema, de alecrim, manjerico, murta e estragão- uma série de modulações audaciosas, passando por todos os tons das especiarias, até ao âmbar cinzento, e uma lenta marcha invertida, pelos bosques de sândalo, de cânfora, de cedro e de feno fresco ceifado (com tonalidades subtis, por momentos, e notas discordantes -, uma baforada de pastel de rins, uma remota suspeita de estrume de porco), para regressar aos aromas simples com os quais a melodia tinha começado. O último acorde de tomilho desvaneceu-se; houve um ruído de aplausos e as luzes acenderam-se. Na máquina de música sintética, o cilindro de impressão sonora começou a girar. Ouviu-se um trio para hiperviolino, supervioloncelo e pseudo-oboé, que encheu então a atmosfera com a sua agradável languidez. Trinta a quarenta compassos, e depois, sobre esse fundo instrumental, uma voz bem mais que humana começou a vibrar; ora voz de garganta, ora voz de cabeça, ora sibilante como uma flauta, ora pesada de harmonias prenhes de desejo, passava sem esforço do registo de baixo de Gaspar Foster aos extremos limites dos sons musicais, até ao trinado agudo como o grito do morcego, muito acima do dó mais elevado que deu uma vez (em 1770, na ópera Ducal de Parma e perante o espanto de Mozart) Lucrezia Ajugari, única cantora que a história registou.

Comodamente instalados nas suas poltronas pneumáticas, Lenina e o Selvagem aspiravam e ouviam.

Foi então a vez dos olhos e também da pele.

As luzes da sala apagaram-se; as letras chamejantes destacaram-se em relevo, como se se suspendessem, sozinhas na escuridão. TRÊS SEMANAS DE HELICóPTERO. SUPERFILME CEM

POR CENTO CANTANTE, FALADO SINTETICAMENTE, COLORIDO, ESTEREOSCópico E

PERCEPTIVEL, COM ACOMPANHAMENTO SINCRONIZADO DE óRGÃO DE PERFUMES.

- Ponha as mãos nesses botões metálicos que estão nos braços da sua poltrona - sussurrou Lenina -, pois sem isso não sentirá nenhum dos efeitos do perceptível.

O Selvagem fez o que lhe foi indicado. Aquelas letras chamejantes tinham entretanto desaparecido; houve dez segundos de completa escuridão. Depois, repentinamente, deslumbrantes e parecendo incomparavelmente mais sólidas do que teriam sido em autêntica carne e osso, bem mais reais que a realidade, eis que surgiram as imagens estereoscópicas de um negro gigantesco e de uma rapariga braquicéfala Beta-Mais, de cabelos dourados, estreitamente abraçados. O Selvagem sobressaltou-se.

Esta sensação nos seus lábios! Ergueu a mão para a levar à boca; o leve roçar dos lábios cessou; voltou a pousar a mão no botão metálico; a sensação recomeçou. O órgão de perfumes, entretanto, exalava almíscar puro. Em tom expirante uma superpomba de cilindro sonoro arrulhou: "U-uh". Efectuando apenas trinta e duas vibrações por segundo, uma voz de baixo, mais que africana pela profundidade, respondeu: "Aa-aah! U-ah! Uh-ah!", os lábios estereoscópicos voltaram a juntar-se e de novo as zonas erotogéneas faciais dos seis mil espectadores do Alhambra titilaram com um prazer galvânico quase intolerável. « Uh ... »

O assunto do filme era extremamente simples. Poucos minutos depois dos primeiros "uhs" e "aahs"

(depois de ter sido cantado um dueto e realizados alguns gestos amorosos sobre aquela famosa pele de urso de que cada pêlo - o predestinador adjunto tinha inteiramente razão - se deixava sentir separada e distintamente), o negro era vítima de um acidente de helicóptero e caía de cabeça. Pum! Que dor lancinante por toda a fronte! Um coro de "auhs!" e de "ais!" elevou-se entre os espectadores.

O choque esmagou instantâneamente todo o condicionamento do negro. Sentiu-se invadido por uma paixão exclusiva e dementada pela Beta loura. Ela protestou. Ele insistiu. Houve lutas, perseguições, lutas com um rival e, para acabar, um rapto sensacional. A Beta loura foi raptada em pleno céu, onde a 78

guardaram, flutuante, durante três semanas, num isolamento ferozmente anti-social com o negro demente. Afinal, depois de uma série completa de aventuras e inúmeras acrobacias aéreas, três belos e jovens Alfas conseguiram libertá-la. O negro foi enviado para um centro de recondicionamento de adultos e o filme terminou, de uma maneira feliz e conveniente, quando a

Beta loura se tornou a amante dos seus três salvadores. Detiveram-se um instante para cantar um quarteto sintético com acompanhamento de grande superorquestra e de gardénias no órgão de perfumes. Depois a pele do urso apareceu pela última vez e, no meio de um estrondear de saxofones, o último beijo estereofónico exauriu-se na escuridão, o último roçar eléctrico escoou-se nos lábios, semelhante a uma borboleta nocturna expirante que pulsa, cada vez mais levemente, cada vez mais imperceptivelmente, e acaba por ficar imóvel, completamente imóvel.

Mas para Lenina a borboleta não morreu completamente. Mesmo depois de as luzes se terem acendido, enquanto caminhavam lentamente com a multidão que se dirigia aos elevadores, o fantasma palpitava ainda nos seus lábios traçando ainda na sua pele finos arabescos frementes de angústia e de prazer. Ela tinha as faces coradas, os olhos como que molhados pelo orvalho e ofegava profundamente. Agarrou o braço do Selvagem e apertou-o, inerte, contra o corpo. Ele baixou os olhos um segundo para ela, pálido, dolorido, cheio de desejo e envergonhado desse desejo. Ele não era digno, não era... Os seus olhares cruzaram-se um momento. Que tesouros prometiam os de Lenina! Quanto a temperamento, eram dignos do resgate de uma raínha! Ele apressou-se a desviar os olhos e soltou o braço que ela mantinha prisioneiro. Sentia obscuramente o receio de que ela deixasse de ser qualquer coisa de que pudesse julgar-se indigno.

- Acho que não deveriamos ver semelhantes coisas - disse ele, apressando-se em transferir de Lenina para as circunstâncias ambientais a censura devida a qualquer imperfeição passada ou possível no futuro.

- Semelhantes a quê, john?

- A este horrível filme.

- Horrível? - A admiração de Lenina era sincera. - Pois eu achei-o encantador.

- Era vil - retrucou ele, indignado -, era ignóbil. Ela sacudiu a cabeça.

- Não sei que quer dizer... - Porque era ele tão estranho? Porque se empenhava em estragar as coisas?

No taxicóptero, ele mal a olhou. Enredado por votos poderosos que nunca tinha pronunciado, obedecendo a leis que tinham caído em desuso há muito tempo, ficou sentado, desviando silenciosamente os olhos. Às vezes, como se um dedo tocasse numa corda tensa, prestes a romper-se, todo o seu corpo era abalado por um brusco sobressalto nervoso.

O taxicóptero desceu no terraço da casa de apartamentos de Lenina. « Enfim!» , pensou ela, triunfante, quando desceu do aparelho. Enfim, se bem que há pouco tivesse sido esquisito. De pé, sob uma lâmpada, ela examinou-se vivamente no seu espelho de mão. Enfim ... Sim, estava com o nariz um tudo-nada luzidio, é verdade. E sacudiu o pó que se soltava da pluma. Enquanto ele pagava o táxi teria exactamente o tempo necessário. Esfregou a região luzidia, pensando: « Ele é

formidavelmente belo. E

não tem nenhum motivo para ser tão tímido como Bernard. E todavia ... Qualquer outro homem já o teria feito há muito tempo. Mas agora, enfim!» Aquele fragmento de rosto reflectido no pequeno espelho redondo dirigiu-lhe um rápido sorriso.

- Boa noite - disse uma voz estrangulada atrás dela. Lenina voltou-se vivamente. Ele estava junto da porta aberta do táxi, os olhos fixos, arregalados. Tinha-os mantido manifestamente arregalados durante todo o tempo que ela levara a empoar o nariz, esperando - mas o quê? -, ou então hesitando, procurando decidir-se e pensando em qualquer coisa extraordinária que ela era incapaz de imaginar. -

Boa noite, Lenina - repetiu ele, esboçando um arremedo frustrado de sorriso.

Mas, john ... Pensei que você ia ... Quer dizer, você não vai.

Ele fechou a porta e inclinou-se para dizer qualquer coisa ao motorista. O aparelho saltou para o ar.

Olhando para baixo, através da janela do pavimento, o Selvagem viu o rosto de Lenina levantado para o aparelho, pálido

sob a luz azulada das lâmpadas. Ela tinha a boca aberta e chamava. A sua silhueta, em perspectiva reduzida, distanciava-se velozmente dele; o quadrado do terraço, afastando-se cada vez mais, parecia diminuir nas trevas.

Cinco minutos depois tinha entrado no quarto. Tirou de um esconderijo o seu volume roído pelos ratos e folheou com religioso cuidado as páginas manchadas e amarrotadas. Recomeçou a ler o Othello.

Othello, lembrou-se, assemelhava-se ao herói de Três Semanas de Helicóptero: era um negro.

Limpando os olhos, Lenina atravessou o terraço até ao elevador. Enquanto descia para o vigésimo sétimo andar, tirou o seu frasco de soma. Um grama, decidiu, não chegaria; o seu desgosto pesava mais de um grama. Mas se tomasse dois gramas corria o risco de não acordar a horas na manhã seguinte, Adoptou uma solução intermédia e, sacudindo o frasco, fez cair na palma da mão esquerda, ajeitada em forma de taça, três comprimidos de meio grama.

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

Bernard viu-se forçado a gritar através da porta fechada à chave. O Selvagem não queria abrir.

- Mas está lá toda a gente à sua espera.

- Que esperem - foi a resposta que chegou através da porta, numa voz surda.

- Mas você sabe muito bem, john (como é difícil conseguir um tom persuasivo quando se grita a plenos pulmões), que os convidei expressamente para o virem ver.

- Você devia ter começado por me perguntar se eu queria vê-los.

- Mas das outras vezes, john, você veio sempre.

- Aí está justamente a razão porque não quero ir mais.

- Vamos, ainda que seja só para me ser agradável - bradou Bernard com voz tonitruante. - Você não quer então vir, nem sequer para me ser agradável?

- Não.

- Isso é a sério?

É. Mas então que fazer? - gemeu Bernard, desesperado. Vá para o Inferno! - vociferou de dentro a voz exasperada.

Mas esta noite está cá o arquichantre de Canterbury. - Bernard estava quase a chorar.

- Ai yaa takwa. - Só em zuñi o Selvagem conseguia exprimir com clareza e conveniência o que pensava a respeito do arquichantre. - Hàni! - acrescentou depois de ter reflectido. E em seguida, com sarcástica ferocidade: - Sons éso tse-na. - E cuspiu no chão, como o teria feito Popé.

Por fim, Bernard foi obrigado a retirar-se de cabeça baixa, diminuído, para o seu apartamento, para comunicar à assembleia impaciente que o Selvagem não aparecia nessa noite. A notícia foi acolhida com indignação. Os homens ficaram furiosos por terem sido logrados a ponto de serem arrastados a 80

tratar delicadamente essa criatura insignificante, de reputação duvidosa e de opiniões heréticas. Quanto mais elevada era a posição hierárquica, mais profundo era o ressentimento.

- Fazer-me uma partida destas, a mim - repetia continuamente o arquichantre. - A mim!

Quanto às mulheres, estavam indignadas por verificarem que tinham sido possuídas por abuso de confiança, possuídas por um homenzinho miserável em cuja proveta tinham deitado álcool por engano, por uma criatura que tinha o físico de um Gama-Menos. Era um ultraje, que elas proclamaram em tom cada vez mais alto. A directora de Eton foi particularmente violenta.

Só Lenina não disse nada. Pálida, com os olhos azuis velados por uma melancolia que lhe não era habitual, sentia-se separada de quantos a rodeavam por uma emoção de que não participava. Fora àquela reunião inteiramente dominada por uma estranha sensação de triunfo inquieto. « Dentro de alguns minutos - pensara ao entrar na sala - vê-lo-ei, falar-lhe-ei, dir-lhe-ei (porque

viera com a sua resolução tomada) que gosto dele, mais que de qualquer outro homem que até aqui conheci. E então talvez ele diga ... » Que diria ele? O sangue tinha-lhe afluído ao rosto. « Porque se teria mostrado tão estranho naquela noite, depois do cinema perceptível? Era muito esquisito ... E, contudo, estou absolutamente certa de que, na verdade, lhe agrado alguma coisa. Estou certa ... »

Foi nesse momento que Bernard fez a sua comunicação: o Selvagem não assistiria à reunião.

Lenina experimentou repentinamente todas as sensações que se sentem normalmente no início de um tratamento de sucedâneo de paixão violenta, uma sensação de vácuo atroz, uma apreensão arquejante, náuseas. Parecia-lhe que o coração deixava de pulsar.

« Talvez seja por não gostar de mim» , pensou. E imediatamente essa hipótese se transformou numa certeza indiscutível: john tinha recusado aparecer por não gostar dela. Não gostava dela ...

- É, na verdade, um pouco excessivo - dizia a directora de Eton ao director dos Crematórios e da Recuperação de Fósforo. - Quando penso que eu já ...

- Sim - ouviu-se a voz de Fanny Crowne -, é inteiramente verdadeira essa história do álcool. Sei de alguém que conhecia a pessoa que trabalhava nessa altura no Depósito dos Embriões. Essa pessoa contou à minha amiga, e essa minha amiga disse-me ...

É verdadeiramente lamentável - disse Henry Foster, exprimindo a sua simpatia pelo arquichantre. -

Talvez lhe interesse saber que o nosso ex-Director esteve quase a transferi-lo para a Islândia.

Trespassado por cada uma das palavras pronunciadas, o balão bem inchado que era a confiança de Bernard em si próprio esvaziava-se por mil orifícios. Pálido, puxado para todos os lados, humilhado e agitado, ia e vinha por entre os seus convidados, gaguejando desculpas incoerentes, garantindo-lhes que na próxima vez o Selvagem estaria certamente presente, rogando-lhes que se sentassem e comessem uma sanduíche de carotina, uma fatia de empada de vitamina A, uma taça de pseudochampanhe. Os convidados comiam polidamente, mas procediam como se ele não estivesse.

Bebiam e, ou mostravam-se francamente grosseiros com ele, ou falavam dele uns com os outros, em voz alta e de maneira agressiva, como se ele não estivesse ali.

- E agora, meus amigos - pronunciou o arquichantre de Canterbury, com aquela magnífica voz sonora com que dirigia as operações durante as cerimónias do Dia de Ford -, agora, meus amigos, creio que chegou talvez o momento ...

Levantou-se, pousou o copo, sacudiu do seu colete de viscose púrpura as migalhas da abundante refeição e dirigiu-se para a porta.

Bernard precipitou-se para o deter.

- Será realmente necessário, senhor Arquichantre? ... Ainda é muito cedo. Esperava que o senhor...

Sim, o que não tinha ele esperado quando Lenina lhe confidenciara que o arquichantre aceitaria um convite se lho fizesse! « No fundo, ele é muito amável, sabe?» E ela mostrara a Bernard o pequeno fecho éclair de ouro, em forma de T, que o arquichantre lhe dera como recordação do fim-de-semana que ela tinha passado no Instituto Coral Diocesano. « Estarão presentes o arquichantre de Canterbury e o Sr. Selvagem.» Bernard proclamara o seu triunfo em todos os convites. Mas o Selvagem 81

tinha escolhido, entre todas, esta tarde para se fechar no quarto, para gritar "Hàni!" e também (que felicidade Bernard não compreender o zuñi) "Sons éso tse-na!» , e o que deveria ter sido a coroa de glória de toda a carreira de Bernard tornou-se num breve instante na sua maior humilhação.

- Tanto que eu esperava... - balbuciou ele, erguendo uns olhos suplicantes e desvairados para o alto dignitário.

- Meu jovem amigo - principiou o arquichantre num tom de vigorosa e solene severidade, provocando um silêncio geral -, deixe-me dar-lhe um conselho. - Sacudiu o dedo na direcção de Bernard. - Antes que seja muito tarde. Um útil e precioso conselho. - O tom da sua voz tornou-se sepulcral. - Corrija-se, meu jovem amigo, corrija-se. - Fez-lhe o sinal de T e virou-se: - Lenina, minha pequena - chamou noutro tom -, venha comigo.

Obediente, mas sem sorrir, completamente indiferente à honra que lhe era concedida, sem alegria, Lenina abandonou a sala atrás dele. Os outros convidados retiraram-se depois de um respeitoso intervalo. O último bateu com a porta, Bernard ficou só.

Esmagado, completamente vazio, deixou-se cair numa cadeira e, tapando a cara com as mãos, começou a chorar. Ao cabo de alguns minutos mudou de parecer e tomou quatro comprimidos de soma.

Lá em cima, no quarto, o Selvagem lia Romeu e julieta. Lenina e o arquichantre desceram do terraço do Instituto Coral Diocesano.

- Vamos depressa, minha jovem amiga, quero dizer: Lenina - gritou cheio de impaciência o arquichantre, que esperava junto da grade do elevador.

Lenina, que se atrasara um momento para contemplar a Lua, baixou os olhos e deu-se pressa em atravessar o terraço para se reunir a ele.

Uma Nova Teoria da Biologia, tal era o título da memória que Mustafá Mond acabava de ler. Ficou sentado algum tempo, os sobrolhos franzidos meditativamente. Depois pegou na caneta e

escreveu transversalmente na página do título: « A maneira como o autor trata matematicamente a concepção de fim é nova e altamente engenhosa, mas herética, e, no que respeita à presente ordem social, potencialmente perigosa e subversiva. Não publicar.» Sublinhou estas palavras. « O autor será sujeito a uma vigilância especial. Poderá tornar-se necessária a sua transferência para a Estação de Biologia Marítima de Santa Helena.» « É pena» , pensou, enquanto assinava. Era um trabalho magistral. Mas desde que se começam a admitir explicações de ordem finalística, hum, não se sabe até onde isso pode levar. É este género de ideias que poderia facilmente descondicionar os espíritos menos solidamente fixados entre as classes superiores, que poderia fazê-los perder a fé na felicidade como supremo bem e fazê-los acreditar, ao invés disso, que o fim está em qualquer parte para além, em qualquer parte fora da esfera humana presente, que o objectivo da vida não é a manutenção do bem-estar, mas sim um certo reforço, um certo refinamento da consciencia, algum aumento do saber... « Coisa que -pensou o Administrador - pode muito bem ser verdade, mas é inadmissível nas circunstâncias actuais.» Pegou de novo na caneta e sob as palavras Não publicar riscou um segundo traço, mais grosso, mais negro que o primeiro. Depois suspirou: « Como isto seria divertido se não fosse obrigado a pensar na felicidade!»

Com os olhos fechados, a fisionomia radiante e feliz, john declamava docemente no vazio: Oh, ela ensina as luzes a arderem com esplendor!

Ela parece pender contra a face da noite

Como uma jóia preciosa na orelha de um etíope;

Beleza preciosa de mais para ser usada, tão querida para o mundo ... (*) O T de ouro brilhava no pescoço de Lenina. Resolutamente, o arquichantre agarrou-o com os dedos e de súbito puxou, puxou.

(*) Romeu e julieta, 1, S.

- Parece-me - disse Lenina, quebrando um longo silêncio - que o melhor que tenho a fazer é tomar dois gramas de soma.

A essa hora Bernard dormia e sorria no paraíso pessoal dos seus sonhos. Sorria, sorria. Mas inexoravelmente, de trinta em trinta segundos, o ponteiro dos minutos do relógio eléctrico pendurado acima da sua cabeça avançava com um pequeno ruído quase imperceptível: « Clique, clique, clique, clique ... » E amanheceu. Bernard voltou a encontrar-se no meio das misérias do espaço e do tempo.

Foi num estado de desencorajamento total que tomou o táxi, dirigindo-se ao seu trabalho no Centro de Condicionamento. Tinha-se evaporado a embriaguez do sucesso; voltara a ter, em jejum, o seu eu antigo. E, em contraste com o balão temporário das últimas poucas semanas, o

eu antigo parecia ser, como nunca o fora, mais pesado que a atmosfera ambiente.

A esse esvaziado Bernard testemunhou o Selvagem uma simpatia inesperada.

- Você voltou agora a parecer-se com o que era no tempo da sua estada em Malpaís - disse ele depois de Bernard lhe ter contado a lamentável história. - Lembra-se de quando começámos a conversar? Em frente da casinha? Você está parecido com a criatura que era então.

- Porque sou outra vez infeliz, é essa a razão.

- Pois bem! Eu preferiria ser infeliz a conhecer essa espécie de felicidade falsa e mentirosa que você gozava aqui!

- Você tem cada uma! - comentou Bernard com amargura. - E então sendo você a causa de tudo! Você recusou-se a vir à minha reunião e pô-los todos contra mim!

Ele sabia que o que estava a dizer era absurdamente injusto; reconheceu no seu foro íntimo, e por fim declarou-o em palavras, a verdade do que lhe dizia agora o Selvagem acerca do valor nulo desses amigos que podiam transformar-se em inimigos perseguidores por causa de uma tão pequena afronta.

Mas, ainda que o soubesse e o reconhecesse, ainda que o apoio e a simpatia do seu amigo fossem agora o seu único conforto, Bernard nem por isso deixou de alimentar perversamente, coexistindo com a sua afeição inteiramente sincera, um secreto ressentimento contra o Selvagem, pondo-se a meditar numa campanha de vingançazinhas contra ele. Manter um ressentimento contra o arquichantre era coisa inútil e não tinha nenhuma possibilidade de se vingar do chefe dos enfrascadores ou do predestinador adjunto. Como vítima, o Selvagem possuía, para Bernard, esta superioridade enorme sobre os outros: era acessível. Uma das principais funções de um amigo consiste em suportar (sob uma forma mais suave e mais simbólica) os castigos que desejaríamos, mas não podemos, infligir aos nossos inimigos.

Bernard teve como segundo amigo-vítima Helmholtz. Quando, derrotado, voltou a procurar esta amizade que, na prosperidade, não tinha considerado útil conservar, Helmholtz tornou a dar-lha. E

restituiu-lha sem uma censura, sem um comentário, como se tivesse esquecido que houvera entre eles um desentendimento. Comovido, Bernard sentiu-se ao mesmo tempo humilhado por esta magnanimidade, magnanimidade tanto mais extraordinária e por isso tanto mais humilhante por não ser devida ao soma, mas sim e inteiramente ao carácter de Helmholtz. Era o Helmholtz da vida quotidiana, que esquecia e perdoava, não o Helmholtz das fugas proporcionadas por meio grama de soma. Bernard mostrou-se grato, como devia - era um grande conforto voltar a encontrar o amigo -, mas também saturado de ressentimento - seria um prazer vingar-se de Helmholtz e da sua generosidade.

Por ocasião do seu primeiro encontro depois da separação, Bernard contou-lhe a história das suas

misérias e aceitou as consolações oferecidas. Só alguns dias depois veio a saber, com espanto e com vergonha lancinante, que não era o único que estava em dificuldades. Também Helmholtz estava em conflito com a Autoridade.

- Foi a propósito de alguns versos - explicou Helmholtz. - Estava a fazer o meu curso habitual de Técnica Emocional, o curso superior para os estudantes do terceiro ano. Doze conferências, das quais a sétima trata de versos. « Do Emprego dos Versos na Propaganda Moral e na Publicidade» , para ser exacto. Ilustro sempre as minhas conferências com uma grande quantidade de exemplos técnicos. Desta vez pensei em dar-lhes um que eu mesmo tinha escrito. Era pura loucura, bem entendido, mas não fui capaz de resistir. - Pôs-se a rir. - Tinha curiosidade de ver quais seriam as reacções dos alunos. Além disso - acrescentou mais gravemente -, queria fazer uma propagandazinha; 83

tentava levá-los a sentir o que eu tinha sentido ao escrever os versos. Ford! - Riu-se outra vez. - Que escândalo! Fui chamado pelo Director, que me ameaçou com a expulsão imediata. Sou um homem marcado!

- Mas como eram os seus versos? -perguntou Bernard.

- Falavam da solidão. Bernard arqueou as sobrancelhas.

- Vou recitar-lhos, se quiser. E Helmholtz começou:

A reunião de ontem, Dúvidas,

um tambor silenciado,

Meia-noite sobre a cidade,

Flutuam no vácuo,

Lábios fechados, faces adormecidas,

Todas as máquinas paradas,

O silêncio e a desordem

Onde esteve a multidão.

Todo o silêncio se alegra,

Lamenta-se (ruidosamente ou débil),

Fala, mas com uma voz

Que não sei donde vem.

Lamenta a ausência de Susan,

A ausência de Egeria,

A falta dos seus braços e dos seus corações,

Dos seus lábios, ah, mas depois,

Lentamente, nota-se a sua presença;

De quem? E, pergunto, de quê

Tão absurdo na essência,

Essa coisa indefinida, sem existência,

Nunca conseguirá povoar

A noite vazia mais solidamente

Que aquela que copulámos.

Porque tem ela um aspecto tão esquálido?

Aqui está: dei-lhes isto como exemplo, e eles denunciaram-me ao Director.

- Não me admira - volveu Bernard. - Está em completo desacordo com tudo o que lhes foi ensinado durante o sono. Lembre-se disto: martelaram-lhes pelo menos um quarto de milhão de vezes a advertência contra a solidão.

- Bem sei. Mas eu queria ver o efeito que causaria.

- Pois bem! Agora já sabe. Helmholtz limitou-se a rir.

- Parece-me - acrescentou depois de um silêncio - que começo justamente a ter um tema para desenvolver, que começo a ser capaz de usar este poder que sinto existir em mim, este poder suplementar, latente. Parece-me que sinto isso.

Apesar de todas as suas dificuldades, ele parecia, pensou Bernard, profundamente feliz.

Helmholtz e o Selvagem foram atraídos desde o primeiro momento por uma simpatia recíproca. Tão cordial mesmo que Bernard chegou a sentir ardentes ciúmes. Depois de tantas semanas não tinha alcançado um grau de imtimidade tão completa com o Selvagem como o conseguido imediatamente por Helmholtz. Observando-os, ouvindo as suas conversas, arrependia-se às vezes, cheio de ressentimento, de os ter apresentado. Tinha vergonha do seu ciúme, e umas vezes fazia esforços de vontade e noutras tomava soma para o não sentir, Mas os seus esforços não

tiveram, porém, muito êxito. Entre as fugas do soma havia, forçosamente, intervalos. O odioso sentimento persistia em voltar.

Por ocasião do seu terceiro encontro com o Selvagem, Helmholtz recitou-lhe os seus versos acerca da solidão.

- Que lhe parecem? - perguntou ao terminar.

O Selvagem meneou a cabeça.

- Ouça isto - disse à guisa de resposta. E, abrindo com uma volta de chave a gaveta onde guardava o seu livro roído pelos ratos, tirou-o e leu:

Que o pássaro de mais forte gorjeio

Sobre a única árvore da Arábia,

Seja um melancólico arauto e uma trombeta ...

Helmholtz escutou com uma excitação crescente. Depois de « a única árvore da Arábia» sobressaltou-se; depois de « tu, mensageiro ruidoso» sorriu com súbito prazer; depois de « todo o pássaro de asa tirânica» o sangue subiu-lhe à cara; porém, depois de « música fúnebre» empalideceu e tremeu com uma emoção inteiramente nova. O Selvagem continuou a ler:

O sentido do eu ficou aterrado, Desse eu que não é o mesmo; Natureza única de duplo nome

Nem dois nem um era chamado. A própria razão confundida

Viu a divisão aumentar nela ...

- Orgia-folia! - disse Bernard, interrompendo a leitura com um riso sonoro e desagradável. - É, nada mais, nada menos, um cantico da Cerimónia de Solidariedade.

Vingava-se assim dos seus dois amigos por sentirem um pelo outro mais afeição que por ele.

Durante as duas ou três reuniões seguintes repetiu frequentemente este pequenino acto de vingança.

Era simples e extremamente eficaz, pois tanto Helmhotz como o Selvagem ficavam profundamente penalizados vendo quebrar e macular um cristal poético que lhes era caro. Por fim, Helmholtz ameaçou pô-lo na rua a pontapés se ousasse interrompê-los outra vez. E contudo, coisa estranha, a interrupção seguinte, a mais vergonhosa de todas, nasceu do próprio Helmholtz.

O Selvagem lia em voz alta Romeu e julieta, lia (porque se via sob os traços de Romeu e Lenina

sob os dejulieta) com uma paixão intensa e vibrante. Helmholtz ouvira com um intrigado interesse a cena do encontro dos dois amantes. A cena do pomar tinha-o encantado pela sua poesia, mas os sentimentos manifestados fizeram-no sorrir. Reduzir-se a tal estado por causa de uma mulher parecia-lhe extremamente ridículo. Mas, examinando um por um cada pormenor verbal, que soberbo trabalho de génio emotivo!

- Esse bom velho - disse ele - faz parecerem inteiramente tolos os nossos melhores técnicos de propaganda!

O Selvagem teve um sorriso de triunfo e prosseguiu na leitura. Tudo foi razoavelmente bem até ao ponto em que, na última cena do terceiro acto, Capuleto e Lady Capuleto começam a persuadir julieta, pela coerção, a desposar Paris. Helmholtz mostrara-se agitado durante toda a cena. Mas quando, com a mímica patética do Selvagem, julieta exclamou:

Não há nas nuvens nenhuma piedade

Que veja o abismo da minha dor?

Oh, minha doce mãe, não me repudies!

Retarda este consórcio um mês, uma semana;

OU, senão, faz erguer o meu leito nupcial

No sombrio mausoléu onde repousa Tybalt...

quando julieta acabou de dizer isto, Helmholtz foi incapaz de conter a explosão de uma estrepitosa gargalhada.

A mãe e o pai (obscenidade grotesca) obrigando a filha a entregar-se a alguém que ela não queria! E

esta estúpida filha que não dizia que se entregaria a um outro, a quem (de momento, pelo menos) preferia! No seu absurdo repugnante, a situação era irresistivelmente cómica! Ele conseguira, com heróico esforço,

conter a pressão crescente da sua hilaridade; mas « doce mãe» (no tom trémulo de angústia com que o dissera o Selvagem) e a alusão a Tybalt estendido morto, mas manifestamente não incinerado e desperdiçando o seu fósforo numa capela sombria, isso foi de mais para ele. Começou a rir às gargalhadas até que as lágrimas lhe começaram a correr pela cara abaixo, gargalhando com um riso inextinguível enquanto, pálido pela consciência do ultraje, o Selvagem o olhava por cima do livro. E

depois, como o riso continuasse sempre, fechou-o com indignação, levantou-se e, com o gesto de alguém que retira as suas pérolas da frente dos porcos, guardou-o na gaveta, fechando-a à chave.

- E, no entanto - disse Helmholtz quando conseguiu tomar o fôlego necessário para poder desculpar-se, acalmando o Selvagem a ponto de o fazer ouvir as suas explicações -, sei muito bem que são necessárias situações ridículas e loucas como essas; não se pode verdadeiramente escrever bem sobre quaisquer outros assuntos. Porque é que esse bom velho era um tão maravilhoso técnico de propaganda? Porque dispunha de bastantes coisas insensatas, loucamente dolorosas, pelas quais se podia exaltar. É preciso estar-se ferido, perturbado, pois sem isso não se encontram as expressões verdadeiramente boas, penetrantes, as frases de raios X. Mas os pais e as mães!... - Abanou a cabeça. -

Você não me pode exigir que me mantenha sério a propósito de pais e mães. E quem vai exaltar-se com a questão de saber se um homem vai ou não possuir uma mulher? - O Selvagem teve um frémito de dor; mas Helmholtz, com os olhos pensativamente presos no soalho, não deu por isso. - Não - concluiu com um suspiro -, - isto assim não vai. Precisamos de outra espécie de demência e de violência. Mas qual? Ah! Qual? Onde a poder'emos encontrar? - Deteve-se. Depois abanou a cabeça. - Não sei nada -

concluiu por fim -, não sei nada.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

A silhueta de Henry Foster apareceu na penumbra do Depósito de Embriões.

- Quer ir esta noite ao cinema preceptível? Lenina recusou com um movimento de cabeça, sem pronunciar uma palavra.

- Você vai sair com alguém? - Interressava-lhe saber quais dos seus amigos, homens e mulheres, andavam presentemente juntos - É com Benito? - perguntou. Ela abanou de novo a cabeça. Henry percebeu a fadiga naqueles olhos avermelhados, a palidez sob aquele olhar sombrio, a tristeza nas comissuras da boca carminada e sem sorriso.

- Você não se sente doente, pois não? - perguntou, já um Pouco inquieto, temendo que ela estivesse afectada por uma das poucas doenças contagiosas que ainda subsistiam.

Lenina de novo acenou negativamente com a cabeça.

- Em todo o caso, devia ir ao médico - disse Henry. - Um médico por dia, a doença fugia - acrescentou com íntima convicção, dando-lhe uma palmada no ombro para fazer penetrar bem profundamente o seu adágio hipnopédico. - Talvez você esteja a precisar de um sucedâneo de gravidez - arriscou ele -, ou, então de um tratamento de sucedâneo de paixão violenta extraforte. Às vezes, como sabe, o sucedâneo da paixão normal não é, realmente...

- Oh! Pelo amor de Ford! - exclamou Lenina, rompendo o seu obstinado silêncio. - Cale-se!

E virou-se para os embriões que abandonara. Um tratamento de sucedâneo de paixão violenta, com efeito...! Ela teria rido se não estivesse prestes a chorar. Como se, para desgraça sua, não tivesse bastante paixão violenta! Suspirou profundamente enquanto enchia a seringa. "John - murmurou para si própria - john ..." E depois: « Meu Ford, teria dado a este a sua injecção de doença do sono, ou não? »

Não foi

capaz de se lembrar. Por fim, resolveu não correr o risco de lhe dar segunda dose-e avançou ao longo da fileira para a proveta seguinte.

Vinte e dois anos, oito meses e quatro dias depois, um jovem Alfa-Menos, muito prometedor, administrador em Muanza-Muanza, morria de tripanossomíase - o primeiro caso em meio século.

Suspirando, Lenina recomeçou o seu trabalho.

Uma hora mais tarde, no vestiário, Fanny protestava energicamente:

- Mas é absurdo uma pessoa deixar-se chegar a esse estado. Simplesmente absurdo - repetiu. - E a propósito de quê? De um homem, de um homem!

- Mas é o homem que eu quero.

- Como se não houvesse milhões de outros homens pelo mundo.

- Mas eu não quero esses.

- Como podes tu sabê-lo antes de teres experimentado?

- já experimentei.

- Mas quantos? - perguntou Fanny, encolhendo os ombros desdenhosamente. - Um, dois?

- Dúzias. Mas - acrescentou, meneando a cabeça - isso não me serviu de nada.

- Ora! É preciso insistir - sentenciou Fanny. Mas era evidente que a sua confiança na receita dada estava abalada. - Nada se pode alcançar sem perseverança.

- Mas enquanto espero...

- Não penses nisso.

- Não posso deixar de pensar.

- Então toma soma.

É o que eu faço. Pois bem, continua! Mas nos intervalos continuo a gostar dele. Gostarei sempre dele. -

Pois então, se a coisa é assim - disse Fanny com decisão -, porque não o agarras, muito simplesmente, quer ele queira quer não.

- Ah! Se soubesses como ele é terrivelmente estranho!

- Mais uma razão para escolher uma linha de conduta firme.

- Isso é muito fácil de dizer.

- Não toleres asneiras. Age. - A voz de Fanny soava como um trompete. Parecia uma conferencista da Y. W. F. A. fazendo uma palestra nocturna às Betas-Menos adolescentes. - Sim, age imediatamente.

Fá-lo desde já.

- Tenho muito medo - respondeu Lenina.

- Ora! Não tens de ingerir mais de meio grama de soma. E agora vou tomar o meu banho.

E partiu com passo decidido, arrastando a toalha.

A campainha retiniu. O Selvagem, que esperava impacientemente que Helmholtz o visitasse essa tarde (porque, tendo-se decidido a falar de Lenina a Helmholtz, não podia suportar um atraso para as suas confidências), pôs-se de pé de um salto e correu para a porta.

- Pressenti que era você, Helmholtz - gritou ao abrir. Na soleira, vestindo um fato à marinheiro de cetim de acetato, uma boina branca descaindo audazmente sobre a orelha esquerda, estava Lenina.

- Oh! - exclamou o Selvagem, como se alguém lhe tivesse aplicado um soco vigoroso.

Meio grama de soma bastara a Lenina para a fazer esquecer os seus receios e constrangimentos.

- Então, john - disse, sorrindo e passando diante dele para entrar no compartimento.

Ele fechou automaticamente a porta e seguiu-a. Lenina sentou-se. Houve um longo silêncio.

- Você parece não estar muito contente por me ver, john - disse ela finalmente.

- Não estou contente? - O Selvagem olhou-a com ar de censura. Caiu inesperadamente de joelhos diante dela e, pegando-lhe na mão, beijou-a com reverência. - Não estou contente? Ah!

Se soubesse! -

murmurou. E, reunindo toda a sua coragem para erguer os olhos para ela, continuou: - Lenina, como eu a admiro, verdadeiro píncaro da admiração, digna de tudo o que de mais precioso há no mundo... - Ela sorriu-lhe com ternura deliciosa. - Oh, tão perfeita (ela inclinou-se para ele, os lábios entreabertos), criada tão perfeita e incomparável (cada vez mais próxima), criada com tudo o que há de melhor em todos os seres ...

Lenina estava ainda mais próxima. O Selvagem pôs-se subitamente de pé. - É por isso - disse ele, desviando os olhos - que eu queria primeiro realizar alguma coisa ... Quer dizer: provar que era digno de si. Não que eu julgue vir alguma vez a consegui-lo. Mas queria, pelo menos provar que não sou absolutamente indigno. Queria realizar alguma coisa.

- Porque acha que isso é necessário? ... Lenina começou a frase, mas não a acabou. Havia uma nota de irritação na sua voz. Quando nos inclinámos para diante, cada vez mais perto, os lábios entreabertos, para nos vermos de repente e sem mais nem menos, enquanto um pateta imbecil se levanta, inclinados para um lugar vazio, meu Ford, tem-se razão, mesmo com meio grama de soma circulando no sangue, tem-se razão para estar seriamente contrariado.

- Em Malpaís - gaguejou o Selvagem em tom incoerente era preciso trazer a pele de um leão das montanhas, quero dizer, quando se queria casar com alguém. Ou então um lobo.

- Mas não há leões na Inglaterra - objectou Lenina com voz quase cortante.

- Mesmo que os houvesse - acrescentou o Selvagem, com um ressentimento brusco e desdenhoso -, seriam destruídos com gases tóxicos ou qualquer coisa do género lançada de helicópteros. Mas eu não farei isso, Lenina! - Atirou o peito para a frente, animou-se a olhá-la e cruzou-se com o seu olhar de incompreensão contrariada. - Farei tudo - continuou coM crescente incoerência -, tudo o que me ordenar. Existem jogos dolorosos, como sabe. Mas a dificuldade realça-lhes as delíciaS. Eis o que sinto. Quero dizer que, se me ordenasse, varreria o chão.

- Mas nós aqui temos aspiradores - observou Lenina, assombrada -, e isso não é necessário.

Não, já se vê que não é necessário. Mas há algumas coisas vis que se suportam nobremente. Eu quisera suportar qualquer coisa nobremente. Não me compreende?

- Mas desde que existem aspiradores ...

- Não é essa a questão.

- E Epsilões semiabortos para os fazer funcionar - continuou ela. - Assim, na verdade, porquê? -

- Porquê? Mas por si, por si! Apenas para provar que eu...

- E que relação poderá existir entre os aspiradores e os leões?

- Para lhe provar quanto...

- Ou entre os leões e o facto de estar contente por me ver? Ela exasperava-se cada vez mais.

- Como eu a amo, Lenina - conseguiu ele dizer, quase em desespero de causa.

Como um reflexo da sua fremente alegria interior, o sangue coloriu as faces de Lenina.

É verdade, john? Mas não tinha a intenção de o dizer - gritou o Selvagem, unindo as mãos como num paroxismo de dor. - Não antes de ... Ouça, Lenina: em Malpaís as pessoas casam-se.

- As pessoas ... quê? - A irritação recomeçou a invadir-lhe a voz. De que estaria ele a falar agora?

- Para sempre. As pessoas prometem viver juntas para sempre.

- Que ideia horrorosa! - Lenina estava sinceramente escandalizada.

- Durando mais que o brilho exterior da beleza, com uma alma que se renova mais depressa que o sangue se destrói'.

- O quê?

- Também está assim em Shakespeare: « "Mas se quebras o nó virginal antes de todas as cerimónias sagradas se terem cumprido na plenitude dos seus santos ritos ..."

- Pelo amor de Ford, john, diga coisas sensatas! Não compreendo uma única palavra do que está a dizer. Primeiro, fala de aspiradores, depois de nós. Você enlouquece-me! - Ela levantou-se de um salto e, como se receasse que ele pudesse fugir-lhe fisicamente como o fazia em espírito, segurou-lhe o pulso. Responda a esta pergunta: você gosta realmente de mim, ou não gosta?

Estabeleceu-se um breve silêncio. Depois, em voz muito baixa, ele confessou.

- Amo-a mais que tudo no mundo.

- Mas, então, porque o não dizia? - exclamou ela. Estava exasperada a tal ponto que lhe enterrou as unhas no pulso. - Em vez de dizer tolices sem fim a propósito de nós, de aspiradores e de leões e de me fazer sofrer semanas e semanas! - Ela soltou-lhe a mão, repelindo-a com cólera. - Se eu não gostasse tanto de si, ter-lhe-ia uma raiva louca! E subitamente passou-lhe o braço em volta do pescoço. Ele sentiu os lábios de Lenina apertados brandamente contra os seus. Tão deliciosamente doces, tão tépidos, tão eléctricos, que inevitavelmente começou a pensar nos beijos das Três Semanas em Helicóptero. - Uh! Uh! - A loura estereoscópica. - Aah! - O negro

mais que real! Horror, horror, horror!

... Tentou desprender-se, mas Lenina apertou-o com mais força - Porque não o disse? - murmurou ela, afastando o rosto para o contemplar. Tinha os olhos cheios de terna censura.

- O antro mais sombrio, o lugar mais propício - a voz da consciência declamava poeticamente -, tudo o que o nosso demónio nos possa propor de pior, não fará nunca transformar a minha honra em vis desejos. Nunca, nunca! - Tal foi a sua resolução.

- Grande tolo! - disse Lenina. - Eu desejava-o tão ardentemente! E, se também me queria, porque é que não? ...

- Mas, Lenina... - começou ele a protestar. E, como ela afrouxasse imediatamente os braços e recuasse, acreditou, por um instante, que ela agia de acordo com a muda indicação que lhe fizera. Quando, porém, ela desafivelou o seu cinto de couro branco envernizado e o pendurou cuidadosamente nas costas da cadeira, começou a suspeitar de que se tinha enganado.

- Lenina! - repetiu, apreensivo. Ela levou a mão ao pescoço e baixou-a com um longo gesto vertical: a sua blusa branca à marinheiro abriu-se até à extremidade inferior. A suspeita condensou-se em realidade sólida, demasiado sólida.

- Lenina! Ah! Que faz você? Zip, zip! A resposta dispensou palavras. Ela desembaraçou-se das calças de boca de sino. A sua combinação-calça com fecho éclair era de um rosa pálido de concha. O T de ouro do arquichantre pendia no seu peito.

"Porquê esses seios que, através das grades das janelas, perturbam os olhos dos homens ... " As palavras cantantes, ribombantes, mágicas, faziam-na parecer duplamente perigosa, duplamente

tentadora. Doces, doces, mas quão penetrantes! Furando e brocando a razão, abrindo um túnel através da sua resolução. "Quando o sangue está inflamado, os juramentos mais inflamados não são mais que palha. Pratica mais a abstinência, senão ..."

Zip! O arredondado róseo abriu-se como uma maçã habilmente partida. Agitou os braços, levantando o pé direito, depois o esquerdo: a combinação-calça de fecho éclair jazia no chão, sem vida, como se tivesse sido esvaziada.

Ainda com as meias e os sapatos e a boina branca tombada para o lado, ela dirigiu-se para john estendendo-lhe os braços.

Querido. Querido! Se ao menos tivesse dito isso há mais tempo! Mas, em vez de lhe dizer também «

Querida I » e de lhe estender, por sua vez, os braços, o Selvagem, aterrorizado, fugiu agitando as mãos para ela como se tentasse afugentar um animal importuno e perigoso. Quatro passos para

trás, e esbarrou na parede.

- Meu querido - disse Lenina, pousando-lhe as mãos nos ombros e apertando-se contra ele. - Envolve-me nos teus braços - pediu ela -, beija-me, aperta-me, acaricia-me muito, muito. - Ela possuía também poesia para seu uso, conhecia palavras que cantavam, que enfeitiçavam e produziam um rufar de'

tambores. - Beija-me ... - Fechou os olhos, a sua voz transformou-se num murmúrio ensonado. - Beija-me até ao paroxismo, aperta-me sem fraqueza, acaricia-me ...

O Selvagem agarrou-lhe rudemente os pulsos, arrancou dos ombros as mãos de Lenina e repeliu-a brutalmente.

- Ai, estás a magoar-me, tu ... oh! - Ela calou-se de repente. Tomada de pânico, esqueceu a dor.

Abrindo os olhos, vira este rosto, não o rosto de john, mas o de um desconhecido, feroz, torcido, contraído por um furor insensato, inexplicável. Apavorada, sussurrou: - Mas que aconteceu, john? - Ele não respondeu, contentando-se em encará-la com um olhar demente. As mãos que seguravam os pulsos de Lenina tremiam. john respirava com inspirações profundas e irregulares. Fracamente, a ponto de ser um ruído apenas perceptível, mas assustador, ela ouviu-o de súbito ranger os dentes. - Que aconteceu?

-gritou ela quase num uivo.

E ele, como se tivesse sido acordado por este grito, agarrou-a pelos ombros e abanou-a: - Prostituta! -

berrou. -Prostituta! Impudente prostituta!'

- Oh! Não, não... - protestou ela com uma voz tornada ridiculamente grotesca pelos safanões que ele lhe dava.

Prostituta! Supll-i-co-te! Maldita meretriz! Com um centicu ... ubo... - começou ela.

O Selvagem repeliu-a com tanta violência que ela tropeçou e caiu.

- Vai-te - vociferou ele, de pé ao lado dela e dominando-a com um olhar ameaçador -, desaparece da minha vista, ou então mato-te! - E cerrou os punhos.

Lenina ergueu o braço para defender o rosto.

- Não, peço-te, john...

- Despacha-te... Depressa! Com o braço sempre levantado e seguindo com olhar aterrorizado o menor movimento de john, ela acocorou-se e, sempre com a cabeça tapada, fugiu para o quarto de banho.

O estrondo da prodigiosa palmada que acelerou a saída dela foi semelhante a um tiro de pistola.

- Ai! - Lenina saltou para a frente. Chegada em segurança ao quarto de banho, onde se fechou à chave, teve então tempo de observar os ferimentos. De pé, de

costas para o espelho, torceu a cabeça para trás. Olhando por cima do ombro esquerdo, viu a marca de uma mão aberta destacar-se, distinta e vermelha, na carne nacarada. Delicadamente esfregou a região magoada.

Fora, no outro compartimento, o Selvagem media a passos o soalho, caminhava, caminhava, ouvindo o acompanhamento dos tambores e a música das palavras mágicas. « A carriça e a pequena mosca dourada entregam-se à concupiscência sob os meus olhos.» ' As palavras rumorejavam-lhe nos ouvidos até o enlouquecerem. « Nem a fuinha, nem o cavalo impuro se lançavam nela com um apetite tão desordenado. Do busto para baixo são centauros, ainda que daí para cima sejam mulheres. Para os deuses a parte de cima. Para baixo tudo pertence aos demónios; aí é o Inferno, as trevas, o abismo de enxofre, que queima, que ferve, o fedor, a destruição; fi, fi, fi, puah, puah! Dá-me uma onça de almíscar, bom boticário, para me purificar a imaginação.

- john! - atreveu-se a dizer uma vozinha insinuante, vinda da casa de banho. - john!

« Oh, flor tão gracilmente bela, tão deliciosamente odorífera, que inebrias os sentidos! Esse soberbo velino, esse admirável livro, foi feito para que se lhe escrevesse por baixo meretriz!, ...» Mas o céu tapa o nariz

Mas o perfume de Lenina ainda flutuava em volta dele, a sua roupa estava toda branca do pó que tinha perfumado o corpo aveludado da jovem. « Impudente prostituta, impudente prostituta, impudente prostituta!» O ritmo inexorável martelava indefinidamente. « Impudente...»

- john, posso ir buscar as minhas roupas? Ele juntou as calças de boca de sino, a blusa, a combinação-calça de fecho éclair.

Abra! - ordenou, dando um pontapé na porta.

- Não, não. -A voz era medrosa e cheia de desconfiança.

- Então como quer que lhe dê a roupa?

- Atire-a pela bandeira da porta. Ele assim fez, recomeçando a caminhar pelo quarto, de um lado para o outro, inquieto. « Impudente prostituta, impudente prostituta. O demónio da luxúria, com as suas ancas arredondadas e o seu dedo em forma de batata...»

- john! Ele não quis responder. « Ancas arredondadas e dedo em forma de batata.»

- john!

- Que há? - perguntou brutalmente.

- Pode dar-me o meu cinto maltusiano? Lenina ficou sentada, escutando os passos no outro compartimento e perguntando-se, enquanto ouvia, quanto tempo continuaria ele a medir assim o soalho; se seria preciso esperar que ele saísse do aposento, ou se não seria mais prudente, depois de dar à loucura de john um prazo razoável para se acalmar, abrir a porta da sala de banho e precipitar-se para a rua de um salto.

Foi interrompida a meio destas lucubrações inquietas pelo toque da campainha do telefone que retiniu na outra sala. As idas e vindas sobre o soalho cessaram abruptamente. Ouviu a voz do Selvagem: Alô?

sim.

Sim, se é que me não confundo a mim mesmo com um outro.

Sim, você nao mo ouviu dizer? É o senhor Selvagem que está ao telefone.

Quem é que está doente? É claro que isso me interessa.

Mas é coisa séria? Ela está realmente mal? Vou imediatamente...

já não está no seu apartamento? Para onde a levaram?

Oh! Meu Deus! Dê-me o endereço!

Três, Park Lane. É assim? Três? Obrigado. Lenina ouviu o tilintar do telefone ao ser pousado, depois, passos precipitados. Uma porta fechou-se com estrondo. Depois, o silêncio. Teria de facto saído?

Com infinitas precauções, entreabriu a porta um meio centímetro; arriscou uma espreitadela pela frincha e animou-se ao ver o aposento vazio; abriu um pouco mais, passou a cabeça pela abertura; finalmente entrou no aposento na ponta dos pés. Demorou-se alguns segundos, com o coração a pulsar violentamente, à escuta; depois correu para a porta de entrada, abriu-a, esgueirou-se por ela, fechou-a e fugiu. Só quando se viu no elevador, no qual se introduziu sofregamente, começou a sentir-se em segurança.

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

O Hospital para Moribundos de Park Lane era uma torre de sessenta andares de blocos cerâmicos cor de primavera. Quando o Selvagem descia do seu taxícóptero, um comboio de

carros fúnebres aéreos, de cores alegres, levantou voo, zumbindo, do terraço, e deslizou sobre o parque, para oeste, com rumo ao crematório de Slough. À porta do elevador, o chefe dos porteiros deu-lhe as informações necessárias e ele desceu à sala 81 (uma sala para senilidade galopante, explicou o porteiro), no décimo sétimo andar. Era um vasto aposento, que o sol e a pintura amarela tornavam claro, contendo vinte leitos, todos ocupados. Linda morria acompanhada - acompanhada e com todo o conforto moderno.

O ar era constantemente vivificado por alegres melodias sintéticas. junto de cada leito, diante do ocupante moribundo, havia um receptor de televisão. Deixava-se funcionar a televisão, como se fosse uma torneira aberta, de manhã à noite. De quarto em quarto de hora, o perfume dominante na sala era automaticamente mudado.

- Tentamos - explicou a enfermeira que recebera o Selvagem à porta - criar aqui uma atmosfera completamente agradável, qualquer coisa de intermédio entre um hotel de primeira classe e um palácio de cinema perceptível. Creio que compreende o que quero dizer.

- Onde está ela? - perguntou o Selvagem, sem dar a menor atenção às corteses explicações.

A enfermeira sentiu-se chocada.

- Como está apressado!

- Há alguma esperança? - perguntou ele.

- Você quer dizer se ela não morrerá? - Ele acenou afirmativamente com a cabeça. - Não, não duvido de que não há esperança nenhuma. Quando mandam alguém para aqui, já não há... -

Impressionadíssima com a expressão angustiada do rosto pálido de john, calou-se de repente. « Que terá ele?» , perguntou

a si própria. Não estava habituada a manifestações deste género nos visitantes e, além disso, nunca havia muitos visitantes; nem nenhuma razão para que houvesse muitos. - O senhor não se sente doente, pois não?

Ele abanou a cabeça.

- É minha mãe - disse com voz que mal se percebia. A enfermeira lançou-lhe um olhar cheio de horror e em seguida virou-se bruscamente. Do pescoço à raiz dos cabelos o seu rosto não era mais que um rubor ardente.

- Leve-me junto dela - pediu o Selvagem, esforçando-se por falar em tom natural.

Sempre ruborizada, ela conduziu-o através da sala. Fisionomias ainda jovens e sem rugas (pois a

senilidade galopava tão depressa que não dava ao rosto o tempo de envelhecer, atacando apenas o coração e o cérebro) voltaram-se à sua passagem. A sua marcha era seguida por olhos vagos, sem curiosidade, de segunda infância. O Selvagem sentiu um frémito ao encará-los.

Linda estava deitada no último leito da segunda fila, encostado à parede. Amparada por travesseiros, olhava as meias-finais do Campeonato Sul-Americano de Ténis em Estrado Riemann, que se desenrolavam em reprodução silenciosa e reduzida no écran do receptor de televisão junto do leito. As pequenas silhuetas precipitavam-se aqui e além no quadrado de vidro iluminado, semelhantes a peixes num aquário, habitantes silenciosos mas agitados de um outro mundo.

Linda contemplava o espectáculo sorrindo vagamente e sem compreender. No seu rosto pálido e inchado havia uma expressão de felicidade imbecil. A cada instante as suas pálpebras fechavam-se e durante alguns segundos ela parecia dormitar. Depois, com um pequeno sobressalto, acordava, acordava para os jogos de aquário dos campeonatos de ténis, para a audição por supervoz wurlitzeriana de Beija-me, Aperta-me, Acaricia-me sem Descanso, para a rajada tépida de verbena soprada pela bandeira acima da sua cabeça, despertava para todas estas coisas, ou, antes, para um sonho, onde estas coisas, transformadas e embelezadas pelo soma que tinha no sangue, eram os elementos maravilhosos, e sorria novamente, com um sorriso desfeito, descorado, de contentamento infantil.

- E agora tenho de ir - disse a enfermeira. - Tenho o meu grupo de crianças que estão para chegar. E há também o n.o 3. - Estendeu o dedo para o outro lado da sala. - Está quase a ir-se de um momento para o outro, agora ... Mas instale-se à sua vontade. - E afastou-se a passos largos.

O Selvagem sentou-se ao lado do leito.

- Linda - murmurou, tomando-lhe a mão. Ouvindo o seu nome, ela voltou-se. Os seus olhos vagos tiveram um lampejo de consciência. Ela apertou-lhe a mão, sorriu-lhe, moveu os lábios. Mas subitamente a sua cabeça tombou para trás. Tinha adormecido. Ele ficou ali a contemplá-la, procurando entre a carne fanada, procurando e reencontrando aquele rosto jovem e vivaz que se inclinara sobre a sua infância em Malpaís, evocando (fechou os olhos) a sua voz, os seus gestos, todos os acontecimentos da sua vida comum. « No meu estreptococo alado, voai para Banbury-T...» Como eram estranhas as suas canções! E estes versos infantis, como eram magicamente estranhos e misteriosos!

A, B, C, vitamina D.

O óleo está no fígado, o bacalhau nadou.

Sentiu as lágrimas que o queimavam romper através das pálpebras, enquanto se lembrava das palavras e da voz de Linda repetindo-as. E depois as lições de leitura: o gato está no prato, o assado está na panela. E as Instruções Elementares para Uso dos Trabalhadores Beta-Menos do Depósito de Embriões. E os longos serões ao canto da lareira, ou, no Verão, no terraço da

casinha, enquanto ela lhe contava aquelas histórias de Além, algo que ficava fora da Reserva: o Além maravilhoso, maravilhoso, de que se lembrava ainda como de um paraíso de bondade e de beleza, total e intacto, não poluído pelo contacto com a realidade desta Londres real, destes homens e destas mulheres efectivamente civilizados.

Um ruído súbito de vozes agudas forçou-o a abrir os olhos e, depois de ter apressadamente enxugado as lágrimas, a voltar-se. O que parecia ser um fluxo contínuo de gémeos machos, idênticos, de oito anos, engolfava-se no aposento. Gémeo após gémeo, gémeo após gémeo, entravam, autêntico pesadelo. O

rosto, este rosto que se repetia, porque só havia um rosto para 93

todos, arregalava-se, nariz achatado, só narinas, e olhos pálidos e redondos como vidros de óculos. O

uniforme era de caqui. Tinham todos a boca aberta e o lábio caído. Entraram chilreando e palrando. Ao cabo de um momento parecia que a sala fervia. Amontoavam-se em cachos entre os leitos, subiam para cima deles, arrastavam-se por baixo, olhavam para os receptores de televisão, faziam caretas aos doentes.

Ao verem Linda, surpreenderam-se e deram mostras de uma certa inquietação. Um grupo ficou junto do leito, encarando-a com a curiosidade medrosa e estúpida dos animais que defrontam inesperadamente o desconhecido.

- Oh! Olhem, olhem! - Falavam em voz baixa e espantada.

- Mas que é que ela tem? Porque será ela assim tão gorda?

Nunca tinham visto um rosto parecido com o de Linda, nunca tinham visto um rosto que não fosse jovem, que não tivesse a pele lisa, nem corpo que não fosse fino e aprumado. Todas aquelas sexagenárias moribundas tinham o ar de raparigas quase crianças. Com quarenta e quatro anos, Linda parecia ser, por contraste, um monstro de senilidade flácida e desengonçada.

- Não é verdade que ela é horrível) - Tais eram os comentários sussurrados. - Olhem para os dentes dela!

De repente, de sob a cama, um gémeo de rosto achatado apareceu entre a cadeira de john e a parede e pôs-se a contemplar o rosto adormecido de Linda.

- Diga-me então... - começou ele. Mas a frase terminou prematuramente num guincho.

O Selvagem tinha-o agarrado pela gola do casaco e com uma bofetada sonora afugentara-o aos berros.

Os gritos chamaram a atenção da enfermeira-chefe, que se precipitou em seu socorro.

- Que foi que lhe fez? - perguntou, enfurecida. - Não admito que bata nas crianças!

- Está bem! Mas então afaste-as desta cama. - A voz do Selvagem tremia de indignação. - E, além disso, que fazem aqui estes fedelhos repugnantes? É vergonhoso!

- Vergonhoso? Mas que quer dizer? Condicionamo-los para a morte. E deixe-me dizer-lhe - continuou num tom de advertência feroz - que, se o apanho outra vez a perturbar o seu condicionamento, chamo os carregadores e mando-o pôr na rua.

O Selvagem pôs-se de pé e deu dois passos para ela. Os seus movimentos e a expressão do seu rosto eram tão ameaçadores que a enfermeira recuou aterrorizada. Com um esforço violento, ele conteve-se e, sem uma palavra, virou-se e sentou-se ao lado da cama.

Tranquilizada, mas com uma dignidade que era bastante vazia e incerta, a enfermeira insistiu:

- já o avisei. Agora já sabe. Apesar de tudo, afastou os gémeos demasiado curiosos e obrigou-os a entrar na partida de zipfurão que uma das suas colegas organizara na outra extremidade da sala.

- Pode ir agora tomar a sua chávena de solução de cafeína, minha cara - disse para a outra enfermeira.

O exercício da autoridade restabeleceu-lhe a confiança em si própria e fez-lhe bem. - Vamos, meus filhos - gritou.

Linda tinha-se agitado, inquieta. Abriu os olhos um instante, lançou um vago olhar à sua volta e adormeceu de novo. Sentado a seu lado, o Selvagem fez esforços violentos para recuperar o estado de espírito de há pouco. « A, B, C, vitamina D» , repetia para si próprio, como se estas palavras fossem um sortilégio que chamaria à vida o passado morto. Mas o sortilégio não produziu efeito. Obstinadamente, as recordações maravilhosas recusaram-se a aparecer; houve apenas uma ressurreição detestável de ciúmes, de fealdade e de misérias. Popé ensopado no sangue que lhe corria do ombro cortado e Linda horrendamente adormecida, enquanto as moscas zumbiam em volta do mescal derramado no chão perto da cama. E os garotos gritando aqueles nomes todos ao passarem... Ah! Não, não! Fechou os olhos, sacudiu a cabeça para afastar vigorosamente estas recordações. « A, B, C, vitamina D...» Tentou pensar nos momentos em que estava sentado nos joelhos de Linda, quando ela o abraçava e cantava, recomeçando continuamente, embalando-o, embalando-o para o adormecer: « A, B, C, vitamina D, vitamina D, vitamina D...»

A supervoz wurlitzeriana elevara-se num crescendo soluçante, e subitamente a verbena foi substituída no aparelho de circulação de perfume por um pachuli intenso. Linda agitou-se,

acordou, olhou espantada por uns momentos os semifinalistas, Depois, levantando o rosto, aspirou uma ou duas vezes o ar novamente perfumado, e então sorriu, com um sorriso de êxtase infantil.

- Popé! - murmurou, fechando os olhos. - Oh! Como gosto disto, como gosto ...

Suspirou e deixou-se cair sobre os travesseiros.

- Que tens, Linda? - O Selvagem empregou um tom implorativo. - Não me reconheces?

Ele esforçara-se tanto, fizera tudo o que lhe era possível, porque não lhe permitia ela esquecer?

Apertou-lhe a mão quase violentamente, como se a quisesse obrigar a abandonar o sonho de prazeres ignóbeis, as recordações vis e detestáveis para penetrar no presente, na realidade: o presente assustado, a espantosa realidade, sublímes mas pesados de significação, desesperadamente importantes precisamente por causa da iminência daquilo que os tornava tão aterradores.

- Não me reconheces, Linda? Como resposta, sentiu uma leve pressão de mão. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Inclinou-se para ela e beijou-a.

Ela moveu os lábios: "Popé!", murmurou de novo. E ele teve a sensação de que lhe atiravam à cara um balde de imundícies.

A cólera ferveu subitamente nele. Contrariada pela segunda vez, a paixão da sua dor tinha encontrado outra saída, transformando-se em paixão de cólera que atingiu o paroxismo.

- Mas eu sou o john! - gritou. - Sou o john! Na sua dor furiosa, agarrou-a decididamente pelos ombros', e sacudiu-a.

Os olhos de Linda abriram-se com um bater de pálpebras, ela viu-o e reconheceu-o. « John!» Mas colocou o rosto real, as mãos reais e violentas num mundo imaginário, entre os correspondentes interiores e pessoais do pachuli e da supervoz wurlitzeriana, entre as recordações transfiguradas e as sensações estranhamente transpostas que constituíam o universo do seu sonho. Ela reconhecia-o como sendo john, seu filho, mas representava-o como um intruso neste Malpaís paradisíaco onde passava a sua fuga de soma com Popé. Ele estava zangado porque ela amava Popé, abanava-a porque Popé estava ali, na sua cama, como se houvesse nisso algum mal, como se todas as pessoas civilizadas não agissem da mesma maneira. « Cada um pertence a...» A voz de Linda esvaiu-se subitamente,'até não ser mais que um crocitar ofegante, que mal se percebia; abriu a boca e fez um esforço desesperado para encher os pulmões de ar. Mas era como se já não soubesse respirar. Tentou chamar, mas não se ouviu nenhum som; só o terror dos olhos arregalados revelava a intensidade do seu sofrimento. Levou as mãos à garganta, procurou agarrar convulsivamente o ar, o ar que já não podia respirar, o ar que, para ela, tinha deixado de existir.

O Selvagem estava de pé, debruçado sobre ela.

- Que é que sentes, Linda? Que sentes tu? A sua voz implorava; dir-se-ia que lhe suplicava que o sossegasse.

O olhar que ela lhe dirigiu estava carregado de um terror indizível, de terror e, pareceu-lhe, de censura.

Ela tentou erguer-se na cama, mas tombou sobre os travesseiros. Tinha o rosto horrorosamente contorcido, os lábios azuis.

O Selvagem virou-se e correu para a outra extremidade da sala.

- Depressa! - gritou. - Depressa! De pé no meio de uma dança de roda de gémeos brincando ao zipfurão, a enfermeira- chefe voltou-se. O primeiro instante de surpresa deu quase instantaneamente lugar à desaprovação.

- Não grite! Pense nas crianças - disse ela, franzindo os sobrolhos. - Você arrisca-se a descondicioná-las ... Mas que está a fazer? - Ele rompera a roda. Preste atenção!

Uma das crianças berrava.

- Depressa, depressa! - Agarrou a enfermeira pela manga e arrastou-a atrás dele. - Depressa! Aconteceu qualquer coisa! Matei-a!

Quando chegaram à extremidade da sala, Linda estava morta. O Selvagem ficou um momento de pé, imobilizado no silêncio, depois caiu de joelhos ao lado da cama e, cobrindo o rosto com as mãos, soluçou desvairadamente.

A enfermeira estava sem saber que fazer, olhando ora a forma ajoelhada perto da cama (que escandalosa exibição!), ora (pobres crianças!) os gémeos que tinham interrompido a sua partida de zipfurão e olhavam, estarrecidos, os olhos e as narinas

arregaladas, na outra extremidade da sala, a cena escandalosa que se desenrolava junto do leito n.º 20.

Deveria falar-lhe? Procurar conduzi-lo ao sentido das conveniências? Que prejuizo fatal podia causar àqueles pobres inocentes! Destruir assim todo o seu bom condicionamento para a morte com esta repugnante explosão de gritos, como se a morte fosse qualquer coisa de terrível, como se houvesse pessoa que tivesse semelhante importância! Isto podia dar-lhes as ideias mais desastrosas acerca do assunto, perturbá-los e fazê-los reagir de uma maneira@' totalmente errada, totalmente anti-social.

Ela dirigiu-se a ele e tocou-lhe no ombro.

Não será capaz de se conduzir convenientemente? - disse em voz baixa, zangada.

Mas, virando a cabeça, viu que uma meia dúzia de gémeos estava já de pé e atravessava a sala.

A roda desagregava-se. Mais um instante e ... Não, o risco era muito de considerar; o' grupo inteiro arriscava-se a ficar retardado seis ou sete meses no seu condicionamento. Avançou a correr para aqueles cuja guarda lhe fora confiada e que estavam ameaçados.

- Vamos, quem quer um bolo de chocolate? - perguntou' com voz forte e alegre.

- Eu! - berrou em coro todo o grupo Bokanovsky. A cama n.º 20 estava completamente esquecida.

« Oh! Deus, Deus, Deus!...» , continuava a repetir para si próprio o Selvagem. Entre o caos de dor e de remorso que lhe' enchia o espírito, era a única palavra que articulava. « Deus!» , murmurou mais alto. « Deus...»

- Que é que ele está a dizer? - perguntou uma voz muito próxima, nítida e penetrante, através do chilrear da supervoz wurlitzeriana.

O Selvagem sobressaltou-se violentamente e, destapando a cara, olhou em volta. Cinco gémeos vestidos de caqui, cada um com um bocado de um grande bolo na mão direita, o rosto idêntico diversamente lambuzado de chocolate líquido, mantinham-se em linha, arregalando para ele os olhos redondos como vidros de óculos.

Cruzaram os olhares e começaram a rir simultaneamente. Um apontou com o bolo.

- Ela está morta? - perguntou.

O Selvagem encarou-os um momento em silêncio. Depois, ainda em silêncio, levantou-se.

Silenciosamente, dirigiu-se com lentidão para a porta.

- Ela está morta? - repetiu o gémeo curioso que caminhava a seu lado.

O Selvagem baixou o olhar sobre ele e, sempre sem dizer uma palavra, repeliu-o. O gémeo tombou por terra e começou imediatamente a berrar. O Selvagem nem sequer se voltou.

CAPÍTULO DÉCIMO Q UINTO

O pessoal doméstico do Hospital para Moribundos de Park Lane compunha-se de cento e sessenta e dois Deltas, divididos em dois grupos Bokanovsky, compreendendo, respectivamente, oitenta e quatro gémeas ruivas e setenta e oito gémeos dolicocéfalos de cabelos pretos. Às seis horas, terminado o seu dia de trabalho, os dois grupos reuniam-se no vestíbulo do hospital e recebiam das mãos do subecónomo interino a ração de soma.

Saindo do elevador, o Selvagem irrompeu pelo meio deles. Mas tinha o espírito distante, com a

morte, com a sua dor, com o seu remorso. Maquinalmente, sem ter consciência daquilo que fazia, começou a abrir, aos empurrões, caminho através da multidão.

- Quem é você para estar a empurrar dessa maneira? Onde pensa que vai?

Num tom agudo e baixo, saídas de uma multidão de gargantas diferentes, só duas vozes pipilaram ou rosnaram. Multiplicadas até ao infinito, como numa sucessão de espelhos, dois rostos, um em lua cheia manchada de sardas e cercada por uma auréola alaranjada, o outro em forma de máscara de pássaro, fina e adunca, hirsuta, com barba de dois dias, voltaram-se para ele com raiva. As suas palavras e cotoveladas vigorosas nas costas quebraram-lhe a concha de inconsciência. Ele acordou de novo para a realidade exterior, olhou em volta de si, reconheceu o que viu com uma horrível e repugnante sensação de queda no vácuo, de delírio incessantemente renovado dos seus dias e das suas noites, do pesadelo deste enxame de identidades que nada permitia distinguir. Gémeos, gémeos ... Como larvas, tinham vindo, em bando, macular o mistério da morte de Linda. Larvas ainda, mas maiores, inteiramente adultas, rastejavam agora sobre a sua dor e sobre o seu arrependimento. Deteve-se, e com os olhos fixos e horrorizados lançou um olhar circular sobre a multidão vestida de caqui. No meio e mais alto que ela, a sua cabeça sobressaía, dominando-a. « Como há aqui seres encantadores!» As palavras cantantes vergastaram-no com o seu sarcasmo. « Como a humanidade é bela! "Oh, admirável mundo novo ..."

- Distribuição de soma - gritou uma voz forte. - Em ordem fazem favor. Vocês, aí, andem um pouco mais depressa.

Abrira-se uma porta e tinham trazido uma mesa e uma cadeira para o vestíbulo. A voz era a de um jovem Alfa jovial, que entrara trazendo uma pequena caixa preta de metal. Um murmúrio de satisfação elevou-se entre os gémeos fartos de esperar. Esqueceram completamente o Selvagem. A sua atenção concentrava-se agora na caixa preta, que o jovem colocara em cima da mesa e a que tentava abrir a fechadura. Levantou a tampa.

- U-uh! - gritaram simultaneamente os cento e sessenta e dois, como se estivessem a admirar um fogo de artifício.

O rapaz tirou da caixa um punhado de minúsculas caixas de pílulas.

- Agora- disse em tom peremptório -avancem, façam favor. Um a um, e nada de empurrões.

Um a um e sem atropelos, os gémeos adiantaram-se. Primeiro dois homens, depois uma mulher, logo depois um outro homem, a seguir três mulheres, depois ...

O Selvagem estava ali , contemplando a cena. "Oh, admirável mundo novo, oh, admirável mundo novo

... " No seu espírito as palavras cantantes pareceram mudar de tom. Elas tinham-no escarnecido através da sua miséria e dos seus remorsos, escarnecido com aquele horroroso acento de

zombaria cínica!

Rindo como os demónios, elas tinham insistido sobre a sua imundície vil, a fealdade nauseabunda deste pesadelo. Agora e repentinamente, elas trombeteavam um apelo às armas. "Oh, admirável mundo novo!" Miranda proclamava a possibilidade do esplendor, a possibilidade de transformar até esse pesadelo em qualquer coisa de belo e nobre. "Oh, admirável mundo novo!" Era um desafio, uma ordem.

- Não empurrem, vejam lá! - vociferou o subecónomo interino, furioso. Fechou com estrondo a tampa da caixa. - Suspendo a distribuição se vocês não se portam convenientemente!

Os Deltas murmuraram, empurraram-se levemente uns aos outros e calaram-se. A ameaça fora eficaz.

Privarem-nos de soma - que coisa horrível!

97

- Agora está bem- disse o jovem, voltando a abrir a caixa. Linda fora uma escrava, Linda estava morta; outros, pelo menos, viveriam livres, e uma beleza nova brilharia sobre o mundo. Era uma reparação, um dever. E subitamente surgiu ao Selvagem, com uma claridade luminosa, o que tinha a fazer. Foi como se abrissem uma janela ou corressem uma cortina.

- Vamos adiante - disse o subecónomo. Uma outra mulher de caqui adiantou-se.

Parem! - gritou o Selvagem, com voz forte e retumbante. - Parem!

Abriu caminho até à mesa; os Deltas encararam-no, assombrados.

- Ford! - exclamou o subecónomo interino, em voz mais baixa que um sopro. - É o Selvagem. - Sentiu-se atemorizado.

- Ouçam-me, suplico-lhes - gritou o Selvagem com ardor veemente. - Emprestem-me os ouvidos ...

Nunca falara em público e tinha muita dificuldade em exprimir o que queria dizer. - Não tomem essa nefasta droga. É veneno, é veneno.

- Diga-me, senhor Selvagem - interveio o subecónomo interino, abrindo um sorriso conciliador -, não o incomodaria deixar-me...

- Veneno para a alma, assim como para o corpo.

- Sim, mas deixe-me continuar a minha distribuição. Seja delicado. - Ternamente, prudentemente, como quem acaricia um animal que se sabe que é mau, deu palmadinhas no braço do Selvagem. -

Deixe-me lá ...

- Nunca! - bradou o Selvagem.

- Mas então, meu velho ...

- Atire fora tudo isso, esse horrível veneno! As palavras « atire fora» conseguiram furar as camadas envolventes de incompreensão, penetrando violentamente na consciência dos Deltas. Um murmúrio irado elevou-se da multidão.

- Venho trazer-lhes a liberdade - disse o Selvagem, dirigindo-se aos gémeos. - Venho ...

o subecónomo interino não quis ouvir mais; deslizou sem ruído para fora do vestíbulo e procurou um número na lista telefónica.

- Não está no apartamento dele - resumiu Bernard. - Também não está no meu, e no seu também não.

Não está no Aphroditacum, nem no centro, nem no colégio. Onde diabo se terá metido?

Helmholtz encolheu os ombros. Tinham regressado do trabalho, esperando encontrar o Selvagem, que os esperava, num ou noutro dos seus habituais pontos de encontro, mas não havia sinais dele em parte nenhuma. Era uma contrariedade, pois tinham o projecto de irem para Blarritz no desporticóptero de quatro lugares de Helmholtz. Se ele se demorasse, iam chegar atrasados para o jantar.

- Vamos dar-lhe mais cinco minutos - propos Helmholtz. - Se não aparecer nestes cinco minutos, nós ...

A campainha do telefone interrompeu-o. Pegou no aparelho.

- Alô? Sou eu mesmo. - E, depois de um longo período de escuta, blasfemou: - Ford das Carripanas!

Vou imediatamente.

- Que aconteceu? - perguntou Bernard.

- Era um tipo que eu conheço no Hospital de Park Lane - esclareceu Helmholtz. - É lá que está o Selvagem. Parece que enlouqueceu. Em todo o caso é urgente. Você vem comigo?

Ambos se precipitaram pelo corredor fora para os elevadores.

- Mas gostam de ser escravos? - perguntava o Selvagem quando penetraram no hospital. Tinha o rosto inflamado e os olhos flamejavam-lhe de horror e indignação. - Gostam de ser bebés? Sim, bebés, vagindo e babando-se - acrescentou, exasperado ante aquela estupidez bestial, a ponto de

injuriar aqueles que se tinha proposto salvar. Os insultos ressaltaram contra a carapaça de estupidez espessa; eles encaravam-no com os olhos cheios de uma expressão vazia de ressentimento embrutecido e sombrio. - Sim, babões - vociferou impiedosamente. A dor e o 98

remorso, a compaixão e o dever, tudo isso tinha sido esquecido agora e de qualquer maneira absorvido por um ódio intenso que dominava tudo o que se referia àqueles monstros menos que humanos. - Vocês não querem ser livres, ser homens? Nem sequer compreendem o que é ser homem, o que é a liberdade?

- A raiva fazia dele um orador coerente, as palavras ocorriam-lhe facilmente, em fluxo cerrado. - Vocês não compreendem? repetiu ele. Mas não recebeu resposta. - Pois bem - afirmou em tom feroz -, então vou ensinar-lhes: vou impor-lhes a liberdade, - quer queiram quer não! - E, entreabrindo uma janela que dava para o pátio interior do hospital, pôs-se a deitar fora, aos punhados, as caixinhas de comprimidos de soma.

Por um instante, a multidão caqui ficou silenciosa, petrificada, perante o espectáculo deste sacrilégio inaudito, plena de assombro e de horror.

- Ele está louco - murmurou Bernard, arregalando os olhos. - Eles vão matá-lo. Eles...

Um grande grito estoirou de súbito no meio da multidão, uma onda movediça arrastou-se, ameaçadora, para o Selvagem.

- Que Ford o ajude! -disse Bernard, desviando os olhos.

- Ford ajuda aqueles que se ajudam a si próprios. E com uma gargalhada, uma autêntica gargalhada de triunfo, Helmholtz Watson abriu caminho através da multidão.

- A liberdade, a liberdade! - clamava o Selvagem. E com uma mão continuava a atirar o soma para o pátio e com a outra esmurrava o rosto dos assaltantes, que em nada se distinguiam uns dos outros. - A liberdade! - E eis que subitamente Helmholtz apareceu'a seu lado, esmurrando também. - Ah! Este bom amigo Helmholtz!

- Enfim, homens! - gritava Helmholtz, que também lançava o veneno pela janela, às mancheias. - Sim, homens, homens!

- já não havia mais veneno. Levantou a caixa e mostrou o interior, negro e vazio. - Vocês têm a liberdade!

Urrando, os Deltas carregaram com furor redobrado. Hesitante, mantendo-se à margem da batalha, Bernard pensou: « Eles estão perdidos. » E, arrastado por um súbito impulso, correu para a frente em seu socorro; depois reconsiderou e parou, mas, envergonhado, voltou a avançar; depois reconsiderou outra vez. E ali estava, sofrendo o martírio da indecisão humilhada, pensando que ambos se arriscavam a ser mortos se os não ajudasse e que também ele corria esse perigo se os ajudasse, quando (Ford seja louvado!), de olhos redondos e com o focinho de porco que lhes

davam as máscaras antigás, os polícias irromperam no local.

Bernard precipitou-se diante deles. Agitou os braços e isso já era acção: fazia qualquer coisa. Bradou várias vezes:

- Socorro! - Cada vez mais forte, a fim de se dar a ilusão de ser útil em alguma coisa: - Socorro!

Socorro! Socorro!

Os polícias afastaram-no do caminho e continuaram o seu trabalho. Três homens, trazendo pulverizadores presos aos ombros com correias, espalharam na atmosfera espessas nuvens de vapores de soma. Dois outros estavam ocupados com a caixa de música sintética. Armados de pistolas de água carregadas com um poderoso anestésico, outros quatro abriram caminho através da multidão, pondo metodicamente fora de combate, jacto após jacto, os combatentes mais ferozes.

- Depressa, depressa! - rugiu Bernard. - Eles serão mortos se vocês não se despacharem. Eles ... Oh!

Irritado com aquele falatório, um dos polícias disparou sobre ele a pistola de água. Bernard manteve-se de pé um ou dois segundos, oscilando como um ébrio sobre as pernas, que pareciam ter perdido os ossos, os tendões, os músculos, transformando-se em simples bastões de geleia, e, afinal, nem sequer de geleia, de água, e desabou no chão como uma massa.

De súbito, da caixa de música sintética uma voz começou a falar. A Voz da Razão, a Voz da Benevolência. O cilindro de impressão sonora girava para proferir o Discurso Sintético n.' 2 (Força Média) contra os Motins, jorrando de um coração inexistente. « Meus amigos, meus amigos!» , dizia a voz num tom tão tocante, com uma nota de censura tão infinitamente terna, que, por trás das suas máscaras de gás, os olhos dos próprios polícias se marejaram momentaneamente de lágrimas. « Que significa tudo isto? Porque não estão aqui todos reunidos, felizes e ajuizados?» « Felizes e ajuizados» , repetiu a voz, « e em paz, em paz» . A voz tremeu, decresceu num murmúrio e expirou momentaneamente. "Oh! Como desejo que todos sejam felizes", continuou, cheia de ardor sincero.

"Como desejo que todos sejam ajuizados! Peço-lhes, peço-lhes que sejam ajuizados 99

e ... " Dois minutos depois a voz e os vapores de soma tinham produzido o seu efeito. Em lágrimas, os Deltas abraçavam-se e acariciavam-se, meia dúzia de gémeos reunidos num largo amplexo. Até mesmo Helmholtz e o Selvagem estavam prestes a chorar. Trouxeram do economato uma nova provisão de caixas de pílulas; fizeram rapidamente uma nova distribuição, e, ao som de bênçãos de adeus cantadas pela voz num tom carregado de afeição, os gémeos dispersaram-se, soluçando de modo comovente.

"Adeus, meus queridos amigos, meus muito queridos amigos. Ford os proteja! Adeus, meus queridos amigos, meus muito ... "

Quando o último dos Deltas partiu, o polícia cortou a corrente. A voz angélica calou-se.

- Os senhores estão dispostos a ir a bem, ou será preciso anestesiá-los? - perguntou o sargento.

Apontou a sua pistola de água num gesto ameaçador.

- Oh! Iremos a bem - retrucou o Selvagem, estancando o sangue ora numa brecha, ora no pescoço arranhado, ora na mão esquerda mordida.

Mantendo sempre o lenço no nariz, que sangrava, Helmholtz fez com a cabeça um sinal de confirmação.

Reanimado e tendo recuperado o uso das pernas, Bernard aproveitara esse momento para se dirigir para a porta, fazendo-se notar o menos possível.

- Hé! Oiça lá! - gritou o sargento. Um polícia de máscara de porco precipitou-se através do compartimento e pôs a mão no ombro do rapaz.

Bernard voltou-se com uma expressão de inocência indignada. Fugir? Não lhe tinha passado pela cabeça semelhante ideia.

- E, todavia, que necessidade tem você de mim - disse ao sargento -, se eu, na verdade, não sei nada?

- Você é um dos amigos dos acusados, não é verdade?

- Meu Ford... - começou Bernard, hesitando. Não, não podia negar a verdade. - E porque não hei-de ser?

- Então venha cá - disse o sargento, caminhando para a porta em direcção ao carro da Polícia que os esperava.

CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO

A sala na qual os três foram introduzidos era o gabinete do Administrador.

- Sua Forderia vai descer dentro de um momento. Depois o mordomo Gama deixou-os sós. Helmholtz começou a rir muito alto.

- Isto parece mais uma reunião de amigos tomando uma solução deíafeína que um julgamento - disse, deixando-se cair na mais luxuosa das poltronas pneumáticas. - Coração ao alto, Bernard! - acrescentou, quando o seu'olhar pousou na face esverdeada e infeliz do amigo.

Mas Bernard não queria ser tranquilizado. Sem dar resposta, sem mesmo olhar Helmholtz, foi sentar-se na cadeira mais desconfortável da sala, cuidadosamente escolhida na esperança de conjurar de qualquer maneira a cólera das potências superiores. Entretanto o Selvagem passeava

ao redor da sala, muito agitado, lançando olhares de uma curíosidade superficial sobre os livros das estantes, sobre os cilindros de inscrições sonoras e as bobinas das máquinas de leitura nos seus compartimentos numerados. Em cima da mesa, debaixo da janela, estava um grosso volume encadernado em macio pseudocouro preto e marcado com grandes TT dourados. Pegou nele e abriu-o. A Minha Vida e a Minha Obra, por Nosso Ford. O livro tinha sido editado em Detroit pela Sociedade para a Propaganda do Conhecimento Fordiano. Com um gesto descuidado, folheou as páginas, leu uma frase aqui, um parágrafo além. Chegara à conclusão de que o livro não lhe interessava, quando a porta se abriu e o Administrador Mundial Residente da Europa Ocidental entrou com passo rápido na sala.

Mustafá Mond apertou a mão aos três homens. Mas foi ao Selvagem que se dirigiu.

- Assim, ao que parece, não gosta nada da civilização, senhor Selvagem!

O Selvagem olhou-o. Viera disposto a mentir, a fingir-se

fanfarrão, a encerrar-se numa reserva sombria. Mas, tranquílizado pela inteligência benévola do rosto do Administrador, resolveu dizer a verdade com absoluta franqueza.

- Não. - E abanou a cabeça. Bernard sobressaltou-se e mostrou-se horrorizado. Que pensaria o Administrador? Ser catalogado como amigo de um homem que afirma não gostar da civilização, que o diz abertamente, e ainda por cima ao próprio Administrador, era terrível.

- Ora essa, john... - começou a dizer. Um olhar de Mustafá Mond reduziu-o ao mais humilde Silêncio.

- Entenda-se desde já - não pôde deixar de reconhecer o Selvagem - que há coisas que são muito agradáveis. Toda esta música aérea, por exemplo.

- Às vezes, mil instrumentos melodiosos cantarolam em meus ouvidos, e às vezes vozes.

A fisionomia do Selvagem inundou-se de uma súbita alegria.

- O senhor também o leu? Julgava que nunca ninguém tinha ouvido falar deste livro aqui na Inglaterra.

- Quase ninguém. Eu sou uma das raríssimas excepções. Sabe, está proibido. Mas como sou eu que faço as leis, posso igualmente transgredi-las. Impunemente, senhor Marx - acrescentou, virando-se para Bernard. - Coisa que, ao que me parece, o senhor não poderá fazer.

Bernard sentiu-se mergulhado num estado de miséria ainda mais desesperada.

- Mas porque está ele proibido? - perguntou o Selvagem. Emocionado por se encontrar em frente

de um homem que tinha lido Shakespeare, esquecera-se momentaneamente de todas as outras coisas.

O Administrador encolheu os ombros.

- Porque é velho, eis a razão principal. Aqui não temos o culto das coisas velhas.

- Mesmo quando são belas?

- Sobretudo quando são belas. A beleza atrai, e nós não queremos que as pessoas sejam atraídas pelas coisas velhas. Queremos que amem as coisas novas.

- Mas as novas são tão estúpidas@ tão horrorosas! Estes espectáculos onde só há helicópteros a voar por todos os lados e onde se sentem as pessoas que se beijam! - Fez uma careta. - Bodes e macacos! -

Só repetindo as palavras de Othello pôde manifestar convenientemente o seu desprezo e o seu ódio.

- Animais bem gentis e nada desagradáveis, no entanto - murmurou o Administrador, como num parêntesis.

- Porque não lhes dá para apreciação o Othello?

- já lhe disse: é velho. E, por outro lado, eles não compreenderiam.

Sim, era verdade. Lembrou-se de como Helmholtz tinha rido de Romeu e julieta.

- Pois bem! Então - continuou depois de um silêncio - qualquer coisa nova semelhante ao Othello e que eles sejam capazes de compreender. - Aí está o que todos nós há muito desejamos escrever - disse Helmholtz, rompendo um silêncio prolongado.

- E é o que você nunca escreverá - disse o Administrador - porque, se a obra se parecesse realmente com o Othello ninguém estaria em condições de a compreender. E, se fosse coisa nova, não se podia parecer em nada com o Othello.

- Porque não?

- Sim, porque não? - repetiu Helmholtz. Esquecia também as realidades desagradáveis da situação.

Verde de terror e de apreensão, Bernard era o único que se lembrava. Mas os outros não reparavam nele. - Porque não?

- Porque o nosso mundo não é o mesmo que o de Othello. Não se podem fazer calhambeques sem aço e não se podem fazer tragédias sem instabilidade social. O mundo é estável, agora. As

pessoas são felizes, conseguem o que querem e nunca querem aquilo que não podem obter. Sentem-se bem, estão em segurança, nunca estão doentes, não receiam a morte, vivem numa serena ignorância da paixão e da velhice, não são sobrecarregadas

com pais e mães, não têm mulheres, nem filhos, nem amantes, pelos quais poderiam sofrer emoções violentas, estão de tal modo condicionadas que, praticamente, não podem deixar de se portar como devem. E se por acaso alguma coisa correr mal, há o soma, que o senhor atira friamente pela janela em nome da liberdade, senhor Selvagem. A liberdade! - Pôs-se a rir. - O senhor espera que os Deltas saibam o que é a liberdade!

E agora espera que os Deltas sejam capazes de compreender Othello! Meu caro amigo!

- Apesar de tudo - insistiu obstinadamente o Selvagem, que se mantivera calado -, é belo, é melhor que os filmes perceptíveis.

- Não há dúvida - assentiu o Administrador. - Mas esse é o preço que temos de pagar pela estabilidade.

É preciso escolher entre a felicidade e o que outrora se chamava a grande arte. Nós sacrificamos a grande arte. Temos em seu lugar os filmes perceptíveis e os órgãos de perfumes.

- Mas são coisas sem sentido nenhum.

- Têm o seu sentido próprio. Representam para os espectadores uma porção de sensações agradáveis.

- Mas, contudo... são narrados por um idiota.

O Administrador pôs-se a rir.

- Você não está a ser muito delicado para o seu amigo senhor Watson. Um dos nossos mais distintos engenheiros de emoção ...

- Mas ele tem razão - concordou Helmholtz com uma tristeza sombria. - É realmente idiota. Escrever quando se não tem nada a dizer...

- Exactamente. Mas isso exige uma habilidade extraordinária. Fabricamos calhambeques com o mínimo possível de aço, obras de arte utilizando apenas sensação pura.

O Selvagem abanou a cabeça.

- Tudo isso me parece absolutamente horrível.

- Sem dúvida. A felicidade real parece sempre bastante sórdida quando comparada com as

largas compensações que se encontram na miséria. E é evidente que a estabilidade, como espectáculo, não chega aos calcanhares da instabilidade. E o facto de se estar satisfeito não tem nada do encanto mágico de uma boa luta contra a desgraça, nada do pitoresco de um combate contra a tentação ou de uma derrota fatal sob os golpes da paixão ou da dúvida. A felicidade nunca é grandiosa.

- É evidente - concordou o Selvagem, depois de um silêncio. - Mas será indispensável atingir o grau de horror de todos estes gémeos? - Passou as mãos pelos olhos como se tentasse apagar a lembrança da imagem daquelas longas fileiras de anões idênticos nos bancos de montagem, daquelas manadas de gémeos em bicha na estação do monocarril de Brentford, daquelas larvas humanas invadindo o leito de morte de Linda, do rosto indefinidamente repetido dos assaltantes. Olhou a mão esquerda coberta por um penso e estremeceu. - Horrível!

- Mas tão útil! Estou a ver que não gosta dos nossos grupos Bokanovsky, mas, garanto-lhe, eles são os alicerces sobre os quais está edificado o restante. São o giroscópio que estabiliza o avião-foguete do Estado na sua marcha inflexível. - A voz profunda vibrava, fazendo-o palpitar, a mão gesticulante representava implicitamente todo o espaço e o impulso da irresistivel máquina. O talento oratório de Mustafá Mond estava quase ao nível dos modelos sintéticos.

- Pergunto a mim próprio - disse o Selvagem - como consegue tolerá-los no final de contas, dado poder produzir aquilo que quiser nessas provetas. já que está entregue a essa função, porque não faz de cada um deles um Alfa-Mais-Mais?

Mustafá riu novamente.

- Porque não temos vontade nenhuma de nos fazer estrangular - respondeu. - Acreditamos na felicidade e na estabilidade. Uma sociedade composta de Alfas não poderia deixar de ser instável e miserável.

Imagine uma fábrica onde todo o pessoal fosse constituído por Alfas, quer dizer, por indivíduos distintos, sem relações de parentesco, de boa hereditariedade e condicionados

de forma a serem capazes (dentro de certos limites) de escolher livremente e de arcar com responsabilidades. Imagine isso ! - repetiu.

O Selvagem tentou imaginar, mas sem grande sucesso.

- É um absurdo. Um homem decantado em Alfa, condicionado em Alfa, enlouqueceria se tivesse de fazer o trabalho de um Epsilão semiaborto, enlouqueceria ou começaria a destruir tudo. Os Alfas podem ser completamente socializados, mas com a condição de só os obrigarem a fazer trabalhos de Alfas. Só a um Epsilão se pode pedir que faça os sacrifícios de um Epsilão, pela boa razão de que se não trata de sacrifícios. É a linha ' da menor resistência. O seu condicionamento traçou a via que terá de percorrer. Não tem outro remédio, está fatalmente predestinado. Mesmo depois da decantação, está sempre dentro de uma proveta, de uma invisível

proveta de fixações infantis e embrio nárias. Cada um de nós, já se vê - prosseguiu meditativamente o Administrador -, atravessa a vida dentro de uma proveta. Mas se acontece sermos Alfas, a nossa proveta, relativamente, é enorme. Sofreríamos intensamente se estivéssemos condicionados num espaço mais limitado. Não se pode deitar pseudochampanhe para castas superiores em provetas da casta inferior. É teoricamente evidente. Mas é coisa que está igualmente demonstrada na vida real. O resultado da experiência de Chipre foi convincente.

- Masque experiência foi essa? -perguntou o Selvagem. Mustafá Mond sorríu.

- Pode-se, sem dúvida e se o quisermos, designá-la como uma experiência de reemprovetamento. A experiência começou no ano 473 de N. F. Os Administradores fizeram evacuar da ilha de Chipre os habitantes existentes e recolonizaram-na com um lote especialmente preparado de vinte e dois mil Alfas. Confiou-se-lhes um equipamento agrícola e industrial muito completo e deixou-se-lhes a responsabilidade de gerirem os seus negócios. Os resultados estiveram em completo acordo com todas as previsões teóricas. A terra não foi convenientemente trabalhada, houve greves em todas as fábricas, as leis valiam menos que nada, desobedeciam às ordens dadas, todas as pessoas destacadas para efectuar uma missão de categoria inferior passavam o tempo a fomentar intrigas, tentando obter trabalho de categoria mais elevada, e todas as pessoas dos cargos superiores fomentavam contra-intrigas para poderem continuar, por qualquer preço, nos lugares que ocupavam. Em menos de seis anos estavam embrulhados numa guerra civil de primeira ordem. Quando, dos vinte e dois mil, foram mortos dezanove mil, os sobreviventes fizeram uma petição unânime aos Administradores Mundiais a fim de estes retomarem o governo da ilha. Foi o que se fez. E assim terminou a única sociedade de Alfas de que o mundo teve conhecimento.

O Selvagem soltou um profundo suspiro.

- A população óptima - continuou Mustafá Mond - deve obedecer ao modelo do iceberg: oito nonos abaixo da linha de flutuação, um nono acima da linha.

- E os que estão abaixo da linha de flutuação sentem-se felizes?

Maisfelizes que os de cima. Mais felizes que os seus dois amigos que estão aqui, por exemplo. - E

apontou-os com o dedo.

- Apesar do trabalho horrível?

- Horrível? Mas essa não é a opinião deles. Pelo contrário, agrada-lhes. É leve e de uma simplicidade infantil. Nenhum esforço excessivo nem para o espírito, nem para os músculos. Sete horas e meia de um trabalho leve, nada esgotante, e depois a ração de soma, os desportos, a cópula sem restrições e o cinema perceptível. Que mais podiam eles pedir? É certo - acrescentou - que poderiam pedir uma jornada de trabalho mais curta. E, bem entendido, podíamos conceder-lha. Tecnicamente, seria perfeitamente possível reduzir a três ou quatro horas a

jornada de trabalho das castas inferiores. Mas isso torná-las-ia mais felizes? Não, em nada. A experiência foi tentada há mais de século e meio. Toda a Irlanda foi colocada no regime da jornada de quatro horas. E qual foi o resultado? Perturbações e um acréscimo notável do consumo de soma. Mais nada. Estas três horas e meia de folga suplementar estavam tão longe de ser uma fonte de felicidade que as pessoas se viam obrigadas a evadir-se pelo soma. O Gabinete de Invenções regurgitava de planos de dispositivos destinados a poupar a mão-de-obra. Há milhares.

- Mustafá Mond fez um gesto largo. - E porque não os pomos em execução? Para bem dos trabalhadores. Seria pura crueldade

proporcionar-lhes folgas excessivas. E acontece o mesmo com a agricultura. Poderíamos fabricar por síntese a mais ínfima parcela dos nossos alimentos, se o quiséssemos. Mas não o fazemos. Preferimos conservar no trabalho da terra um terço da população. Para seu próprio bem, porque é preciso mais tempo para obter os elementos a partir da terra do que utilizando as fábricas. Além de que precisamos de pensar na nossa estabilidade. Não queremos mudar. Qualquer mudança é uma ameaça para a estabilidade. Aqui está uma outra razão para que estejamos tão pouco inclinados a utilizar invenções novas. Qualquer descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva; qualquer ciência tem de ser, às vezes, tratada como um possível inimigo. Sim, mesmo a ciência.

A ciência? O Selvagem franziu os sobrolhos. Conhecia a palavra. Mas o que realmente significava, john não o sabia. Nem Shakespeare nem os velhos do pueblo tinham mencionado a ciência e de Linda recebera apenas indicações muito vagas: a ciência é qualquer coisa com que se fazem os helicópteros, qualquer coisa que faz que nós zombemos das Danças do Trigo, qualquer coisa que nos impede de criar rugas e de perder os dentes. Fez um esforço desesperado para entender o que o Administrador queria dizer.

- Sim - dizia Mustafá Mond -, esta é outra parcela no passivo da estabilidade. Não é apenas a arte que é incompatível com a felicidade. Há também a ciência. A ciência é perigosa; somos obrigados a mantê-la cuidadosamente acorrentada e amordaçada.

- Como? - interveio Helmholtz admiradíssimo. - Mas nós repetimos continuamente que a ciência é tudo no mundo. É um truísmo hipnopédico.

- Três vezes por semana, dos treze aos dezassete anos - precisou Bernard.

- E toda a propaganda científica que efectuamos no colégio...

- Sim, mas que espécie de ciência? - perguntou sarcasticamente Mustafá Mond. - Você não recebeu cultura científica, de maneira que não está em condições de julgar. Pela minha parte, era muito bom físico, nos meus tempos. Muito bom, suficientemente bom para me aperceber de

que toda a nossa ciência não passa, afinal, de um livro de cozinha, com uma teoria ortodoxa da arte culinária de que ninguém tem o direito de duvidar e uma lista de receitas às quais é preciso nada acrescentar, a não ser com a autorização especial do Primeiro Chefe. Agora, sou eu o Primeiro Chefe. Mas houve tempo em que não passava de um jovem bicho de cozinha, cheio de curiosidade. E comecei a cozinhar à minha maneira. Cozinha heterodoxa, cozinha ilícita. Um pouco de ciência verdadeira, em suma. - Calou-se.

- E que lhe aconteceu? - perguntou Helmholtz Watson.

O Administrador suspirou.

- Mais ou menos o que lhes vai acontecer, meus jovens amigos. Estive quase a ser enviado para uma ilha.

Estas palavras galvanizaram Bernard, provocando nele uma actividade violenta e fora do vulgar.

- Enviar-me para uma ilha, a mim? - Levantou-se num salto, atravessou a sala a correr e parou, gesticulando, diante do Administrador. - O senhor não me poderá mandar. Não fiz nada. Foram os outros. juro que foram os outros. - E apontava com dedo acusador Helmholtz e o Selvagem. - Oh!, peço-lhe, não me mande para a Islândia. Prometo fazer tudo o que devo fazer. Dê-me ainda outra oportunidade de me emendar. Peço-lhe, dê-me uma oportunidade! - Começaram a correr-lhe as lágrimas. - É culpa deles, já lhe disse - soluçou. - E não para a Islândia. Oh! Suplico-lhe, Sua Forderia, suplico-lhe... - E, num paroxismo de baixa humildade, atirou-se de joelhos aos pés do Administrador.

Mustafá Mond tentou obrigá-lo a levantar-se; mas Bernard persistiu na sua atitude. O fluxo de palavras corria inesgotavelmente. Por fim o Administrador viu-se obrigado a tocar para chamar o seu quarto secretário.

- Traga três homens - ordenou - e leve o senhor Marx para um quarto de dormir. Dê-lhe uma boa vaporização de soma, meta-o depois na cama e deixe-o só.

O quarto secretário saiu para voltar com três criados gémeos de uniforme verde. Arrastaram Bernard, que continuava a gritar e a soluçar.

- Dir-se-ia que o vão estrangular - comentou o Administrador, depois de a porta se ter fechado. - Se ele tivesse a mais leve parcela de bom senso, compreenderia que o castigo é, na realidade, uma recompensa. Mandamo-lo para uma ilha. Quer dizer, mandamo-lo para um lugar onde estará em contacto com

a mais interessante sociedade de homens e mulheres existente em qualquer parte do mundo, todas as pessoas que, por esta ou aquela razão, tomaram individualmente excessiva consciencia do seu eu para poderem adaptar-se à vída em comum, todas as pessoas insatisfeitas com a

ortodoxia, que têm ideias independentes, bem pessoais, todos aqueles que, numa palavra, são alguém. Nem sei mesmo a razão por que o não mando para lá, senhor Watson.

Helmholtz riu-se.

- Então qual a razão por que não está o senhor numa ilha?

- Porque, no fim de contas, preferi isto - respondeu o Administrador. - Deram-me a escolher: ser enviado para uma ilha, onde me seria possível continuar os meus estudos de ciência pura, ou então ser admitido no Conselho Supremo, com a perspectiva de ser promovido em tempo oportuno a um cargo de Administrador. Escolhi isto e abandonei a ciência. - Depois de um breve silêncio, acrescentou: - Às vezes tenho pena de ter deixado a ciência. A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros. Uma soberana bastante mais exigente, se não estamos condicionados para a aceitar sem discussões, que a verdade. - Suspirou, recaindo no silêncio. Depois continuou em tom vivaz: - Enfim, o dever é o dever. Não se pode consultar as preferências pessoais. Interesso-me pela verdade, amo a ciência. Mas a verdade é uma ameaça, a ciência é um perigo público. Ela é actualmente tão perigosa como já foi benfazeja. Deu-nos o equilíbrio mais estável que a história registou. O da China era, em comparação, desesperadamente pouco firme; até os matriarcados primitivos não estavam tão firmes como nós o estamos. Graças, repito-o, à ciência. Mas não podemos permitir à ciência que desfaça o bom trabalho que realizou. Aqui está porque estabelecemos com tanto cuidado os limites das suas investigações, eis porque estive prestes a ser enviado para uma ilha. Apenas lhe permitimos que se ocupe dos problemas mais urgentes do momento. Todas as outras pesquisas são cuidadosamente desencorajadas. É curioso -continuou depois de uma curta pausa - ler o que se escrevia na época de Nosso Ford acerca do progresso científico. Parece que pensavam que se lhe podia permitir que se processasse indefinidamente, sem consideração por qualquer outra coisa. O saber era o deus mais alto, a verdade o valor supremo. Tudo o mais era secundário e subordinado. É verdade, também, que as ideias começaram a modificar-se a partir dessa época. Nosso Ford fez muito para tirar à verdade e à beleza a importância que lhe concediam, transferindo essa importância para o conforto e para a felicidade. A produção em massa exigia esta transferência. A felicidade universal mantinha as engrenagens em funcionamento muito regular, a verdade e a beleza não eram capazes de tal. E, esclareça-se, cada vez que as massas se apoderavam do poder político ' era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava. Todavia, e apesar de tudo, as investigações científicas sem restrições eram ainda autorizadas. Continuava-se sempre a falar da verdade e da beleza como se fossem os bens supremos. Até à época da Guerra dos Nove Anos, que os forçou a falar noutro tom, posso garantir-lhes! QUe sabor podem ter a verdade ou a beleza quando as bombas de antracite rebentam à nossa volta? Foi então que a ciência começou a ter as rédeas apertadas, depois da Guerra dos Nove Anos. Nesse momento as pessoas estavam até dispostas a deixar encurtar as rédeas ao apetite. Fosse o que fosse, desde que pudessem viver sossegadas. Desde então continuamos a apertar as rédeas. Isso não foi lá grande coisa para a verdade, claro. Mas foi excelente para a felicidade. É impossível conseguir-se alguma coisa por nada. A felicidade tem de ser paga. O senhor paga, senhor Watson, o senhor paga porque me parece que se interessa

excessivamente pela beleza. Eu interessava-me muito pela verdade. Por isso também paguei.

- Mas o senhor não foi para uma ilha - disse o Selvagem, quebrando um longo silêncio.

O Administrador sorriu.

- Foi desta forma que eu paguei. Escolhendo servir a felicidade. A dos outros, não a minha. Ainda bem

- acrescentou depois de um silêncio - que há tantas ilhas no mundo. Não sei que faríamos sem elas.

Seríamos obrigados a metê-los todos na câmara de gás, suponho. A propósito, senhor Watson, agradar-lhe-ia uma ilha de clima tropical? As Marquesas, por exemplo? Ou Samoa? Ou ainda qualquer coisa mais excitante?

Helmholtz levantou-se da poltrona pneumática.

- Gostaria mais de um clima fundamentalmente mau respondeu. - Parece-me que se poderia escrever melhor num

clima mau. Se lá houvesse vento e tempestades em abundância, por exemplo...

O Administrador manifestou a sua aprovação com um sinal de cabeça.

- A sua coragem agrada-me, senhor Watson. Agrada-me extraordinariamente. Tanto quanto a desaprovo oficialmente. Sorriu. - Que pensaria das ilhas Falkland?

- Sim, parece-me que me servirão - concordou Helmholtz.

- E agora, se me dá licença, vou ver o que é feito desse pobre Bernard.

CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO

- A arte, a ciência. Parece-me que pagou a sua felicidade por bom preço - disse o Selvagem quando ficaram sós. - E é tudo?

- Mas há ainda a religião, é claro - respondeu o Administrador. - Outrora havia qualquer coisa que se chamava Deus, antes da Guerra dos Nove Anos. Mas estava a esquecer-me: o senhor sabe bem o que é Deus, não? ...

- Francamente... - O Selvagem hesitou. Teria querido dizer algumas palavras acerca da solidão, da noite, da mesa estendendo-se, esbranquiçada, sob o luar, do precipício, do mergulho cheio de sombras, da morte. Teria querido falar. Mas não encontrou palavras. Nem sequer em

Shakespeare.

O Administrador tinha entretanto atravessado a sala e abria um grande cofre-forte embutido na parede entre as estantes de livros. A pesada porta abriu-se. Tacteando na obscuridade do cofre, disse: - É um tema que sempre me interessou vivamente. - Tirou um grosso volume preto. - Você nunca leu isto, por exemplo.

O Selvagem pegou no livro. - A Santa Bíblia, Contendo o Velho e o Novo Testamento - leu alto na página do título.

- Nem isto. - Era um livro pequeno, que tinha perdido a capa. A imitação de Jesus Cristo. - Nem isto. -

Estendeu um outro volume. - As Variedades da Experiência Religiosa, por William James. - E há aínda montões - continuou Mustafá Mond, voltando à sua poltrona. - Uma colecção completa de velhos livros pornográficos. Deus no cofre-forte e Ford nas estantes. - Apontou, rindo, a sua biblioteca, as estantes carregadas de livros, os armários pejados de bobinas para máquinas de leitura e de cilindros de impressão sonora.

- Mas se não ignora Deus, porque lhes não fala d'Ele? - inquiriu o Selvagem, indignado. - Porque lhes não dá esses livros acerca de Deus?

- Por uma razão semelhante à que nos leva a não lhes dar

Othello: são velhos, tratam de Deus tal como era há centenas de anos, não de Deus tal como é presentemente.

- Mas Deus não muda.

- Mas mudam os homens.

- E que díferença faz isso?

Um mundo inteiro de díferença - disse Mustafá Mond. Voltou a levantar-se para ir ao cofre-forte. -

Houve um homem, que se chamou cardeal Newman(1). Um cardeal - exclamou como num parêntesis -

era uma espécie de arquichantre.

(1) Newman (john Henry), cardeal e teólogo inglês, nascido em Londres. Criador de uma nova apologética e autor de Apologia pro Vita Sua (1801-1890).

- Eu, Pandolfo, da bela Milão cardeal. - Li coisas acerca'@ dele em Shakespeare.

- Certamente. Pois bem! Como ia dizendo, havia um homem que se chamava cardeal Newman. Ah, cá está o livro.

- Tirou-o do cofre. - E, já que estou aqui, vou tirar este também.

É de um homem que se chamava Maine de Biran(2). Era um filósofo. Creio que sabe o que isso significa.

- O Céu e a Terra encerram mais mistérios que os que a filosofia pode imaginar!- respondeu prontamente o Selvagem.

(2) Maine de Biran (Grançois-Pierre) filósofo francês, nascido em Bergerac, de tendências espiritualistas (1766-1824).

- Perfeitamente. Daqui a pouco ler-lhe-ei uma das coisas que ele sonhou efectivamente. Enquanto espera, ouça o que disse esse velho arquichantre. - Abriu o livro num ponto marcado com um sinal e começou a ler: « Nós não pertencemos a nós próprios mais do que nos pertence aquilo que possuimos.

Não fomos nós que nos fizemos, não podemos ter a jurisdição suprema sobre nós mesmos. Não somos senhores de nós. Pertencemos a Deus. Não é para nós uma felicidade encararmos as coisas desta maneira? Será, por qualquer razão, uma felicidade, um conforto, considerarmos que pertencemos a nós mesmos? Aqueles que são jovens e os que estão em estado de prosperidade podem acreditá-lo. Esses podem acreditar que é uma grande coisa poder realizar tudo de acordo com os seus desejos, como eles supõem, não depender de ninguém, não ter de pensar em nada fora do alcance da vista, não ter de se preocupar com a gratidão contínua, com a oração contínua, com a obrigação contínua de atribuir à vontade de outrem o que fazem. Mas à medida que o tempo se escoa apercebem-se, como todos os homens, de que a independência não foi feita para o homem, que ela é um estado antinatural, que pode satisfazer por um momento, mas que não nos leva em segurança até ao fim ... »

Mustafá Mond deteve-se, pousou o primeiro livro e, pegando no outro, folheou-o. - Veja isto, por exemplo - disse. E com a sua voz profunda, começou de novo a ler: « Envelhecemos, temos o sentímento radical da fraqueza, da atonia, do mal-estar devido ao peso dos anos, e dizemo-nos doentes, embalamo-nos na ideia de que este estado penoso é devido a uma causa particular, de que esperamos curar-nos como nos curamos de uma doença. Vãs cogitações! A moléstia é a velhice, e ela é miserável.

Precisamos de nos resignar... Diz-se que se os homens se tornam religiosos ou devotos com o avançar dos anos é porque têm medo da morte e do que a deve seguir na outra vida. Mas tenho, quanto a mim, a consciência de que, sem nenhum terror semelhante, sem nenhum efeito de imaginação, o sentimento religioso se pode desenvolver à medida que avançamos em idade,

porque, tendo-se acalmado as paixões, a imaginação e a sensibilidade menos excitadas ou excitáveis, a razão é menos perturbada no seu exercício, menos ofuscada pelas imagens ou afeições que a absorviam. Então Deus, Supremo Bem, sai como das nuvens, e a nossa alma sente-O, vê-O, voltando-se para Ele, fonte de toda a luz, porque, tudo desaparecendo no mundo sensível, a existência fenomenológica deixando de ser sustentada pelas impressões externas e internas, sentimos a necessidade de nos apoiarmos em qualquer coisa que permanece e não engane, numa realidade, numa verdade absoluta, eterna. Porque, enfim, 107

este sentimento religioso, tão puro, tão doce de sentir, pode compensar todas as outras perdas...»

Mustafá Mond fechou o livro e recostou-se na sua poltrona. - Uma das numerosas coisas do Céu e da Terra com que os filósofos não sonharam é isto - e brandiu a mão -, somos nós, é o mundo moderno.

"Não se pode prescindir de Deus, a não ser durante a juventude e a prosperidade. "Pois bem, eis que temos juventude e prosperidade até ao último dia de vida. Que resulta daí? É manifesto que não podemos ser independentes de Deus. « O sentimento religioso compensará todas as nossas perdas.»

Mas não há, para nós, perdas a ser compensadas; o sentimento religioso é supérfluo. E., porque iriamos nós atrás de um sucedâneo dos desejos juvenis, quando os desejos juvenis nunca nos faltaram? De um sucedâneo de distracções, quando continuamos a gozar todas as velhas' tolices até ao fim? Que necessidade temos nós de repouso, quando o nosso corpo e o nosso espírito continuam a deleitar-se na actividade? De consolação, quando temos a soma? De qualquer coisa imutável, quando há a ordem social?

- Então acredita que não há Deus?

- Não. Acredito que há, muito provavelmente, um.

- Então, porque ... ? Mustafá Mond interrompeu-o.

- Mas ele manifesta-se de maneira diferente aos diferentes homens. Nos tempos pré-modernos, manifestava-se como o ser descrito nestes livros. Agora ...

Como se manifesta Ele agora? - perguntou o Selvagem. Pois bem,' manifesta- se como ausência, como se em absoluto não existisse.

- Isso é por culpa sua.

- Diga que é culpa da civilização. Deus não é compatível com as máquinas, a medicina científica e a felicidade universal. É preciso escolher. A nossa civilização escolheu as máquinas, a medicina e a felicidade. Por isso se torna necessário que eu conserve estes livros fechados no cofre-forte. São indecentes. O povo ficaria escandalizado se...

O Selvagem interrompeu-o. - Mas não é uma coisa natural sentir que há um Deus?

- Você poderia perguntar da mesma forma se é natural fechar as calças com um fecho éclair - disse o Administrador, sarcasticamente. Você faz-me lembrar um outro desses antigos, um tal Bradley. Ele definia a filosofia como a arte de encontrar uma má razão para aquilo em que se acredita instintivamente. Como se se acreditasse, seja no que for, instintivamente! Acredita-se nas coisas porque se foi condicionado para acreditar nelas. A arte de encontrar más razões para aquilo em que se crê, em virtude de outras más razões, isso é filosofia. Crê-se em Deus porque se foi condicionado para crer em Deus.

- No entanto, apesar de tudo - insistiu o Selvagem -, é natural acreditar-se em Deus quando se está só, sozinho, à noite, quando se pensa na morte ...

- Mas agora nunca se está só - volveu Mustafá Mond. - Procedemos de forma que as pessoas detestem a solidão e dispomos a vida de tal maneira que seja mais ou menos impossível nunca a conhecer.

O Selvagem aquiesceu tristemente com a cabeça. Em Malpaís ele sofrera porque o tinham excluído das actividades comuns do pueblo; na Londres civilizada, sofria porque não podia eximir-se a essas actividades comuns, porque nunca podia estar tranquilo e só.

- Lembra-se desta passagem do Rei Lear? - perguntou por fim o Selvagem: - "Os deuses são justos e dos nossos vícios amáveis fazem instrumentos para nos atormentarem; o lugar sombrio e corrupto em que ele te concebeu custou-lhe os olhos." E Edmund responde - o senhor lembra-se, ele está ferido e agonizante: "Tu disseste a verdade; é a verdade. A roda completou o seu giro; e aqui estou." Que diz agora o senhor? Não lhe parece que há um Deus dirigindo as coisas, punindo, recompensando?

- Ah! A si, parece-lhe? interrogou por sua vez o Administrador. - Você pode entregar-se como uma neutra a todos os vícios amáveis que quiser, sem se arriscar a ter os olhos vazados pela amante do seu filho: "A roda completou o seu giro; e aqui estou." Mas onde estaria Edmund nos nossos dias? Sentado numa poltrona pneumática, rodeando com o braço a cintura de uma mulher, mastigando a sua goma de mascar de hormona sexual, assistindo a um filme perceptível. Os deuses são justos. Sem dúvida. Mas o seu código de leis é ditado, em última instância, pelas pessoas que organizam a sociedade. A Providência

recebe a palavra de ordem dos homens.

- Está certo disso? - perguntou o Selvagem. - Está bem certo de que Edmund, nessa poltrona pneumática, não seria tão severamente punido como o Edmund ferido e esvaíndo-se em sangue? Os deuses são justos. Não utilizaram eles esses vícios amáveis para o degradar?

- Degradá-lo de que situação? Como cidadão feliz, assíduo ao trabalho, consumidor de riquezas, é

perfeito. É claro que, se escolher um modelo de existência diferente do nosso, então talvez possamos dizer que foi degradado. Mas é preciso que cinjamos a uma série de postulados. Não se pode jogar golf electromagnético seguindo as regras da bola centrífuga.

- Mas o valor não reside na vontade particular - retorquiü o Selvagem. - Ele provém da estima e da dignidade, tão preciosas para aquele que sabe apreciá-las.

- Vamos, vamos - protestou Mustafá Mond -, isso é ir um pouco longe, não lhe parece?

- Se o senhor deixasse ir o seu pensamento até Deus, não se deix'aria degradar por vícios amáveis.

Teria uma razão para suportar pacientemente as coisas, para fazer as coisas com coragem! Vi isso entre os índios.

- Acredito - disse Mustafá Mond. - Mas também não somos índios. Um homem civilizado não tem nenhuma necessidade de suportar seja o que for seriamente desagradável. E quanto a fazer as coisas, Ford o guarde de ter jamais tal ideia na cabeça! Toda a ordem social seria desorganizada se os homens começassem a fazer coisas por iniciativa própria.

É a renúncia, então? Se tivessem um Deus, teriam uma razão para a renuncia.

- Mas a civilização industrial só é possível quando não há renúncias. O gozo até aos limites extremos impostos pela higiene e pelas leis económicas. Sem isso, as rodas deixariam de girar.

- Teriam um motivo de castidade! - disse o Selvagem, corando ligeiramente ao pronunciar estas palavras.

- Mas quem diz castidade diz paixão; quem diz castidade, diz neurastenia. E a paixão e a neurastenia são a instabilidade. E a instabilidade é o fim da civilização. Não se pode ter uma civilização durável sem uma boa quantidade de vícios amáveis. - Mas Deus é a razão de ser de tudo quanto é nobre, belo, heróico. Se tivesse um Deus ...

- Meu caro amigo - disse Mustafá Mond -, a civilização não tem a menor necessidade de nobreza ou de heroísmo. Essas coisas são sintomas de incapacidade política. Numa sociedade convenientemente organizada como a nossa, ninguem tem oportunidade de ser nobre ou heróico. É necessário que as coisas se tornem essencialmente instáveis para que semelhante ocasião se possa apresentar. Onde houver guerras, onde houver juramentos de fidelidade múltiplos e dívididos, onde houver tentações às quais é necessário resistir, objectos de amor pelos quais é preciso lutar ou que é preciso defender, aí, manifestamente, a nobreza e o heroísmo têm um sentido. Mas hoje já não há guerra. Toma-se o maior cuidado para evitar amar exageradamente seja quem for. Não há nada que se assemelhe a um juramento de fidelidade múltipla, está-se de tal modo condicionado, que ninguém pode deixar de fazer o que tem a fazer. E se aquilo que há a fazer é, no conjunto, tão agradável, deixa-se uma tão grande margem a um tão grande número de impulsos naturais que não há verdadeiramente tentações a que seja necessário resistir. E se

alguma vez, por qualquer infelicidade, acontece, por esta ou aquela razão, algo de desagradável, pois bem, há sempre o soma para permitir uma fuga da realidade, há sempre o soma para acalmar a cólera, para fazer a reconciliação com os inimigos, para dar paciência e para ajudar a suportar os dissabores. Outrora não se podiam conseguir todas estas coisas senão com grande esforço e depois de anos de penoso treino moral. Agora tomam-se dois ou três comprimidos de meio grama, e é tudo. Pode-se trazer connosco, num frasco, pelo menos

metade da própria moralidade. O cristianismo sem lágrimas, eis o que é o soma.

- Mas as lágrimas são necessárias. Não se lembra do que disse Othello? "Se depois de qualquer tempestade nascem tais calmarias, então que soprem os ventos até acordarem a morte!" Há uma história que nos contava um velho índio a propósito da filha de Matsaki. Os jovens que desejavam desposá-la deviam passar uma manhã a mondar com uma enxada. Isto parecia fácil; mas havia moscas e mosquitos encantados. Na maioria, os jovens eram absolutamente incapazes de suportar as picadelas.

Mas aquele que fosse capaz obtinha a rapariga.

- Encantador! Mas nos países civilizados -,disse o Adminístrador - podemos ter as raparigas sem mondar para elas com uma enxada, e não há moscas nem mosquitos que nos piquem. Há séculos que nos livrámos completamente deles.

O Selvagem fez com a cabeça um sinal de aquiescência e franziu os sobrolhos.

Livraram-se deles. Sím, é bem a vossa maneira de agir. Livrarem-se de tudo o que é desagradável, em vez de procurarem acomodar-se. Saber que é mais nobre para a alma sofrer os golpes e as flechas da fortuna adversa ou pegar em armas contra um oceano de desgraças e, fazendo-lhe frente, destruí-las ...

Mas não fazem uma coisa nem outra. Vocês não sofrem nem enfrentam. Suprimem apenas os golpes e as flechas. É demasiado fácil.

Calou-se repentinamente, pensando em sua mãe. No seu quarto do trigésimo sétimo andar, Linda flutuara num mar de luzes cantantes e de carícias perfumadas; partira flutuando fora do espaço, fora do tempo, fora da prisão das suas recordações, dos seus hábitos, do seu corpo envelhecido e inchado. E

Tomakin, ex-Director da Incubação e do Condicionamento, Tomakin pusera-se em fuga, evadído da humilhação e da dor, num mundo onde não podia ouvir aquelas palavras, aquele riso escarninho, onde não podia ver aquele rosto hediondo, sentir aqueles braços húmidos e flácidos em volta do pescoço, entrara num mundo de esplendor.

- O que lhes falta - continuou o Selvagem - é, pelo contrário, qualquer coisa que comporte

lágrimas, que sirva como compensação. Nada se compra bastante caro, aqui.

"Doze milhões e quinhentos mil dólares -protestara Henry Foster quando o Selvagem lhe dissera isto. -

Doze milhões e quinhentos mil, eis quanto custou o novo centro de condicionamento. Nem menos um cêntimo." - Expor o que é mortal e incerto a tudo quanto podem arrostar a fortuna, a morte e o perigo, até mesmo por uma bagatela. Não é isto alguma coisa? - perguntou, levantando os olhos para Mustafá Mond. - Mesmo abstraindo-nos de Deus. E, no entanto, Deus constituiria, bem entendido, uma razão.

Não é alguma coisa viver perigosamente?

- Acredito bem que é alguma'coisa! - respondeu o Administrador. - Os homens e as mulheres precisam de que se lhes estimulem de vez em quando as cápsulas supra-renais.

Como? - perguntou o Selvagem, que não compreendera. É uma das condições da saúde perfeita. Foi por isso que tornámos obrigatórios os tratamentos de S. P. V.

S. P. V. ? Sucedâneo de paixão violenta. Regularmente, uma vez por mês, irrigamos todo o organismo com uma torrente de adrenalina. É o equivalente fisiológico completo do medo e da cólera. Todos os efeitos tónicos provocados pelo assassínio de Desdémona e pelo facto de ser assassinada por Othello, sem nenhum dos seus inconvenientes.

Mas os inconvenientes agradam-me. Mas não a nós - volveu o Administrador. - Nós preferimos fazer as coisas com todo o conforto.

- Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o autêntico perigo, quero a liberdade, quero a bondade, quero o pecado.

- Em suma - disse Mustafá Mond -, você reclama o direito de ser infeliz.

- Pois bem, seja assim! - respondeu o Selvagem em tom de desafio. - Reclamo o direito de ser infeliz.

- Sem falar no direito de envelhecer, de ficar feio e impotente, no direito de ter a sífilis e o cancro, no direito de não ter de comer, no direito de ter piolhos, no direito de viver no temor constante do que poderá acontecer amanhã, no direito de apanhar a febre tifóide, no direito de ser torturado por indizíveis dores de todas as espécies.

Estabeleceu-se um longo silêncio.

- Reclamo-os a todos - disse, por fim, o Selvagem. Mustafá Mond encolheu os ombros.

- Oferecemos-lhos da melhor vontade - respondeu.

CAPÍTULO DÉCIMO OITAVO

A porta estava entreaberta. Eles@entraram. - john! Do quarto de banho chegou um ruído desagradável e característico.

- Então, que é que se passa? - gritou Helmholtz. Não houve resposta. O ruído desagradável repetiu-se duas vezes; depois cessou. Com um tinido metálico, a porta do quarto de banho abriu-se e, muito pálido, o Selvagem apareceu.

- Ora vejam! - exclamou Helmholtz, solícito. - Você tem realmente um aspecto de doente, john!

- Comeu alguma coisa que lhe fez mal? - perguntou Bernard.

O Selvagem fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Comi a civilização.

- Hem?

- E envenenou-me. Eu estava poluído. - E depois acrescentou em voz mais baixa: - Comi o meu próprio pecado.

- Sim, mas que foi ao certo?... Quero dizer: neste momento você ...

- Agora estou purificado - respondeu o Selvagem. - Bebi mostarda com água morna.

Os outros fitaram-no, espantados.

- Você quer dizer que o fez propositadamente? - perguntou Bernard.

- É assim que os índios se purificam sempre. - Sentou-se e, suspirando, passou a mão pela testa. - Vou repousar uns minutos - disse. - Estou um pouco fatigado.

- Está bem, não me admira - volveu Helmholtz. E, depois de um silêncio, continuou: - Viemos dizer-lhe adeus. Partimos amanhã de manhã.

- Sim, partimos amanhã de manhã - confirmou Bernard, em cujo rosto o Selvagem descobriu uma expressão nova de determinação resignada. - E, a propósito, john - continuou,

inclinando-se para diante na cadeira e pousando uma mão no joelho do Selvagem , quero dizer-lhe,quanto lamento tudo o que se passou ontem. - Corou. - Como estou envergonhado - acrescentou em voz incerta -, quanto, na verdade ...

O Selvagem interrompeu-o bruscamente e, pegando-lhe na mão, apertou-lha afectuosamente.

- Helmholtz foi extraordinariamente gentil para mim - continuou Bernard depois de uma certa pausa. -

Sem ele, teria...

- Vamos, vamos - protestou Helmholtz. Estabeleceu-se um silêncio. Apesar da sua tristeza, ou, até, devido a ela, porque a tristeza era o sintoma de afeição que os ligava uns aos outros, os três jovens sentiam-se felizes.

- Fui visitar o Administrador esta manhã - disse por fim o Selvagem.

- Para quê?

- Para lhe perguntar se podia ir para a ilha com vocês.

- E que disse ele? - perguntou avidamente Helmholtz.

O Selvagem abanou a cabeça.

- Não me deu autorização.

- Porque não?

- Disse que queria prosseguir a experiência. Mas o Diabo me carregue - acrescentou o Selvagem com um súbito furor -, o Diabo me carregue se continuar a servir de objecto de experiências. Nem por todos os Administradores do mundo. Eu também partirei amanhã.

- Mas para onde? - perguntaram os outros ao mesmo tempo.

O Selvagem encolheu os ombros.

- Para qualquer parte. É-me indiferente. Desde que possa estar só.

De Guildford, a via aérea descendente seguia o vale de Wea até Godalming; depois, por Mildford e Witley, dirigia-se para Haslemere e continuava, por Petersfield, para Portsmouth. Seguindo um traçado aproximadamente paralelo, a via ascendente passava por Worplesden, Tongham, Puttenham, Elstead e Grayshott. Entre as cristas de Hog's Backe Hondhead havia lugares onde as duas linhas não estavam afastadas mais de seis ou sete quilómetros. Esta distância era muito pequena para os aviadores negligentes, sobretudo de noite e quando tinham absorvido meio grama de soma a mais. já houvera acidentes. Acidentes graves. Tinha-se decidido desviar a linha ascendente alguns quilómetros para oeste. Entre Grayshott e Tongham, quatro faróis aéreos abandonados assinalavam o traçado da antiga rota de Portsmouth a Londres. Os céus, acima deles, estavam silenciosos e desertos. Era por Selborne, Borden e Farnham que, roncando e rugindo, passavam agora ininterruptamente os helicópteros.

O Selvagem escolhera para eremitério o velho farol que se levantava na crista entre Puttenham e

Elstead. A construção era de cimento armado e estava em excelentes condições, quase demasiado confortável, pensara o Selvagem quando pela primeira vez explorou o local, quase com um luxo demasiado. Tranquilizou a consciência prometendo compensar o luxo por uma disciplina pessoal mais rigorosa, com purificações mais completas e mais severas. A sua primeira noite no eremitério foi, deliberadamente, uma noite de insónia. Passou-a de joelhos, dirigindo preces ora ao Céu, a que o culpado Claudius tinha mendigado o seu perdão, ora, em zuñi, a Awonawilona, ora a Jesus e a Pukong, ora ao seu próprio animal protector, a águia. De longe em longe abria os braços como se estivesse na cruz e mantinha-os assim durante longos minutos de uma dor que aumentava até se t'ransformar num paroxismo de tortura insuportável; mantinha-os assim, em crucificação voluntária, enquanto repetia com os dentes cerrados e o suor a escorrer-lhe pela cara abaixo: « Oh! Perdoai-me! Purificai-me! Oh!

Auxiliai-me para que eu seja virtuoso» , repetindo muitas e muitas vezes a fórmula até quase desmaiar de dor.

Quando chegou a manhã, teve a sensação de ter conquistado o direito de habitar o farol. Sim, embora ainda houvesse vidros na maior parte das janelas, embora a vista que se desfrutava da plataforma fosse tão bela. Porque a razão pela qual escolhera este farol tinha-se tornado quase imediatamente uma razão para ir para outro sítio. Tinha resolvido viver lá porque a vista era tão bela, porque, deste ponto dominante da paisagem, lhe parecia contemplar ao longe a encarnação de uma coisa divina. Mas quem era ele então para ser agraciado com o espectáculo

quotidiano, horário mesmo, da beleza? Quem era ele então para viver na presença visível de Deus?

Tudo o que merecia, em matéria de habitação, era qualquer estábulo sujo, um buraco sem luz, no chão.

Ainda alquebrado e dolorido depois da sua longa noite de sofrimento, mas por isso mesmo tranquilizado interiormente, subiu à plataforma da torre, na qual conquistara o direito de morar, e contemplou o mundo brilhante na alvorada. Ao norte, a vista era limitada pela longa aresta de greda da crista de Hog's Back, atrás de cuja extremidade oriental se erguiam as torres dos sete arranha-céus que constituíam Guildford. Distinguindo-as, o Selvagem fez uma careta; mas ia quase a seguir reconciliar-se com elas, porque de noite cintilavam alegremente em constelações geométricas, ou então, iluminadas por projectores, dirigiam os seus longos dedos luminosos (num gesto que presentemente ninguem na Inglaterra, a não ser o Selvagem, compreendia), com solenidade, para os mistérios insondáveis dos céus.

No vale que separava a crista de Hog's Back da colina arenosa sobre a qual se levantava o farol, Puttenham era uma aldeiazinha modesta, com uma altura de nove andares, com silos, um aviário e uma fabriqueta de vitamina D. Do outro lado do farol, para o sul, o terreno descia em longas encostas cobertas de urzes, até uma série de charcos.

Para além, acima dos bosques intermediários, erguia-se a torre de catorze andares de Eistead.

Vagamente perceptíveis no fundo brumoso do ar da Inglaterra, Hindhead e Selborne solicitavam os olhares para um longínquo e romântico azul. Mas não fora o longínquo que atraíra o Selvagem ao farol; as cercanias eram tão sedutoras como os longes. Os bosques, as extensões livres de urzes e de giestas amarelas, as matas de pinheiros da Escócia, os charcos brilhantes, com as suas bétulas inclinadas, os seus nenúfares, os seus leitos de juncos, tudo isto era magnífico e, para olhos habituados à aridez do deserto americano, espantoso. E, além disso, a solidão! Passaram-se dias inteiros sem que visse um único ser humano. O farol estava a menos de um quarto de hora de voo da torre de Charing-T; mas as montanhas de Malpaís eram apenas mais desérticas que esta mata do Surrey. As Multidões que todos os dias saíam de Londres, saíam apenas para jogar o golf electromagnético ou o ténis. Puttenham não tinha terreno de golf; os campos Riemann mais próximos situavam-se em Guildford. As flores e a paisagem eram, aqui, as únicas atracções. De maneira que, como não havia razão plausível para vir, ninguém vinha. Durante os primeiros dias, o Selvagem viveu só, sem ser incomodado.

Do dinheiro que, quando da sua chegada, john tinha recebido para os seus gastos pessoais, a maior parte fora despendida na compra de equipamento. Antes de deixar Londres tinha comprado quatro cobertores de lã de viscose, corda, barbante, pregos, cola, alguma ferramenta, fósforos (se bem que não tivesse intenção de, para já, fabricar uma roda de fogo), alguns potes e algumas caçarolas, duas dúzias de pacotes de grãos e dez quilos de farinha de trigo candial. « Não, nada de pseudofarinha de amido sintético e detritos de algodão» , insistira. « Ainda que esta seja mais nutritiva.» Mas quando se tratou de biscoitos panglandulares e de pseudobolo vitaminado, não conseguira resistir às frases persuasivas do vendedor. Contemplando agora as caixas de folhas-de-flandres, censurou-se amargamente pela sua fraqueza. Odiosos produtos civilizados! Tinha decidido nunca os comer, mesmo que estivesse a morrer de fome. « Isso os ensinará» , pensou, vingativo. Isso o ensinaria também a ele.

Contou o dinheiro que tinha. O pouco que lhe restava chegaria, pensou, para lhe permitir passar o Inverno. A partir da próxima Primavera, o seu jardim produziria bastante para o tornar independente do mundo exterior. Enquanto aguardava, haveria sempre caça. Tinha visto coelhos em quantidade e havia aves aquáticas nos charcos. Imediatamente meteu mãos à obra para fazer um arco e flechas.

Havia freixos perto do farol e, para as hastes das flechas, havia um bosquezinho de aveleiras novas, maravilhosamente direitas. Começou por abater um freixo, cortou dois metros de tronco sem galhos, descascou-o, e, camada após camada, tirou toda a madeira branca, como lhe tinha ensinado o velho Mitslma, até obter um pau de arco da sua altura, rígido e mais grosso no centro, flexível e vibrátil nas extremidades adelgaçadas. O trabalho deu-lhe um prazer intenso. Depois de tantas semanas de lazer em Londres, durante as quais não tinha mais a fazer, de cada vez que desejava alguma coisa, que premir um comutador ou girar uma manivela, foi para ele uma delícia estar ocupado a

fazer alguma coisa que exigia habilidade e paciência. Tinha quase acabado de arranjar a vara

segundo a forma pretendida, quando se deu conta, sobressaltado, de que estava a cantar. - Estava a cantar! - Foi como se, caindo por acaso do exterior para dentro de si próprio, se tivesse subitamente traído, se tivesse surpreendido em flagrante delito. Corou como um culpado. Com efeito, não era para cantar e para se divertir que tinha vindo para ali. Era para escapar à contaminação invasora da porcaria da vida civilizada, era para ser purificado e tornar-se virtuoso, era para se redimir pela actividade. Apercebeu-se, consternado, de que, absorvido pela construção do arco, se esquecera -daquilo que jurara ter sempre na memória: a pobre Linda e a sua própria dureza assassina para com ela, e aqueles odiosos gémeos, formigando como piolhos sobre o mistério da sua morte, insultando com a sua presença não apenas o seu desgosto e o seu arrependimento pessoais, mas, até, os próprios deuses. Tinha jurado lembrar-se, tinha jurado consagrar-se ao resgate de tudo ísso. E eis que estava sentado, feliz, trabalhando na vara do seu arco, cantando, cantando verdadeiramente ...

Entrou em casa, abriu a lata da mostarda e pôs a água ao lume.

Meia hora mais tarde, três trabalhadores agrícolas Deltas-Menos de um dos grupos Bokanovsky de Puttenham conduziam um camião para Elstead e, no alto da colina, surpreenderam-se ao ver um jovem de pé diante do farol abandonado, nu de cintura para cima, flagelando-se com um chicote de cordas'.

com nós. Tinha o tronco coberto de vergões avermelhados, por' entre os quais corriam pequenos fios de sangue. O condutor do camião parou ao lado da estrada e, com os seus dois companheiros, contemplou, de olhos arregalados, boca aberta, aquele espectáculo extraordinário. « Um, dois, três» , contavam os golpes. Depois do oitavo, o jovem interrompeu a autopunição e, correu até à orla do bosque, para vomitar violentamente. Quando acabou de vomitar empunhou o chicote e recomeçou a flagelar-se.

« Nove, dez, onze, doze ... »

- Ford! - murmurou o condutor. E os gémeos eram da mesma opinião.

- Fordezinho! - disseram. Três dias depois, como uma nuvem de corvos abatendo-se sobre um cadáver, chegaram os repórteres.

Seco e endurecido a fogo brando de madeira verde, o arco estava pronto. O Selvagem estava ocupado na confecção das flechas. Trinta varinhas de aveleira tinham sido cortadas e secas, munidas, numa ponta, de um prego aguçado e, na outra, de um pequeno entalhe cuidadosamente cortado. Fizera de noite uma surtida ao aviário de Puttenham e tinha agora penas em quantidade suficiente para equipar uma fábrica de flechas. Estava em pleno trabalho, ocupado em guarnecer de penas as varas das flechas, quando o primeiro repórter o encontrou. Silenciosamente, graÇas aos seus sapatos pneumáticos, o homem aproximou-se dele pelas costas.

- Bom dia, senhor Selvagem - disse ele. - Sou o representante do Rádio Horário.

Estremecendo como sob a picada de uma serpente, o Selvagem pôs-se de pé num salto, e as flechas, as penas, o pote de cola e o pincel espalharam-se em todas as direcções.

- Peço-lhe desculpa - disse o repórter, com sincero pesar. - Não tinha, de maneira alguma, a intenção de... - Levou o dedo ao chapéu, a chaminé de alumínio em que transportava o emissor-receptor de T. S.

F. - Desculpe-me não o tirar, mas é tão pesado... Bem, como lhe dizia, sou o representante do Rádio. ...

- E que quer você? - perguntou o Selvagem, olhando-o de esguelha.

O repórter respondeu-lhe, com o seu melhor sorriso: Pois bem! Como é natural, os nossos leitores interessar-se-Iam vivamente... - Pôs a cabeça de lado, o seu sorriso tornou-se quase um artificio de sedução. - Apenas algumas palavras suas, senhor Selvagem. - E, rapidamente, com uma série de gestos rituais, desenrolou dois fios metálicos ligados à bateria portátil que trazia presa ao cinto, ligou-os simultaneamente nas paredes do seu chapéu de alumínio, tocou uma mola no fundo, e as antenas ergueram-se no ar. Tocou uma outra mola na extremidade da aba e, como um diabo de caixa de surpresas, saltou um microfone, que ficou ali, suspenso, balançando-se a quinze centímetros do seu nariz. Baixou dois receptores para as orelhas, apertou um comutador no lado esquerdo do chapéu, e do interior saiu um leve zumbido de abelha. Girou um botão à direita, e o zumbido foi interrompido por um silvo e um grasnar

estetoscópicos, por soluços e chiados repentinos. - Alô - disse ele ao microfone. - É você, Edzel? Aqui, Primo Mellon. Sim, já o desencantei. O senhor Selvagem vai agora pegar no microfone para dizer algumas palavras. Não é verdade, senhor Selvagem?

- Ergueu os olhos para o Selvagem com outro dos seus sorrisos sedutores que tão bem sabia manejar. -

Queira simplesmente dizer aos nossos leitores a razão que o levou a vir aqui. O que o obrigou a deixar Londres - não corte, Edzel! - tão bruscamente. E, é claro, fale-lhes do seu chicote. - O Selvagem estremeceu. Como sabiam eles da existência do chicote? - Ardemos em desejo de saber qualquer coisa acerca do chicote. E depois qualquer coisa sobre a civilização. Compreende bem o género de coisas a que me refiro: « Aquilo que pensa da mulher civilizada.» Algumas palavras apenas, muito pouco...

O Selvagem obedeceu de modo tão rigoroso que ele ficou desconcertado. Pronunciou cinco palavras, não mais, cinco palavras, as mesmas que tinha dito a Bernard a propósito do arquichantre de Canterbury. - Hàni! Sons éso tse nà! - E agarrando o repórter pelos ombros, fê-lo girar - o rapaz revelou-se almofadado como era preciso -, visou-o e, com toda a força e precisão de um desses futebolistas de campeonato, aplicou-lhe um pontapé verdadeiramente prodigioso.

Oito minutos mais tarde, uma nova edição do Rádio Horário estava à venda nas ruas de Londres. UM

REPóRTER DO « RÁDIO HORÁRIO» RECEBE DO SELVAGEM MISTERIOSO UM PONTAPÉ

NO Cóccix - dizia um título da primeira página. - SITUAÇÃO SENSACIONAL NO SURREY.

« Situação sensacional mesmo em Londres» , pensou- o repórter, quando, no regresso, leu aquelas palavras. Sensacional e muito dolorosa, o que era mais. Sentou-se cautelosamente para almoçar.

Sem se deixarem deter por aquela amolgadela dada à guisa de advertência no cóccix do seu colega, quatro outros repórteres, representando o Times, de Nova Iorque, o Continuum Quadridimensional, de Francfort, o Monitor da Ciência Fordiana e o Espelho dos Deltas, dirigiram-se nessa tarde ao farol onde foram recebidos com uma violência fortemente crescente. - Imbecil ignaro! Porque não toma soma? -

perguntou, a uma distância suficiente para se sentir em segurança o homem do Monitor da Ciência Fordiana, esfregando ainda as nádegas.

- Deixe-me em paz! - O Selvagem mostrou-lhe os punhos.

O outro recuou mais alguns passos e depois voltou-se: - O mal é uma coisa irreal se tomarmos dois gramas.

- Kohakva iyathtokyal! - O tom da sua voz era ameaçador de zombaria.

- A dor é uma ilusão.

- Ah! Sim? - disse o Selvagem. E, apanhando uma grossa vara de aveleira, avançou para ele.

O homem do Monitor da Ciência Fordiana precipitou-se de um salto para o seu helicóptero.

Depois disso, deixaram o Selvagem em paz durante algum tempo. Alguns helicópteros vieram planar com curiosidade em volta da torre. Atirou uma flecha contra aquele que se aproximou mais imprudentemente. A flecha furou o alumínio do chão da cabina. Ouviu-se um berro estridente e o aparelho saltou no ar forçado pelo máximo de aceleração que lhe pôde dar o seu superacelerador.

Depois disso, os outros mantiveram-se respeitosamente a uma apreciável distância. Mostrando desprezo pelo zumbido fastidioso dos helicópteros - comparou-se, em imaginação, a um dos pretendentes da filha de Matsaki, impassível e persistente no meio da vérmina alada -, o Selvagem cavava aquilo que seria o seu jardim. Depois de algum tempo, a vérmina cansava-se manifestamente e desaparecia; durante as horas seguintes o céu acima da sua cabeça estaria

vazio e silencioso se não fossem as cotovias.

A atmosfera estava pesada e quente, o ar estava carregado de trovoada. Tinha cavado toda a manhã e descansava, estendido no chão. E subitamente a lembrança de Lenina foi uma presença real, nua e tangível, dizendo: "Meu querido!" e "Aperta-me nos teus braços!", vestida apenas com meias e sapatos e perfumada. Prostituta impudente! Mas - Oh! Oh! - Os seus braços em volta do pescoço de john, o arfar dos seus seios, a sua boca! « A eternidade estava nos nossos lábios e nos nossos olhos, Lenina...»

Não, não, não, não! Ergueu-se de um salto e, tal como estava, seminu, saiu de casa a correr. Na orla da mata erguia-se uma velha moita de zimbros. Atirou-se a eles e apertou, não o corpo macio dos seus desejos, mas um braçado de espinhos verdes. Acerados, picaram-no com as suas mil pontas.

Tentou pensar na pobre Linda, ofegante e muda, com as suas mãos que faziam o gesto de agarrar, os olhos plenos de indizível terror, na pobre Linda de quem tinha jurado lembrar-se sempre. Mas era sempre a presença de Lenina que o obcecava, Lenina de quem prometera esquecer-se. Mesmo sob os arranhões e as picadas dos espinhos do zimbro, a sua carne fremente tinha consciência dela, da sua presença real, à qual não podia escapar-se: "Meu querido, meu querido ... Se tu também me querias, porque não ... "

O chicote estava pendurado num prego ao lado da porta, ao alcance da mão para o caso de chegarem os repórteres. Num paroxismo de frenesi, o Selvagem voltou correndo a casa, pegou nele e brandiu-o.

Os nós das cordas morderam-lhe a carne.

"Prostituta! Prostituta!", bradava ele a cada golpe, como se fosse Lenina. E com que frenesi, sem o saber, desejava que fosse o branco, cálido, perfumado e infame corpo de Lenina, e não o seu, que flagelava assim. "Prostituta!" E, então, numa voz desesperada: « Oh! Linda, perdoa-me! Perdoa-me, Deus! Sou vil. Sou mau. Sou... Não, Não. Ah! Tu, prostituta! Ah! Tu, prostituta! »

Do seu esconderijo, construído cuidadosamente no bosque,

a trezentos metros dali, Darwin Bonaparte, o mais hábil fotógrafo de feras da Companhia Geral dos Filmes Perceptíveis, observava toda a cena. A paciência e a esperteza tinham sido... recompensadas.

Passara três dias sentado no tronco oco de um carvalho artificial, três noites a rastejar sobre a barriga através das urzes, a dissimular os microfones nas moitas de juncos, enterrar os fios na areia parda e mole. Setenta e duas horas de profundo desconforto. Mas agora o instante solene tinha chegado, o mais solene. Darwin Bonaparte teve tempo de reflectir, enquanto se deslocava entre os seus aparelhos. O

mais solene desde a tomada de vistas do famoso filme, perceptível cem por cento, uivante e estereoscópico, do casamento dos gorilas. « Espantoso - disse para si próprio, enquanto o Selvagem começava as suas estranhas actividades. - Espantoso!» Manteve os seus aparelhos de fotografias telescópicas bem focados sobre o objectivo, colados ao seu movente alvo; instalou uma objectiva mais potente para conseguir um primeiro plano do rosto enlouquecido e contorcido. « Admirável!» Fez, durante meio minuto, as fotografias ao ralenti - efeito de um cómico esquisito, achou - e ouviu, durante esse tempo, no receptor, os golpes, os gemidos, as palavras ferozes e dementadas que se registavam na banda sonora na margem do seu filme. Experimentou o efeito de uma ligeira amplificação - sim, era melhor assim, decididamente - e ficou encantado de ouvir, num silêncio momentâneo, o canto estridente de uma cotovia; desejou que o Selvagem se voltasse de maneira que pudesse conseguir um bom primeiro plano final do sangue que lhe corria nas costas, e quase imediatamente - que sorte espantosa! - o rapaz, complacente, virou-se. Pôde assim obter um primeiro plano final perfeito.

« Sim, senhor! Isto é formidável!» , murmurou quando tudo acabou. « Realmente formidável!» Limpou a cara. Depois de lhe terem introduzido os efeitos do perceptível no estúdio, seria um filme maravilhoso.

« Quase tão bom» , pensou Darwin Bonaparte, « como A Vida Amorosa do Cachalote. E isto, por Ford, já não era dizer pouco!»

Doze dias mais tarde, O Selvagem do Surrey era projectado e podia ser visto, ouvido e sentido em todos os salões de cinema perceptível de primeira categoria da Europa Ocidental.

O efeito produzido pelo filme de Darwin Bonaparte foi imediato e enorme. Na tarde que se seguiu à sua primeira exibição, a rústica solidão de john foi subitamente violada pela chegada de um enorme enxame de helicópteros.

Estava a cavar no seu jardim. Cavava também no espírito, trazendo laboriosamente à superfície a substância dos seus pensamentos. « A morte.» E enterrava a pá uma vez, e depois outra, e outra ainda.

"E todos os nossos dias passados iluminaram aos tolos o caminho poeirento da morte." Ribombava através destas palavras um trovão confirmador. Levantou outra pá de terra. Porque tinha morrido Linda? Porque tinham permitido que se tornasse gradualmente menos que humana, e por fim...»

Estremeceu. "Um cadáver putrefacto, bom para beijar?" Apoiou o pé na pá e enterrou-a furiosamente no chão duro. "Como as moscas para as crianças más, eis o que somos para os deuses; 116

matam-nos para se divertirem. De novo o trovão; palavras que se proclamavam verdadeiras, mais verdadeiras, de qualquer maneira, que a própria verdade. E todavia, este mesmo Gloucester tinha-os designado sempre como deuses sempre benignos. " Contudo, o melhor do repouso é o sono, e tu próprio o provocas; no entanto, temes a morte, que não é mais que o sono."

Nada mais que o sono.

Dormir. Sonhar, talvez..." A pá bateu contra uma pedra; baixou-se para a apanhar ... "Porque neste sono da morte, quantos sonhos?" Um zumbido acima da sua cabeça tinha-se transformado num rugido. E subitamente ficou na sombra, qualquer coisa se interpôs entre ele e o Sol. Levantou os olhos e estremeceu. Abandonou o seu trabalho com a pá, deixando os seus pensamentos, e ergueu os olhos num assombro deslumbrado, o espírito errando ainda nestoutro mundo mais verdadeiro que a verdade, ainda concentrado nas imensidões da morte e dos deuses. Levantou a cabeça e viu, lá em cima e muito perto, o enxame dos aparelhos que planavam. Chegavam como gafanhotos, ficavam suspensos, imóveis, desciam à sua volta sobre as urzes. E do ventre destes gafanhotos gígantes saíam homens vestindo fatos inteiriços de flanela de viscose branca, mulheres (porque estava calor) em pijamas de acetato ou em calções curtos de veludo de algodão e blusas sem mangas, com o fecho éclair meio aberto. Um casal por aparelho. Alguns minutos depois, havia ali dúzias, dispostos numa vasta circunferência em redor do farol, arregalando os olhos, rindo, disparando os seus aparelhos fotográficos, atirando, como a um macaco, amendoins, pacotes de goma de mascar de hormona sexual, queijinhos panglandulares. E a todo o momento - porque, transpondo a crista de Hog's Back, a vaga de aparelhos corria agora sem descanso - o seu número aumentava. Como num pesadelo, as dúzias transformavam-se em vintenas, as vintenas em centenas.

O Selvagem tinha batido em retirada para um abrigo, e agora, na posição de um animal acossado, encostara-se à parede do farol, dirigindo o olhar de um rosto para outro, num horror mudo, como um demente.

Foi acordado deste estupor para passar a uma consciência mais imediata da realidade pelo choque contra o seu rosto de um pacote de goma de mascar atirado com precisão. Um sobressalto de dor e de surpresa e sentiu-se acordar, tomado por uma cólera bravia.

- Retirem-se! - bramiu.

O macaco falara. houve uma explosão de risos e de aplausos. « Este bom Selvagem! Agora sim!» E

entre a confusão das vozes ouviu gritos de: "Chicote, chicote, chicote!"

Obedecendo ao que esta palavra sugeria, tirou do prego atrás da porta o tufo de cordas com nós e brandiu-o, colérico, diante dos seus algozes.

Houve um bramido de aplausos irónicos. Caminhou para eles com ar ameaçador. Uma mulher soltou um grito de pavor. A linha flectiu no ponto mais imediatamente exposto, refez-se depois e manteve-se firme. A consciência de estarem em força esmagadora dava aos curiosos uma coragem que o Selvagem não esperava. Surpreendido, deteve-se e lançou um olhar em redor.

- Porque não querem deixar-me em paz? Havia uma nota quase plangente na sua cólera.

- Tome estas amêndoas salgadas com magnésio! - disse o homem que, se o Selvagem avançasse, seria o primeiro a ser atacado. Estendeu um pacote. - São realmente muito boas, garanto-lhe - acrescentou -

com um sorriso conciliador um pouco nervoso -, e os sais de magnésio contribuirão para lhe manter a mocidade.

O Selvagem recebeu a oferta com desprezo.

- Que me querem? - perguntou, olhando de um para outro daqueles rostos sarcásticos. - Que me querem?

- O chicote! - responderam confusamente cem vozes. - Mostre-nos a chicotada! - Queremos ver a chicotada!

Depois, em coro e num ritmo mais lento e mais pesado:

- Nós-que-re-mos-o-chi-co-te! - gritou um grupo na extremidade da linha. - Nós-que-re-mos-o-chi-co-te!

Outros recomeçaram logo o grito, e a frase foi repetida, como por papagaios, muitas e muitas vezes, com um volume sonoro que aumentava sem cessar, tanto que, a partir da sétima ou oitava repetição, não se ouvia mais nada além disso: « Nós-que-re-mos-o-chi-co-te!»

Gritavam todos juntos. Embriagados pelo ruído, pela unanimidade, pelo sentido da comunhão rítmica, teriam podido, assim parecia, continuar durante horas, quase indefinidamente. Mas, por volta da vigésima quinta repetição, a manobra foi de súbito interrompída. Mais um helicóptero chegara de além da crista de Hog'sBack, ficara suspenso acima da multidão, para depois pousar a alguns metros do local onde estava o Selvagem, no espaço livre entre os curiosos e o farol. O rumor das hélices cobriu momentaneamente os gritos. Depois, enquanto o aparelho pousava no chão e os motores paravam, eles recomeçaram: « Nós- que-re-mos-o-chi-co-te, nós-que-re-mos-o-chi-co-te!» , no mesmo tom forte, insistente, monótono.

A porta do helicóptero abriu-se. Saiu primeiro um rapaz louro, de rosto afogueado, e depois, vestindo um calção curto de veludo de algodão verde, uma camisa branca e com um boné de jóquei na cabeça, uma rapariga.

À vista da rapariga, o Selvagem estremeceu, recuou, empalideceu.

A rapariga ficou de pé, sorrindo-lhe, com um sorriso incerto, suplicante, carregado de humildade, dir-se-ia. Passaram-se alguns @egundos. Os seus lábios moveram-se, mas o som da sua voz era coberto pelo estribilho repetido e vigoroso dos curiosos.

« Nós-que-re-mos-o-chi-co-te! Nós-que-re-mos-o-chi-co-te!»

A jovem apoiou as suas mãos no seu lado esquerdo, e no seu rosto, corado como um pêssego, bonito como o de uma boneca, apareceu uma expressão estranhamente incongruente, de angústia carregada de ardente desejo. Os seus olhos azuis pareceram crescer, tornar-se mais brilhantes. E inesperadamente duas lágrimas rolaram-lhe ao longo da face. Sem que pudesse fazer-se ouvir, falou outra vez; depois com um gesto vivo e apaixonado, estendeu os braços para o Selvagem e avançou para ele.

« Nós-que-re-mos-o-chi-co-te! Nós-que-re-mos ... »

E de repente tiveram o que pediam.

- Prostituta! - O Selvagem tinha-se precipitado sobre ela como um louco. - Fuinha!

Como um louco, pôs-se a vergastá-la com o seu chicote de cordas finas.

Aterrorizada, ela deu meia volta para fugir, tropeçou e caiu entre as urzes.

- Henry! Henry! - gritou ela. Mas o seu companheiro de rosto afogueado pusera-se ao abrigo do perigo atrás do helicóptero.

Com um bramido de sobreexcitação satisfeita, a linha quebrou-se. Houve um atropelo convergente para o centro de atracção magnética. A dor era um horror que os fascinava.

- Aquece, luxúria, aquece! - Com frenesi, o Selvagem vergastou-a outra vez.

Avidamente, os curiosos amontoaram-se em volta, empurrando-se e apertando-se como porcos junto da gamela. - Oh! A carne! - O Selvagem rangeu os dentes. Desta vez foi sobre os seus próprios ombros que o chicote se abateu. - morte! À morte!

Atraídos pela fascinação do horror da dor e interiormente arrastados pelo hábito da acção comum, este desejo de unanimidade e de comunhão que o seu condicionamento tinha tão indelevelmente implantado neles, puseram-se a mimar o frenesi dos gestos do Selvagem, batendo uns nos outros, enquanto o Selvagem fustigava a sua própria carne rebelde ou aquela gorda encarnação da torpeza que se estorcia nas urzes a seus pés.

- À morte, à morte, à morte!... - continuava a gritar o Selvagem.

Depois, subitamente, alguém começou a cantar Orgia-Folia. E num instante todos repetiram o estribilho e, cantando, puseram-se a dançar. Orgia-folia, girando, girando, girando em círculo, batendo uns nos outros no compasso de seis-oito. Orgia-folia...

Passava da meia-noite quando o último helicóptero levantou voo.

Entorpecido pelo soma e esgotado por um frenesi prolongado de sensualidade, o Selvagem estava estendido, adormecido, sobre as urzes. O Sol ia já alto no céu quando acordou. Conservou-se deitado um momento, os olhos piscando à luz, numa incompreensão de môcho. Depois, repentinamente, lembrou-se...

de tudo.

« Oh! Meu Deus, meu Deus!» E tapou a cara com as mãos.

Nessa tarde o voo de helicópteros que chegavam zumbindo acima da crista de Hog's Back era uma nuvem sombria de dez quilómetros de comprimento. A descrição da orgia da comunhão da noite anterior aparecera em todos os jornais.

- Selvagem! - gritaram os primeiros que chegaram, enquanto desciam dos aparelhos. - Senhor Selvagem!

Não obtiveram resposta. A porta do farol estava entreaberta. Empurraram-na e penetraram numa penumbra de portas fechadas. Graças a uma arcada na outra extremidade da sala, distinguiam os primeiros degraus da escada que conduzia aos andares superiores. Exactamente sob o fecho da abóbada pendiam dois pés.

- Senhor Selvagem! Lentamente, muito lentamente, como duas agulhas de bússola que nada apressa, os pés giraram para a direita: norte, nordeste, este, sudeste, sul, su-sudoeste. Depois pararam e, ao cabo de alguns segundos, voltaram-se outra vez, sempre com o mesmo vagar, para a esquerda: su-sudoeste, sul, sueste, este ...